

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**TESE DE DOUTORADO**

**LENIN E A EDUCAÇÃO POLÍTICA: Domesticação Impossível, Resgate Necessário**

**Autor: FRANCISCO MÁURI DE CARVALHO FREITAS**

**Orientador: Prof. Dr. SILVIO OLIVEIRA DONIZETTI GALLO**

**Tese apresentada para a obtenção do grau de  
DOUTOR em EDUCAÇÃO pela Faculdade de  
Educação da UNICAMP, sob a orientação do Prof.  
Dr. Silvio Oliveira Donizetti Gallo.**

**Data: \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_**

**Assinatura: \_\_\_\_\_**

**Orientador**

**Comissão Julgadora:**

---

---

---

---

---

---

---

**CAMPINAS (SP)**  
**2005**

**Catálogo na Fonte elaborada pela biblioteca  
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

F884L Freitas, Francisco Máuri de Carvalho.  
Lênin e a educação política : domesticação impossível, resgate necessário /  
Francisco Máuri de Carvalho Freitas. -- Campinas, SP: [s.n.], 2005.

Orientador : Silvio Oliveira Donizetti Gallo.  
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade  
de Educação.

1. Marxismo histórico. 2. Educação. 3. Consciência – História. 4. Re-  
volucionários. 5. Comunismo. 6. Educadores – Rússia. I. Gallo, Silvio  
Oliveira Donizetti. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de  
Educação. III. Título.

04-0203-BFE

## Dedicatória

### À **Raimundo Alves de Freitas,**

Meu pai, um marchante (ou *marchand?*), negociante de gado para os açougues, um cortador de carne na feira livre de Parangaba (Fz/CE), para quem o fazer era da maior importância à realização das tarefas e/ou trabalho e das práticas sociais extra trabalho, futebol, montaria. Para ele, o intelecto não foi privilegiado, eis que seu dia a dia e suas relações pessoais mantinham-se absolutamente no ambiente não intelectualizado, não acadêmico. Contudo, era da sua querença que seu filho viesse a lograr o título de *Doutor*, desejo observado na apresentação aos amigos da pessoa do seu filho como “*Doutor em lutas*”, vez que ele por motivos vários não havia sido. Sua morte fechou um ciclo da vida. A distância nos tornou surdos. Pensava que não iria sentir sua morte, mas os seus "gens" em mim falaram mais alto e minhas glândulas lacrimais, pesarosas e saudosas, fizeram com que gotículas profusas marejassem e turvassem o meu olhar. Adeus, *capote!* Obrigado por teres me dado vida, ainda que sobre ela, pouco pudestes me ensinar. Mas, uma coisa aprendi contigo: jamais baixar a cabeça. Saudades!!!!

### À **Ózea de Carvalho Freitas,**

Minha mãe, professora primária, mulher de sensibilidade refinada, personalidade expansiva reprimida pela educação austera do avô paterno, um coronel do exército brasileiro, cadete do Imperador, mente estreita, anacrônica aos moldes de antanho e de hoje. Tolhida em sua vida afetiva, foi com certeza a determinante, mais tarde, de minha intelectualização – a busca pela compreensão dos fenômenos sociais a partir do acervo teórico posto à público, necessidade de formação omnilateral e, ulteriormente, desejo indelével de conhecer o mundo no qual cresci. A ela meu ‘eterno’ reconhecimento!

### À **Paula,**

Companheira de vinte anos, amante, cúmplice e camarada de fato, de todas as horas de todos os momentos e de todos os fatos e com quem tenho curtido a degustação de um bom ‘Cabernet Sauvignon’ ao redor de uma tábula e sempre na companhia de nossos filhos e, algumas vezes, também, na companhia de alguns novos, sinceros e curtidos amigos. Companheira responsável pela minha participação no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, pois quando estava quase por desistir, sua crítica me fez reacender a chama da teimosia e da insistência. Foi a sua intervenção ‘distanciada’ e abalizada que me afastou do primeiro projeto de tese e me fez caminhar decidido à realização do trabalho final à obtenção do título de *Doutor em Educação*.

### Aos meus filhos **Vladia, Dmitri e Maruschka**

Pelas horas tomadas ao seu convívio e ao arrepio de suas vontades, pela compreensão quanto ao mau humor ocasional, a carranca de alguns momentos, a minha necessidade política militante e profissional acadêmica, que aos poucos vai se formando em suas consciências sobre a imprescindibilidade da luta implacável contra as mais dantescas formas de exploração e extorsão do trabalho humano e pela destruição do capitalismo.

## Agradecimentos

Aos amigos que, cada um a sua maneira e sem saber, foram decisivos à minha formação política e ideológica:

*Francisco José Lima Sales*, pelo exemplo de ‘paciência revolucionária’ e demonstração concreta de como é possível continuar comunista vivendo num “butantã” reformista, fisiológico e reacionário.

*José Carlos Machado Rodrigues*, pela ajuda concedida em tempos bichudos e providenciais à continuidade dos meus estudos abrindo trilhas ao doutorado.

*José Claudinei Lombardi*, amigo novo e de tipo especial, uma grata e prazerosa surpresa que encontrei na Unicamp. Uma jóia rara, daquelas que se deve guardar debaixo de sete chaves.

*Marcus Cassim*, pela sua amizade e pelos detalhes sutis sugeridos à elaboração da Tese por ocasião da qualificação.

*Sílvio Oliveira Donizetti Gallo*, amigo novo que cedeu de suas horas de leitura e outros afazeres, uma dose de atenção para ajudar-me a tapar o ‘esburacado’ inicial dos meus escritos de doutorado. E com quem aprendi a arte da peleja entre antagônicos.

*Vítor Marinho de Oliveira*, horizontes largos, mente generosa, camarada sobre quem o martelo do autoritarismo e do mais arraigado reacionarismo redivivo nas “Universidades” deste país se abateu de forma covarde e pusilânime.

*Waldemar Marques Júnior*, por sua amizade construída na contradição, pelos convites feitos para proferir palestras na UFSCar, pela cessão da obra de Lenin e, sobretudo, por sua generosidade.

À todos, dedico esta frase do Estagirita: “Aqueles que temem arrostar os perigos, tornam-se escravos dos seus agressores”.

Agradecimentos especiais aos amigos

O filósofo *Roland Cavalcanti Albuquerque Corbisier*, com quem aprofundi a intransigência com os reformistas, revisionistas e oportunistas e com quem aprendi / compreendi a necessidade do conhecimento filosófico ou da filosofia enquanto crítica levada às últimas conseqüências: **a revolução**.

Ao camarada, amigo, irmão mais velho e *Kodansha Vinícius Ruas Ferreira da Silva*, mente clara, coração largo e a extravasar bondade, com quem desfrutei horas e horas, diuturnas, a ‘beber’ de sua sabedoria ignorada pela insciência e sectarismo mórbido da maior parte dos intelectuais da educação física. A ele, o meu muito obrigado pela solidariedade paternal emprestada.

## Epígrafe

Por que meu verso não se enche de força nova?  
Por que não varia, por que se esquivava a mudar?  
Por que, passado o tempo, não se renova meu olhar,  
com novos métodos e novas alianças?  
Por que ainda escrevo aquilo, o mesmo de sempre,  
e escondo a invenção no multiforme sempre igual?  
De sorte que cada palavra repete o meu nome  
e mostra onde nasceu e de onde se origina.

- Shakespeare - '*Soneto 70*'

## Resumo

Examino neste estudo as contribuições de Vladímir Ilich Uliánov - Lenin - à educação, bem como sua crítica à universidade e aos ideólogos que participavam do processo de transformação da sociedade russa em território sem lei e a atender aos dissolutos interesses do capitalismo. A hipótese central que direciona este estudo é que, coletivamente, Lenin pode subsidiar uma teoria revolucionária da educação imprescindível à emancipação intelectual e a libertação política do proletariado e dos camponeses pobres. A revisão bibliográfica da obra de Lenin me permitiu compreender que a universidade russa e seus acadêmicos, para além dos interesses da monarquia feudal, estavam subsumidos aos interesses da burguesia russa, hegemonzando-se a partir da primeira revolução democrática de 1905. Nesse contexto, as ciências sociais e a filosofia, ministradas na Universidade, não interessavam ao czar e nem aos latifundiários. Paradoxalmente, à instituição russa de ensino superior cabia, em tempos pacíficos, encher as cabeças dos discentes com a sabedoria acadêmica e o ridículo doutrinário subjetivista e escolástico. O sistema nacional de ensino estava nas mãos das classes dominantes, então, ao Partido Comunista – uma ‘grande escola’, como Lenin o chamava – cabia a tarefa de **educar politicamente** as novas gerações russas para levar adiante o processo revolucionário, iniciado em janeiro de 1905. Posto, o referencial leninista tem uma importância incontornável para os estudiosos da educação à medida que aduz novos elementos à compreensão dialética e crítica das relações de produção e do cenário político educacional brasileiro.

**Palavras chaves:** Marxismo histórico. Educação. Consciência – História. Revolucionários. Comunismo. Educadores – Rússia.

## Résumé

Dans cette étude j’analyse les contributions de Vladímir Ilich Uliánov - Lenin - sur l’éducation, de même que sa critique de l’université et des idéologues que participaient au processus de transformation de la société russe dans un territoire sans loi et que servaient les intérêts dissolus du capitalisme. L’hypothèse centrale de cette étude est que, Lenin dans l’ensemble, peut aider l’idée révolutionnaire que l’éducation est indispensable pour l’émancipation intellectuelle et pour la libération politique du prolétariat et des paysans pauvres. La révision bibliographique de l’ouvrage de Lenin m’a fait comprendre que l’université russe et ses académiciens, por delà des intérêts de la monarchie féodal, étaient agrées aux intérêts de la bourgeoisie russe. Depuis la première révolution démocratique de 1905 ils ont obtenu l’hégémonie. Dans ce contexte, il n’y avait pas de souci ni par le czar, ni par les propriétaires de latifundia, pour les sciences sociaux et pour la philosophie, appliquées dans l’université. En paradoxe, pendant les temps paisibles, la mission de l’institution russe de l’enseignement supérieur, était de mettre dans la tête des élèves, des idées académiques et le ridicule doctrinaire subjectiviste et scolastique. Les classes dominantes avaient la puissance du système éducatif, alors, la mission du « parti communiste », appelé par Lenin d’une grande école, était d’élever politiquement les nouvelles générations russes pour mettre en avant le processus révolutionnaire, initié en janvier 1905. Pour les studieux de l’éducation la référence léniniste c’est très importante à mesure qu’elle ajoute des nouveaux éléments à la compréhension dialectique et critique des relations de production et de la scène politique de l’éducation brésilienne.

**Mots - clés :** Marxisme-historique. Éducation. Conscience – Histoire. Révolutionnaires. Communisme. Éducateur – Russie.

## SUMÁRIO

DEDICATÓRIA .....	III
AGRADECIMENTOS .....	IV
EPIÍGRAFE .....	V
RESUMO .....	VI
RÉSUMÉ .....	VI
INTRODUÇÃO .....	1
PRIMEIRA PARTE : À HAGIOGRAFIA, O HOMEM .....	11
Capítulo 1º : O ENREDO .....	11
1.1 – Preliminares .....	11
1.2 – Breves notas biográficas .....	12
Capítulo 2º : O ATOR .....	23
2.1 – Autobiografia inconclusa .....	23
2.2 – Mito e realidade .....	24
2.3 – Um homem de seu tempo .....	27
2.4 – Um depoimento .....	34
2.5 – O homem, o camarada, o líder .....	36
2.6 – O ausente .....	37
2.7 – Leninismo e a educação .....	39
SEGUNDA PARTE : EDUCAÇÃO UMA QUESTÃO CRUCIAL .....	50
Capítulo 1º : A SITUAÇÃO ECONÔMICA E SOCIAL DA JUVENTUDE NO CAPITALISMO .....	55
1.1 – A fome: conteúdo da educação .....	63
Capítulo 2º : O MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO ENTRE A JUVENTUDE NA RÚSSIA CZARISTA .....	70
2.1 – Estudantes e o movimento operário .....	70
2.2 – Classificação ideológica dos estudantes .....	82
2.3 – A não partidarização dos estudantes .....	85
2.4 – Agitação estudantil e movimento operário .....	89
2.5 – A repressão estudantil e a corrupção moral .....	92
2.6 – As escolas dominicais e a repressão ao marxismo .....	98
2.7 – As fazendas-escola .....	107
2.8 – A sociedade culta e a sociedade inculta .....	114
Capítulo 3º : A EDUCAÇÃO COMO PARTE DA CRÍTICA À SOCIEDADE CZARISTA-FEUDAL E BURGUESA .....	120
3.1 – <i>L'utopie des crétins</i> .....	120
3.2 – A consciência de classe necessária .....	124
3.3 – Educação da atividade revolucionária .....	131



3.4 – A educação superior e os camponeses .....	137
3.5 – Apêndice aos ‘amigos’ do povo .....	143
3.6 – A crítica dos bolcheviques .....	149
3.7 – O educador comunista .....	156
3.8 – A verdade é concreta! .....	164
3.9 – Educação e religião .....	176
3.10 – Educação e “nossos pontos de vista” .....	179
3.11 – Educação, reforma ou ‘tempestade’ .....	182
3.12 – Educação e liberdade política .....	188
<b>Capítulo 4º : UNIVERSIDADE, PROFESSORES E INTELLECTUAIS .....</b>	<b>193</b>
4.1 – A crítica da Universidade .....	193
4.2 – Professores: um tema recorrente .....	196
4.3 – O magistério: salário e direitos .....	201
4.4 – A recorrente miséria dos professores .....	215
4.5 – Os professores liberais .....	222
4.6 – Ontem e hoje! .....	230
4.7 – A intelectualidade apartidária .....	233
4.8 – ‘Jacobinos sem povo’ .....	238
4.9 – A enfermidade secreta da pequena burguesia .....	241
4.10 – A dimensão pedagógica da política .....	244
4.11 – A imprensa bolchevique .....	247
<b>À GUIA DE CONCLUSÃO .....</b>	<b>251</b>
- Revolucionários e oportunistas .....	254
- O intolerável .....	257
- Considerandos sobre as tendências .....	260
- O real em preto e branco .....	271
- O grande desafio .....	273
- A educação é partidária .....	275
- Outros caminhos .....	282
- A ortodoxia leninista .....	285
- A escola politécnica .....	290
- Alfim .....	293
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>295</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>307</b>

## INTRODUÇÃO

A escolha da temática “**Lenin e a Educação Política: domesticação impossível, resgate necessário**”, como fulcro de uma tese de doutoramento, representa o pensamento do autor acerca da função da Universidade e do papel dos intelectuais, salvo raras exceções, no contexto da luta de classes numa sociedade determinada: o Brasil, e especialmente, uma visão idiossincrática sobre o intelectual Vladímir Ilich Uliánov (Lenin).

O estudo ou o esquadrihar as obras completas de Lenin, como conteúdo único do trabalho final de doutoramento, buscando nelas impasses e possibilidades acerca da **educação política** na Rússia entre 1894 e 1917, apontando ainda a necessidade de sua divulgação no interior da Universidade Pública, como contributo à formatação de uma teórica revolucionária imprescindível à compreensão do capitalismo brasileiro e à transformação da sociedade, para este escriba se constituía como tarefa *quixotesca e temerária*.

*Quixotesca* por se tratar de um clássico da historiografia internacional ao qual os acadêmicos, salvo raras exceções, dedicam uma ‘aversão’ questionável por ser militante comunista e o revolucionário mais importante dos séculos XIX e XX.

Embora sua obra seja tida como indispensável à compreensão refinada da filosofia e da ciência política marxistas, saltar sobre a produção intelectual de Lenin ou, simplesmente, ignorá-lo, se configura (i) como descaso com a história, como se fora possível manusear a ‘borracha’ da crítica a-crítica ao bel-prazer do ‘historiador’ de plantão; (ii) como descontinuidade histórica e/ou falseamento do encadeamento dos processos sociais particulares, localizados, na ausência dos quais a ‘história’ se revela como *melange* de fatos fortuitos, desconectados, sem causa, geração espontânea!

*Temerária* porque o esquadrihar as contribuições de Lenin à **educação política** e fundamento da **educação comunista** não foi levado a termo apenas porque sou um intelectual e nem por razões de especialista sempre empenhado na busca da “verdade”, nem porque pretendia falar do que supostamente conhecia um pouco e nem para gabar a ‘mercadoria’ que seria colocada nas mais diversas prateleiras das variegadas livrarias como mercadoria com pouco valor de troca e nenhum valor de uso.

Na verdade, a *temeridade* radicava / radica no fato, enquanto intelectual e militante comunista, de procurar em Lenin as contribuições teóricas, ideológicas e políticas necessárias à construção da **educação política** para a revolução socialista.

Encimado na mistura das falas acima mencionadas, somada as intervenções doutros personagens sobre os comunistas e sobre o futuro do marxismo, me pareceu mais lógico assumir a ação *quixotesca* e dizer que a diatribe resgatada a partir da leitura da obra de Lenin seria uma séria e efetiva contribuição ao progresso do conhecimento que não pode surgir senão pelo confronto entre teses que se opõem e se refratam: sim e não, afirmação e negação.

Com dificuldade admiti assumir a *temeridade* por ser por demais conhecido e assaz evidente que na **educação brasileira** oficial, apesar dos variegados discursos da intelectualidade de esquerda, se há pró e contra, o sim e o não, é porque a realidade social não é apenas multiplicidade, mas também aspectos antagônicos historicamente mutáveis, apenas não mutáveis como advoga a *doxa*, o senso comum, a opinião, pela ação educacional e pelo ‘cretinismo parlamentar’.

Cretinismo parlamentar e ação educacional, em conjunto, quer dizer transição pacífica do capitalismo ao socialismo, *a priori*, reverberava em minha consciência a apologia da conquista de uma maioria no parlamento e a sua imediata transformação de instrumento da ditadura burguesa em instrumento capaz de gerenciar / atender as demandas da classe operária e dos camponeses pobres e/ou, simplesmente, em instrumento do poder popular.

Tal apologia, no campo concreto da luta de classes, se circunscreve como antípoda do caminho das revoluções russa (a bolchevique), chinesa e cubana, levada a termo pelo pensamento revisionista da II Internacional, desvirtuando as teses de Marx e Engels, retomadas nos escritos de Lenin sobre o Estado e a revolução socialista. Essa apologia, levada à condição de dogma da nova esquerda, ocultava (e oculta!) uma questão muito simples (i) a burguesia não se retirará da cena histórica de mote próprio; (ii) afirmando-se essa possibilidade debilitar-se-á a natureza revolucionária do proletariado, adormecendo-o; (iii) a vontade revolucionária do povo e dos Partidos Comunistas será desarmada ideologicamente.

Diante deste fato, encampei como método de estudo (i) não tomar como ponto de partida nenhum dos conhecidos ilacionistas e/ou exegetas de Lenin, (ii) não adequar a leitura de Lenin, mormente suas referências à **educação política**, para a realidade brasileira, (iii) mas localizar

nessas contribuições pedagógicas um conjunto de elementos indispensáveis à revolução socialista neste país, (iv) aduzir elementos novos produzidos pela conjuntura para fundamentar a discussão sobre a **pedagogia comunista** implícita na obra leninista.

Ao meu julgamento, se é de grande e inestimável valia as contribuições leninistas à elaboração de uma reflexão séria sobre a **educação** brasileira notadamente burguesa, é pertinente dizer que a “pedagogia leninista”, como um dos aspectos da crítica ao capitalismo do século XIX, expandindo-se aos séculos XX e XXI, tem por tarefa inicial desvelar o caráter predominantemente idealista, de feição conservadora e/ou reacionária da educação oficial nesta sociedade.

No século XXI em andamento, a crítica leninista da economia política, da história e do desenvolvimento do capitalismo oferece aos estudiosos da educação, além do método, bases para a elaboração de uma outra teoria da educação, verdadeiramente **crítica e revolucionária**.

Feito este pequeno preâmbulo, eu diria que o resgate da obra de Lenin, autor por demais importante ao desenvolvimento do marxismo no final do século XIX, século XX e século XXI, tal como será levada a termo, venha provocar irritação em alguns leitores e contentamento noutros, à medida que ousarei afirmar que o conjunto das suas obras é um inestimável tesouro, ideológico, filosófico e político, ou melhor dizendo, um manancial inesgotável de conhecimento sobre as leis do desenvolvimento do capitalismo e as vias de chegada ao socialismo e ao comunismo.

E mais, a tese central desta pesquisa é tornar evidente que, para além de um projeto formal, Lenin entendia a educação, em primeiro lugar, em seu sentido mais abrangente, sobretudo como meio de formação da consciência de classe assumindo a luta de classes, a revolução e o comunismo como elementos indispensáveis a solidificação da *consciência revolucionária*; e em segundo lugar, tinha por objetivo maior não apenas a realização da revolução socialista mas a edificação do socialismo, pela emancipação intelectual do proletariado e sua libertação da opressão, tanto política como econômica.

Em Lenin, a **educação política** é o contraponto lógico a simples educação enquanto uma pífia transmissão de conteúdos sem sentido, vazios e desconectados da realidade que, grosso modo, mais ocultam que revelam a absoluta vinculação entre a educação e os interesses estratégicos e de longo prazo das classes sociais fundamentais de uma determinada sociedade.

À consecução do estudo, colocado ao crivo crítico da Banca Examinadora, foram esquadrihadas trinta e cinco volumes dos cinquenta e cinco produzidos por Lenin, em sua quinta edição<sup>1</sup>, com cuidado e rigor à altura das limitações teóricas e intelectuais do pesquisador. Os excertos sobre a **educação política e/ou instrução pública** na Rússia do final do século XIX e início do século XX, de uma certa forma contribuirão criticamente com a luta movida contra as concepções hegemônicas de **educação** no Brasil.

A justificativa do trabalho que realizei radica no resgate do referencial *leninista* como fator de permanente querela contra as teorias ‘novidadeiras’ de corte populista e progressista da educação. A obra leninista é imbatível sob as condições sociais e econômicas, materiais e intelectuais, determinadas pelo desenvolvimento da formação social e econômica capitalista.

Na tradição leninista, não é possível compreender e nem expor e desenvolver a teoria marxista a não ser partindo das posições de classe do proletariado no campo teórico. Nesta perspectiva, Lenin tem para a Academia elementos imprescindíveis e incontornáveis ao demonstrativo do desenlace de *táticas e estratégia*<sup>2</sup> ou do desenrolar tático-estratégico do

---

<sup>1</sup> A Obra Completa de Lenin teve sua primeira edição tornada pública entre 1920 e 1926, por ocasião do IX Congresso do Partido Comunista da União Soviética – PCUS, composta por apenas 20 tomos. A Segunda edição e a terceira edições foram colocadas a disposição do público entre os anos de 1925 e 1932, durante a realização do XIII Congresso do PCUS, em 30 tomos. A quarta edição, agora ampliada e com 35 volumes, foi editada entre 1946 e 1950. Nesta edição foram colocados mais dois tomos com as correspondências de Lenin. Na quinta edição, objeto do presente estudo, consta mais de 3000 documentos, dentre os quais os não constantes nas edições anteriores. A rigor, trata-se de documentos do período da intervenção militar estrangeira e da guerra civil na qual Lenin – então Presidente do Conselho de Defesa Operária e Camponesa – demonstra um incansável desvelo pelo fortalecimento do **Exército Vermelho** e pelo emprego de todas as forças disponíveis imprescindíveis para a derrota da contra-revolução interna e dos intervencionistas externos. As **Obras Completas**, a meu juízo, são providas de um farto caráter político, filosófico e científico que, certamente, ajudará o leitor e/ou o pesquisador compreender a temporalidade histórica das idéias e teses leninistas como acervo indispensável ao entendimento, primeiro, do desenvolvimento social do capitalismo, segundo, do processo revolucionário (pacífico ou violento) e, terceiro, dos caminhos a serem construídos à consecução da sociedade comunista.

<sup>2</sup> A rigor, a partir da Revolução burguesa de 1789 o cenário e a compreensão sobre a guerra foram profundamente modificados. Dessa experiência Clausewitz estabelece uma distinção por demais ignorada, confundida, embaralhada, ainda hoje, a saber: segundo ele, “*tática* é o emprego das forças individuais e coletivas no combate para obter a vitória, enquanto a *estratégia* é o emprego das vitórias a fim de atingir as finalidades da guerra”. De forma menos simplificada, embora vazada pela obra *clausewitziana* “*Da guerra*”, Stalin reporta-se à *tática* como a assimilação e a utilização de formas de luta e organização (neste caso específico, do proletariado revolucionário) para assegurar seu melhor desempenho e aproveitamento para conseguir o máximo de resultados positivos, no interior de determinadas relações de força, necessárias à preparação do êxito estratégico. Segundo Stalin, “a *tática* é uma parte da *estratégia*, a qual serve e à qual está submetida”. Ele refere-se à *estratégia* como “*direção do golpe principal de ataque do proletariado, tomando como base a etapa em que se encontra a revolução, elaborar o plano adequado para a distribuição das forças revolucionárias (das reservas principais e secundárias), em lutar para levar a cabo este plano em todos os limites onde se encontre a revolução*” (Stalin, s.d., p. 93-99).

proletariado na luta para conquistar sua emancipação intelectual e tomar em suas mãos o poder político e econômico de uma determinada sociedade.

A meu julgar, a obra de Lenin permanece como crítica exercitada contra o ‘populismo’, o ‘reformismo sem reformas’, o ‘oportunismo europeu-ocidental’ e, sobretudo, o ‘imperialismo’ dos séculos XX e XXI; é crítica indispensável à reconstituição da força do marxismo no século que se inicia.

Devo apontar aqui que Lenin (1981, t. 2, p. 552) entendia o populismo russo do século XIX, como um sistema de idéias que compreendia três aspectos ou características, com as quais é possível balizar se determinada idéia é populista ou não:

Os populistas russos reconheciam o capitalismo na Rússia todavia, para eles, era uma manifestação da decadência e/ou da regressão. Por outro lado, reconheciam a originalidade do regime econômico russo, em geral, e da comunidade camponesa e do artel, etc., em particular. E mais, omitiam o vínculo existente entre a intelectualidade e as instâncias políticas e jurídicas do país, de uma parte, e os interesses materiais de determinadas classes sociais, de outra. A negação deste vínculo e a falta de uma explicação materialista destes fatores sociais obrigavam os populistas a ver neles (os intelectuais e as instituições políticas e jurídicas) uma força capaz de ‘levar a história por outra via’ ou seguir por outro caminho.

É correto dizer que a ausência do realismo sociológico conduziu esses populistas a assumir uma maneira de pensar, raciocinar e refletir sobre assuntos e problemas com a estreita presunção dos intelectuais ou, talvez, da *mentalidade burocrática*. Ainda sobre o crivo crítico de Lenin (1981, t. 2, p. 563) os populistas negavam a tese de Marx segundo a qual, “à medida que os homens fazem a história, ampliando e aprofundando sua ação histórica, cresce conseqüentemente a massa da população que a protagoniza de maneira consciente”.

No contexto da moderna dominação capitalista, as teorias pedagógicas populistas e/ou “novidadeiras” aparecem como uma espécie de salvo-conduto sob o qual o pedagogo tradicional, imerso na falsa perenidade das relações sociais de produção, procura justificar as aparências, legitimar os momentos do pensamento, buscando o “grão da verdade” do seu erro relativo no absoluto da ilusão burguesa e no delírio das teorias especulativas, elas também ilusórias.

Ao contrário do que se possa pensar, a teoria leninista para uma escola popular, não é exequível na sociedade capitalista. Deste modo esta Tese não pode ser aplicada no presente

capitalismo, tenha a bandeira que tiver. Mas servir de subsídios à projeção doutra sociedade para um futuro no qual as classes não mais existam e os operários e trabalhadores assalariados sejam os donos incontestes dos meios e instrumentos de produção.

A teoria marxista da educação, assim como as contribuições de Lenin, só são exequíveis na sociedade superada, quero dizer, no socialismo – transição à sociedade comunista. Todavia, muito antes do advento do socialismo, essa teoria materializa-se (i) enquanto produto de superação da barbárie burguesa, (ii) contra o violento processo social de concentração de riqueza, miséria e crescimento correlato da concentração do poder político, econômico e militar nas mãos de algumas minorias parasitárias, (iii) é parte da luta pela real destruição do capitalismo e edificação da sociedade comunista.

Contudo, vale reportar, contribuindo com o desenvolvimento da teoria marxista, Lenin é no século XIX e XX o iconoclasta da axiologia burguesa, tanto no interior da Rússia bolchevique a expandir-se à Europa, quanto nos países que viviam e vivem sob o tacho do capital. Destarte, resgatá-lo é afirmá-lo como autor no qual o passado está presente no hoje e que, por isto mesmo, não pode ter sua vasta obra deixada à sanha destrutiva de traças reacionárias.

Os ‘fundamentos’ encontrados na obra leninista são de grande valia, imprescindíveis eu diria, ao desnudar a realidade capitalista, bem como necessários à compreensão da realidade no sentido da construção da **revolução social**. Mas para tornar essa obra conhecida, o método utilizado, como pensei, deveria ser ‘dois passos à frente um passo atrás’.

Caminhando com bastante acuidade e parcimônia, construindo caminho, descobri “quem são os amigos do povo” e, para além dessa fundamental descoberta sem a qual permaneceria tateando no escuro, marcando passos no ‘pântano’ da ideologia burguesa, demarco ‘as duas táticas da social democracia’ que revelam as contradições da sociedade capitalista e o imbróglio histórico de difícil resolução: à revolução a educação ‘messiânica’, rediviva e convidada a salvar a humanidade.

Seguindo essa trilha, localizei a apologia da defesa do instrumental marxista do ponto de vista teórico, o procurar praticá-lo para afirmá-lo como exequível e atual à compreensão da realidade e sua necessária transformação. Os seus críticos são os responsáveis pela engenharia do consenso possível, ratificada segundo os discursos claustrais dos ideólogos do imperialismo.

Esses críticos reafirmam a cosmovisão burguesa e negam o papel decisivo da classe operária na transformação da sociedade capitalista. Esses críticos não têm vinculação nem com o movimento comunista internacional e muito menos ainda com a classe operária, suas ilações estão distanciadas da realidade objetiva na qual o “ter” do capitalista se exerce e se apropria do “ser” do operário e do trabalhador.

Moderno “herdeiro” do *jacobinismo proletário*, Lenin põe a nu, no início do século XX, a necessidade da organização da classe operária e construção de um partido político somando-se aos demais partidos operários, mas com eles não se confundindo e a necessidade de um *corpus* teórico, sem o qual toda prática social se transforma em puro e inócuo ativismo. A meu critério, os pontos acima citados são os que colocam Lenin além de seus críticos.

O plano de estudo do presente trabalho obedeceu ao seguinte roteiro. Na Primeira Parte, Capítulo 1º, intitulado ‘Enredo’, elaboro um pequeno intróito e apresento breves notas biográficas sobre Lenin, claro!

No Capítulo 2º, nominado ‘O Ator’, aponho a ‘autobiografia inconclusa’ de Lenin, procuro afirmar a existência de um imbróglio à medida que esse pensador e revolucionário tem sido mais conhecido como mito fugitivo da condição de homem concreto de um período determinado social e historicamente, resgato a crítica a questão dos ‘revolucionários e oportunistas’. E com poucas palavras indico alguns motivos pelos quais, salvo melhor juízo, Lenin era e continua sendo intolerável aos ideólogos da burguesia de ontem e de hoje.

Para concluir esse Capítulo, no primeiro momento, resgato um depoimento de Stalin sobre Lenin e recupero algumas observações de Nadejda Krúpskaia e Maria Uliánova sobre o esposo e o pai enquanto homem, camarada e líder da maior revolução socialista até hoje registrada na história da humanidade.

No segundo momento, escrevo lépidas palavras sobre o por que da ausência de Lenin na academia, afirmando-o como necessário ao entendimento da logística do imperialismo anglo-saxônico, oculta na atuação política dos intelectuais batidos em retirada que outrora predicavam a impossível retrogradação de uma sociedade socialista para as hostes do capitalismo mundial.

Na Segunda Parte, Capítulo 1º, teço uma série de considerações a partir da leitura de Lenin sobre a **educação** como meio de difusão e internalização crítica não apenas das idéias comunistas, mas do conhecimento teórico produzido e acumulado historicamente, dominado pelos



dominadores. A apropriação desse conhecimento, segundo Lenin, é imprescindível à formação do homem e da mulher comunistas, intelectualmente superiores e capazes de pensar por si mesmos, pensar com autonomia.

Examinando ainda a relação da educação com a luta de classes, relação que sem a devida compreensão da ‘situação econômica e social da juventude no capitalismo’ faz com que a ‘população’, quero dizer, os operários e os camponeses pobres permaneçam no estágio de ignorância forçada. Mais ainda. Discorro com uma certa parcimônia sobre a ‘educação dos camponeses russos’; a ‘arte da guerra’ como escola do povo; os estudantes em sua vinculação com o movimento operário; a crítica ‘contra os apaziguadores dos estudantes’; aponto a necessidade de ‘empreendimentos práticos aos que se iniciam’ na política partidária; a ‘fome como conteúdo da educação’; e passeio com cuidado pela velha política reacionária ‘do látego e do pão doce’ (semelhante à política romana do ‘*panem et circenses*’<sup>3</sup>).

No Capítulo 2º, procurando dar uma maior qualidade à crítica, exponho a ‘classificação ideológica dos estudantes’, proposta por Lenin, bem como sua crítica ácida à apologia de ‘não partidização dos estudantes’, seu irrestrito apoio aos ‘estudantes radicais e a greve’, sua crítica à ‘prática política dos professores’ e ‘o divisionismo’ no meio estudantil. A rigor, temas bastante atuais na anacrônica política brasileira.

No Capítulo 3º, trago à baila a tese de Lenin onde a educação política é parte indissociável da crítica à sociedade czarista-feudal e burguesa. Comento em linhas gerais as passagens de Lenin sobre a consciência de classe necessária; a educação da atividade revolucionária; a atividade política do **educador comunista**; a crítica da relação educação e religião. Com cuidado, recupero a questão da ‘reforma’ e da revolução ou ‘tempestade’ para, em seguida, concluir o capítulo com algumas linhas sobre educação como indispensável à **emancipação intelectual** do proletariado e do campesinato pobre e a sua **liberdade política**.

No Capítulo 4º, apresento em linhas gerais a crítica leninista à Universidade e à intelectualidade supostamente a-partidária exercitando-se na contramão da agitação estudantil e

---

<sup>3</sup> Com pão e espetáculos circenses e, modernamente, desportivos e teatrais, os imperadores romanos, principalmente na época de Augusto, como os atuais governantes de sociedades capitalistas, distraíam / distraem o povo para mantê-lo tranqüilo, quase que adormecido, desviam as atenções das massas populares das suas verdadeiras necessidades, pão, terra e liberdade e evitam que a par da corrupção oficial tome em suas mãos a direção do Estado e da economia. Pão e circo, ou apenas esporte e teatro, *al pari*, ainda hoje servem à embriaguez intelectual da maioria da população excluída do processo produtivo (consumo) capitalista.

do movimento operário. Recupero a velha questiúncula sobre a polêmica relacional entre ‘a universidade e o povo’. Coloco em discussão as críticas de Lenin sobre a questão salarial do magistério e sobre o magistério sem direitos, por considera-las atuais. E à essas críticas somo o paradoxo da **educação** czarista, especialmente no tocante ao medo à revolução.

Recupero ainda as críticas de Lenin nas quais a demagogia é apontada como o ‘farol da ignorância’ e eterna enfermidade secreta da pequena burguesia. Enfim, procuro dar visibilidade a dimensão pedagógica da política tal qual era entendida por Lenin.

Na Conclusão, retomo passagens de Lenin aos “*Escritos Filosóficos Menores*” de Joseph Dietzgen, aos olhos do qual os professores de filosofia são ‘mordomos diplomados’ e cujos discursos empolados sobre a ciência e a **educação** serviam ao embrutecimento do ‘povo’ com um idealismo afetado, da mesma maneira e zelo com que o padroado e os pastores mistificavam os conhecimentos sobre a Natureza,

Evidencio a discussão leninista sobre (a) o ‘fracionismo’ político e ideológico montado no interior do movimento social-democrata, para quem estava claro o caráter de classes da ala oportunista da social-democracia dirigida por ideólogos da burguesia; (b) a necessidade de colocar, como prioridade, a tarefa de esclarecer o proletariado sobre o fundo anti-revolucionário e antiproletário da principal corrente liberal (o liberalismo monárquico moderado).

Afirmo Lenin como intolerável aos seus ideólogos de antanho, como aos de hoje, sendo que tal fato não era determinado por sua condição de autodidata em filosofia, mas por ser um comunista coerente, dirigente proletário e líder revolucionário, a quem a história dos movimentos sociais populares na Rússia se incumbiu de transformar no dirigente maior da revolução bolchevique de Outubro. Tudo isto junto é intolerável aos intelectuais burgueses que, cheios de afetação, apenas palram.

Lenin **era** e **é** intolerável porque, segundo sua crítica ácida, os intelectuais de sua época em seu conjunto (e não todos os intelectuais sem exceção) atuavam no sistema burguês de **educação**, inculcando dogmas indispensáveis à ratificação e continuidade da dominação dos capitalistas e dos latifundiários.

Além de deixar clara a postura assumida, busco marcar posição à medida que, para além de mero expositor de idéias (uma recorrência na Academia), incorporo a condição de ‘defensor’ (dispensada, quiçá, pelo próprio autor) das idéias leninistas diante de uma Academia dominada

pelo pensamento antimarxista e anticomunista, portanto, conservadora às raias do vetusto, anacrônico e, embora por vezes sutil, reacionarismo.

## PRIMEIRA PARTE

### À HAGIOGRAFIA, O HUMANO

#### Capítulo 1º : O ENREDO

##### 1.1 – Preliminares

À consecução desta pesquisa de doutoramento me moveu a empatia com o autor, a simpatia pela ausência de interlocutores, de comentadores não oficiais e ‘exegetas’ oficiais dos Partidos ‘Comunistas’ degenerados e carcomidos pela virulência do mais frouxo revisionismo. Segui meu ‘instinto’ político partidário e entendi a necessidade de apresentar uma série de longas citações de Lenin que, assumo as conseqüências, tornarão a exposição pesada e, segundo podem pensar, não ajudarão de modo nenhum a dar um caráter popular ao trabalho final, mas é absolutamente necessário que assim seja feito, pois é impossível levar a bom termo o pretendido ‘sem elas’.

A forma como este trabalho foi desenvolvido pode parecer aos olhos do leitor como um costurado de textos, obras e discursos sem *nexus* claro com a questão da **educação brasileira**. Todavia, aos meus olhos, todos os pontos apontados nesta pesquisa são indispensáveis para explicitar a grandiosidade da obra de Lenin e sua importância acadêmica – histórica, política e filosófica – à compreensão (i) da dinâmica do capitalismo nos séculos XIX, XX, XXI; (ii) da ação dos intelectuais anti-marxistas (populistas, liberais, reformistas, social-democratas mencheviques e anarquistas) no interior do movimento operário e comunista; (iii) da **educação política** como elemento indispensável à ‘emancipação intelectual’ e à ‘libertação econômica’ do proletariado, trabalhadores assalariados e camponeses pobres.

Somados estes três pontos, é possível ponderar que a vida e a obra de Lenin tinham por objetivo magno a definitiva e concreta libertação dos camponeses pobres e da classe operária, da ‘escravidão’ feudal e da exploração e opressão capitalista, apontando a transformação radical da sociedade russa do século XX em sociedade socialista – a primeira etapa da sociedade comunista.

E mais ainda, Lenin encetou uma luta ácida contra o revisionismo e o oportunismo de direita e, especificamente, de ‘esquerda’ no seio do movimento proletário e no âmbito do Partido operário, na defesa intransigente dos princípios revolucionários das concepções formuladas por Marx e Engels.

A obra de Lenin não é compreendida neste estudo como teoria pertinente apenas á realidade russa dos séculos XIX e XX (até meados dos anos 20), não sendo, portanto, a interpretação russa do marxismo, como ainda hoje afirmam os anticomunistas. A rigor, Lenin montou sua obra fundamentada no desenvolvimento internacional do capitalismo. Neste sentido, ele considerava o Partido e a classe operária russa como partes indissociáveis do exército mundial do trabalho em sua luta pela erradicação da exploração e da opressão capitalista.

Enfim, como um bom marxista que era, o traço mais importante da sua obra é a unidade inquebrantável entre a teoria revolucionária e a prática revolucionária.

## **1.2 – Breves Notas Biográficas**

Nasceu Vladímir Ilitch Uliánov em 22 de abril de 1870, na cidade de Simbirski (Uliánovski), uma pequena cidade da margem alta e montanhosa do rio Volga. Viveu em sua cidade natal até meados dos anos de 1887. Segundo consta, Ilich para despistar a repressão czarista assumiu o pseudônimo de Lenin, muito bem incorporado por todos os que o cercavam. Ainda chegou a ser conhecido em alguns círculos operários sob os pseudônimos: Fiódor Petróvich e Nikolai Petróvich (LENIN, 1984).

O pseudônimo Lenin deveria livrar Vladímir da perseguição policial e, quiçá, do seu assassinato em virtude de ser o mais importante líder revolucionário russo no raiar do século XX. Exatamente por isto, nesta época passa a assinar boa parte dos seus textos com o pseudônimo

Lenin. O marco do uso desse criptônimo deu-se em 1901 ao assinar um artigo, publicado na revista *Zariá*, “A Questão Agrária e os ‘Críticos’ de Marx”.

Filho de Iliá Nikoláievich<sup>4</sup> e de Maria Alexándrovna<sup>5</sup>. Vladimir Ilitch ou Volódia<sup>6</sup> tinha três irmãs, Anna<sup>7</sup> ou Ánnia (Ánetchka)<sup>8</sup>, Olga<sup>9</sup> ou Liola (Liolka)<sup>10</sup> e Maria<sup>11</sup> ou Maniacha<sup>12</sup>, e dois irmãos, Alexander<sup>13</sup> ou Sacha<sup>14</sup> e Dmitri<sup>15</sup> ou Mitiúcha(Mítia)<sup>16</sup>. Os irmão e irmãs cresceram em parselhas: Anna e Alexander, Vladimir e Olga e Dmitri e Maria. Na verdade, eram oito irmãos, dois dos quais morreram ainda pequenos.

O pai, Iliá, licenciado pela Universidade de Kazan, era um democrata e organizador da instrução publica da *gubernia*<sup>17</sup> de Simbirski; adepto e defensor da educação geral foi professor, inspetor e diretor de escola pública em Nóvgorod e Simbirski.

Influenciado em sua educação e formação intelectual pelos ensinamentos de Dobroliúbov<sup>18</sup> – filósofo materialista e militante revolucionário do 3º quartel do século XIX – Iliá vez fez uso dos seus ensinamentos na educação de seus filhos.

---

<sup>4</sup> ULIÁNOV, Iliá Nikoláievich (1831-1886), o pai.

<sup>5</sup> ULIÁNOVA, Maria Alexándrovna. (1835-1916), a mãe.

<sup>6</sup> Apelido de infância.

<sup>7</sup> ULIÁNOVA, Anna Ilinitchna. (1864-1935), a irmã mais velha, era comunista e revolucionária profissional. Entre 1918 e 1921 foi membro ativo do Comissariado do Povo da Instrução. Escreve memórias sobre Lenin..

<sup>8</sup> Diminutivo de Anna

<sup>9</sup> ULIÁNOVA. Olga Ilinitchna, (1871-1891)

<sup>10</sup> Diminutivo de Olga

<sup>11</sup> ULIÁNOVA, Maria Ilinitchna., (1874-1894) irmã mais nova, como sua irmã Anna, também era comunista, bolchevique, revolucionária profissional, uma destacada participante do Partido Comunista e do Estado Soviético.

<sup>12</sup> Diminutivo de Maria

<sup>13</sup> ULIÁNOV, Alexander Ilitch (1866-1887) o irmão mais velho de Lenin era dirigente organizador da fração terrorista do grupo populista Narodnaia Vólia. Apelido Sacha.

<sup>14</sup> Diminutivo de Alexandre

<sup>15</sup> ULIÁNOV, Dmitri Ilitch. (1876-1943), o irmão mais novo de Lenin era comunista, bolchevique, revolucionário profissional e médico.

<sup>16</sup> Diminutivo de Dmitri

<sup>17</sup> *Gubernia* (província - governo), província ou unidade territorial e administrativa da Rússia. As *gubernias* se dividiam em *uezdes* (distritos) e estes, por sua vez dividiam-se em *vólosti* (subdistritos). Este sistema prevaleceu no período de 1708 até a reforma administrativa de 1929 (Lenin, 1981, nota nº 2).

<sup>18</sup> DOBROLIÚBOV, Nikolai. Alexandrovitch. (1836-1861) – democrata russo, crítico literário e filósofo materialista, “modelo” de intelectual engajado, foi um dos responsáveis, junto com Chernishevski (Nikólai Grigorievitch – 1828-1889), encabeçou o movimento democrático revolucionário russo, foi inimigo intransigente e irreconciliável da autocracia e do regime de servidão, tendo sido partidário da insurreição popular contra o governo czarista.

Iliá era um pedagogo por vocação, amava o seu trabalho a quem estava totalmente entregue. E mais, acreditava profundamente na organização popular e na força que dela emanava (LENIN, 1984).

A mãe, Maria, apesar de educada no ambiente doméstico por ausência de recursos, aprendeu várias línguas, tocava piano com perfeição e era afeta à leitura. Tornou-se, mais tarde, professora primária, embora não tenha exercido o magistério. A situação dos operários e camponeses pobres da Rússia a atraía e com eles era solidária.

A família Uliánov vivia sob a marca da compreensão, da solidariedade e do amor paternal / fraternal. Educados pelos pais no gosto pelo trabalho, na honradez e a desenvolverem a sensibilidade às necessidades dos trabalhadores, à exceção de Olga que morreu ainda muito jovem, “todos se tornaram revolucionários” (LENIN, 1984, p. 14).

Segundo consta em uma das suas biografias, Lenin apreciava fazer longas caminhadas, gostava de natação – era um bom nadador – e da patinação, esta uma “atividade que praticava muito bem sobre o gelo” (Uliánova, 1985, p. 42). Esta última atividade, segundo apontava Vladímir, era prejudicial aos seus estudos, por isto deixou de praticá-la. Lenin dedicava-se ainda ao xadrez e à música da qual gostava muito e tinha para com ela uma percepção acurada (KRÚPSKAIA, 19--).

Contudo, compreendia todas essas atividades físicas, e outras mais, como indispensável à vida de um revolucionário submetido às maiores e adversas privações e a arrostar coisas difíceis e intempéries imprevisíveis, por isto deveria ser fisicamente forte, resistente e ‘endurecido’ – ‘enrijecido’ ou ‘temperado’.

No xadrez, segundo relato de sua irmã Maria, chegou a participar de torneios organizados com Mitiúcha, Mark Elizaróv (marido de Ánnia) e um amigo da família Uliánov de nome Khardin; “todos jogavam muito bem” (ULIÁNOVA, 1985, p. 41). Lenin gostava imensamente “de jogos ao ar livre, principalmente de croquete e *gorodki* – um jogo popular russo” (ULIÁNOVA, 1985, p. 42).

Curiosamente, diferentemente do que pensa o senso comum dos intelectuais, quando ‘fora’ do exaustivo trabalho intelectual, Lenin preferia “vaguear em convívios e festas populares, do que freqüentar teatros, galerias, etc.” (ULIÁNOVA, 1985, p. 61).

Lenin preferia o simples rega-bofes e o mais comezinho mandriar (no bom sentido do termo) com o populacho, a força impulsionadora da história, ao ócio degenerado e pervertido dos cortesãos da corte imperial e/ou dos salões da burguesia.

Era um apaixonado pela leitura. Os livros exerciam sobre ele uma atração irresistível, uma espécie benévola de subjugação que lhe permitia saber da vida, dos homens e vislumbrar horizontes mais largos. Seu caráter, construído a partir da atitude “dobroliuboviana”, reunia algumas características: (i) cumprir sempre o prometido; (ii) posicionamentos firmes, decididos e conscientes diante dos conteúdos ensinados na escola; (iii) colocar-se a si mesmo e sua atividade do ponto de vista dos interesses gerais; (iv) preservar-se das mesquinhas do amor próprio; (v) contrário ao ensino da obediência incondicional das crianças ao mestre; (vi) contrário à tese da infalibilidade do professor; (vii) amor incondicional à verdade, defendê-la sempre com todas as forças disponíveis.

Mais ainda. Se fisicamente parecia-se com o velho e querido Iliá, dele ‘herdou’ ainda o sentido alegre e comunicativo da vida. Era um infatigável fomentador de diferentes jogos e divertimentos e sempre que os jogos se transformavam em desavenças negava-se a continuar tomando parte neles.

Em Lenin estava presente a necessidade da cooperação e da solidariedade orgânica, solidariedade de classe, contra a competição e o individualismo observado nos jogos e na educação burguesa e/ou feudal.

Além de Dobroliúbov, foi influenciado também por Turguiénev<sup>19</sup>, Písarev<sup>20</sup>, deste, especialmente as obras censuradas, e mais, Nekrássov<sup>21</sup>, Púchkine<sup>22</sup>, Gogol<sup>23</sup>, Saltikov-Tchtchedrine<sup>24</sup> e Tolstói<sup>25</sup> dentre outros, tendo assimilado, ainda, “os espíritos revolucionários” de Belinski<sup>26</sup> e Herzen<sup>27</sup>.

---

<sup>19</sup> TURGUÉNEV, Ivan Serguéevitch (1818-1893) – célebre escritor russo que representou em sua obra as relações sociais – ideológicas e psicológicas - da sociedade russa dos anos 30 aos anos 70 do século XIX. O grosso de sua obra literária foi dedicado ao combate à servidão e à representação realista de sua época.

<sup>20</sup> PÍSAREV, Dmitri Ivanovitch (1840-1868) – destacado crítico literário e publicista, continuador da tradição filosófica materialista, defendia as idéias da democracia revolucionária na luta contra a servidão e a autocracia próprias ao império do Czar.

<sup>21</sup> NEKRÁSSOV, Nikolai Alexeévitch (1821-1878), renomeado poeta russo.

<sup>22</sup> PÚCHKINE, Alexander Sergueévitch. (1799-1837), um dos maiores poetas da velha Rússia.

<sup>23</sup> GÓGOL, Nikolai Vassílievitch. (1809-1852), famoso escritor russo.

<sup>24</sup> SALTIKOV-TCHETCHEDRINE, Mikhail Evgrafovitch (1826-1889), escritor satírico e democrata russo.



O contato com as obras desses democratas revolucionárias despertou em Lenin o *ódio* ao regime político, econômico e social vigente na Rússia e fez com que, paulatinamente, fortificasse suas convicções revolucionárias. Todos esses intelectuais, vale recordar, “são os precursores da social-democracia russa (...) e a brilhante plêiade de revolucionários dos anos 70 do século XIX” (LENIN, 1981, t. 6, p. 27), isto é, militantes das organizações revolucionárias russas ‘*Zemliá i Volia*’ (Terra e Liberdade) e ‘*Naródnaya Volia*’ (Vontade do Povo).

Mas, o assassinato do Czar Alexandre II, em 1881, representa o pilar sobre o qual as atenções de Lenin seriam direcionadas com mais cuidado para a política. Por suas convicções e ações revolucionárias, Sasha exerceu uma influência muito forte sobre a formação política de Ilich. Influenciado pelos irmãos maiores, notadamente Anna, Lenin desenvolveu o gosto pela poesia dos partidários de Chernishevski<sup>28</sup> de quem sabia de cor e salteado um número expressivo de poesias.

Aos quinze anos, de mote próprio, se afasta, rompe definitivamente com a religião oficial de seu pai Iliá, o cristianismo. Muito da capacidade de organização demonstrada na prática por Lenin, certamente, é parte do legado de sua mãe Maria que compreendia muito bem o motivo e as aspirações dos seus filhos. E mais, da mãe, Lenin herda ainda o gosto pelo estudo de línguas, inclusive o latim, e a dedicação aos cuidados especiais à infância, daí a carinhosa atenção dedicada aos irmãos mais novos, Mítia e Maria a quem, durante os *jogos*, dedicava ternura e cuidados.

A herança moral recebida de sua mãe e a dedicação e atenção para com os irmãos menores foram decisivas em sua futura atitude diante das crianças e dos métodos utilizados em sua educação. Pouco a pouco ele desenvolvia uma certeza: as crianças seriam as continuadoras da

---

<sup>25</sup> TÓLSTOI, Lev Nikoláevitch (1828-1910), escritor russo com grande influência no desenvolvimento da literatura russa e, certamente, ocidental.

<sup>26</sup> BELINSKI, Vissarion. Grigorievch. (1811-1848), filósofo materialista e democrata revolucionário russo, crítico literário e publicista, animador da luta contra a escravidão, pela liberdade do camponês oprimido.

<sup>27</sup> HERZEN, Alexander Ivanovitch (1812-1870), filósofo materialista e democrata revolucionário russo, publicista e escritor. O texto de Lenin “Em memória de Herzen” oferece a chave da compreensão das idéias desse intelectual e do seu papel nos movimentos de libertação dos oprimidos de sua época.

<sup>28</sup> CHERNISHEVSKI, Nikolai Gavrilovich. (1828-1889) – cientista, escritor, ensaísta, crítico literário, foi o líder e inspirador do movimento democrático revolucionário russo dos anos 60 do século XIX. Por ser um revolucionário conseguiu influir em todos os acontecimentos políticos com a idéia da revolução camponesa. Mais um tipo de intelectual engajado, Chernishevski além de preparara-se para a revolução futura, preparava outros revolucionários, preso pela polícia czarista sofreu a solidão gelada da Sibéria durante longos vinte anos de desterro. Lenin faz alusão a uma parcela das idéias de Chernishevski em seu opúsculo “Que Fazer?”.

“causa” à qual dedicava sua vida. Solícito com todas elas preocupava-se com sua alimentação, estudos, com a constituição de uma vida harmoniosa e feliz, especialmente, que elas se apetrechassem com muitos conhecimentos imprescindíveis à vida em sociedade e que aprendessem a executar tanto o trabalho intelectual quanto o trabalho braçal.

Segundo Krúpskaia, Lenin ao encontrar-se com as crianças, brincava com elas e sem exigir-lhes resposta, apenas expressando seus sentimentos, perguntava: “Não é verdade que quando cresceres serás comunista?” (KRÚPSKAIA, 19--., p. 33).

Um episódio semelhante ao que ocorre ainda hoje teve como atores os irmãos de Lenin, Sasha e Anna. Presos por envolvimento com o grupo “Vontade do Povo” (*Naródnaiá Vólia*) acusados da preparação e perpetração de um atentado, em 01 de março de 1887, contra o czar Alexandre III, foram abandonados pelos “amigos”.

Valer apontar, de acordo com o relato de sua irmã Maniacha, embora não concordasse com os métodos do irmão Sasha, manteve ao longo de sua vida uma “profunda estima pelos *narodovóltsi*”<sup>29</sup>, pelo seu heroísmo e abnegação, assimilou sua experiência, sua têmpera revolucionária e mais tarde, já vivendo no estrangeiro, dizia: devíamos apreender (...) com os *narodovóltsi*” (ULIÁNOVA, 1985, p. 100).

A partir do episódio com o irmão mais velho, com a dor de sua mãe e do afastamento dos “amigos”, Ilich passou a olhar Chernishevski com outras lentes buscando em Marx respostas aos problemas da velha Rússia. Sasha foi executado (enforcado) pelos carrascos czaristas em 08 de março de 1887 e Anna enviada para o exílio (desterro). Estes acidentes representaram na vida de Maria Alexandróvna o envolvimento com a atividade revolucionária dos filhos.

Lenin era um exímio observador, arte aprendida e trabalhada, tinha interesse agigantado pela causa do movimento operário e estudava rigorosa e disciplinadamente a teoria marxista. Estas facetas comportamentais foram decisivas a sua perspicácia e a sua capacidade de ver brotar as novas forças sociais em luta contra os elementos caducos da velha ordem czarista-feudal.

Em 1887, Lenin entra na Faculdade de Direito de Kazan, na qual dedicou-se ao estudo das ciências sociais e da economia política, as únicas áreas do conhecimento científico capazes de

---

<sup>29</sup> *Narodovóltsi* – militantes do grupo ‘*Naródnaiá Vólia*’, uma organização revolucionária russa dos anos 70 e 90 do século XIX. Os *narodovóltsi* eram revolucionários e agitadores profissionais que lutavam contra a autocracia czarista e reivindicavam amplas transformações democráticas.

oferecer a ele elementos precisos à compreensão mais acurada da realidade russa. Nesta Universidade, Lenin vincula-se organicamente à sociedade ilegal dos originários de Samara – Simbirski, uma associação de conterrâneos verossímil a confraria bairrista (LENIN, 1984).

Ainda em 1887, no final do ano, em face da perseguição e repressão ostensiva e policialesca a toda e qualquer organização estudantil, inclusive a ‘associação de conterrâneos’, das quais foram vítimas os participantes de uma assembléia estudantil, e contra as perseguições aos estudantes revolucionários pela polícia czarista, Lenin solicita sua exclusão do quadro discente daquela Universidade.

“Excelentíssimo Senhor Reitor da Universidade Imperial de Kazan, de Vladímír Uliánov, Estudante do primeiro semestre da Faculdade de Direito. SOLICITAÇÃO. Considerando que não é possível continuar meus estudos na Universidade nas atuais condições da vida universitária, tenho a honra de suplicar humildemente a Sua Excelência que disponha minha exclusão como estudante da Universidade Imperial da Kazan. *Vladímír Uliánov Kazan, Dezembro 5, 1887*” (LENIN, 1981, t.1, p. 573).

A primeira prisão de Lenin ocorre em 05 de dezembro de 1887, com a concomitante expulsão da Universidade de Kazan e posterior exílio na aldeia de Kokuchkino. Aos dezessete anos, por força da intransigência da repressão, Lenin foi levado ao caminho da luta revolucionária. É no exílio, onde permaneceu por um ano, que ele acercou-se mais ainda das obras de Chernishevski, Dobroliúbov e Negrássov.

Em seu retorno à Kazan, torna-se membro de um círculo de estudos marxistas dirigido por Fedosséiv<sup>30</sup>, um dos primeiros revolucionários russos a assumir o marxismo como concepção de mundo e linha de ação revolucionária. O “O Capital”, livro da posse do irmão Sasha, foi a primeira obra de Marx sobre a qual debruçou-se, em seus estudos, minuciosamente. Vale salientar que Lenin torna-se discípulo de Plekhánov<sup>31</sup> com quem se encontrou na Suíça em 1895.

<sup>30</sup> FEDOSSÉIV, Nikolai Evgráfovitch (1871-1898), teórico marxista russo, foi preso e desterrado, morrendo no exílio.

<sup>31</sup> PLEKHÁNOV, Gueórgui Valentinovitch (1856-1918), membro destacado do movimento operário russo e internacional, quiçá o primeiro “propagandista” do marxismo na Rússia e em 1883 funda o grupo “Emancipação do Trabalho”. Em 1903, logo após o II Congresso do Partido Operário Social Democrata da Rússia (POSDR), torna-se menchevique, assumindo imediatamente após a primeira grande guerra imperialista (1914-1918) postulações de cunho social-chauvinista. Adversário da Revolução Bolchevique de 1917.

A partir deste encontro e da leitura de “O Capital”, Lenin torna-se partidário convicto e explícito da teoria revolucionária marxista sobre a transformação do mundo e sobre o papel central da classe operária nesta transformação.

Em 1891, presta exames de Estado na Faculdade de Direito da Universidade de Petersburgo e, em 1892, é nomeado advogado e passa a exercer a atividade jurídica no tribunal distrital da *gubérnia* de Samara. Foi em Samara que ele iniciou sua atividade de “propagandista” da teoria marxista. Sabia, como poucos, refutar com maestria os ataques dos opositores de Marx e Engels e os seus próprios.

Para ele, longe de ser entendido como dogma, a teoria marxista era vista como a chave única à compreensão da situação política, econômica e social da velha Rússia e linha de ação à implementação da **revolução socialista**. Sobreleva acrescentar, a atividade advocatícia de Lenin era apenas uma cobertura à sua atividade revolucionária.

Lenin destacava-se nos círculos marxistas, em primeiro lugar, por sua fé inquebrantável na vitória do proletariado; em segundo lugar, por ser portador de uma crítica e profunda compreensão do marxismo; e, em terceiro lugar, por sua capacidade de aplica-lo à solução das questões vitais que premiam a classe operária russa.

A idéia central de Lenin, após ter-se tornado um dirigente revolucionário destacado, era a construção de um *Partido operário revolucionário* que conduzisse a luta renhida contra o capitalismo, “introduzisse” na classe operária as idéias revolucionárias do marxismo e, pela **educação política**, desenvolvesse a consciência socialista dos operários.

Preocupado com a educação política do proletariado russo, nos bairros de Petersburgo, Viborg, Kolpino e outros, com constância, ele próprio dedicava-se a ministrar lições individuais aos operários. Lenin sempre dispensou uma cuidadosa atenção à formação política do proletariado, contribuindo efetivamente para elevar mais e mais o nível intelectual dos quadros e militantes dos círculos operários, por isto, chamava sua atenção para que jamais esquecessem a dimensão política de todas as questões sociais.

É interessante destacar, aos 23 anos Lenin (1981, t. 1) escreve seu primeiro texto intitulado “*Novos câmbios econômicos na vida campesina*” e, ainda neste mesmo ano, escreve outro texto

“*Acerca da chamada questão dos mercados*” pouco explorado na Universidade e nada conhecido pelos economistas burgueses – salvas raras exceções de ‘esquerdistas’.

Ainda aos 23 anos, Lenin já demonstrava habilidade, independência, profundidade e paixão na aplicação do marxismo ao estudo da vida e/ou das relações sociais de produção na velha Rússia, especialmente dedicava-se ao estudo das condições de vida do campesinato pobre. Enfim, no segundo texto, ele coloca de forma clara, rigorosa e incontestada a teoria de Marx no estudo da ordem política e econômica na Rússia.

Em 1984, contava 24 anos, escreve sua primeira crítica intransigente aos populistas liberais que de forma consciente e intencional deformavam a teoria de Marx e Engels sobre a luta de classes, a revolução socialista, a ditadura do proletariado e o comunismo. A luta intransigente de Lenin (1981, t. 1) contra os ‘*amigos do povo*’ e inimigos dos sociais democratas, lavrada no “*Quem são os ‘amigos do povo’ e como lutam contra os sociais democratas*”, representava e ainda representa uma programática do marxismo como linha de ação revolucionária e manifesto contra o pífio falseamento do materialismo dialético histórico, implementado pelos populistas.

Dedicava especial atenção à questão dos reformistas e dos *tradeunionistas*, moto contínuo incitava os operários russos a se afastarem deles e seguir o caminho da luta revolucionária. Além de ser um bom professor, Lenin era melhor ainda na arte de aprender constantemente com a classe operária, para tanto, estudava à exaustão sua vida e suas condições de trabalho.

Preso e julgado por sua ação revolucionária, Lenin é condenado e deportado para a Sibéria onde permanece de 1897 a 1900. Em 1894 conhece Krúpskaia<sup>32</sup> e depois de seguidos encontros celebram o seu casamento na aldeia de Chúchenskoe<sup>33</sup>, distrito de Minussinsk, *gubérnia* de Enissei, na Sibéria Oriental, onde ambos cumpriam deportação. Vale acrescentar, Chúchenskoe

---

<sup>32</sup> KRÚPSKAIA, Nadéjda Konstantínóvna (1869-1939), destacada personalidade do Partido e do Estado soviético. Esposa e companheira de luta de Lenin. Foi secretária de redação dos jornais *Iskra*, *Vperiod*, *Proletári* e *Sotsial-Demokrat*. Uma das criadoras do sistema soviético de educação pública. Grande teórica da pedagogia da URSS. Krúpskaia era professora de uma escola pública noturna freqüentada por operários fabris. A causa comum - a causa da classe operária - aproximou Lenin desta mulher extraordinária e transformou-se na base de sua inabalável amizade. Krúpskaia foi educada num meio revolucionário, seu pai, KRÚPSKI, Konstantin Ignátievitch era um típico representante da intelectualidade democrática revolucionária dos anos 60 do século XIX. O pai de Krúpskaia foi um jurista, membro do Comitê dos Oficiais Russos na Polônia. Nadéjda nos anos 90 torna-se marxista.

<sup>33</sup> Chúchenskoe é um grande distrito da região de Krasnoïarsk. Em 1938 foi inaugurada ali uma casa-Museu Vladimir Ilitch Lenin. De acordo com um plano geral governamental de reconstrução, uma parte de Chúchenskoe foi transformada em zona memorial reservada, dela fazendo parte a casa onde viveu Lenin e a parte da aldeia que lhe está próxima.

era uma localidade erma e distava de estrada de ferro mais próxima cerca de 600 *verstás* – mais ou menos 600 quilômetros, uma *verstá* = a 1,06 (km).

Casado com Krúpskaia, uma militante comunista marxista, Lenin (1981, t. 3) redige diversas obras, dentre as quais uma se destaca ao fazer uma abordagem e exposição sobre a gênese e “*O desenvolvimento do Capitalismo na Rússia*”. Sobreleva acrescentar, foi por intermédio de Krúpskaia que Lenin toma conhecimento da realização do I Congresso de fundação do POSDR, ocorrido em Minsk no ano de 1898.

Liberto, se fixa na Suíça onde funda o periódico *Iskra* (A centelha). Nesta mesma época, por ocasião do II Congresso do POSDR (1903), separa-se de Plekhánov por ter este dado uma guinada a lá “*menchinstvó*” (*menchevique* ou minoria) assumindo posição contrária a defendida por Lenin sobre a necessidade de construção de um Partido centralizado democraticamente, funcionando sob o centralismo democrático e formado por militantes profissionais. Os que concordavam com Lenin, a maioria, ficaram conhecidos internacionalmente pelo nome russo “*bolchinstvó*” ou *bolcheviques*.

Em 1905, por ocasião da revolução, volta à Rússia, apóia a greve geral de Moscou. Novamente em virtude de sua atividade revolucionária é obrigado a deixar aquele país indo localizar-se em Genebra e, posteriormente, na França. Nesta mesma época, funda o jornal “*Pravda*” (Verdade) onde exerce sua direção ideológica e escreve quotidianamente. Este jornal era o principal meio de divulgação do ideário dos bolcheviques com uma tiragem de 40 mil exemplares chegando, em alguns números, aos 60 mil exemplares.

Segundo consta nas notas de suas “*Obras Completas*”, Lenin escrevera mais ou menos 270 artigos e notas, muitos assinados com pseudônimos diferentes para driblar a censura e as perseguições policiais das quais ele e o jornal eram vítimas preferenciais. O clima da época era de tal monta reacionário que apenas no primeiro ano de funcionamento do ‘*Pravda*’, seus redatores resistiram bravamente a nada menos que trinta e seis processos judiciais. Encerrado oito vezes pela repressão, este jornal voltava a circular com outros nomes. Driblando a censura czarista, os bolcheviques ainda conseguiram editar e fazer circular seiscentos e trinta e seis números do “*Pravda*”. Encerrado em 1914, voltaria às ruas em 1917 como órgão do Comitê Central e do Comitê de Petersburgo do POSDR.

No “*Materialismo e Empiriocriticismo*”, Lenin (1983, t. 18) move a crítica acerba contra os revisionistas alemães e os machistas russos (adeptos da teoria de Ernst Mach<sup>34</sup>) e suas descabidas intenções de fazer “acoplagens” ou “incorporações” ao marxismo com as mais diversas teorias idealistas, que tinham por propósito único descaracterizar o marxismo sob o pretexto de defendê-lo da ortodoxia e do anquilosamento.

Para Lenin, a primeira grande guerra, intitulada mundial, era, na verdade, uma guerra entre capitalistas concorrentes e rivais às raias do antagonismo (historicamente passageiro quando algo ameaça a hegemonia capitalista) pela partilha do mundo e sobre a qual, em 1917, escreveu sua destacada obra “*O imperialismo, etapa superior do capitalismo*”.

Neste mesmo ano, com a queda do czar, retorna à Rússia. Publica em seguida suas famosas “Teses de Abril”, no “*Pravda*”: (i) paz imediata, (ii) todo o poder aos “*Soviets*”, (iii) as fábricas para os operários, (iv) sob a não menos conhecida palavra de ordem – “Pão, Terra e Liberdade” – a terra para os camponeses.

Ainda em 1917, mais uma vez em decorrência de suas atividades revolucionárias, perseguidas pelo governo provisório e ‘democrático’ de Kerenski, é obrigado a fugir para a Finlândia; escreve uma de suas obras mais vendidas no mundo “*O Estado e a Revolução*”, na qual aponta a necessidade da destruição do Estado burguês pelo proletariado logo que assume o poder estatal. Nesta obra, Lenin apenas predica a formulação de Marx e Engels sobre a necessidade imperiosa da destruição do aparelho de Estado *bourgeois* como marco inicial da construção de uma outra sociedade, a sociedade comunista.

Côncio do momento trágico e decisivo de seu país, Lenin assume a liderança da revolução bolchevique de ‘07 de Novembro de 1917’. A partir desta data, ao ser nomeado presidente do conselho revolucionário, Lenin, com o aval do conselho, toma algumas atitudes que iriam mudar a face da velha Rússia e, em seguida, também do mundo Ocidental:

(i) nacionalização das grandes indústrias e desapropriação dos latifúndios; (ii) proclamação da ditadura do proletariado; (iii) assinatura do tratado de paz de Brest-Litovsk (1918); (iv)

---

<sup>34</sup> MACH, Ernst (1838-1916), físico idealista austríaco, que ao considerar as coisas como complexos das sensações negava a existência do mundo exterior independente da consciência humana. Segundo Lenin, no “*Materialismo e Empiriocriticismo*”, ao assumir o idealismo filosófico Mach entregava as ciências da natureza ao acocho insuportável do fidéismo – literalmente, doutrina teológica que, desprezando a razão, preconiza a existência de verdades absolutas fundamentadas na revelação e na fé.

transferência da capital para Moscou; (v) inauguração da política que ficou conhecida como “comunismo de guerra”; (vi) direção da sessão do V Congresso dos *Soviets* da Rússia na qual foi aprovada a primeira constituição da “República Socialista Federativa dos *Soviets* da Rússia - RSFSR”; (vii) enfrentamento sem piedade da revolta dos guardas brancos, entre 1818 e 1921, financiada com dinheiro dos principais países capitalistas.

Em 1921, devido a grande crise social e econômica que atravessava a nova Nação Russa, que em 1922 seria rebatizada sob o nome “União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS”, Lenin estabelece a política econômica conhecida como ‘NEP’ ou *Nova Economia Política*’.<sup>35</sup>

Em 21 de janeiro de 1923, por volta das 18 horas e 50 minutos, morre Vladímir Ilitch Uliánov em consequência da falência múltiplas de órgãos, talvez em decorrência do atentado a bala que sofrera um ano antes perpetrado por uma militante do Partido Eserista ou Socialista Revolucionário, de nome Fanya Kaplan, pois segundo consta as balas dos dois tiros à queima roupa estavam envenenadas.

Lenin deixava como legado à posteridade e às levas posteriores de comunistas e revolucionários, o exemplo de uma vida de militância árdua, rigorosa e vigorosa, a ser seguido pelos comunistas revolucionários do mundo inteiro.

## **Capítulo 2º : O ATOR**

### **2.1– Autobiografia inconclusa**

Chamo-me Vladímir Ilitch Uliánov. Nasci em Simbirski, no 10 de abril de 1870. Na primavera de 1887, Alexandre III executou meu irmão maior, Alexandr, por haver atentado contra sua vida (1 de março de 1887). Em dezembro desse ano fui detido pela primeira vez e expulso da Universidade de Kazán por agitação estudantil; mais tarde me expulsaram de Kazán. Em dezembro de 1895 fui detido novamente por fazer propaganda social-democrata entre os operários de Petrogrado... (LENIN, 1985, t. 32, p. 22).

O manuscrito autobiográfico está interrompido exatamente neste trecho. Contudo, segundo os editores, este documento era a resposta inconclusa de Lenin a uma carta do Comitê de

---

<sup>35</sup> A NEP não será alvo de análise nesta Tese e, por isto mesmo, não farei sobre ela mais nenhuma referência.



Soldados da 8ª Bateria de Artilharia Montada do Exército de Operações ao *Soviete* de Petrogrado. A carta do Comitê foi elaborada no exato momento em que a imprensa burguesa e pequeno-burguesa reacionária e contra-revolucionária implementa uma campanha de calúnias e difamação contra Lenin e outros bolcheviques.

Em sua carta, tornada pública por intermédio do periódico russo *Pravda*, os soldados do Comitê declaravam que em decorrência dos

atritos produzidos entre os soldado (...) relacionados a Lenin, rogamos tratem de responder-nos o mais rapidamente possível: de que origem é Lenin, onde esteve, se foi deportado e por que, de que forma regressou à Rússia e que atividades realiza agora, e se ela é útil ou nos é prejudicial?" (LENIN, 1985, t. 32, p. 498).

Os soldados almejavam que a resposta deveria ser o suficientemente convincente para (i) prevenir novas discussões entre eles, (ii) evitar inúteis perdas de tempo em polêmicas infundáveis, (iii) para possibilitar a persuasão doutros soldados; (iv) impulsionar o movimento revolucionário entre eles.

## **2.2 – Mito e Realidade**

Lenin tornado mito, o ‘predestinado’, uma espécie de ‘messias’ das estepes, o iluminado e único herdeiro dos revolucionários democratas russos do século XVIII e XIX. Para os mais afoitos, Lenin, despido de qualquer ‘contradição’, jamais ‘vacilava’, nunca demonstrava ‘equivocos’, por isto, era apontado como personagem histórico para além de seu tempo e de si mesmo.

O resgate necessário, não do mito hagiográfico – uma equívoca ilusão hagiolátrica que distanciava os militantes do camarada mitificado – mas do homem cheio de humanidade, representa a negação daquele Lenin, como diria um certo historiador, ‘cadáver embalsamado e insepulto religiosamente mantido à visitação pública’.

Entre a mitificação hagiográfica e a análise séria da personalidade de Lenin, não se pode negar, sem falsificar a história, ter sido ele o ‘exemplo’ inspirador do trabalho e do viver o comunismo. E mais, é fato, ele representava, até bem pouco tempo, o perfil moral de uma vida

entregue à causa do comunismo, à luta pela consecução do internacionalismo, felicidade do proletariado e camponeses pobres, e o amor pela pátria.

Lenin assumia o caráter inconciliável com quaisquer pessoas, grupos e teorias quando se tratava de anticomunismo, pois para ele estava na ordem de prioridade o coletivismo e o trabalho em prol da edificação da sociedade comunista.

O estudo do conjunto da suas obras completas e das informações biográficas mais próximas oferece dados sobre o seu comportamento ético e/ou moral que me permitem escrever como suas principais características: o respeito, a atenção e apreço pelos camaradas, o amor à vida na sua profunda, variada e rara beleza, versatilidade, fidelidade aos princípios (*a política correta é a política de princípios*), à causa e aos amigos, integridade, simplicidade quase espartana e a modéstia ‘epicuréa’ peculiar aos despojados das vaidades ‘humanas’ e indiferentes diante da morte.

Vale acrescentar, Lenin jamais separou o pessoal do social. Era uno, o mesmo no trabalho e no trato com os amigos e a família: era rigorosamente disciplinado tanto nas pequenas como nas grandes questões.

Lenin é o maior crítico do capitalismo deliquêscente, do imperialismo grávido e *al pari* com intermináveis revoltas, guerras e revoluções. Ele é o político de partido e do Partido; arauto da moderna revolução socialista e da ditadura do proletariado; crítico intransigente da democracia burguesa; implacável defensor da luta sem quartel contra os oportunistas, reformistas, anarquistas, trotskistas, mencheviques, liberais e demais facções, correntes e tendências políticas inimigas do comunismo e servis ao capitalismo.

Sem a compreensão das premissas acima postas, não há saída, apenas ilusão, decepção! Para além da ‘antiilusão personificada’, ele apontava a possibilidade e a necessidade da destruição das ‘ilusões burguesas’ que atordoavam / atordoam a consciência pequeno-burguesa entronizada na consciência da ‘aristocracia proletária’.

Não há ‘verdade absoluta’ e nem ‘conclusões definitivas’, apenas resultados históricos temporais revelados por uma ‘análise concreta da realidade concreta’ a apontar de forma não determinista mas tendencial o desenvolvimento do modo de produção capitalista *urbi et orbi*.

Minimizar a influência de Lenin sobre o pensamento da esquerda comunista e socialista no mundo inteiro é resgatar o reformismo, antimarxista e antileninista para o combalido, decomposto e transtornado campo da esquerda que se rendeu ao poder deliquêscente da burguesia. A meu critério, com um reacionário ‘*Adieu, Lenine!*’ procura-se impedir o cotejamento da caótica realidade social de 1905 na Rússia, com a angústia social na qual vivem os operários e trabalhadores brasileiros no século XXI no qual, em 2004, o salário mínimo não chega aos 100 dólares.

Por ocasião das comemorações do dia 1º de Maio de 1905, Lenin (1982, t. 10, p. 88) – ainda um desconhecido intelectual, militante comunista e líder revolucionário da maior revolução socialista do século XX – faz o seguinte pronunciamento aos operários que, a meu juízo merece uma certa atenção:

Camaradas operários! (...) Todos os que trabalham, os que com seu trabalho sustentam os ricos e os nobres, os que vivem trabalhando por um mísero salário até esgotar suas forças e sem chegar a desfrutar dos produtos do seu trabalho, os que vivem como bestas de carga no meio do esplendor e o luxo de nossa civilização, se dão as mãos para lutar pela libertação (...) dos operários. (...) Judeus e cristãos, armênios e tártaros, polacos e russos, suecos e finlandeses, letões e alemães: todos, todos marcham unidos sob uma só bandeira, sob a bandeira comum do socialismo.

Mesmo diante dos fatos pretéritos e das conquistas do cotidiano, as análises científicas e históricas aparentemente desinteressadas, só aparentemente, sobre a vida de Lenin, revelam a perversa pretensão de nivelar esse revolucionário aos variados renegados do comunismo, tergiversadores e deformadores do marxismo.

A plena humanidade – uma categoria abstrata se não for entendida como: sentimento de bondade, benevolência em relação aos camaradas, amigos e familiares, de compaixão e sofrimento em relação a situação dos oprimidos e de luta intransigente pela emancipação e libertação desses mesmos oprimidos – contraditória e exemplar, dialética, eu diria, da vida e da obra deste ‘tártaro’ genial, move-se sob a *anima* revolucionária que odiava os ricos e os poderosos por amor aos pobres da *urbe* e do campo.

### 2.3 – Um homem de seu tempo

Marcado pelas contradições sociais de seu tempo, isto é, ‘filho’ de contradições sociais e econômicas dantesca que tão bem caracterizavam a retrógrada e tenebrosa monarquia czarista, Lenin, dentre outras coisas, dedicou uma extraordinária atenção e esmerada preocupação com as novas gerações de operários, camponeses pobres e intelectuais. Empreendeu um esforço hercúleo na luta para incorporar todos eles, o mais próximo possível, ao movimento revolucionário, à luta para edificar o socialismo, a etapa primeira da sociedade comunista.

Preocupava-se, quiçá mais que seus pares, em exortar os estudantes e operários a forjarem-se na concepção marxista de mundo mas sem perder de vista as correntes políticas anti-marxistas da época, e a colaborar de maneira ativa no trabalho clandestino dos social-democratas ou bolcheviques.

No campo visual de Lenin não se encontrava apenas o movimento da juventude russa, igualmente ele ajudava a juventude social-democrata doutros países a se desenvolver intelectualmente sob uma concepção científica e dialética de mundo e a traçar para si uma tática revolucionária acentada no combate contra a autocracia feudal e a burguesia, o que, segundo ele, lhes permitiria conhecer, a título de exemplo, as experiências de luta da classe operária russa e do POSDR.

Lenin predicava a necessidade de dar uma **educação política** às ‘massas’<sup>36</sup>, com destaque para a imprescindibilidade de incorporar a juventude à vida política ensinando-a não apenas com palavras mas, sobretudo, com fatos, com o trabalho, com a vida!

---

<sup>36</sup> *Massa* – não é uma substância pastosa mais ou menos coesa preparada para finalidades diversas e nem muito menos uma mistura de areia e água ou, simplesmente, argamassa. Nem também em seu sentido figurado, coisa, objeto que perdeu sua forma. A rigor, o conceito massa, neste trabalho mais se aproxima de quantidade, volume, a totalidade ou a grande maioria, assim quando se pensa em ‘massa’ tem-se em vista o conjunto das camadas mais numerosas da população; o povo ainda em estado de desorganização a ignorar seus direitos e deveres. Mas também, ao contrário do pensado pelo senso comum, inclusive de alguns acadêmicos, ‘massa’ pode ser ainda um grande número de pessoas, relativamente coesas, vistas do ponto de vista social, cultural e econômico. Então, tem-se que por ‘massa’, subentende-se o povo, a população, ou grande aglomeração de gente. Na obra de Lenin ‘massas’ aparece como um conceito que assume um determinado significado conforme o caráter da luta do proletariado. Primeiro, quando milhares de operários sem Partido levam uma vida apolítica e vivem existências lamentáveis como é o caso do *lumpemproletariado* (do alemão *Lumpenproletariat*, seção degradada e desprezível do proletariado ou *lumpen*, trapo, farrapo + *proletariat*, proletariado, enfim, camada flutuante do proletariado, destituída de recursos econômicos e especialmente caracterizada pela ausência da consciência de classe), que nunca ouviram falar de política. Segundo, quando a revolução está suficientemente preparada, o conceito assume outro significado: os milhares de operários

Havia em Lenin uma outra preocupação, a meu juízo, especial para com a juventude, ela deveria ocupar um importante papel nos problemas relacionados com a construção de uma ‘nova escola’ e do seu caráter politécnico. Por isto, procurava despertar nos jovens a tarefa de formação futura de homens e mulheres isentos de toda reminiscência do ‘espírito’ da propriedade privada, de forja dos futuros construtores da sociedade comunista: ideologicamente decididos, portadores de uma vasta cultura e com um largo e acurado conhecimento de sua profissão e suas habilidades.

Envolvido com a luta pela derrota da autocracia feudal e a edificação do socialismo na Rússia, assinalava à juventude comunista russa a necessidade de unir à sua **educação intelectual**, a **educação para o trabalho** e a **educação física**, não só como método para intensificar a produção social mas, também, como o único método que permitiria preparar homens e mulheres plenamente desenvolvidos. Mais ainda. Este processo não se iniciaria na escola, até então sob o controle do Estado czarista feudal, mas no Partido, nos círculos da juventude e nas ‘câmaras de trabalho’, jamais se limitando ao ensino mnemônico ou à memorização de livros e folhetins.

Somente trabalhando com os operários e camponeses pobres – dizia Lenin – a juventude poderia chegar a compreender / sentir a realidade, uma condição indispensável à juventude comunista. Por isto, havia um medo cerval e agressivo nos Ministros da Rússia de antanho e nos seus governos, no tocante à união do conhecimento científico e filosófico com o trabalho produtivo ou de **educação política** dos operários e camponeses pobres.

Esse medo, ao julgamento de Lenin, derivava da compreensão que os latifundiários, os monarquistas e a burguesia russos tinham face ao fato de que desprovidos desse conhecimento os operários e camponeses pobres permaneceriam indefesos e presas fáceis das armadilhas do poder dominante. Por outro lado, *possuídos* pela teoria ou pela filosofia e pela ciência marxistas seriam imbatíveis, força invencível, poder executor do toque de finados da classe social dominante de todas as classes sociais.

---

agora educados politicamente, organizados para a luta por sua emancipação intelectual e libertação econômica e com consciência de classe, já não constituem mais uma massa, tal como referida no significado anterior. Terceiro, mais uma vez o conceito muda se por ele se entende uma maioria, mas não só uma maioria de operários, senão a maioria de todos os explorados – operários fabris, trabalhadores assalariados, camponeses pobres, etc. – ainda não conscientes de sua real força no combate à exploração burguesa e latifundiária. Quarto, quando um Partido em determinado momento histórico consegue fazer com que suas próprias bandeiras sejam encampadas e advogadas por milhares de operários e/ou camponeses pobres, em linguagem leninista, este é um Partido de ‘massas’. Todavia, ‘massas’ pode ser ainda como o conjunto de todos os explorados conscientes que juntos lutam para superar sua condição de explorados

Lenin indicava à juventude que para ela se transformar em comunista, deveria aprender o comunismo e só poderia ser comunista quando enriquecesse o seu intelecto com o conhecimento produzido e acumulado historicamente, isto é, com o conhecimento de todas as riquezas que a humanidade elaborou.

O conjunto das obras escritas por Lenin, salvo melhor critério, representa para os estudantes um inestimável tesouro, ideológico, filosófico e político; um manancial inesgotável de conhecimento sobre as leis do desenvolvimento do capitalismo e as vias de chegada ao socialismo e ao comunismo. Nelas o autor sustenta e ensina que em decorrência de uma conjuntura adversa e problemática na qual lutavam forças antagônicas ao desenvolvimento do capitalismo na Rússia, era preciso resistir e deslanchar uma luta sem quartel contra os revisionistas e os oportunistas, *par excellence*, considerados por ele como agentes da burguesia e inimigos do movimento proletário e comunista.

Sua época (final do século XIX e raiar do século XX) viu amadurecer a primeira revolução russa – 1905 a 1907 – uma revolução popular por seu conteúdo social, econômico, ao mesmo tempo, proletária pelo fato incontestável de que sua força dirigente era a *classe operária*<sup>37</sup>, como pelos meios de luta empregados.

Paradoxalmente, essa primeira revolução democrática burguesa era uma revolução popular à medida que colocava em movimento as massas exploradas do ‘povo’, as classes consideradas inferiores da sociedade, as classes mais arruinadas e esmagadas pelo jugo czarista e exploração da burguesia. Essa revolução acontecia no meio de uma desenvolvida luta de classes entre o proletariado e a burguesia russas.

A guisa de esclarecimento, ‘povo’ é o conjunto dos cidadãos e cidadãs de um determinado país em relação aos governantes e à classe dominante; o conjunto de pessoas que pertencem à classe mais pobre, a classe operária; a plebe, escumalha, escória social, ralé, epítetos pouco simpáticos com os quais a classe dominante adjetiva o proletariado.

Uma greve geral, em setembro de 1905, conduziria toda a classe operária da Rússia a uma forma superior da luta de classes: a insurreição armada. Os acontecimentos sucessivos, mormente

---

<sup>37</sup> A expressão *classe operária*, nesta pesquisa, é usada no sentido de proletariado industrial, sendo reservada aos homens e mulheres que empregam sua força de trabalho fora das fábricas ou indústrias a expressão: trabalhadores assalariados e camponeses sem terra.

a revolução de outubro de 1905, foi considerada por Lenin (1982, t. 12, p. 1) como “uma das maiores guerras civis, das guerras pela liberdade, que jamais foi vista pelo gênero humano”.

Ainda no período dessa primeira revolução burguesa, outras preocupações tomavam conta da atividade política de Lenin: a luta interna do Partido que se seguiu imediatamente ao IV Congresso do POSDR, a dissolução da I Duma de Estado, a tática parlamentar dos bolcheviques e a crítica da linha e da tática adotadas pelos mencheviques.

A situação russa em 1905 era tremendamente confusa e adversa, insurreição e luta armada, massacres<sup>38</sup>, greve geral, tiros contra os operários<sup>39</sup>, luta do proletariado e o servilismo da burguesia, todos esses acontecimentos marcaram a semana de 21 a 28 de julho de 1905; e mais, agitações camponesas, assaltos aos latifúndios, repressão violenta refletiam os acontecimentos daquela semana e “o caráter das forças sociais fundamentais que com tanta clareza e nitidez se punham de manifesto agora durante a revolução” (LENIN, 1982, t. 10, p. 322).

Naquele momento, o proletariado em ebulição revolucionária, desde o 09 de janeiro, usava como tática de combate e de luta, preferencialmente, as greves políticas, se abstendo de confrontar direta e frontalmente as forças armadas czaristas, enquanto aglutinava forças para o grande combate final.

Lenin (1983, t. 19, p. 138) diante da discrepância ideológica defendia como tática, nesta ocasião, a tese de que “a vitória total da revolução só era possível como uma ditadura do proletariado e do campesinato”. Nesta etapa crucial da história da Rússia, eles viam o desenvolvimento burguês com a possibilidade de trilhar duas vias:

*a linha prussiana* – manutenção da monarquia e do latifúndio, criação de um campesinato forte, isto é, burguês, sobre a base histórica dada – e *a linha norte-americana* – república burguesa, abolição do latifúndio, criação de explorações agrícolas do tipo capitalista, ou seja, um campesinato burguês livre, mediante a troca radical da situação histórica dada (LENIN, 1983, t. 19, p. 138-139).

---

<sup>38</sup> O massacre de Ivánovo-Voznesensk, ocorreu em 3 de junho de 1905 por ocasião da greve geral dos operários têxteis. Essa greve foi iniciada em 12 de maio do mesmo ano e dirigida por um grupo de bolcheviques. Para romper e acabar com o movimento operário grevista o czar mandou concentrar naquela localidade um grande contingente policial que agrediu violenta e ferozmente os grevistas. A greve geral em questão durou até 22 de julho, desdobrando-se parcialmente em outras empresas até meados de setembro.

<sup>39</sup> Greve ocorrida em 13 de junho de 1905 em Odessa, onde no dia seguinte atracava no Porto o encouraçado *Potemkin*. A união dos marinheiros sublevados com os operários foi impedida pelo fogo da metralha das tropas czaristas dirigida não apenas contra os operários e militares da armada mas contra a população em geral.

A posição leninista apontava que ao proletariado interessava optar pela *via norte-americana*, à medida que ela era a que assegurava maior liberdade e rapidez ao desenvolvimento das forças produtivas imprescindíveis à estruturação e solidificação do capitalismo na Rússia.

Os mencheviques eram hostis a posição bolchevique. Na análise de Lenin a discrepância ideológica entre estes grupos, além de ser reflexo da luta interna do Partido, servia de lenho para incrementar uma aguda dissensão política no interior do movimento socialista. Essa discrepância ideológica conduzia os bolcheviques e mencheviques a assumir posturas políticas, de ordem prática antagônicas.

Preocupado com “*o sentido histórico da luta no seio do partido na Rússia*”, Lenin (1983, t. 19, p. 375) criticava a Martóv<sup>40</sup>, o menchevique, e Trotski à medida que este seguia “os mencheviques, encobrendo-se com uma fraseologia particularmente altissonante, os dois ofertavam “aos camaradas alemães concepções *liberais* tingidas de marxismo”.

Martóv substituíra

a escola do capitalismo pela escola da burguesia capitalista (digamos entre parênteses que não existe no mundo outra burguesia que a capitalista). (...) Sob a cobertura de boas palavras ‘marxistas’ sobre a ‘educação’ dos camponeses pelo capitalismo, Martóv defende a ‘educação’ dos camponeses (*que lutam de forma revolucionária contra a nobreza*) pelos liberais (*que entregaram os camponeses à nobreza*) (LENIN, 1983, t. 19, p. 377).

O avanço dessas idéias liberais no âmbito do movimento socialista russo era uma conseqüência do período em que Lenin (1983, t. 20, p. 109) escreve parte de sua obra:

O período de 1862-1904 foi na Rússia precisamente um período de demolição em que o velho se fundia irrevogavelmente à vista de todos e o novo só começava a precipitar-se, com uma particularidade, as forças sociais que o faziam precipitar-se não haviam demonstrado até 1905 e em ampla escala nacional o seu valor, numa ação aberta de massas nas mais distintas trincheiras.

---

<sup>40</sup> MARTÓV, Iúli Ossipovich (1873-1923), membro do movimento social-democrata russo. Em 1903 assume a condição de uma das mais destacadas lideranças da fração menchevique. Em 1917 se pronuncia de forma clara e intransigente contra a Revolução de Outubro. Em 1920 emigra e em 1921 se torna um dos líderes da Internacional II ½ composta por partidos e grupos saídos da II Internacional sob a pressão das massas operárias revolucionárias. Esse movimento exercitava uma política cisionista em todas as questões importantes do movimento proletário e socialista mundiais.



A década acima referida, imediatamente à reforma camponesa de 1861, é pré-revolucionária, portanto, a análise feita sobre ela revela a existência de “uma franca e explícita atuação e crescimento incontido das massas proletárias, e mais ainda, o incremento da luta grevista, o aumento da agitação, a organização e a constituição do partido operário social-democrata” (LENIN, 1983, t. 20, p. 187).

Outro período (1908-1911) é sobremaneira importante à compreensão da exacerbação da *ideologia liberal contra-revolucionária* e do movimento *liquidacionista*, manifestação inequívoca da ideologia decadente da burguesia no meio do movimento proletário e levado a termo pelos grupos vinculados à essa classe em ascensão.

A luta ideológica implementada pelos bolcheviques dimensionava-se contra o clima de retrocesso quanto à democracia burguesa e o distanciamento do movimento de massas, colocando-o o mais longe possível da luta revolucionária: “tal era o *leitmotiv* das correntes políticas hegemônicas na sociedade russa” (LENIN 1983, t. 20, p. 381).

A situação da Rússia e a história do poder estatal feudal-czarista, particularmente no decênio pós-1907, mostra de forma clara que o czarismo representava o núcleo central do bando de latifundiários centuria-negristas a transformar aquele país num espantelho da Europa e também da Ásia.

As elites dominantes russas levaram ao extremo a arbitrariedade, o roubo dos bens públicos, a cooptação de funcionários públicos, bem como instauraram a violência sistemática e irreversível contra o povo e a tortura contra os inimigos políticos.

Em síntese, o momento histórico no qual Lenin (1982, t. 12, p. 226) constrói a quase totalidade de suas obras, no período de 1893 à 1917, estava marcado pela “destruição massiva das forças produtivas, o inaudito empobrecimento do povo, crise econômica e financeira” se alastravam incontidas pela Rússia, “agrava-se o desemprego aterrador nas cidades e no campo”.

No campo político o governo de então, compondo com a burguesia, o czarismo “pisoteava todas as liberdades por ele prometidas, concede restritivamente voz consultiva às camadas superiores das classes possuidoras, falsifica grosseiramente a representação popular, implanta a repressão militar de atrozes castigos corporais e execução em massa em todo o país” (LENIN, 1982, t, 12, p. 226).

Com esta atitude o governo autocrático provocava o descontentamento de parte da burguesia, a exasperação e a cólera nas massas do proletariado e o campesinato e “abona o terreno para uma nova crise política, mais ampla e mais aguda” (LENIN, 1982, t. 12, p. 227).

Vale acrescentar, a Rússia vivia a efervescência política. Este país havia se transformado num caldeirão hermético preste a explodir a qualquer momento. Os interesses do povo russo haviam entrado em choque com os interesses de um punhado de parasitas que vegetavam no mais refinado *dolce far niente*, eram pessoas que formavam e apoiavam o governo autocrático.

Como resultado de seguidas análises concretas da realidade concreta, em “*O socialismo e o campesinato*” Lenin (1982, t. 11, p. 294) anotou que

a própria existência da sociedade contemporânea, estribada na economia mercantil, com diferenças e contradições imensas dos interesses das distintas classes e grupos da população, exige o aniquilamento da autocracia, a liberdade política, a explicação pública e direta dos interesses das classes dominantes na estrutura e a administração do Estado.

A rigor, naquela época a Rússia, aparentemente, caminhava unida contra o czarismo, mas estava dividida irrevogavelmente pela fossa abissal entre o capital e o trabalho, de maneira que, o povo que havia se levantado em armas contra o czar, não formava um todo, um único inquebrantável. Eis que, de um lado, capitalistas, e, do outro, operários e camponeses pobres, com outras palavras, de um lado, um diminuto número de ricos e, do outro, milhões de despossuídos e trabalhadores, a configurarem a existência concreta de duas nações.

Nesta perspectiva, havia naquele momento duas ‘guerras’ em andamento, a primeira era levada a termo no intestino do modo de produção feudal sobre o controle da família imperial, contra o domínio dessa família e dos aliados latifundiários; a segunda, desenrolava-se nas entranhas do futuro regime democrático burguês nascente diante dos olhos estupefactos da maioria do povo russo. Dito de outra forma, a primeira guerra era levada a cabo por todo o povo *pela liberdade e pela democracia burguesas*; e a segunda, dirigida pelo proletariado contra a burguesia e pela edificação e organização da sociedade socialista.

Neste campo minado, o *leninismo* aparece como um conjunto de formulações teóricas – transformadas após a morte de Lenin (janeiro de 1924) em doutrina política e econômica – fundadas no marxismo. Para o *leninismo* o marxismo é uma *práxis revolucionária* de uma determinada classe, o proletariado, voltada para a tomada do poder, com a participação dos

camponeses pobres: objetiva a destruição do modo de produção feudal-burguês russo, a construção da sociedade socialista – a primeira etapa da sociedade comunista. É sinonímia de *leninismo*, o *bolchevismo* e o *marxismo-leninismo*.

O *leninismo* torna-se a doutrina da ala esquerda majoritária do Partido Operário Social-Democrata Russo, os bolcheviques, adepta do marxismo estudado, analisado e predicado por Lenin nas condições objetivas da Rússia do final do século XIX e raiar do século XX. Os seus principais compromissos eram com os componentes do partido, a militância e o engajamento políticos, implementação integral do programa socialista, liderança proletária centralizada.

Enfim, é possível ainda apresentar o *leninismo*, segundo a rubrica utilizada – economia, filosofia, política, sociologia – como a teoria elaborada por Lenin estribada na experiência das lutas de classes na Rússia, a desenvolver o pensamento marxista, em primeiro lugar, no campo filosófico – o *materialismo dialético*; em segundo lugar, no campo político – a *teoria da luta de classes*; terceiro, no campo metodológico – a *questão da revolução e do comunismo*; em quarto lugar, no campo teórico – a *crítica revolucionária* aos principais intelectuais de sua época: Plekhánov, Kautski, Hilferding, Struve dentre outros.

## 2.4 – Um depoimento

Um controvertido *Georgiano*<sup>41</sup> conheceu Lenin em 1903 quando se encontrava deportado na Sibéria. A atuação revolucionária de Lenin nos últimos anos do século XIX e, sobretudo, depois de 1901, convenceu o *Georgiano* de que o movimento bolchevique tinha diante de si “um homem extraordinário” e que “quando comparado aos diversos dirigentes bolcheviques, não era

---

<sup>41</sup> DJUGACHVILI, Ióssif Vissarionóvitch (Stalin) (1879-1953), nasceu na Geórgia, na cidade de Gori, condado de Tífilis, era filho de sapateiros, tendo estudado no colégio religioso de Gori, passando depois ao seminário de Tífilis. Em 1898 ingressa no POSDR e no mesmo ano é expulso do Seminário por fazer propaganda do marxismo, adentra a ilegalidade e se transforma em revolucionário profissional. Ainda que possa ser contestado / negado, o *Georgiano* (i) foi um teórico e um propagandista do marxismo-leninismo, (ii) desempenhou um papel destacado na edificação do socialismo soviético ou bolchevique na ex-URSS, (iii) deu um combate sem trégua aos desvios de direita no seio do Partido Comunista da URSS. Stalin cometeu erros na interpretação do marxismo e chegou, até mesmo, perante a ordem Ocidental burguesa a cometer violações da legalidade socialista, tanto do ponto de vista do Leninismo quando do Partido. Mas sobre essas supostas violações uma pergunta permanece no ar, sem resposta, por que não há como dá-la: se não fosse Stalin o secretário geral do PCUS de 1924 a 1953, mas um outro, por exemplo, Kamenev, Bukharin ou Trotski teriam sido cometidas as mesmas “violações” diante da situação de guerra interna e externa na qual vivia a URSS entre 1924 e 1953?

simplesmente mais um dirigente mas uma espécie de ‘águia das montanhas’ a quem era alheio o medo da luta, um condutor audaz do partido para frente, por caminhos inexplorados do movimento revolucionário russo” (STALIN, 1981, p. 6).

Segundo aponta o *Georgiano*, Lenin sabia como ninguém escrever sobre as mais complexas questões com sensibilidade e clareza, com concisão e audácia, cada palavra sua mais que uma simples palavra soava como um disparo. Seus camaradas estavam convencidos de que em Lenin o Partido tinha realmente uma “águia das montanhas”.

Uma particularidade. É comum na historiografia dos povos que os heróis ou os “grandes homens” além de avantajados fisicamente sejam presunçosos e pedantes. Lenin decepcionava o padrão heróico e mítico ocidental, pois com ele ocorria exatamente o contrário, sua estatura era ‘inferior’ à media populacional russa, à ela somava-se a surpreendente modéstia como não se via e não se vê ainda hoje na quase totalidade dos “grande homens”.

Uma surpresa. Quando um “grande homem” vai adentrar o “palco” no qual discorrerá sobre verdades, certezas e dúvidas, há sempre alguém a advertir a maioria dos presentes: “Pssssiu!... silêncio... aí vem “fulano de tal”, o iluminado, o ‘messias’, o exegeta perfeito!

É sempre assim. Com Lenin as coisas se passavam em outra dimensão ou de outra forma. Ele sempre chagava às reuniões antes dos delegados e, “em determinados lugares, falava de modo sensível e natural com os delegados da Conferência. Não oculto que isto me parecia, então, uma infração de certas normas imprescindíveis – diz Stalin” (1981, p. 8).

Lenin era assim mesmo, gostava de passar despercebido, de não chamar a atenção como o fazem os “grandes homens”, de não sublinhar sua alta posição. A modéstia era uma das suas maiores virtudes, enquanto dirigente comunista e líder do proletariado russo.

Diante das vitórias postava-se sempre com uma prudência particular, admirável e invejável. A presunção nunca foi sua aliada e nem conselheira. Nas derrotas, exercia o papel de vencido sem choramingar, ele personificava a energia que impulsionava seus camaradas a novos combates, almejando sempre a vitória futura.

Incansável, Lenin repetia sempre aos camaradas para não se deixarem deslumbrar pela vitória e não se gabarem de ter vencido. Para ele, era preciso, antes de tudo, consolidar o êxito alcançado. Irônico, ironizava os bolcheviques sempre que predicavam ter derrotado para sempre

os mencheviques! Jamais zombar do inimigo ou de quem hoje foi vencido, era uma máxima que o acompanhava.

Outro traço peculiar do seu caráter: ponderação acurada sobre a força do inimigo ou sobre a correlação de forças numa dada contenda, necessária para colocar o Partido a salvo de quaisquer eventualidades decorrentes da ausência da “análise concreta da realidade concreta”.

A ‘política de princípios’ segundo exclamava, era ‘a única política acertada’. Em decorrência desta política, travou uma batalha sem quartel contra os mais diversos anticomunistas: revisionistas, liquidacionistas, anarquistas, trotskistas e fracionistas de orientação pequeno burguesa e claramente antagônicos ao marxismo revolucionário.

Lenin era um homem que não temia e não se distanciava das massas oprimidas. O temor às massas laboriosas, uma enfermidade que acomete a todos os intelectuais pequenos burgueses, tem como resultado drástico uma atitude aristocrática em relação ao proletariado, especialmente em relação aos operários e trabalhadores assalariados iniciados apenas no *abêcê* da história das revoluções. A conduta aristocrática ignora que sem eles não se poderia destruir o velho e construir o novo.

## **2.5 – O homem, o camarada, o líder**

Aqueles que conviveram com Lenin, aqueles que o conheceram de perto no convívio do lar ou privando do seu diminuto círculo de amigos e confidentes, sabiam que ele “pertencia ao pequeno número de pessoas que, tendo colocado perante si um objetivo, o perseguia inflexivelmente, sem desviar-se do caminho escolhido, sem temer dificuldades e perigos. A sua causa é o fim e interesse supremos. A causa de Lenin – *diz Maniacha* – era o trabalho revolucionário” (ULIÁNOVA, 1985, p. 110).

Em decorrência do trabalho revolucionário, Lenin lançou-se de forma tenaz, recorrente e obstinada à esquadrihar os livros com o objetivo de preparar-se não para a atividade diletante mas “para a atividade revolucionária” (ULIÁNOVA, 1985, p. 110).

Dedicado de corpo inteiro à luta revolucionária e à causa dos oprimidos urbanos e rurais da velha Rússia, Lenin não era um rigorista<sup>42</sup> e nem afetivamente seco, ao contrário, amava a vida em todas as suas manifestações, os seres humanos que amava, “os cercava de solicitude e atenção, era contagiosamente alegre e espirituoso entre os amigos” (ULIÁNOVA, 1985, p. 110).

Comovido com as condições de vida dos operários e camponeses pobres, determinadas pela autocracia, quando passeava nos bosques aproveitava a ocasião para falar com os camponeses sobre a sua vida, trabalho e necessidades. Semelhantes encontros alargavam-lhes o contato e o conhecimento das massas.

Segundo sua irmã Maria, os traços mais fortes da personalidade do homem Lenin, responsáveis pela sua forja como camarada e líder eram: simplicidade, modéstia, “disponibilidade e democratismo tanto na vida privada como nas relações com outras pessoas” (ULIÁNOVA, 1985, p. 116).

Vale acrescentar, a **ética revolucionária**, em Lenin, era uma decorrência “dos interesses e do envolvimento com a luta de classe do proletariado” (ULIÁNOVA, 1985, p. 116). Por isto, aplicava de forma rigorosa a si próprio, o princípio segundo o qual só na luta pela transformação da sociedade era possível a construção da **ética comunista**.

## 2.6 – O “ausente”

A obra de Lenin foi e é refratada no ambiente universitário. Esta reação negativa à Lenin é o reflexo da eleição do absoluto silêncio sobre esse revolucionário que escreveu sobre os mais variados assuntos, da filosofia ao amor livre e, sem o qual os operários, o destacamento mais avançado de todos os trabalhadores, poderiam e podem levar os povos oprimidos, re-incluindo hoje o povo russo, à vitória definitiva sobre as mais diversas formas de absolutismo e sobre o capitalismo.

E por que Lenin permanece ignorado?

---

<sup>42</sup> Rigorista, relativo ou próprio de rigorismo – qualidade de quem é rigoroso; rigorosidade; excessivo rigor; moral muito severa; tendência a optar por grande severidade de ordem moral; rigor no cumprimento do dever e dos compromissos.

Na verdade, ele permanece não apenas ignorado, mas “ilhado”, devido o desejo da quase totalidade dos intelectuais da ‘esquerda’ universitária. A mesma esquerda que hoje está comprometida, por caminhos diversos, com a tese perversa que aponta o capitalismo como destino inexorável da humanidade e, por isto faz com que não seja posta, nem de forma preliminar, a discussão sobre a **educação comunista** e quais os meios teóricos e práticos imprescindíveis à construção da **revolução socialista** como dois passos à frente para a edificação da **sociedade comunista**.

O pensamento de Lenin é necessário ao entendimento da logística do imperialismo norte-americano para o Brasil e da atuação política dos intelectuais “batidos em retirada”, que outrora predicavam a impossível retrogradação de uma sociedade socialista para as hostes do capitalismo mundial.

No âmbito político, Lenin foi, *par excellence*, um crítico intransigente do oportunismo e do revisionismo; e no nível filosófico, um ácido adversário do ecletismo e do idealismo, elementos teóricos não só pertinentes ao desenvolvimento do capitalismo na Rússia mas, fundamentalmente, ao desenvolvimento perverso do moderno capitalismo, ou imperialismo.

Ao contrário da *doxa* dos críticos, a obra leninista é um referencial fundamental ao desmascaramento dos intelectuais da burguesia, especialmente os modernos social-democratas que, ocultos numa pseudo-ultrapassagem do marxismo e vazados por uma sabedoria imaginária, manipulam a história e as teorias econômicas para com elas reafirmar a hegemonia do imperialismo norte-americano no contexto mundial.

O vigor da obra de Lenin, a meu juízo, reflexo da sua prática militante, ainda hoje, é um obstáculo ao “livre” caminhar teórico das vaniloquas ilações e dos falsos argumentos montados contra o marxismo. Argumentos que apontam a obra de Marx e Engels como inadequada à crítica do capitalismo brasileiro, vez que as condições objetivas e subjetivas desta sociedade mudaram com tal magnitude e com tal velocidade que mesmo homens geniais como Marx e Engels não poderiam acompanhá-las.

Todavia, permanece o imbróglio acadêmico a afirmar ter Lenin produzido sua obra apenas para dar conta da realidade russa e, obviamente, como contra-argumento às tendências não bolcheviques – populista, oportunista, revisionista e trotskista – que se exercitavam e ainda se

exercitam politicamente na campanha contra o marxismo revolucionário, o bolchevismo e o comunismo, ocultas na imaginária luta anti-estalinista.

## 2.7 - Leninismo<sup>43</sup> e Educação

Para os marxistas, os homens produzem sua história, tanto a partir do que lhes foi legado pelas gerações passadas como em virtude daquilo que constroem. O homem, construído pelo trabalho enquanto *práxis, crítica e revolucionária*, sob a moderna divisão do trabalho encontra-se desumanizado. O homem é produzido socialmente, portanto, o trabalho é o princípio sobre o qual ergue-se a **pedagogia** social e historicamente construída.

A escola é vista como espaço ambíguo da reprodução e da transformação possível, espaço de disputa entre o capital social (econômico) e o capital cultural. Destarte, é fato, a **educação** depende da economia e da política e, neste sentido, a **educação** é ato político a serviço de uma determinada economia política.

Apesar da queda do Muro de Berlim (1989) ter produzido um estranho consenso ideológico, falsamente afirmativo da derrota do socialismo diante de uma suposta e ufanista vitória do capitalismo ocidental no mundo inteiro, fato que provocou o fortalecimento dos ideais liberais capitalistas e da economia de mercado, não foi suficiente para afirmar a vitória unilateral do capitalismo. O socialismo permanece como a única esperança de uma efetiva e real distribuição de renda, democratização do saber, democratização do poder e ampliação dos ideais iluministas.

---

<sup>43</sup> *Leninismo* – é o conjunto de formulações teóricas – transformadas após a morte de Lenin (janeiro de 1924) em doutrina política e econômica – fundado no marxismo, do qual é extensão, elaborado por Lenin, pseudônimo de Vladímir Ilitch Uliánov (1870-1924), o principal líder da grande revolução russa de outubro de 1917. Para o leninismo, o marxismo é uma *práxis revolucionária* de uma determinada classe, voltada para a tomada do poder, para e pelo proletariado, com a participação dos camponeses pobres, objetivando a construção da sociedade socialista oposta ao capitalismo e primeira etapa da sociedade comunista. É sinônimo de leninismo, o *bolchevismo* e o *marxismo-leninismo*. Contudo, vale lembrar, o leninismo ainda pode ser compreendido como a doutrina da ala esquerda majoritária do Partido Operário Social-Democrata Russo, os bolcheviques ou *'bolchinstvó'*, adepta do marxismo estudado, analisado e predicado por Lenin às condições objetivas da Rússia do final do século XIX e raizar do século XX. Os seus principais compromissos eram com os componentes do partido, a militância e o engajamento políticos, implementação integral do programa socialista, liderança proletária centralizada. É possível ainda apresentar o leninismo, segundo a rubrica: economia, filosofia, política, sociologia, como sendo a teoria elaborada por Lenin que, baseada na experiência das lutas de classes na Rússia soviética, desenvolve o pensamento marxista, especialmente no concernente à *dialética materialista*, à *teoria do imperialismo*, à *questão do Estado* e à *práxis revolucionária*.



Destruir a possibilidade socialista significa cercear a subjetiva e objetivamente qualquer perspectiva de mudança radical na estrutura capitalista. Se o socialismo, *à la* bolchevique, precisa ser revisto histórica e teoricamente, por outro lado, ele não pode ser simplesmente negado, abandonado como vulgata da obra de Marx e Engels.

A crítica aos erros do *modus sovieticus* de implementação do socialismo é necessário, todavia, não significa desqualificá-lo como faziam, na extinta ex-URSS, elementos trotskistas, zinovievistas, bukharinistas e outros agentes da burguesia ‘nacional’ e internacional. Essa tentativa de desqualificação representa a negação do marxismo-leninismo, do movimento comunista internacional, empregando uma demagogia reacionária para manter inalterados os fundamentos da moderna sociedade capitalista.

A meu juízo, o socialismo enquanto etapa primeira da ‘sociedade comunista’, ainda é a alternativa política para a maior parte da população mundial extorquida e excluída. O socialismo permanece vivo e apesar das suas contradições quando levado à prática constitui, sem sombra de dúvidas, o fundamento da única democracia possível, cultural e política. Mecanismo único à construção da cidadania plena.

Posto isto, penso que no Brasil, o projeto de **educação**, universal, laica, obrigatória e gratuita, tem por base uma proposta destacada daquela pensada pelos iluministas e **jacobinos proletários**. Destarte, o grande desafio da **educação** brasileira atual consiste em produzir

(i) novas gerações portadoras de uma consciência crítica capaz de decifrar as políticas públicas de caráter populista, tecnicista, assistencialista e reacionário, bem como aquela de caráter demagógico e/ou social-democrata;

(ii) intelectuais engajados, militantes determinados, agentes da transformação social e da **educação** formal, ainda deambulando sobre as lógicas da exclusão e da submissão, **educação** transformada em trincheira popular coadjuvando o processo revolucionário, possível e indispensável a emancipação intelectual e libertação econômica do proletariado.

Em consequência disto, assumi como ponto de partida as seguintes teses:

(i) A contribuição de Lenin à questão da **educação política** e construção de uma **pedagogia revolucionária** é pertinente ao atual estágio da **educação política** brasileira;

(ii) Lenin faz avançar o marxismo à medida que consegue sistematizar e refletir a aplicabilidade da uma **pedagogia comunista** a partir dos fundamentos da concepção marxista de mundo e de educação;

(iii) A tentativa de implantação de uma **educação comunista** na nova sociedade que se constituía a partir de Revolução Bolchevique de 1917, penso ter sido uma constante na obra prática de Lenin. Tal **educação**, muito antes da Revolução de 1917, vinha sendo praticada no interior do Partido Comunista – este comparado por Lenin à uma ‘*grande escola*’ – e dos Sindicatos comunistas;

(iv) Entender, discutir e trabalhar a **educação política** na contracorrente da sociedade capitalista será um grande desafio. Neste sentido, na atividade acadêmica Lenin surge como um teórico rigoroso e indispensável à *Universitas*.

Ao usar outras lentes, não aquelas que me foram cedidas pelos dirigentes dos Partidos Comunistas – próprias à leitura de manuais impróprias à compreensão dos clássicos – vi ser possível dimensionar a existência de momentos na prática social de homens e mulheres, pressionados pela ideologia política capitalista, nos quais ‘evidências enferrujam, luzes se apagam’; nestes momentos, as pessoas não podem prescindir de ‘uma nova iluminação, novas regras de comportamento’, ainda que as contradições da sociedade apareçam como problemas inexoráveis seu equacionamento é possível. Em virtude, entendi como indispensável e imprescindível assumir algumas hipóteses:

(i) Urge uma reforma pedagógica, disto ninguém de sã consciência pode discordar. Contudo, me parece estar bem claro que nenhuma reforma pedagógica, verdadeiramente popular e democrática, será efetivada antes que a classe – *sujeito-objeto* do processo histórico – interessada no seu concurso assuma definitivamente o controle dos meios e dos instrumentos de produção material e intelectual.

(ii) Uma **educação** formal ou escolar que, diferente da atualmente hegemônica, contemple os interesses da classe operária e dos trabalhadores assalariados.

(iii) Uma nova **educação** é indispensável para que a classe social dominada, o proletariado, retire o mando dos meios e instrumentos, o Estado e seus aparelhos ideológicos / repressivos, das

mãos da burguesia (industrial, fundiária e financeira), assumindo-os para implementar o desmanche do velho sistema, *pari passu*, com a construção da nova sociedade.

Lenin sempre que podia chamava a atenção dos bolcheviques e dos operários com uma conhecida citação de Marx e Engels, retirada do *Manifesto do Partido Comunista*: A classe operária não pode simplesmente tomar posse da máquina estatal (burguesa) e colocá-la em marcha para (atender) seus próprios fins.

Para perquirir esta hipótese ou proposição admitida a título de princípio e a partir do qual poderia deduzir um conjunto de conseqüências, suposição pela qual a capacidade individual de imaginação do pesquisador pode antecipar o conhecimento, a fim de explicar ou fazer um prognóstico ou previsão da possível realização de um fato e a deduzir-lhe as conseqüências, procurei efetuar uma investigação escrupulosa esquadrinhando caminhos sobre os quais poderia caminhar a **educação política**.

Todavia, desde o ponto de partida até o ponto de chegada, assumi que não devia esquecer a pertinência de atender a exigência de que esta tese deveria ser capaz de contribuir efetivamente à reflexão sobre os escritos falsamente considerados como alienígenas à **educação brasileira**.

À execução dessa intenção considerei necessário fugir dos lugares comuns, das costumeiras respostas às questões acima suscitadas sempre encimados nos clássicos da **pedagogia moderna**, bem como busquei com cuidado, em Lenin, uma outra possibilidade de descrição e interpretação da realidade capitalista, necessária à transformação da sociedade e da **educação**.

É fato, a sociedade brasileira continua assentada sobre dois pilares histórica, material e socialmente construídos, pilares divergentes: a *burguesia* e o *proletariado* [acrescento suas nuances e fragmentações de classe]. Todavia, a desarticulação da razão somada a deserção ideológica de uma maioria considerável de intelectuais de esquerda, me levaram a colocar que se **educação oficial** não consegue deslindar os meandros da sociedade capitalista é porque ela (enquanto *institutio oratoria* de alguns luminares) permanece como “opíáceo” ideológico manipulado à obtenção da satisfação e sobrevivência plena das leis do mercado.

Não trato de explicar a prática social a partir das idéias, mas de explicar as *formações ideológicas* - as idéias, pensamentos, teorias - a partir da prática social material dos homens. O contrário me levaria a aceitar e assumir a ilusão de conceber o real como resultado do

pensamento, que se encontra em si mesmo, se aproxima em si mesmo e se movimenta por si mesmo.

Para além da mera crítica, objetivo contribuir para uma **pedagogia** necessária à desconstrução das teorias pedagógicas hegemônicas neste país – tradicional, tecnicista, escolanovista – e à construção coletiva de uma **pedagogia** segundo a qual a escola deixaria de ser o *locus* preferencial de formação em massa de personagens levados à condição de serviçais da classe dominante.

A meu juízo, é impossível a construção de uma **pedagogia revolucionária**, necessária à reforma pedagógica e/ou da educação brasileira, a partir unicamente da consciência dos intelectuais específicos. Essa pedagogia será produzida, coletivamente, pela classe operária, trabalhadores assalariados e seus intelectuais orgânicos. Salvo melhor juízo, qualquer outra situação “iluminada” não passa de reformismo pedagógico, portanto, conservador!

Estas exórdias foram postas como ante-sala da ‘procura’ deliberada pela localização da crítica à *reprodução* das relações de produção pelo sistema escolar, cuja função é reproduzir a sociedade capitalista; da *luta ideológica* (situada na disputa entre grupos ideológicos) com possível e limitada possibilidade da disputa pela hegemonia socialista; das posições que um intelectual marxista-leninista deve assumir no interior do sistema nacional de **educação**.

A leitura e re-leitura de algumas das principais obras de Lenin me fizeram compreender melhor a polémica sobre a **educação comunista** e compreender melhor ainda a luta interna e externa movida pela intelectualidade pequeno-burguesa e burguesa contra a prática social, política e histórica dos comunistas na Rússia do final do século XIX e início do século XX e, por extensão, na sociedade brasileira do século XXI.

A partir dessa leitura, passei a entender melhor que a prática social do ‘**educador comunista**’, que caminha e labora no controvertido caminho da Universidade Pública, presa aos interesses de grupos privados e de ‘fundações’, paradoxalmente, jamais estará condicionado aos limites impostos pela *Burocracia acadêmica*; limites restritos e adstritos à ordem burguesa

legalista, patrulhada por um Estado *à la* “Leviatã”, totalitário provido e dirigido por uma burocracia<sup>44</sup> sedenta de sinecuras e prebendas.

A meu julgamento, a solução dos problemas estruturais da escola e da **educação** passa, necessariamente, pela resolução / superação dos problemas estruturais da sociedade capitalista. Apesar de ser parte de um aparato ideológico de Estado, a **escola** é também um importante espaço na luta pela solução das contradições materiais e sociais imanentes ao capitalismo. Com efeito, a ambigüidade do aparato ideológico escolar me permite afirmar não ser a escola apenas mais uma peça no jogo sórdido de reprodução das idéias dominantes de uma época, mas também *locus* onde se trava a luta de classes.

Eis o paradoxo da **educação**: destinada à reprodução a escola serve, também, à transformação. Diante desta ambigüidade irrefutável, sou daqueles para quem permanece viva a crítica sobre os intelectuais que teimam em “acreditar” na resolução das questões educacionais no interior do próprio âmbito da **educação**... burguesa. Segundo eles, resolvidas as questões fulcrais da **educação** encerrar-se-iam todos os problemas da sociedade. Na verdade, o que fazem com tal

---

<sup>44</sup> Na moderna sociedade capitalista, especialmente a *burocracia* é a camada particular da sociedade que tem o poder vicário em suas mãos e/ou a quem a classe dominante atribuiu o exercício do poder de Estado e do gerenciamento dos seus interesses. A ligação, estreita e direta, da *burocracia* com a classe dominante na sociedade russa, segundo Lenin, tinha sido evidenciada “tanto pela história (*lembrem-se, a burocracia foi o primeiro instrumento político da burguesia usada contra os senhores feudais, contra os representantes do sistema da ‘antiga nobreza’ em geral*), como as próprias condições de formação e desenvolvimento dessa classe à qual só tem acesso burgueses ‘saídos do povo’ e vinculados a essa burguesia por milhares e fortíssimos laços” (LENIN, 1981, t. 1, p. 460). A *burocracia*, numa sociedade capitalista é, “tanto por sua origem histórica como por suas fontes contemporâneas e por sua missão, uma instituição pura e exclusivamente burguesa” (LENIN, 1981, t. 1, p. 460). Os intelectuais ligados à *burocracia* ou dela partes orgânicas, encarregados de conduzir, a Rússia do século XIX ou o Brasil do século XXI, “por outros caminhos, por não aderirem a nenhuma classe, não compreendem que são um zero à esquerda” (Id. *ibid.*, p. 461). A *burocracia* representa o *formalismo de Partido*, é a única e possível ‘consciência do Partido’, a ‘vontade do Partido’, o ‘poder do Partido’ como *corporação* ou instituição *particular*, fechada em si mesmo, o Partido *encerrado no Partido*, ‘mônada’ antipopular. E diante dos interesses da corporação (do tipo medieval), os interesses particulares, o “interesse geral” não pode ser mais que o ‘interesse particular’ dessa instituição. A *burocracia* é obrigada, pois, a proteger – não como propõe a doxa da choldra intelectualizada – a generalidade *imaginária* do [próprio] interesse particular, para proteger a particularidade do suposto interesse geral mas o seu próprio interesse. A *burocracia* usa o Partido como mecanismo de manifestação do seu poder imaginário e fugaz. Enquanto deterioração de parte do tecido social e partidário, ela representa a negação do princípio de Partido do qual Lenin tantas vezes falou. A *burocracia* acaba por transformar seu interesse ‘*imaginário*’ em sua própria existência – a *burocracia* se transforma em Partido, a *burocracia* é o Partido. A *burocracia* ao usar o Partido como meio de escalada morro acima, pratica uma clara, aberta e franca traição aos princípios marxista-leninistas. A *burocracia* enquanto formalismo de Partido acaba por constituir um poder real, seu próprio conteúdo *material*, torna-se então um tecido de ilusões *práticas* ou a ilusão do Partido. Os *burocratas* se transformam na “*Republique prêtre*”, como dizia Marx. O fenômeno da *burocracia*, de Lenin ao dias de hoje, é incontornável, sendo sua supressão apenas possível quando o interesse geral for transformado, realmente, em interesse particular.

apologia é olvidar o seguinte elenco de elementos que tão bem deveriam caracterizar a **educação** brasileira:

(i) Relação indissociável entre conhecimento metódico e sistematizado e a prática social política;

(ii) A realidade concreta como ponto de partida e de chegada do processo educativo e da prática científica;

(iii) Os conteúdos são definidos a partir das necessidades políticas;

(iv) O trabalho educativo a partir de atividades sistematizadas internamente e da militância organizada;

(v) O processo educativo só se concretiza a partir do conhecimento científico (inusitado para trabalhadores militantes dos partidos de esquerda) e da militância organizada (desorganizada será sem o devido acumplicimento com a teoria científica revolucionária: o marxismo-leninismo).

Por isto, penso sobre a necessidade de um outro estudo que, a meu juízo, deverá trazer outras e novas contribuições à polêmica do papel da **educação** numa sociedade capitalista: Partido *versus* Intelectuais. Mesmo porque, é necessário explicitar, de forma plena, as ‘verdades’ da filosofia e da epistemologia como ajuda à classe operária, aos trabalhadores assalariados e aos camponeses pobres; ajuda indispensável ao enfrentamento e erradicação das taras sociais postas e impostas pelo imperialismo, ao longo dos últimos séculos: doenças ‘incuráveis’, agentes químicos mutagênicos, armas letais de destruição em massa, etnocídio, genocídio, ‘epistemicídio’, etc..

A transigência com as concepções e métodos diversos não se justifica como crítica ao marxismo-leninismo, apresentado pela burguesia de forma pejorativa como *ratio* incoerente e retrógrada. Mesmo porque, a diversidade ou o pluralismo epistemológico, teórico e metodológico, o famoso *eclétismo*, tanto nas ciências sociais, como na filosofia e na **educação**, tal como penso, representa a confusão mental onde a estreita relação entre ciência e política, entre filosofia e partido, é diminuída e, grosso modo, mimetizada.

O *eclétismo*, enquanto diversionismo ideológico, é utilizado para apontar o marxismo-leninismo, única teoria escrita direcionada aos operários do mundo inteiro e contraposta à burguesia e o modo de produção capitalista, como a negação da singularidade e da *subjetividade*.

A diversidade ideológica, o pluralismo metodológico ou, simplesmente, o *eclétismo* – métodos mesclados reclamados como alternativa científica ao marxismo-leninismo – está carregado de possibilidades individualistas da filosofia idealista, da metafísica e das ciências sociais burguesas que não ajudam a clarificar e nem fundamentam a incompatibilidade, por exemplo, entre Marx – teórico *par excellence* da revolução – e outros pensadores não menos renomeados, mas conservadores e reacionários.

Sob o manto dessa diversidade, uma suposta unidade ou falsa complementaridade entre concepções de mundo antagônicas, que se refratam e se excluem, é ratificada como nova capa do diversionismo ideológico ou *eclétismo* apresentado sorrateiro na Universidade como contraponto à ideologia marxista-leninista. O *eclétismo* oculta a verdadeira intenção de seus apologistas, contudo, estabelece o consenso, o acordo, o pacto e a conciliação perdulários entre capital e trabalho.

Sem nenhum constrangimento, busca a formação de uma outra concepção de mundo, produzida e colocada para além do conflito idealismo *versus* materialismo, positivismo *versus* marxismo. Partindo de teses opostas ou de partes das concepções de mundo antagônicas, depurando-se dos elementos conservadores do positivismo e escoimando-se da *anima* revolucionária do marxismo, ergue-se hediondo o *eclétismo* ou o diversionismo ideológico.

Lenin (1986, t. 33, p. 21), no livro “*O Estado e a Revolução*”, sobre o *eclétismo* se manifesta com as seguintes palavras:

Como é possível unir numa mesma doutrina este panegírico da revolução violenta, insistentemente apresentada por Engels aos social-democratas de 1878 a 1894, isto é, até seus últimos dias de vida, com a teoria da ‘extinção’ do Estado?

Habitualmente unem-se ambas as coisas com a ajuda do *eclétismo*, tomando arbitrariamente (ou para agradar os detentores do poder), sem princípios ou de um modo sofisticado, ora um ora outro argumento. E em noventa e nove por cento dos casos, se não mais, avança-se para o primeiro plano precisamente o da ‘extinção’. A dialética é substituída pelo *eclétismo*: é a atitude mais habitual e mais geral entre os marxistas e nas publicações social-democratas de nossos dias. Esta substituição não tem, certamente, nada de novo: observou-se inclusive na história da filosofia clássica grega. Com a adaptação do marxismo ao oportunismo, o *eclétismo*, apresentado como marxismo, engana as massas com maior facilidade, dá uma satisfação aparente, parece levar em conta todos os aspectos do processo, todas as tendências

do desenvolvimento, todas as influências contraditórias, etc., quando, na realidade, não proporciona nenhuma concepção integral e revolucionária do processo de desenvolvimento social.

Neste sentido, se o método é a via expressa para chegar-se a algum lugar, previamente estabelecido, ou ao que existe fora da consciência humana e independente dela ou, ainda, caminho ao conhecimento ou “forma de procedimento segundo o qual realizam-se processos de pensamento e de ação”, pergunto:

O que é que se procura com o *ecletismo metodológico* na análise da sociedade e da **educação** que não são mais que meras abstrações? O que é que se procura com o método subjetivo abstrato incidindo-se sobre a realidade pensada, imaginadas, idealizada?

O que será que querem com métodos que abafam a *singularidade* (forma de ver e pensar a totalidade dialética) e se exerce sobre a *generalidade* que nada mais é que a justaposição de pedaços disjuntos ou fragmentos guindados à condição de “totalidade”?

É muito difícil não ver que a ciência é afetada ou quase que determinada pela economia política e/ou pelo meio político-social no qual foi produzida e no qual existe. Não é política e historicamente correto cair no messianismo científico, eis que seus frutos para chegarem às mãos dos operários e trabalhadores assalariados dependem, em grau elevado, da sua supremacia sobre os meios de produção e sobre os instrumentos da produção científica.

Não há estrada real sobre a qual construir-se-á uma nova sociedade e um novo homem, como não há estrada real à consecução da ciência e “só tem a probabilidade de chegar aos seus cumes luminosos, aqueles que enfrentarem a canseira para escalá-los por veredas e ruelas íngremes” (MARX, 1982a, p. 19).

Todavia, caminhando nas linhas e entrelinhas da obra de Lenin, tomei um grande cuidado para não construir um trabalho intelectual sobre um “leninismo imaginário” encimado num método de análise da **educação política** pensado, idealmente, para a sociedade brasileira, capitalista depende e periférica.

Cuidadosamente procurei escrever alguns comentários sobre os textos estudados da obra em questão, transformando o produto final num elemento necessário à subversão da lógica da **escola** capitalista reprodutora do díptico: exclusão e submissão.



O método trabalhado na investigação é aquele segundo o qual o correto é começar pelo concreto, síntese de múltiplas determinações, *ponto de partida* da observação imediata, da percepção e da representação e *ponto de chegada*. A partir dele, as críticas desenvolvidas não foram projetadas de fora para dentro da sociedade na qual ocorre o **processo dialético de educação**. Nesta perspectiva metodológica, se os críticos consideram a **educação** como neutra, quer dizer, depurada da política que por definição nada teria a ver com a **educação**, ao contrário, considero-a rigorosamente como *locus* onde é possível transmitir aos homens e mulheres trabalhadores o conhecimento que haverá de tirá-los da condição de oprimidos / extorquidos na qual permanecem por ‘ignorância ou covardia’.

Contrariando a forma de pensar oficial, não tratei de afirmar a **educação oficial** como ‘algo’ que retira homens e mulheres do ‘útero socrático’ e/ou da ‘caverna platônica’, nem de afirmá-la como espaço refratário aos movimentos contraditórios da sociedade, por isto mesmo, não trato de colocar na marra a luta de classes no seu interior. Entendo a **educação** como fulcro da ação pedagógica, expressão da luta de classes que, em última instância, a determina e constitui.

Neste sentido, a análise dialética da sociedade aponta dois caminhos para a educação, em primeiro lugar, ela é fator histórico da reprodução das relações sociais de produção capitalistas; em segundo lugar, pode ser ‘instrumento’ nas mãos do proletariado utilizado para edificar outra sociedade, ou ainda, arma sem a qual não será possível a consecução da sociedade comunista.

Seguindo esta linha de entendimento, repito, fui buscar em Lenin contribuições teóricas, políticas e filosóficas capazes de propiciar a construção de uma **teoria da educação** que aponte e reafirme a escola burguesa como local onde a educação, forma elevada de apreensão da realidade, não é para todos mas para uma pequena minoria.

Uma **teoria da educação** segundo a qual o ato de educar, ato político, é tarefa de Partido, teoria na qual ao ‘educador’ é vedada a neutralidade, pois sua prática social, sempre vazada por uma teoria reacionária ou por uma teoria revolucionária, circunscreve-se no âmbito da prática reacionária ou da prática revolucionária.

O objetivo absconso neste trabalho de doutoramento, parafraseando o ensaísta e poeta russo Dmitri Ivanovitch Píssarev, é coadjuvar a resolução de uma vez por todas o problema inelutável dos que têm fome e combater sem trégua e sem quartel os liberais e ‘progressistas’ que fazem

jogos malabarísticos com frases progressistas ou com uma fraseologia parva, em defesa da perpetuação e reprodução do capitalismo.

Por isto, minha hipótese central é que a obra de Lenin é, em primeiro lugar, imprescindível ao entendimento da realidade objetiva do estágio de desenvolvimento do capitalismo no início do século XXI; em segundo lugar, indispensável a construção doutra **teoria da educação** direcionada à edificação doutra formação social e econômica. Com efeito, minha hipótese me conduz ainda a questionar: Lenin seria mesmo imprescindível à construção de uma concepção de **educação** indispensável à **revolução** social neste país e neste Continente?

Se Lenin é indispensável à compreensão do capitalismo moderno em sua etapa imperialista, um projeto sério de **educação política** para o futuro, deve assimilar necessariamente sua obra enquanto **teoria revolucionária do devir revolucionário**?

## **SEGUNDA PARTE**

### **EDUCAÇÃO UMA QUESTÃO CRUCIAL**

Entre 1893 e 1905 as escolas oficiais russas viviam sob a hegemonia da concepção de mundo czarista-feudal-burocrática, neste mesmo período, o POSDR torna-se um Partido operário revolucionário e comunista.

No período 1905-1917, a Rússia viu florescer e crescer de forma lenta e gradual a burguesia ‘revolucionária’, fato demarcado pela primeira revolução democrática burguesa de 1905 e consolidado em fevereiro de 1917 com a segunda revolução democrática burguesa. Estas duas revoluções burguesas permitiram o ‘povo’ russo depor o czar e seus lugares-tenente, bem como desmontar a igreja oficial e expropriar os expropriadores de então.

Estas revoluções históricas foram sedimentadas com a revolução bolchevique de outubro de 1917, no bojo da qual foi levado a termo e a cabo, também, a expropriação da burguesia. Se for fato que com a revolução de 1905 ocorreram mudanças superestruturais do sistema monarquista-feudal da Rússia, por exemplo, a constituição da I Duma de Estado, fato suficiente para alterar o sistema educacional do povo russo, também era fato que, mesmo sob o controle de um governo provisório, posto a partir de fevereiro de 1917, permanecia hegemônica uma concepção dual de mundo, de sociedade, de homem e de educação.

*Mutatis mutandis*, a concepção burguesa de mundo e de homem no mundo era verossímil à anterior, diferindo apenas em sua forma vez que sua essência – a exploração do homem pelo homem – permanecia descarada e aberta, como bem caracterizaram Marx e Engels (1988, t. 4, p. 282-283) nesta passagem do ‘*Manifesto do Partido Comunista*’:

A burguesia onde conquistou o poder destruiu todas as relações feudais, patriarcais e idílicas. Todos os complexos e variados laços que prendiam o homem feudal aos seus ‘superiores naturais’, ela os despedaçou sem piedade para só deixar subsistir, de homem para homem, o laço frio do interesse, as duras exigências do ‘pagamento à vista’. Afogou na água gelada do cálculo egoísta os fervores sagrados da devoção mística, o entusiasmo cavalheiresco e sentimentalismo pequeno-burguês. Fez da dignidade pessoal um simples valor de troca; substituiu as numerosas liberdades conquistadas com tanto esforço, por uma só: a liberdade implacável de comércio. Numa palavra, no lugar da exploração velada por ilusões religiosas e políticas, a burguesia colocou a exploração aberta, descarada e direta, implacável.

A burguesia despojou de sua auréola todas as atividades até então reputadas veneráveis e encaradas com piedoso respeito. Fez do médico, do jurista, do poeta, do sábio seus servidores assalariados.

A burguesia rasgou o véu do sentimentalismo que envolvia as relações de família e reduziu-as a simples relações monetárias. (...)

Dissolvem-se todas as relações sociais antigas e cristalizadas com seu cortejo de concepções e de idéias secularmente veneradas; as relações que as substituem tornam-se antiquadas antes de se ossificar. Todo o hierárquico e estável se esfuma, todo o consagrado é profanado e os homens são obrigados finalmente a encarar sem ilusões a sua posição social e as suas relações recíprocas.

Destarte, não tem sentido estabelecer, ainda que de forma didática, a existência de um suposto ‘salto de qualidade’ do período czarista-feudal para o breve período do ‘reinado’ da burguesia russa. Historicamente este ‘salto possível’ não aconteceu, pois à sua antevisão como possibilidade real ocorreu o recrudescimento visível e implacável da reação contra os movimentos operários e camponeses, socialistas e comunistas.

A educação oficial, implementada pelos diversos aparatos ideológicos de Estado, deveria supostamente dissipar-se a partir da vitória da revolução bolchevique de Outubro de 1917 e sob a hegemonia proletária / camponesa / bolchevique. Sob essa hegemonia a educação conservadora assumiria outra dimensão política e ideológica, outra concepção de mundo e de homem no mundo, consubstanciando o que se adjetivou de **educação comunista**.

Desde 1893 Lenin manifestava uma preocupação significativa com a **educação política** do proletariado e dos camponeses pobres, voltada para enfrentamento e derrota da autocracia e que

alargasse este enfrentamento à burguesia com o objetivo de acabar com as classes sociais e edificar a sociedade comunista – em seu estágio inicial, o socialismo.

Não obstante, esquadrinhando suas referências à **educação política**, no período entre 1893 e 1917, mormente nos escritos nos quais ele faz alusão sobre a teoria como imperativo categórico à construção do movimento revolucionário e da **consciência comunista**, localizei discursos, passagens de artigos e cartas que tratam criticamente as correntes políticas hegemônicas na velha Rússia e, obviamente, hegemônicas no ambiente da educação.

É bem verdade que Lenin não se preocupou em dar uma definição à **educação** mas, tão somente, perquiriu seus fins e objetivos. Contudo, antes de anotar a definição sobre a qual tenho trabalhado, penso ser relevante comentar que a divisão do trabalho nas sociedades de classes conduz os intelectuais da educação, com raras exceções, à convicção de que tudo o que acontece em sua consciência independe do mundo material que os rodeia e determina.

Essa forma de ver o mundo e o homem no mundo, a sociedade e as relações estabelecidas entre os homens, tem levado esses intelectuais a tomar a imagem reflexa pela própria realidade. Assim, a *disputatio* acadêmica sobre a imagem refletida ser a realidade objetiva ou o produto da consciência, é uma demonstração de incompreensão histórica à medida que não conduz os disputantes à aceitarem a realidade objetiva como uma criação coletiva de homens e mulheres.

Essa *disputatio* em questão não é nova, não sendo, portanto, peculiaridade do século XXI. Quer me parecer ser ela mais uma característica das sociedades de classes onde, por motivos óbvios, a razão, o *logos*, a palavra, nada teria a ver com a prática, com a rua, com os fenômenos materiais.

Certamente, foi esta grosseira dicotomia que, outrora, fez Marx elaborar suas onze *Teses* ao filósofo alemão Ludwig Feuerbach e dentre elas uma, bastante conhecida, permanece atual: “os filósofos têm interpretado o mundo de diversas maneiras, no entanto, esqueceram que se trata de transformá-lo”.

Por suposto, ao considerar seus pensamentos como verdades sobrepostas à realidade material, os intelectuais da educação, repito, salvo raras exceções, transformam seus pensamentos em poderosas armas de **mistificação** apresentando ‘suas’ idéias, invariavelmente as idéias da classe dominante, como idéias acima das classes sociais, idéias úteis para todos. Essa prédica

estaria perfeita se a análise de Marx e Engels, lavrada na “*Sagrada Família*” e na “*Ideologia Alemã*”, não demonstrasse que a educação em sociedades capitalistas é um instrumento de fortalecimento do poder da burguesia, posto que propaga e inculca um conjunto de idéias adequadas à sua dominação política e à política de extorsão levada a efeito sobre a força de trabalho alheia. A mistificação levada a termo pelos ideólogos da burguesia e da pequena burguesia, permite a eles proclamar, aos quatro ventos, sua condição de estar acima dos interesses ou da luta de classes.

Dessarte, é por demais evidente que a **educação** nesta sociedade tem sido divulgada como processo de aplicação de métodos próprios para assegurar a formação e o desenvolvimento físico, intelectual e moral dos seres humanos. Grosso modo, confundida com a pedagogia (teoria da educação), a didática (técnicas de ensino) e com o próprio ato de ensinar e utilizar o conjunto dos métodos.

Com efeito, por ser uma palavra polissêmica, **educação** é também confundida com (i) conhecimento e observação dos costumes da vida social; (ii) civilidade, delicadeza, polidez, cortesia. Não obstante, para este escriba ela tem um duplo significado:

Em primeiro lugar, é um **processo de adaptação** às relações de produção existentes e que assegura aos filhos e filhas da classe dominante (e apaniguados da pequena burguesia) vantagens e privilégios, prebendas e sinecuras, próprias de sua classe. *Pari passu*, procura adaptar os filhos e filhas do proletariado ou da classe oprimida às condições de exploração e extorsão da sua existência.

E, em segundo lugar, pode ser uma **arma** na luta contra a exploração e a extorsão, instrumento moral e intelectual das novas gerações da classe operária – e de todos os jovens de outras classes que se ponham ao lado da causa do proletariado e dos camponeses pobres, os sem-terra – enquanto base organizacional do movimento revolucionário para construir o futuro socialista e comunista da humanidade.

Posto isto, os intelectuais da educação oficial na Rússia haviam incorporada a ilusão de que estabeleciam arbitrariamente os ideais educativos. Não conseguiam compreender que a sua atividade intelectual dependia, em última instância, das relações de produção feudais dominantes. Não consideravam, portanto, que não estavam a falar para ‘jovens em si’, idealizados, imaginados, virtuais, mas para jovens filhos e filhas de determinadas classes sociais e que, por isto

mesmo, cresceriam e se desenvolveriam sob determinadas relações sociais, sob as quais suas necessidades eram as necessidades da classe social à qual pertenciam.

Eles, simplesmente, acreditavam que educavam seres humanos, isto é, educavam indivíduos acima dos interesses e objetivos da classe social à qual pertenciam, e sem colocar diante de si mesmos um objetivo político claro e explícito. A partir de 1905, em virtude de uma mudança substancial nas relações de poder, quer me parecer que de forma tênue, acanhada, este objetivo político passou a ser a reforma pedagógica. Porém, os educadores oficiais do Estado russo, não entendiam que uma autêntica reforma pedagógica não poderia acontecer antes que o proletariado e o campesinato pobre, as classes que a reivindicavam, não tomassem em suas mãos o poder estatal e o poder sobre os meios e instrumentos de produção material e intelectual.

A **educação oficial** na Rússia de ontem, estava sobrecarregada da ideologia da classe dominante que negava a luta de classes; defendia os interesses da monarquia-feudal e da burguesia; condenava todas as menções às formas de conflitos sociais por constituíam ameaça real à ordem; enfim, afirmava que o desenvolvimento capitalista, avançando sorrateiro em território russo, reduziria as desigualdades entre as classes e conduziria a todos ao “reino da liberdade”.

A **educação** do proletariado e dos camponeses pobres era vista por Lenin como uma questão crucial, posto que, no *período czarista*, até fevereiro de 1917, a **educação** oficial desvinculada da realidade em geral, tinha uma fugaz relevância para análise social à medida que estava voltada apenas à reprodução e perpetuação das relações de dominação do poder czarista.

Lenin (1981, t. 5, p. 359), fazendo uso de sua análise sobre a literatura, dizia não ser a **educação** oficial uma **educação política**, na verdadeira acepção desta palavra à medida que não continha

um programa político determinado, nem revelava convicções; possuindo, isto sim, habilidade para acomodar-se ao tom e ao estado de coisas do momento, para arrastar-se ante os poderosos, cumprir toda ordem que emanava deles e tratar de congregar-se com algo que se assemelhe à opinião pública.

Para ele, não se podia dar o nome de **política**, no sentido estrito da palavra, a uma educação que no melhor das hipóteses se limitava “a recolher alguns pequenos feitos interessantes, porém não elaborados, e a lançar suspiros no lugar de *filosofar*. Não digo que não seja útil, porém não é política” (LENIN, 1981, t. 5, p. 358).

A **educação política** deveria estar calçada na realidade objetiva, vinculada aos interesses e demandas da classe operária e dos camponeses pobres, destarte, mantém sua linha e não teme marchar diante dos poderosos e do governo, é tremendamente útil, colaboradora insubstituível da agitação revolucionária contra a servidão imposta pelos latifundiários com o czar a frente e contra a nova servidão imposta pelos modernos ‘senhores’ capitalistas de escravos assalariados.

Enquanto a educação czarista e/ou oficial (feudal ou burguesa) acontecia por intermédio da escola oficial, a **educação política** era questão e tarefa do Partido revolucionário do proletariado erigido sobre fundamentos e bases ideológicas, científicas e filosóficas, elaboradas pelos bolcheviques. A rigor, a **educação comunista** estava indissociavelmente ligada à questão da ‘propaganda’ das idéias comunistas e dos ideais de Marx e Engels e dos democratas revolucionários russos do século XIX.

## **Capítulo 1º : A SITUAÇÃO ECONÔMICA E SOCIAL DA JUVENTUDE NO CAPITALISMO**

Seria por demais imprudente perquirir as contribuições de Lenin à educação ignorando, por completo ou em absoluto, a realidade concreta da Rússia do século XIX. Portanto, impõe-se a necessidade de destacar o processo de desenvolvimento econômico no qual estava imersa a Rússia no final do século XIX, que gerava determinadas condições materiais e intelectuais – estas indispensáveis à compreensão e análise crítica da educação revolucionária –, assim como favorecia o desenvolvimento da luta de classe do proletariado consciente da imprescindibilidade de construção de uma organização partidária como elemento central na transformação da sociedade.

País atrasado, a Rússia encerrava um desenvolvimento que, ao final do século XIX, poderia ser apontado, tal como foi escrito por Lenin em 1899, quando toma como ponto de partida uma tese de Marx, lavrada no “*O Capital, livro 1, vol. 1, seção sétima, capítulo. XXIV*”, segundo a qual a tendência fundamental do capitalismo, para além de cindir as populações em duas classes sociais antagônicas – burguesia e proletariado, incrementava a miséria, a opressão, o subjugamento, a humilhação e a exploração da “massa” de operários e camponeses pobres.



Tese contra a qual iriam jogar-se todos os ideólogos pequenos burgueses, oportunistas e críticos agrupados em torno do revisionismo da obra de Marx e Engels. Neste revisionismo eram explícitas as objeções liberais dos politicastos à teoria da depauperação claramente delineada n’“*O Capital*”. Com efeito, nessa obra Marx aponta e define a *tendência* incontornável e inexorável do modo de produção capitalista.

É certo que as palavras de Marx ou suas conclusões acerca da depauperação do proletariado sob as leis do mercado capitalista, demonstraram-se corretas ao longo dos últimos dois séculos à medida que o “incremento da miséria” mundial é incontestavelmente mais acentuado que o denunciado por Engels “*Na Situação da Classe Trabalhadora na Inglaterra*”, ou em 1899 quando Lenin elabora suas denúncias: incremento da ausência de *relação inversa* entre a situação da burguesia e as condições desumanas em que vivia e vive o grosso do proletariado mundial.

A *relação inversa*, a qual me reporto, aumento de riqueza da burguesia e incremento da pobres do proletariado, ainda que possa parecer um paradoxo, na verdade refere-se ao aumento da riqueza e a redução das margens de pobreza. Eis que sob a atual política econômica a relação entre miséria e pobreza é direita, isto é, mais riqueza, menos ricos, mais pobreza, mais miseráveis.

Na verdade, a situação da classe operária e/ou dos países que vivem nas zonas limítrofes do capitalismo central e imperial está vazada por uma contradição insolúvel sob os marcos deste tipo de economia: o nível das exigências vai crescendo, mais e mais, ao par com o aumento da produtividade da força de trabalho e a ausência de perspectivas futuras para o conjunto dos operários e trabalhadores assalariados.

No “*O censo de kustares de 1894-1895 na província de Perm e os problemas gerais da indústria kustar*”, ou, simplesmente, censo sobre os problemas gerais da indústria kustar<sup>45</sup>, Lenin (1981, t. 2, p. 380) destacava que

---

<sup>45</sup> Este termo era empregado para designar o pequeno produtor de mercadorias ocupado na produção doméstica destinada à venda no mercado. Lenin ressaltou o caráter não científico deste termo tradicional russo, à medida que significava tanto o produtor que trabalha para o mercado como o artesão que o faz para o mercado. Todavia, os tradutores russos das Obras Completas optaram por manter a tradução do termo *kustar* (*kustares*, *indústria kustar*) designando, como o fez Lenin, o pequeno produtor de mercadorias e a pequena indústria que trabalhava unicamente para o mercado.

os ‘vínculos com a agricultura’, segundo os dados do censo, repercutem muito diretamente no nível de *instrução elementar* dos *kustares*; - *lamentavelmente*, não foi investigado o nível de instrução elementar dos operários assalariados. Resulta que entre a população não agrícola há mais pessoas alfabetizadas que entre a população agrícola, circunstância que se observa em todos os subgrupos sem exceção, tanto entre os homens como entre as mulheres.

Quando ele apresenta, *in extenso*, os dados do censo sobre esta questão, aqui resumidos, ele o faz dividindo a população russa em dois grupos, *agricultores* e *não agricultores*. O percentual de homens alfabetizados do primeiro grupo era de 36%, enquanto os do segundo correspondia a 49%. Por sua vez, as mulheres alfabetizadas do primeiro grupo eram de 10% e do segundo, 30%.

É interessante assinalar que na população *não agrícola*, o número de pessoas alfabetizadas ou que sabiam ler e escrever, aumentava com maior rapidez entre as mulheres que entre os homens. Neste sentido,

a porcentagem de homens alfabetizados é, no grupo II, de 1.5 a 2 vezes maior que no I, enquanto que nas mulheres é de 2.5 a 5 vezes maior. Resumindo, as conclusões que o censo de *kustares* de 1894-1895 acerca da ‘agricultura em sua vinculação com a indústria’ oferecem, comprovam que os vínculos com a agricultura: 1. mantém as formas mais atrasadas da indústria e freiam o desenvolvimento econômico; 2. faz diminuir os salários e receitas dos *kustares*, de modo que os subgrupos *mais* acomodados de agricultores patrões ganhem, em conjunto e em média, menos que os subgrupos de *operários assalariados* que se encontram em pior situação entre os não agricultores, sem falar dos patrões não agricultores. Em comparação com os *operários assalariados* do grupo I, os patrões destes têm receitas muito baixas, que só em reduzidíssimas proporções são superiores ao salário dos operários e por vezes inferiores; 3. retarda o desenvolvimento cultural da população que tem um nível de necessidades mais baixo e está muito atrasado em relação aos não agricultores com *instrução elementar* (LENIN, 1981, t. 2, p. 381).

Se por um lado, bolcheviques e comunistas revolucionários se propunham acabar ou libertar o ‘povo’ da miséria, por outro lado, consideravam imprescindível conhecer com

profundidade as causas determinantes da miséria, da penúria e da opressão sob as quais estava condenada a imensa massa do povo no presente sistema político, econômico, social.<sup>46</sup>

Esta era e é a moderna, cruel, dolorosa e hedionda realidade capitalista: camponeses expulsos da terra, morrendo de fome e operários vagueando pelas ruas sem trabalho, enquanto latifundiários exportam milhões de toneladas de trigo, milho, soja, carne de frango etc., e capitalistas, nas fábricas, demitam e ameacem parar (*lockout*) “porque não conseguem vender nenhuma parte de suas mercadorias?” (LENIN, 1981, t. 7, p. 148).

Oculto detrás de grandes discursos e efemérides, saraus e colóquios culturais, este quadro dantesco permanece crescendo incontido, sem freios, sem meias medidas, sem contraponto ou obstáculo concreto, antes de tudo,

é porque a totalidade absoluta das terras, das fábricas, das grandes indústrias, das máquinas (instrumentos de produção), dos trens, dos navios, dos aviões, dos bancos, etc., permanece nas mãos de uns poucos capitalistas. Exatamente por isto, os operários e trabalhadores assalariados continuam trabalhando para um punhado de ricos em troca de um ‘pedaço de pão ou de uma mísera cesta básica (adequada apenas a perpetuação da espécie e reprodução). E tudo o que produzem, depois de cobrir seus míseros salários, vai parar nas escarcelas dos ricos como lucro e renda (LENIN, 1981, t. 7, p. 148).

É correto dizer, em primeiro lugar, que “em todos os Estados atuais a miséria do povo nasce do fato de que os trabalhadores produzem todos os artigos com destino a venda (*artigos com valor de troca e nem sempre com valor de uso*), com destino ao mercado capitalista” (LENIN, 1981, t. 7, p. 149) (itálicos são meus).

E, em segundo lugar, que ano após ano, mais e mais camponeses pobres ou sem-terra são obrigados a abandonar suas casa e seu torrão natal, migrarem para as grandes ‘*metrópolis*’ nas

---

<sup>46</sup> Penso ser possível fazer uma analogia do hoje brasileiro, com o ontem russo, tomando por base a lavra de Lenin, vejamos: cresciam as ricas cidades ou, pelo menos, as partes ricas das cidades, novas máquinas e nova tecnologia eram investidas nas indústrias e na agricultura, enquanto milhões de trabalhadores, homens e mulheres do povo, camponeses sem-terra não conseguiam sair da miséria e seguiam trabalhando toda sua vida para sustentar a duras penas a sua família. O número de trabalhadores desempregados era / é cada vez maior. Aumentava / aumenta constantemente, na cidade e no campo, o contingente de pessoas que não lograva / não logra encontrar nenhum emprego. No campo, essas pessoas sofriam / sofrem fome e perseguições dos terratenentes, de suas terras são expulsas. Nas cidades, engordavam / engordam as estatísticas oficiais sobre grupos desocupados, moradores de rua e ‘criminosos’, sobrevivendo amontoados como animais em cubículos nos arrabaldes ou em ‘sótãos’ de tugúrios espantosos. Como é possível explicar que, ainda hoje, cento e dez anos depois que Lenin escreveu o texto acima, no Brasil milhões de homens e mulheres trabalhadores, que criam com seu trabalho as riquezas e o luxo que os ricos desfrutam no *dolce far niente*, permaneçam na pobreza e na penúria?

quais são convertidos em trabalhadores assalariados, operários, peões, jornaleiros, policiais, entregadores, desempregados, criminosos.

Segundo Lenin (1981, t. 7, p. 150), só há um meio de acabar com a penúria e a opressão econômica,

para por um fim à miséria do povo não há outro caminho senão trocar de cima para baixo o regime existente (...) e implantar o *regime socialista*, é dizer, quitar, arrebatando dos latifundiários suas propriedades, aos industriais suas fábricas e aos banqueiros seus capitais, suprimir sua propriedade privada e colocá-la nas mãos de todo o povo trabalhador.

Lamentavelmente, desde que Lenin (1981, t. 7, p. 174) escreveu “*Aos Pobres do Campo*”, a burguesia – industrial, financeira e fundiária – procura difundir e inculcar no maior número de proletários a crença na possibilidade de livrar-se “da pobreza sem necessidade de lutar contra a burguesia, confie em sua diligência, em sua frugalidade, em sua possibilidade de enriquecer”. Os capitalistas empenham-se, com a ajuda clara de governos reacionários, em alentar no proletariado, nos trabalhadores assalariados e nos camponeses pobres “fé e esperança enganosas, para enganá-los com todo o gênero de palavras melosas” (LENIN, 1981, t. 7, p. 174).

Como descobrir se a classe burguesa engana os trabalhadores urbanos e rurais? É simples, fazendo apenas três perguntas que, a meu julgamento, deveriam ser repetidas, anos após ano como conteúdo programático de ‘estudos sociais’ nas mais diversas escolas e/ou instituições de ensino:

1) Podem os trabalhadores urbanos e rurais, o povo em geral, livrar-se definitivamente do fenômeno da fome quando quatro quintos das terras cultiváveis deste país estão nas mãos de umas poucas famílias de latifundiários?

2) Podem livrar-se da fome e da penúria quando a burguesia fundiária continua cada vez mais oprimindo os camponeses pobres e enriquecendo-se com o trabalho alheio?

3) Podem livrar-se da fome e da penúria quando a principal força que impulsiona a sociedade é “o dinheiro”, onde tudo pode ser comprado com dinheiro, inclusive os homens convertidos em escravos assalariados?

Como admoestava Lenin (1981, t. 7, p. 175), estas perguntas não são possíveis de responder e não poderão ser evitadas com doces palavras sobre, por exemplo, a ‘cooperação’ porque, a rigor, contesta ele: “A verdadeira cooperação que pode salvar o povo trabalhador é a

aliança dos *pobres do campo* com os operários (*os pobres*) *das cidades*, para lutar contra toda a burguesia. E quanto mais cedo ocorrer esta aliança, mais cedo se darão conta quão enganosas são as promessas burguesas”.

Mas disto a educação oficial não trata. É cultura inútil, fora de moda. Discurso extemporâneo! É extemporâneo afirmar, *mutatis mutandis*, que ‘*os pobres do campo*’ e os *pobres das cidades* ainda vivem “humilhados pela pobreza e pela miséria, embotados por eternos trabalhos forçados que realizam para os capitalistas e latifundiários; a miúdo nem sequer dispõem de tempo para pensar por que vivem condenados à perpétua privação e como poderiam livrar-se dela” (LENIN, 1981, t. 7, p. 146).

Por todos os meios políticos os operários e camponeses pobres ou sem-terra são impedidos de efetivar sua união numa única organização partidária revolucionária. Mediante a ‘política do látigo e do pão doce’, os oprimidos são mantidos dispersos e entorpecidos, ‘embriagados’, mediante, também, o uso adicional da violência descarada e brutal”, inclusive negando trabalho a quem predica / pratica a doutrina socialista.

Mas, o otimismo da razão proclama: “Nem a violência nem a perseguição serão capazes de deter os operários proletários (sic!) que lutam pela grandiosa causa de libertar a todo o povo trabalhador da miséria e da opressão” (LENIN, 1981, t. 7, p. 146).

É neste contexto de luta entre a miséria real do proletariado e a sua necessária libertação deste estado caótico de desesperança que a **educação revolucionária** deve ter montada ou remontada sua estrutura ou, como diria Marx, que se deve injetar “sangue” no esqueleto e por à discussão sua função política no intestino de uma sociedade reacionária como a sociedade brasileira.

Em cima da realidade que se agigantava, os operários lutavam unidos por uma vida melhor, mesmo porque, como diziam, já haviam permitido que os saqueassem por muito tempo. Se esta era a realidade concreta da Rússia de Lenin (1981, t. 7, p. 138), também era real e concreto que os operários quisessem

lograr uma organização nova e melhor da sociedade, na qual não haja ricos e nem pobres e na qual todos tenham que trabalhar. Que não seja um punhado de ricos, senão todos os trabalhadores que se aproveitem dos frutos do trabalho de todos. Que as máquinas e outros aperfeiçoamentos facilitem o trabalho de todos e não sirvam para enriquecer a uns poucos às

custas de milhões e milhões de homens do povo. Esta sociedade nova e melhor se chama *sociedade socialista*. A doutrina que trata desta sociedade se chama *socialismo*. Os agrupamentos de operários constituídos para lutar por esta organização melhor da sociedade se denominam partidos *social-democratas*.

Essa era a realidade daquela sociedade e do movimento operário que nela estava organizado no sentido de suprimir a exploração do homem pelo homem, sem prescindir da **educação** como meio indispensável à apropriação do conhecimento que os dominadores dominavam e sem o qual, também a meu julgamento, os dominados não conseguirão pôr a termo a dominação burguesa e a dominação em geral.

Há uma tese de Lenin, ainda hoje incômoda aos donos do poder, na qual ele postula ser uma conquista muito importante para os operários e trabalhadores assalariados, especialmente para os camponeses pobres, a educação pública e gratuita de todas as crianças e de todos os adolescentes.

Ainda hoje, há menos escolas na área rural que nas grandes cidades, além disto, tanto nas cidades como no campo, apenas os ricos, a burguesia e os latifundiários possuem as condições materiais, financeiras, indispensáveis à aquisição de uma educação de qualidade para seus filhos. É justo dizer, então, que apenas a educação pública, gratuita e de qualidade, para todas as crianças e adolescentes – filhos e filhas da classe operária, dos trabalhadores assalariados e dos camponeses pobres – pode fazer com que o grosso da população saia do estádio de ignorância em que se encontra.

A realidade russa da época em questão é apresentada como sendo tão crítica e caótica e tomando corpo de tal forma que a burguesia, supostamente superior a autocracia, demonstrava ser tão velhaca e venal como nos tempos da servidão; a incapacidade política, a incultura, a carência de preparação eram traços indelévels da “oficialidade russa ao passo com o atraso, a ignorância, o analfabetismo e a ‘embriaguez’ da massa camponesa” (LENIN, 1982, t. 9, p. 157).

Desta realidade depreende-se outra certeza solidamente arraigada: na Rússia não se podia esperar nenhuma revolução em virtude (i) da inércia dos camponeses, de sua fé no czar e da fé no padroado; (ii) do fato de que “os descontentes não passavam de um punhado, capaz de provocar *putschs* (pequenos barulhos) e atentados terroristas, porém não uma insurreição geral” (Id. *ibid.*, p. 160).; (iii) do intelectual russo que só abrigava “sentimentos revolucionários até os trinta anos,

passados os quais se sentia muito à vontade no aprazível retiro de um posto de Estado e a maior parte dos turbulentos acabam por converter-se em funcionários de escasso mérito” (Id. *ibid.*).

Com efeito, o somatório destes traços era uma decorrência ‘natural’, como já disse, da situação ou do estado de insciência da maioria da população e da falta de uma teoria integral, coerente e conseqüente. Sem sombra de dúvidas, ‘nas zonas limítrofes’ do capitalismo, isto é, nos países onde o capitalismo cresce sem peias, o incremento da miséria assume proporções massivas e dantes inimagináveis, com uma particularidade “não se trata apenas de ‘miséria social’, senão da mais terrível miséria física, chegando inclusive à fome e à morte por inanição” (LENIN, 1981, t. 4, p. 233). Todo mundo sabe que isto tanto se aplicava à Rússia do século XIX, quanto se aplica a qualquer outro país capitalista do século XXI..

Certo de que a situação da Rússia no plano econômico e social não diferia em muito da situação dos países periféricos do capitalismo central, Lenin (1981, t. 4, p. 233) culmina por dizer:

As palavras incremento da miséria, da opressão, do subjugamento, de humilhações e de exploração, devem, a nosso juízo, figurar sem falta no Programa; em primeiro lugar, porque definem com todo acerto os traços fundamentais e essenciais do capitalismo e assinalam esse processo que se desenvolve ante nós e que é uma das causas principais que engendram o movimento operário na Rússia; em segundo lugar, (...) porquanto resumem uma série de fenômenos que são os que mais oprimem e (...) os que mais indignam as massas operárias (*o desemprego, os baixos salários, a subalimentação, a fome, a disciplina draconiana do capital, a prostituição, o aumento do número de subservientes, etc.*); em terceiro lugar, porque com esta exata exposição do efeito funesto do capitalismo e da necessidade, diante da indignação operária, de estabelecermos uma divisória entre nós e essa gente que nada entre duas águas e que, ‘simpatizando’ com o proletariado e exigindo ‘reformas’ que lhes beneficie, tratam de manter-se no ‘justo meio’ entre o proletariado e a burguesia.

Sobre esta citação de Lenin, devo considerar que qualquer semelhança com a situação do proletariado dos mais diversos países da América Latina, neste início de século, exatamente no ano 2003, terá sido mera coincidência(?) ou então serão estes fenômenos isolados ou em conjunto traços genéticos do capitalismo. Com efeito, as coincidências entre fatos históricos de épocas distantes e/ou mais recentes são abundantes, mormente quando se coteja o pretérito com o presente.

Para Lenin a divisória entre os comunistas e os populistas, entre os revolucionários e os oportunistas era particularmente necessária à construção de um Partido Operário unido e coeso e que deveria lutar de forma firme e resoluta pela liberdade política e pelo socialismo. Ele insistia na análise concreta da velha Rússia, no após Reforma de 1861, indispensável a consolidação das idéias social-democratas e à constituição do Partido Operário. Neste sentido, depois que o incremento da miséria foi considerado ao par com a exacerbação das riquezas, como tendência central do capitalismo, era preciso, neste quadro, definir a luta de classe do proletariado,

assinalando mais uma vez o objetivo da mesma (a transformação de todos os meios de produção em propriedade social e a substituição de produção capitalista pela produção socialista), o caráter internacional do movimento operário, o caráter *político* da luta de classes e o seu objetivo *imediate* (a conquista da liberdade política) (LENIN, 1981, t. 4, p. 234).

Tal como ontem, hoje tem importância central assumir que a luta pela **emancipação intelectual e libertação política** da classe operária – ainda presa a dogmas exóticos e reacionários – ainda é a mais urgente tarefa das organizações partidárias e sindicais do conjunto do proletariado e trabalhadores assalariados. Neste sentido, Lenin considerava indispensável evidenciar o caráter de classe do absolutismo russo (a ocorrer tanto como a tirania imperial, como a aristocracia ou plutocracia) e “mostrar a necessidade de derrotá-lo, não só em benefício da classe operária, senão também em benefício de todo o desenvolvimento social” (LENIN, 1981, t. 4, p. 235).

O que parece ser contraditório, a relação benefício da classe operária e benefício do desenvolvimento social, na verdade, para Lenin (1981, t. 4, p. 235), sob o ponto de vista das idéias de Marx e Engels, estava claro “os interesses do desenvolvimento social sobrepõem-se aos interesses do proletariado, os interesses de todo o movimento operário em seu conjunto estão acima dos interesses de tal ou qual camada de operários, de tal ou qual aspecto do movimento”.

## **1.1 – A fome: conteúdo da educação**

Falácias pronunciadas em séculos passados sobre a necessidade de erradicação da fome – este flagelo mundial que o capitalismo não só não erradicou mas, pelo contrário, o agravou – ainda são utilizadas para justificar o falso combate a fome que se alastra pelas vastas dimensões



de países de tamanho continental. Há uma crítica de Lenin (1983, t. 21, p. 126) no texto “*A fome e a Duma reacionária*” que, a meu critério, pode ser utilizada contra quaisquer campanhas neoliberais de combate a fome e rotuladas de ‘fome zero’, à medida que inexiste uma ‘nova política agrária’:

Não faz muito tempo, sob a influência da colheita do ano passado, periodistas venais auguravam orgulhosos os benéficos resultados da ‘nova política agrária’, e, fazendo-lhes coro, alguns ingênuos sustentavam que se havia produzido uma mudança em nossa agricultura e que esta se achava em ascensão em todo o país.

Contrariando esse discurso ufanista e irreal, a verdadeira situação da vida no campo, determinada pela política agrária de Stolipin<sup>47</sup> revelava a olhos nus, não a erradicação da fome mas sua recrudescência, somada à ruína massiva dos camponeses e o enriquecimento da burguesia rural. Nenhum efeito benéfico aos camponeses pobres fora observado como fruto da ‘política agrária stolipiniana’, salvo os 30 milhões de pessoas famintas. Diante das transformações no campo, impulsionadas pela gula czarista-latifundiária, um dano maior aos camponeses pobres ocorreria, como realmente ocorreu, com a destruição de suas comunidades implementada por Stolipin, a partir de Novembro de 1906.

Tal fato, observado por Lenin (1981, t. 3, p. 160), no “*O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*”, se configurava como uma espécie de ‘*enrichissez-vous*’ russo: “membros das centúrias negras, camponeses ricos! Roubai quanto queirais à condição de que apoieis o absolutismo moribundo”.

Vale apontar, a reforma agrária *à la* Stolipin representou a criação de uma ‘ponta de lança’ do czarismo no meio rural: os *kulaks*. Essa reforma foi efetivada pelo decreto czarista de 09 de Novembro de 1906, aprovado pela Duma e pelo Conselho de Estado e transmutada em lei há 14 de junho de 1910. A rigor, a ‘reforma stolipiniana’ intensificou (i) a desagregação do campesinato pobre russo, (ii) intensificou o desenvolvimento do capitalismo rural ou a agricultura capitalista,

---

<sup>47</sup> STOLIPIN, P.A. (1862-1911): latifundiário dos mais influentes no governo russo, foi Presidente do Conselho de Ministros e Ministro do Interior da Rússia de 1906 a 1911. Assassinado em Kiev, em 1911, por um socialista revolucionário. O nome de Stolipin está associado a um período da história russa onde imperou a reação política mais cruel e com ampla utilização da pena de morte como meio de sufocamento do movimento revolucionário. A ‘reação stolipiniana’ entre os anos de 1907 e 1910, passou para a história como uma das mais dantescas campanhas político-policialescas movidas contra os revolucionários de todos os matizes na Rússia. Sob uma proposta do ‘carrasco’ Stolipin, o czar Nicolas II dissolveu a II Duma de Estado e promulgou em 3 de junho de 1907 uma lei eleitoral casuística que assegurava a maioria dos assentos no parlamento russo aos contra-revolucionários.

(iii) incrementou a diferenciação o seio do campesinato; (iv) e agudizou a luta de classes no campo.

No “*O programa agrário da social-democracia na primeira revolução russa de 1905 a 1907*”, Lenin (1983, t. 16) debruçou-se sobre as conseqüências dessa reforma, atribuindo a ela sua devida valoração histórica, política e econômica. Como não poderia deixar de ser, esses quatro aspectos da reforma de Stolipin exacerbaram as contradições do campo e com drásticos resultados: o tifo, o escorbuto, a ingestão de carne putrefacta arrebatada aos cachorros, os restos de pão misturados a esterco mostrados nas sessões da Duma de Estado, nada disto existia para os defensores dos interesses da grande burguesia e dos terratenentes que administravam as grandes fazendas capitalistas.

Ontem como hoje, para os direitistas, palavra de ministro era e é lei. De maneira que, ofuscados pelo ouro das metáforas palacianas, os políticos não se percebiam que

a luta efetiva contra a fome é inconcebível sem eliminar a escassez de terra nas mãos do campesinato, sem aliviar o fardo das cargas fiscais que esgotam os camponeses, sem **eleva** **o seu nível cultura**, sem modificar resolutamente sua situação jurídica, sem confiscar as terras dos terratenentes, *sem a revolução* (LENIN, 1983, t. 21, p. 129).

Ontem como hoje, a política agrária feudal somada a uma má colheita incrementava a emigração, a miséria e mortes no campo, por extensão, inchaço das cidades, bairros insalubres, desemprego, mais miséria e morte nas metrópoles. A coisa parece ser de difícil resolução ou erradicação sob a República burguesa.

Na sexta Conferência do POSDR, realizada em Praga entre 5 e 17 de janeiro de 1912, Lenin (1983, t. 21, p. 135) se manifesta com um projeto de resolução com o qual denunciava a política agrária do governo, à medida que ela “além de não gerar relações estáveis no campo, não conseguiu liberar a população camponesa da fome massiva, o que refletia um extremo pioramento da situação da população e uma imensa perda de forças produtivas”.

Ainda nesta Conferência, ele deixa lavrado o fato de que “a fome que sofriam milhões de camponeses na Rússia evidencia uma vez mais a situação absolutamente insuportável e inconcebível em qualquer país civilizado do mundo, das massas de camponeses pobres, oprimidos pelo czarismo e pela classe de terratenentes feudais” (LENIN, 1983, t. 21, p. 156).

Na verdade, o estado de penúria determinado pela situação de fome que se abate, hoje em dia, sobre populações humanas inteiras, apenas ratifica a crítica leninista e confirma o fracasso da política agrária de determinados governos e a impossibilidade de garantir, por exemplo, um desenvolvimento burguês normal, enquanto suas políticas em geral e suas políticas agrárias em particular sejam dirigidas pela classe dos terratenentes feudais, que dominam por intermédio dos partidos de direita a principal força motriz dos Paramentos.

Não há aqui nenhuma tentativa de cotejar a constituição da Duma de Estado na Rússia com a constituição do Parlamento burguês no Brasil, até porque, se alguma verossimilhança é apontada foi devido a rebeldia de minha mão ao ‘centralismo burocrático’ do cérebro.

#### A fome como conteúdo da **educação**?

Certamente, pois, salvo melhor juízo, a fome e, decorrente dela, o medo e a esperança, compõem a tríade hedionda da forma mais esdrúxula da moderna escravização. Nesta polêmica, Lenin (1983, t. 21, p. 213) refere-se a fome

a calamidade que suporta o povo e mostra de golpe a verdadeira essência da nossa ordem social, pretendida como ‘civilizada’: com formas diferentes, dentro de uma envoltura distinta e com uma ‘cultura’ diferente, este regime é a *antiga escravidão*, a escravidão de milhões de trabalhadores nos altares da riqueza, do luxo e do parasitismo dos dez mil ‘de cima’. Por um lado, trabalho penoso e eterno, de escravos, e por outro, absoluta indiferença dos ricos pela sorte dos escravos.

A pergunta é: por que continuam persistindo vagas de fome medieval, *pari passu* com o sofisticado desenvolvimento da ciência e da tecnologia nas modernas metrópoles ocidentais?

Vivo fosse, certamente Lenin (1983, t. 21, p. 214) responderia sem nenhuma evasiva:

Por que o novo vampiro – o capital – se desenvolve sobre os camponeses russos numa situação em que estão atados de pés e mãos pelos terratenentes, pela autocracia czarista, latifundiária, feudal. Saqueados pelos latifundiários, oprimidos pela arbitrariedade dos funcionários, envoltos nas redes das restrições policiais, acoados e perseguidos, agrilhoados pela moderna vigilância de *gendarmes*, padres e chefes dos *zemstvo*<sup>48</sup>, os camponeses estão indefesos frente às calamidades e o capital, como os selvagens da África.

---

<sup>48</sup> Assim era chamada a administração autônoma local dirigida pela nobreza nas principais províncias centrais da Rússia czarista. O *zemstvo* foi instituído em 1864, três anos após a Reforma camponesa. Vale salientar, suas

A fome, este terrível flagelo humano, me conduziu a seguinte reflexão: se for verdade que apenas nos países selvagens se pode hoje encontrar casos de gente que morre de fome em massa, como ocorria na Rússia do século XX, então o que é o Brasil senão um país ‘atrasado’, subdesenvolvido vez que nele se constata mortes de milhares de pessoas por absoluta privação de alimentos em quantidade e qualidade?

Devo ressaltar que o verbete selvagem, a meu juízo, é impróprio para caracterizar uma relação inerente ao capitalismo periférico, além do que encerra preconceito quando se refere aos países fora do eixo imperialista central. Consultando os oráculos do vernáculo pátrio, encontrei uma gama de adjetivos para o verbete ‘selvagem’. Eles quando manuseados têm sido usados para preconceituar e/ou qualificar pessoas, grupos sociais ou países como atrasados em decorrência da natureza estrutural da economia política sob a qual vivem.

Por selvagem subentende-se (i) o não civilizado; (ii) próprio das selvas; (iii) o inculto; (iv) o que vive longe dos aglomerados de pessoas civilizadas; (v) o que nasce, cresce e vive sem cultura ou que nasce e se desenvolve de forma indisciplinada e sem controle, sem regras, sem orientação prévia; (vi) o que ainda não foi domesticado; (vii) o indivíduo de civilização primitiva; o nômade: indivíduo que cultiva a solidão, evita o convívio social; (viii) enfim, todo indivíduo que tem algo de rude, de grosseiro, ou que é intratável, segundo a etiqueta burguesa.

Em linguagem leninista, a contradição do fenômeno da fome contemporânea, encoberto pelos discursos jactanciosos do governo sobre os benefícios de sua política agrária e de sua política de ‘fome zero’, não decorre apenas do atraso social e/ou dos erros de má administração de economia política, mas evidencia que se a fome destruirá milhões de vidas, a rigor, também destruirá os últimos vestígios da ‘fé’ passadista, ignara e escrava no governo e no capitalismo, que impede os operários e camponeses pobres compreender a necessidade e a inevitabilidade da luta revolucionária contra o capital e o latifúndio.

Os governos esquecem que para os operários e camponeses pobres só lhes restam uma única saída: erradicar a propriedade privada e o latifúndio, ato que só poderá ser operado por uma *revolução socialista*.

---

atividades eram controlados pelo governadores e pelo Ministério do Interior que poderiam anular qualquer acordo considerado indesejável ou pernicioso à política econômica do governo central.

Contudo, diante da situação aguda em que se encontrava a Rússia autocrática e diante das constantes vacilações de membros destacados do movimento social democrata, mais especificamente do POSDR, Lenin (1981, t. 4, p. 235) contra-atacava afirmando ser necessário direcionar a luta contra (i) “as intenções do governo autocrático de corromper e obnubilar a consciência política do povo mediante tutelas burocráticas e falsas dádivas, mediante essa política demagógica a que os camaradas alemães deram o nome de ‘*Peitsche und Zuckerbrot*’<sup>49</sup>”.

A política do ‘látego e do pão doce’ não é desconhecida, em primeiro lugar, ela revela cruéis perseguições perpetradas contra quem, a despeito das dádivas, seguia e segue lutando pela liberdade política, pelo direito de pensar e dizer sem censura ou licença prévia. Por sua vez, o látego sempre foi “utilizado para intimidar a tornar ‘inofensivos’ aqueles que lutavam, honrada e conscientemente, pela causa dos operários e pela causa do povo” (LENIN, 1981, t. 4, p. 236).

Em segundo lugar, a Rússia como todo país capitalista, também viveu (alguns ainda vivem!) a ‘política do pão doce’ como dádiva concedida “a quem para obter melhoras parciais na situação material renuncia às suas reivindicações políticas e segue sendo submisso escravo da arbitrariedade”; esta política é utilizada “para atrair os débeis, para suborná-los e corrompê-los” (LENIN, 1981, t. 4, p. 235-236).

Para superar a política do ‘látego’ e do ‘pão doce’, Lenin conclamava a união dos social-democratas e o proletariado na luta sistemática contra o caráter demagógico das reformas burguesas do Governo por não atenderem as demandas da classe operária, contudo, apontava a necessidade de utilizá-las para fortalecer posições de combate, ampliar e aprofundar as ações do movimento operário.

Uma pequena observação. Ainda hoje há milhões de trabalhadores urbanos e rurais e de camponeses sem terra que estão submetidos ao fenômeno crônico<sup>50</sup> da fome. Enquanto os governos continuam destinando bilhões de dólares para obsequiar capitalistas e banqueiros internacionais, ao mesmo tempo regateiam migalhas às famintas vítimas da incoseqüência e da ignomínia dos politicastos. É oportuno e necessário recordar e evidenciar a magnitude do custo

---

<sup>49</sup> Látego e pão *doce* conforme a tradução da Editora.

<sup>50</sup> Este fenômeno também foi observado no Brasil já nos idos dos anos 40 do século XX e muito bem relatado nas obras do professor Josué de Castro. Algumas dessas obras, como “Ensaio de Biologia Social” e o “Livro Negro da Fome” foram tiradas de circulação pelos esbirros da ditadura civil-burocrático-militar brasileira instalada à 01 de abril de 1964.

real para o povo das políticas que se sucedem implementadas por Governos que servem absolutos aos interesses das classes privilegiadas dizendo trabalhar para o bem de todos e felicidade geral da Nação.

Diria mais ainda, os elementos mais avançados do proletariado e da intelectualidade – organizados e disciplinados, escoimados do azinhavre do individualismo e do espírito anarcóide – devem desfraldar a velha consigna “democrática geral, para agrupar em seu redor todas as camadas sociais e todos os elementos capazes de lutar (*e que querem lutar*) pela liberdade política ou de apoiar, ainda que só isto, essa luta por quaisquer meios” (LENIN, 1981, t. 4, p. 236).

Lenin (1981, t. 4, p. 248) reclamava que os comunistas não poderiam ficar impassíveis ou assumir uma atitude de espectadores indiferentes ante a fome que castiga e extermina camponeses pobres, operários e trabalhadores assalariados, desempregados dentre outros excluídos do processo produtivo. E mais ainda, parecia a ele ser impossível “supor que havia alguém disposto a afirmar ser possível prestar uma ajuda séria aos famintos sem recorrer à medidas revolucionárias”.

A sofisticada ilustração de Lenin e sua ocupação com as coisas da revolução não lhe possibilitaram antever a possibilidade de construir na Rússia sob o czarismo ou sob o governo provisório burguês, um programa político de erradicação da fome dos “pobres do campo” e das cidades (uma espécie antecipada da demagogia *neoliberal* chamada “Fome Zero”).

Na verdade, a capacidade de resolver o impossível de ser resolvido nos marcos do capitalismo, isto é, a fome, o desemprego, a miséria e a violência urbana e rural, a história reservou não para os liberais do século XIX, mas supostamente para seus herdeiros do século XXI, os *neoliberais*. Estes como os populistas e oportunistas russos do século XIX conseguiram fazer moradia no seio da esquerda social democrata para iludir e enganar o proletariado e os trabalhadores assalariados.

Nada disto seria surpreendente se Lenin (1981, t. 4, p. 250) não tivesse escrito que a esquerda guarda ainda uma forma de entorpecimento levado a termo pelas supervivências da sociedade anterior, permanentes em sua consciência, e necessárias ao desenvolvimento ulterior do capitalismo. Se for fato que “estas supervivências estão extraordinariamente arraigadas” na consciência social, então também é fato “que não se pode esperar que a supressão das mesmas seja muito rápida”.



## Capítulo 2º : O MOVIMENTO REVOLUCIONÁRIO ENTRE A JUVENTUDE NA RÚSSIA CZARISTA

### 2.1 – Estudantes e o Movimento Operário

Ao abordar as tarefas da juventude revolucionária, contrariando os indiferentes ideológicos e os oportunistas teóricos, Lenin (1981, t. 7, p. 356) resgatava as palavras do periódico *Student*<sup>51</sup> e reconhecia que

o sentimento revolucionário não pode criar *por si só* a unificação ideológica dos estudantes e que para este fim é imprescindível um *ideal socialista* que se apóia em uma outra concepção de mundo, (...) uma concepção ‘concreta e cabal’, (...) predicando sobre uma base justa o problema dos meios necessários para revolucionar os estudantes.

Vale salientar, uma parte dos intelectuais russos se manifestava explicitamente contra a necessidade de uma ideologia concreta e cabal para a unificação ideológica dos estudantes e com um argumento deveras especioso dizia que em decorrência do fato notório de que “entre os estudantes havia e não poderia deixar de haver grupos muito diferentes por suas condições sociais e materiais, portanto com opiniões político-sociais” também diferentes” (LENIN, 1981, t. 7, p. 357).

Para Lenin (1981, t. 5, p. 356-357) era necessário extrair da ação dos social-democratas, uma lição renovada

no poderio do movimento operário que dirigimos, observando que a agitação na classe revolucionária de vanguarda se propaga a outras classes e camadas da sociedade, e que já conduziu, não apenas ao auge jamais visto do espírito revolucionário entre os **estudantes** mas também ao início do despertar da aldeia, e o robustecimento da confiança em si mesmos e disposição para a luta em grupos sociais que (como grupos) permanecem até agora sensíveis.

Lenin (1981, t. 5, p. 357) reportava-se sobre o espírito revolucionário penetrando o ambiente estudantil, a agitação crescente nos meios estudantis, a formação de grupos estudantis

---

<sup>51</sup> *Student* (Estudante) periódico do estudantado revolucionário, que circulou em Genebra entre abril e setembro de 1903 com apenas três números.



revolucionários uma peça da história a atribuir aos estudantes o papel de co-promotor no choque decisivo, “seja como for, para vencer esse choque é imprescindível o impulso das massas, e era dever ocupar-nos o quanto antes de sua consciência, seu entusiasmo e sua organização”.

Sobre isto, Lenin (1981, t. 6, p. 75) fez a seguinte autocrítica:

Devemos culpar-nos do nosso atraso a respeito do movimento de massas, de não haver sabido organizar denúncias suficientemente vastas, sugestivas e rápidas contra todas essas ignomínias. Se o fazemos (e devemos e podemos), o operário mais atrasado compreenderá ou *sentirá* que o **estudante** e o membro de uma seita religiosa, o mujik e o escritor são maltratados e atropelados por essa mesma força tenebrosa que tanto o oprime e o subjuga em cada passo de sua vida. Ao senti-lo, ele mesmo quererá reagir, sentirá um desejo irresistível de fazê-lo; e então saberá armar, hoje, um escândalo contra os censores, e amanhã manifestar-se perante a casa do governado que sufocou um levantamento de camponeses, dar depois de amanhã uma lição aos *gendarmes* com sotaina que exercem a função da santa inquisição, etc.

Contra os apaziguadores dos estudantes, conclamava os bolcheviques a encorajarem os estudantes

que começavam a entender a necessidade da luta política e a empreenderam, ao mesmo tempo, que fustigamos a ‘bárbara incompreensão’ dos partidários do **movimento** ‘exclusivamente **universitário**’ e exortam aos estudantes a não participar nas manifestações de rua; temos denunciado os ‘sonhos absurdos’ e a ‘hipocrisia falaz’ dos astutos liberais (...) e, por outra, temos destacado a furiosa repressão do Governo (..) contra pacíficos literatos, contra velhos catedráticos e cientistas (...); temos revelado o verdadeiro sentido o programa ‘de patronato do Estado para melhorar as condições de vida dos operários’ e celebrado ‘preciosa confissão’ de que mais vale prevenir com reformas de cima as demandas de baixo do que esperar a este último (LENIN, 1981, t. 6, p. 100).

Fazia falta um comitê de ‘revolucionários’ profissionais, de modo que, contra aqueles que desdenhavam dessa conclamação afirmando que um comitê estudantil não convinha ao movimento revolucionário, por ser politicamente instável, Lenin (1981, t. 6, p. 129) sublinhava ser essa crítica absolutamente justa, embora

a conclusão que se deduz daí consiste em que faz falta um *comitê* de *revolucionários* profissionais, sem que importe se são estudantes ou operários as pessoas capazes de forjarem-se como *revolucionários* profissionais. Vocês, em troca, tiram a conclusão de que não se deve

estimular do exterior o movimento operário. Na vossa ingenuidade política, não se dão contas sequer de que assim fazeis o jogo dos (...) economistas (...). Permitam-me uma pergunta: Como têm ‘estimulado’ os nossos estudantes, até agora, os nossos operários? *Unicamente* transmitindo-lhes retalhos de conhecimentos políticos que possuíam, as migalhas de idéias socialistas que puderam adquirir (pois o principal alimento espiritual do estudante de nossos dias, o marxismo legal, não podia dar-lhes mais que o abecedário, mais que migalhas).

A propósito, não se tratava apenas de dirigir uma luta de estudantes e de operários por seus interesses espontâneos e imediatos, se tratava, rigorosamente, da participação possível e necessária, especificamente dos **estudantes** (sem esquecer os diversos setores da sociedade) na luta pela derrocada da autocracia. E mais, para Lenin (1981, t. 6, p. 91), se os bolcheviques queriam assumir a condição de vanguarda, não só podiam, como “deviam dirigir sem falta *esta* atividade enérgica dos diversos setores de oposição”.

Em seu total apoio aos estudantes, sua preocupação era, especialmente, quanto a atuação das forças reacionárias a contra ação assumida pelos bolcheviques à medida que, para ele, não deveria ser limitada apenas à difusão de idéias mas, fundamentalmente, à implementar a **educação política** do povo e conquistar aliados políticos para o enfrentamento final com as forças czaristas e feudais. Os bolcheviques além de propagandistas coletivos e agitadores políticos deveriam ser também organizadores coletivos, para tanto, deveriam trabalhar sobre um tripé inolvidável: **educação** (organização), **propaganda**, **agitação**.

O periódico dos bolcheviques era comparado por Lenin (1981, t. 5, p. 11), em “*Por onde começar?*”, à construção de um edifício:

os andaimes que se levantam ao lado de um edifício em construção, que assinalam seus contornos, facilitam as relações entre os distintos construtores, lhes ajudam a distribuir a tarefa e a observar os resultados gerais alcançados pelo trabalho organizado. (...) Com a ajuda do periódico, e em ligação com ele, se irá formando por si mesma uma organização permanente que se ocupe não só no trabalho local, senão também no trabalho geral regular; que habitue seus membros a seguir atentamente os acontecimentos políticos, a apreciar seu significado e sua influência sobre os distintos setores da população, a conceber os meios mais adequados para que o Partido revolucionário influa nestes acontecimentos.

Lenin (1981, t. 5, p. 12) predicava aos camaradas do Partido uma tarefa relativamente fácil: “apoiar os estudantes que se manifestavam nas ruas das grandes cidades”, como preparação

psicológica para uma tarefa difícil do amanhã, qual seja: “apoiar o movimento de operários sem trabalho numa região determinada. Passado o amanhã – *dizia ele* – teremos que estar em nosso posto para participar de um modo revolucionário em um levante camponês”.

A **tarefa de educar** do Partido, caminhava no sentido de apontar aos militantes, operários e camponeses pobres, que

a autocracia não cairia exclusivamente pelo assédio acertado ou por um assalto organizado. Tal ponto de vista seria um doutrinário insensato. Ao contrário, é plenamente possível, e historicamente muito mais provável, que a autocracia caia sob a pressão de uma dessas explosões espontâneas ou complicações políticas imprevistas, que ameaçam sempre por todas as partes. Porém, nenhum partido político pode, sem cair no aventureirismo, basear sua atividade em semelhantes explosões e complicações. Nos outros devemos seguir nosso caminho e realizar sem esmorecimento nosso labor sistemático (*educar, propagandear, agitar, organizar*). E quanto menos contemos com o inesperado, tanto mais provável será que não nos pegue desprevenida nenhuma ‘mudança histórica’ (LENIN, 1981, t. 5, p. 13).

O problema do oportunismo, reformismo e do revisionismo é que após falarem de energia revolucionária e de luta ativa pela derrocada da burguesia, acabam se desviando para a mera e simples luta econômica e/ou sindical. Dessa fuga estratégica, dizia Lenin (1981, t. 6, p. 91), chegamos a compreensão

que não podemos dirigir a luta dos estudantes (...), pelos seus ‘interesses imediatos’, porém (...) não se tratava disto (...) tratava-se da participação possível e necessária das diferentes camadas sociais no derrube da autocracia e essa ‘atividade energética’ dos diversos setores da oposição não só podemos como devemos dirigi-la sem falta se quisermos ser a ‘vanguarda’ (...) *Nós* devemos assumir a tarefa de organizar a luta política, sob a direção de *nosso* partido, de forma tão múltipla que todos os setores de oposição possam prestar, e prestem de verdade, a esta luta e a este Partido a ajuda que podem. *Nós* devemos fazer dos militantes social-democratas dedicados ao trabalho prático líderes políticos que saibam dirigir todas as manifestações desta luta múltipla, que saibam, no momento necessário, ‘ditar um programa positivo de ação’ aos **estudantes** em efervescência, aos descontentes (...), aos mestres de escolas lesionados em seus interesses, etc..

No folheto “*Carta a um Camarada*”<sup>52</sup>, ao tratar sobre as tarefas de organização, escrita em 1902, Lenin (1981, t. 7, p. 7) reconheceu: “a falta de **educação revolucionária** não só dos operários senão também dos intelectuais é efetivamente um dos principais defeitos (...) de nosso Partido”.

A **educação revolucionária**, isto é, o domínio da teoria marxista – verdades teóricas, teses práticas, enfim, conteúdo de caráter filosófico político – era indispensável à formação de quadros do Partido, os ‘melhores revolucionários’, aos quais competia cumprir funções especiais como educação, propaganda, agitação, etc..

A arte da organização e da propaganda, em face da condição de ilegalidade do Partido, desenvolvida pelos bolcheviques não deveria ser uma decorrência do uso da força do poder mas da força do prestígio e da persuasão teórica, auferida pela coerência entre a prática social e uma maior diversidade de conhecimentos teóricos propiciados pela **educação revolucionária**.

Lenin (1981, t. 7, p. 16) dedicava atenção à **educação** dos operários, para ele tinha importância especial a criação dos ‘círculos de fábrica’ nos quais os bolcheviques deveriam dedicar-se ao **ensino da teoria**, bem como tratar da questão organizacional dos operários, mormente “nas grandes fábricas”. O objetivo desses “*círculos de fábrica* era transformar cada fábrica numa ‘fortaleza’ bolchevique”.

Aos que se iniciavam na luta política, como na educação, Lenin (1981, t. 7, p. 16) predicava a necessidade de ‘empreendimentos de ordem prática’, quer dizer, os jovens necessitavam ser orientados às atividades de ordem prática, que ainda hoje são relegadas ao segundo plano em comparação com a peregrinação dos estudantes pelos círculos que, de maneira otimista, deram o nome de ‘propaganda’ de um partido e/ou de uma teoria. Cada dia ficava mais “claro que para desempenhar seriamente tarefas práticas se torna necessária uma sólida preparação consciente (*teórica*), porém, apesar de tudo, neste terreno resulta mais fácil encontrar trabalho para os principiantes”.

A questão da **educação** e da sua difusão no seio do proletariado de um número cada vez maior de grandes fábricas, bem como no meio do campesinato pobre, destinava-se também a contraposição da fala dos populistas e ‘marxistas legais’ que rechaçavam de forma decidida e

---

<sup>52</sup> Resposta contestação a uma carta de um social-democrata de Petersburgo, na qual Lenin crítica a organização do trabalho dos bolcheviques desta cidade.

incondicionalmente ser “a revolução violenta preferível à reforma pacífica. Os mais decididos revolucionários russos, dizem, preferem, por princípio, a via pacífica, e nenhuma doutrina poderia sufocar esta gloriosa tradição” (LENIN, 1981, t. 7, p. 31).

Se essa fala era entendida como falsa e/ou como raciocínio forçado sem correspondência com a realidade, caberia não a simples propaganda mas à **educação**, disciplinada e rigorosa, demonstrar que cada “escravo insurrecto tinha direito a dizer que ela seria preferível a paz com o senhor de escravos, enquanto que o escravo que renunciou a rebelar-se cai numa hipocrisia oprobriosa quando repete essas mesmas palavras” (LENIN, 1981, t. 7, p. 42).

Pela **educação revolucionária** – o dirigente ideológico do proletariado – as ‘massas’ trabalhadoras iriam compreender que a luta pela libertação dos escravos não foi um ato de caridade dos escravistas mas a luta de classes dos escravos contra o poder que os escravizava e para quem, no melhor dos casos, eles não passavam de ‘máquinas animadas’ e/ou ‘máquinas falantes’.

Assim, a **educação** era o momento no qual os ‘educadores’ trabalhariam duas questões básicas: a reforma pacífica da sociedade feudal russa direcionada à constituição do capitalismo e a luta revolucionária encabeçada pelo proletariado contra a autocracia e pela derrocada do capitalismo, no sentido da edificação da sociedade comunista. Posto, os ‘educadores bolcheviques’ estavam diante de uma encruzilhada histórica: *reforma ou revolução*.

Enquanto os ‘marxistas legais’ apelando para a tradição da intelectualidade russa, optavam pelas *reformas*, por outro lado, sintonizados com o espírito insurrecional do proletariado russo em virtude do crescente ‘boom’ revolucionário na Rússia, Lenin (1981, t. 7, p. 42) e os marxistas revolucionários davam uma enorme e vital importância à discussão contextualizada do último parágrafo do *Manifesto do Partido Comunista*, dizia ele:

Nos basta recordar que trinta anos depois do *Manifesto*, quando os operários alemães foram privados de uma pequena parte dos direitos que jamais o povo russo desfrutara, Engels deu a Dühring a seguinte réplica: para o senhor Dühring a violência é a maldade absoluta: para ele, o primo ato de força é o pecado original, e todo seu alegado se reduz a um sermão ‘jeremíaco’ sobre o contágio de toda a história, até os nossos dias, com o pecado original, e sobre o infame falseamento de todas as leis naturais e sociais por esse poder satânico que é a violência. (...) Porém (...) com as palavras de Marx, a violência desempenha também na história outro papel

muito distinto, o de parteira de toda sociedade antiga que leva em suas entranhas outra nova, de instrumento por meio do qual vence o movimento social e despedaça as formas políticas fossilizadas e mortas.

Continuando, Engels lembra que o senhor Dühring, sobre a fala de Marx acima descrita, nada disse, apenas desgraçadamente afirmou que “a violência desmoraliza sempre a quem a emprega. E diz isto, apesar do alto vôo moral e espiritual que tem sido sempre a consequência de toda revolução triunfante” (LENIN, 1981, t. 7, p. 42).

Destarte, os intelectuais que pensavam como o senhor Dühring, isto é, tinham um modo de pensar sem alento e sem força, eram pregadores – como sábios que ignoram e não sabem que ignoram –, pretendiam impor ao ensinamento da história que alberga revoluções como vetor das derrotas dos nacionalismos estreitos e do servilismo ignominioso, táticas reformistas oportunistas, traidoras dos interesses do proletariado e do campesinato pobre da Rússia czarista.

Como chegar ou como levar tal conhecimento ao proletariado e ao campesinato pobre, senão pela **educação** em seu sentido mais amplo?

Esta era a preocupação de Lenin (1981, t. 7, p. 43) e dos marxistas revolucionários à medida que eles tinham pela frente uma atroz e difícil contenda, combater de forma implacável “o aventureirismo (e a politicagem) dos socialistas-revolucionários, tanto nos problemas teóricos como no aspecto da luta de classes”.

Entendendo o **processo educacional** geral como *locus* privilegiado e indispensável de contato, informação, apreensão, análise e interpretação da realidade objetiva, natureza e a história (das relações de produção), Lenin (1981, t. 7, p. 43) propunha a necessidade de compreender que a união dos que lutavam contra a exploração czarista / capitalista não seria lograda (i) com politiquice – a política utilizada para os fins das minorias; (ii) e nem “com a mentira convencional do mútuo reconhecimento diplomático”; senão participando organicamente na luta, mediante uma efetiva e inabalável *unidade* de pensamento, ação (tática + estratégia) e objetivo.

Sobre isto, Lenin desenvolve a tese na qual apenas os que confundem a política com a politiquice podem pensar que a polêmica, a querela, cujo tom é sempre de intransigência quanto aos princípios “são capazes de impedir uma autêntica aliança política” (LENIN, 1981, t. 7, p. 44).

O **processo educacional** levado a termo, por meio do Partido, deve gradualmente ir adentrando os meandros contraditórios da realidade social, política e econômica, para demonstrar com parcimônia que a efetiva participação na luta do proletariado contra a autocracia e o capitalismo, os politicastos (adeptos de uma política aventureira) se manifestam com uma fraseologia vulgar e descolada da luta política do movimento operário.

Preocupado com os estudantes das escolas secundaristas, Lenin (1981, t. 7, p. 68) lhes dava o seguinte e amistoso conselho:

Procurai que o fim principal de vossa organização seja a auto-educação, vossa formação como social-democratas convencidos, firmes e inteiros. Separe com o maior rigor possível este labor preparatório, extremamente importante e necessário, da atividade prática direta. Ao incorporar-se (e *antes* de incorporar-se) ao exército ativo, procura estabelecer relações estreitas (e secretas) com as organizações social-democratas locais e de toda a Rússia, a fim de que não tenhais que começar a obra sozinha, de que podeis não começar já desde o princípio, senão prosseguir o feito antes, de que podeis somar-se imediatamente às fileiras e colunas e fazer avançar o movimento, elevando-o a um patamar superior.

No rol de projetos de resoluções para o II Congresso do POSDR, em 1903, Lenin (1981, t. 7, p. 268) apresentou um projeto de resolução no qual ele recomendava à juventude estudantil que assumisse a tarefa de educar-se na concepção revolucionária de mundo integral e consciente, estudasse a fundo o marxismo, o populismo russo e o oportunismo europeu-ocidental como as principais tendências progressistas da época e em luta contra o marxismo. Portanto, a juventude estudantil deveria por-se

em guarda contra os falsos amigos da juventude que tratam de separá-la da **educação revolucionária** séria mediante uma vazia fraseologia revolucionária ou idealista, e com lamentações filistéias acerca da pernicioso inutilidade que resultava a polêmica violenta e apaixonada entre as tendências revolucionárias e de oposição, pois, na realidade, estes falsos amigos não faziam mais que difundir falta de princípios e de seriedade ante o trabalho revolucionário.

A expressão ‘falsos amigos’ não era utilizada ou empregada apenas para os reacionários; os ‘falsos amigos’ existiam, eram reais, eram os modernos reformistas, oportunistas, liberais e social-democratas. Eram precisamente eles os ‘falsos amigos’ que se aproximavam da juventude

estudantil tratando de fazê-la acreditar que não necessitava formar uma opinião sobre as diferentes tendências políticas, acima apontadas.

Ao contrário, comentava Lenin (1981, t. 7, p. 328): “o que nos propomos é desenvolver uma concepção revolucionária integral de mundo, e nossa tarefa prática consiste sucessivamente em lograr que a juventude, ao organizar-se, venha aos nossos comitês”.

Lenin (1981, t. 7, p. 45) insistia na necessidade de expor de forma clara e objetiva as questões programáticas e fundamentais do marxismo e da crítica oportunista (do marxismo) “do capitalismo russo e a situação, importância e tarefas do proletariado engendrado por ele”.

Era indispensável demonstrar sem meias medidas o oportunismo dos intelectuais que assumiam uma posição absolutamente *indefinida* mantendo-se a meio caminho do *marxismo revolucionário* e da *crítica oportunista*, quer dizer, a meio caminho “do marxismo russo e da tendência populista liberal”<sup>53</sup> (1981, t. 7, p. 46).

Segundo compreendia Lenin (1981, t. 7, p. 46), cabia ao **processo educacional**, não oficial, conduzir a juventude a nadar em águas ‘seguras’ retirando-a das irremediáveis contradições em que estava envolta em consequência do empenho – advogado pela **educação czarista** – “em nadar entre duas águas”.

Distanciando-se das ‘águas’ marxistas e aproximando-se das ‘águas’ da crítica... oportunista, a juventude muito precocemente era levada à confusões homéricas, tais como: aceitar como traço principal, que distinguia as classes sociais, as fontes de receita e/ou as relações de distribuição; receitas que, desde Marx, eram sabidas como resultado das relações de produção; e o trabalho como categoria da economia política, olvidando não ser o trabalho mas sua forma social, sua organização ou, com outras palavras, “as relações que surgem entre os homens de acordo com o papel que desempenham no trabalho social” (LENIN, 1981, t. 7, p. 47).

---

<sup>53</sup> Os populistas liberais se consideravam socialistas, porém suas idéias sobre o socialismo eram utópicas. Para eles o elemento revolucionário, diferentemente do que apontavam os marxistas revolucionários, não era o proletariado mas o campesinato. O embrião da sociedade socialista, segundo diziam, poderia ser visto na comuna camponesa. Um grave erro dos populistas era negar o papel das “massas” no desenvolvimento do processo histórico e social, atribuindo tal condição aos grandes homens e/ou personalidades: os heróis. Estes eram verdadeiramente ativos diante de multidões inertes, marasmadas. Adeptos do terrorismo como método único de luta, os populistas revolucionários cometeram vários atentados, em um deles, há 01 de março de 1881, o alvo foi o czar Alexandre II que veio a falecer. A repressão czarista aniquilou essa organização revolucionária. Os anos 80, do mesmo século, marcam a desagregação dessas duas facções do populismo russo. E ao final desses mesmos anos os remanescentes do populismo aderem às idéias liberais, renunciam à luta revolucionária, procuram com o Governo a edição de reformas para os camponeses acomodados e sustentam uma luta encarniçada contra o marxismo (LENIN, 1981, t. 7, nota 25).



Deixando oculto que é a exploração do trabalho a base de todo o atual regime de rapina e, ao mesmo tempo, que é ela que provoca a divisão da sociedade em classes inconciliáveis e antagônicas, termina-se por ocultar que apenas “pelo ponto de vista desta luta é possível aquilatar de forma rigorosa e conseqüente, todas as manifestações decorrentes da exploração do trabalho alheio, sem cair na vaguidão *conceitual* e no abandono de princípios” (LENIN, 1981, t. 7, p. 47).

Vale acrescentar, nada de bom pode sair d diversionismo ideológico, da confusão dos matizes, por isto, era necessário optar no processo de **educação política** o deslindar primeiro, para unificar depois. Com isto, estariam assumindo, como fulcral, o ensino sólido e fecundo da teoria sem a qual a *unidade* dos oprimidos / explorados pela autocracia czarista estaria prejudicada ou, com outras palavras, essa *unidade* seria impossível.

A meu juízo, em face da suposta crise do socialismo e da ‘queda’ da ex-URSS, os marxistas revolucionários devem redobrar a atenção à teoria marxista, adotar de modo resolutivo e com rigor uma determinada posição, deslindar-se com maior vigor dos elementos vacilantes e inseguros e da confusão dos matizes, posto que “compreendem que a agitação política, em todas suas formas, é precisamente um foco em que coincidem os interesses essenciais da **educação política** do proletariado e os interesses essenciais de todo o desenvolvimento social” (LENIN, 1981, t. 6, p. 285).

Há uma estreita relação entre **educação política** e liberdade de consciência, relação inevitável para que o proletariado possa (i) compreender “a sacrossanta ortodoxia” que ensina a suportar a desgraça com resignação e (ii) participar ativamente na solução dos problemas sociais, especialmente daqueles que correspondem aos seus interesses imediatos e aos de longo prazo ou estratégicos.

Sobre o ponto de vista de classe, quando uma sociedade está organizada de tal modo que uma minoria insignificante desfruta da riqueza e do poder, enquanto as ‘massas’ sofrem contínuas privações e obrigações penosas, é muito natural que os exploradores construam, difundam e inculquem religiões que ensinam ao proletariado e camponeses pobres “suportar com resignação o inferno na terra, em troca de um presumido paraíso celestial” (LENIN, 1981, t. 6, p. 281).

Nesta sociedade, a **educação política** do proletariado, contra a ‘sacrossanta teologia da salvação’ predicada sub-repticiamente, demonstra de forma efetiva que, enquanto os operários são extorquidos, a burguesia come à saciedade, dorme tranqüila e vive alegremente o *dolce far niente*.

Em virtude de uma certa pregação religiosa entre as massas oprimidas, os latifundiários e a burguesia, mesmo vivendo da extorsão de parte do trabalho alheio, dormiam tranquilos. A religião não era apenas ópio, o excitante, mas o haxixe – uma droga de efeito entorpecente, produtora de indiferença, apatia moral, indolência e ausência de reação aos estímulos sociais e políticos, preparada com a resina segregada pela inflorescência do cânhamo (*Cannabis sativa*), cujo componente ativo é o *tetraidrocanabinol*.

A **educação política**, sempre associada à agitação política, era de fundamental importância para o proletariado à medida que, por seu intermédio, os males e seqüelas das drogas e “os prejuízos religiosos seriam substituídos pela **consciência socialista**, tanto mais perto estava o dia da vitória proletária que libertaria de sua escravidão a todas as classes oprimidas na sociedade moderna” (LENIN, 1981, t. 6, p. 281).

A difusão do **ensino** entre os camponeses pobres tornava nebulosa a relação entre o czarismo e a burguesia ascendente, eis que nesta relação “a autocracia era para a burguesia uma garantia de proteção contra o socialismo” (LENIN, 1981, t. 6, p. 283). Todavia, como demonstrava Lenin (1981, t. 6, p. 283-284), a indiferença diante da luta da burguesia contra a autocracia deixava transparecer a

incompreensão dos princípios fundamentais do *Manifesto Comunista*, o ‘evangelho’ da social-democracia internacional, (...) por exemplo, a passagem onde se diz que a própria burguesia, graças as suas lutas pelo poder, graças aos choques entre as diferentes camadas e grupos que a compõem (...) proporciona os elementos para a **educação política** do proletariado.

Sempre relacionando **educação** (transmissão de elementos teóricos) e prática social (agitação política), Lenin (1981, t. 6, p. 284) enfatizava ser indispensável “levar em conta que em um ano de reanimação política o proletariado pode aprender mais, quanto à **educação revolucionária**, que em vários anos de calma”.

Neste sentido, o caráter de classe da **educação política** do proletariado tinha por objetivo “propagar, defender das deformações e desenvolver a ideologia proletária, o marxismo, na luta sem descanso contra toda ideologia burguesa, por mais brilhante e moderna que seja a roupagem com que se vista” (LENIN, 1981, t. 6, p. 285).

Esta **educação** deveria tornar claro aos estudantes russos que o direito de reunião e organização era o máximo possível que a autocracia podia doar. De maneira que, qualquer passo a

mais nessa ‘doação’ comprometeria o equilíbrio no qual estavam assentadas as relações de poder da autocracia e da burguesia com os súditos, servos e operários.

Sem nenhuma pretensão de igualar, em gênero, número e grau, épocas inigualáveis, penso que um dilema da época, descrita por Lenin, permanece para os estudantes contemporâneos: “resignar-se com este máximo possível para o governo ou acentuar o caráter político, revolucionário, do seu protesto” (LENIN, 1981, t. 6, p. 291).

Lamentavelmente, a maioria dos estudantes deste país adota a posição de resignação, enquanto embrião do fisiologismo e do ‘alpinismo social’. E isto não acontece de forma espontânea, de mote próprio ou determinado por impulsos endógenos, ou por seu suposto e intrínseco caráter conservador mas, e é isto que interessa no presente estudo, graças à educação propiciada pela burguesia.

Diante da rebeldia dos estudantes contra o arbítrio da política universitária do governo czarista, dirigida por um general, Lenin (1981, t. 6, p. 292) perguntava: “por que não se ‘ouve’ a voz dos ‘pais’ enquanto os ‘filhos’ declaram sem equívocos seu propósito de oferecer novas vítimas no altar da liberdade russa?”.

Por que “não se houve os gritos dos camponeses famintos (...) e os periódicos silenciam sobre o que ocorre no campo? (...) Quanto logrará viver, o regime estatal, dia após dia, remendando os rasgões de seu pressuposto político e financeiro com a pele arrancada do corpo vivo do povo?” (LENIN, 1981, t. 6, p. 295).

Um dos fatores mais importantes da resolução desta ignomínia é a **educação política** e o grau de atividade revolucionária que revelam quem tomou consciência da completa bancarrota do capitalismo. Bancarrota não no sentido do atendimento dos interesses dissolutos da burguesia, dos banqueiros e dos latifundiários; bancarrota no sentido do **não atendimento** dos mais comezinhos interesses e necessidades elementares do proletariado e dos camponeses pobres.

Manietados à opressão czarista pela diuturna repetição de elementos ideológicos reacionários, os estudantes não compreendiam a cáustica e mordaz fala de Tolstoi, sobre o parasita que se propõe “alimentar a planta de cuja seiva se nutre”. Esta idéia é recorrente ao longo da história à medida que o capitalismo moderno, *par excellence* parasitário, faz coro com a idéia utópico e reacionária de alimentar os operários e camponeses pobres que explora à exaustão.

Segundo acreditam(?) os capitalistas, a questão não radica apenas no alimentar estes seguimentos populacionais que exploram sem piedade e nem dó, mas reduzir à ‘zero’ a fome dos milhões de deserdados da terra.

Reduzir a ‘zero’ a fome [fome zero?] que não é apenas de alimentos orgânicos mas, fundamentalmente, de alimentos inorgânicos, intelectuais, indispensáveis à **emancipação intelectual** do proletariado e dos camponeses pobres, fio condutor da luta pela **liberdade política**, sobre os marcos do capitalismo é hipocrisia, intenção escusa ou, simplesmente, ignorância explícita.

## 2.2 – Classificação ideológica dos estudantes

Para montar um contra-argumento ao especioso argumento dos intelectuais populistas e liberais, Lenin (1981, t. 7, p. 357) ao pensar sobre as “*tarefas da juventude revolucionária*” toma como ponto de partida a divisão dos estudantes em grupos notórios e sobre os quais era necessário fazer a crítica:

(i) *Os indiferentes* – uma multidão de estudantes portadora de uma total e descabida indiferença pelo movimento estudantil;

(ii) *Os academicistas* – adeptos da luta dos estudantes unicamente no âmbito acadêmico, adeptos da ciência neutra, da pesquisa desinteressada e da despolitização da escola;

(iii) *Os reacionários* – por excelência, inimigos dos movimentos estudantis em geral;

(iv) *Os políticos-partidários* da luta para derrubar o despotismo czarista. Este grupo estava cindido em dois subgrupos opostos: “a oposição política puramente burguesa de espírito revolucionário e o proletariado intelectual de espírito socialista” (LENIN, 1981, t. 7, p. 357).

Lenin (1981, t. 7, p. 358) considerava imprescindível evidenciar que os grupos de estudantes apontados pelo periódico *Student* eram peculiares não apenas à sociedade russa mas inevitáveis em toda sociedade, encimada na divisão do trabalho e na dicotomia social, onde num pólo estava a burguesia e noutro o proletariado. Esses grupos apenas confirmavam “a existência necessária e inevitável entre os estudantes dos mesmos grupos que existem na sociedade”.

Fugindo ao sectarismo, recoloco a pergunta feita por Lenin: será casual esse agrupamento ou será a manifestação da divisão temporal do estado de ânimo em marcha nas sociedades capitalistas?

Sobre a questão acima levantada deve-se resgatar que a intelectualidade é o grupo social que melhor reflete e expressa, de modo mais consciente e mais próximo da exatidão, o desenvolvimento não apenas da economia política mas, sobretudo, dos interesses de classe e dos grupos políticos em toda a sociedade. Os estudantes, enquanto grupo, representavam “a parte mais sensível dessa intelectualidade” (LENIN, 1981, t. 7, p. 358).

Contudo, essa sensibilidade não impedia que os estudantes *indiferentes*, os *academicistas* (também conhecidos como *culturalistas*) e os *liberais*, em tempos de reação, não se confundissem, diferenciando-se apenas em momentos de ascenso do espírito revolucionário ou quando as ‘massas’ oprimidas se insurgem contra a dominação capitalista. Embora tal diferenciação seja freqüentemente vaga, contudo, tanto o *liberal* quanto o *academicista* (*culturalista*) quando protestam contra a tirania o fazem, amiúde, raciocinando como fiéis súditos.

A divisão da sociedade em classes sociais, marcadamente definidas e de caráter incontornáveis, constitui a base mais profunda dos agrupamentos políticos e, de forma resumida, influencia na determinação dos diversos grupos estudantis como os acima citados. Contudo, esta base profunda e sua determinação só são reveladas “à medida que avança o desenvolvimento histórico e aumenta o grau de consciência (propiciado pela luta política) dos participantes e artífices deste desenvolvimento” (LENIN, 1981, t. 7, p. 358).

Curiosamente, na Rússia os *indiferentes* eram mais numerosos que em qualquer outro país europeu. Todavia, Lenin (1981, t. 7, p. 360) referia-se aos *indiferentes* operários ou operários inconscientes procurando diferenciá-los dos “indiferentes pequenos burgueses enfatiados”.

Os indiferentes eram, especialmente, numerosos na Rússia e de um lado forneciam reacionários conscientes e conseqüentes e, do outro lado, com freqüência elevada formavam ideólogos dos vastos setores da intelectualidade “*raznochintsī*”<sup>54</sup>, intelectuais carentes de uma concepção de mundo ‘cabal e concreta’, grosso modo, a confundir e misturar de maneira inconsciente as idéias democráticas e as idéias socialistas.

---

<sup>54</sup> *Raznochintsī* – intelectuais de origem plebéia, precediam do clero, dos comerciantes, da pequena burguesia e do campesinato.

Na questão do estudo dos grupos estudantis, Lenin (1981, t. 7, p. 361) assinalava a existência de dois tipos de intelectualidade: a velha – que misturava as formas primitivas do socialismo com as teses democráticas burguesas (essa ideologia eclética era defendida tanto pelo flanco direito, populista liberal, como pelo flanco esquerdista, socialista revolucionário); e a nova – que advogava o *liberalismo* depurado do populismo ‘primitivo’ e do socialismo vago (naturalmente, essa depuração contou com a ajuda inestimável do marxismo russo). A formação dessa intelectualidade liberal burguesa era uma decorrência “principalmente da participação neste processo de pessoas tão ‘ágeis e sensíveis’ a toda a corrente da moda do oportunismo”.

Estribado na dinâmica concreta do desenvolvimento da sociedade russa do século XIX e do raiar do século XX, Lenin conclui de forma indubitável, incontestável, de que a classificação política dos estudantes, longe de ser casual, é necessária e inevitável. Este fato torna mais fácil ao leitor compreender e analisar com mais acuidade a ‘*vexata quaestio*’ da unidade ideológica dos estudantes, verossímil à fastidiosa questão contemporânea da ‘unidade na luta’ posta, no Brasil, por correntes da esquerda não leninista.

Sobre esta vexatória questiúncula, unidade ideológica do proletariado, há duas posições: “ganhar o maior número possível de estudantes para um conjunto plenamente definido de idéias político-sociais; conseguir a aproximação mais estreita possível entre os estudantes de um grupo político determinado e os representantes desse grupo fora dos meios estudantis” (LENIN, 1981, t. 7, p. 361).

Todavia, de *per si* uma outra posição não determinaria e nem definiria claramente o sentido da tal ‘unificação ideológica’. Mesmo porque, segundo desenvolve Lenin (1981, t. 7, p. 362), para os comunistas, em primeiro lugar, era necessário difundir as convicções marxistas entre os estudantes “e lutar contra as opiniões que não tinham nada em comum com o socialismo revolucionário e, segundo, tratar de ampliar, tornar mais consciente e mais decidido todo movimento democrático, também compreendido o acadêmico, entre os estudantes”.

### 2.3 – A não partidização dos estudantes

Nesta outra questão, havia de um lado, os defensores do capitalismo e, do outro, os críticos que propunham sua derrocada. Em face desta dicotomia social surgiu a tese na qual os estudantes não deveriam aderir integralmente nem a partidos de direita, nem a partidos de esquerda.<sup>55</sup>

Ao predicar a tese da não partidização dos movimentos estudantis, quem o faz desconhece ou procura ignorar, como seus antepassados ideológicos, que a partidização do movimento estudantil é um o fato, evidente à todas as luzes, isto é,

uma parte dos estudantes de algumas localidades simpatiza com o ‘partido dos socialistas-revolucionários’ foi encoberto especiosamente com o arrazoado, muito ‘imparcial’ e muito inconsistente, de que os ‘estudantes’, como tais, não podem aderir integralmente nem ao partido dos socialistas-revolucionários nem ao partido dos social-democratas (LENIN, 1981, t. 7, p. 362).

Diante do raciocínio primário sobre o papel político que os estudantes devem desempenhar numa sociedade determinada, entendo como não compreensível cerrar “os olhos ante o fato de que os estudantes não estão isolados do resto da sociedade e, portanto, refletem sempre e inevitavelmente a classificação política desta. [E] depois com os olhos cerrados, divagar sobre os estudantes como tais ou sobre os estudantes em geral” (LENIN, 1981, t. 7, p. 362).

Para ratificar a proposição da não partidização dos estudantes, o propositor deve estar encimado no reducionismo de cunho positivista, para saltar sem nenhum constrangimento sobre o nível político para o nível acadêmico, docente ou estudantil, supostamente neutro, apartidário, apolítico. Estranhamente, o salto justificava-se, em primeiro lugar, nos interesses gerais dos estudantes, na luta estudantil geral, e, em segundo lugar, nos fins e objetivos da tarefa docente: “preparar os estudantes para a futura atividade social, transformando-os em lutadores políticos conscientes” (LENIN, 1981, t. 7, p. 363).

Se as invocações eram justas, a questão central estava deslocada para a **atividade política**, a qual, por sua essência histórica estava indissociavelmente unida à luta de classes e a luta dos

---

<sup>55</sup> Curiosamente, na sociedade brasileira do século XXI, esta tese centenária manifesta-se remoçada com ares de novidade, ‘novidadeira’. Com isto, procura-se acobertar a existência de preferências ideológicas e matizes definidos

Partidos. Neste sentido, toda **atividade política** significava, inelutavelmente, a eleição de uma classe a defender e de um Partido no qual militar.

Era impossível eludir com sofismas esta eleição, afirmando que nenhuma **atividade estudantil** séria (necessariamente política) poderia limitar-se aos estreitos círculos partidários e/ou de uma tendência política determinada, devendo, ao contrário, “orientar-se pelos mais amplos setores da sociedade, fundir-se com os interesses profissionais de cada setor, elevar o movimento profissional ao nível do político” (LENIN, 1981, t. 7, p. 363).

A parolagem sobre a não partidarização da juventude, como de fato ocorre também na educação oficial, apenas revela ausência de convicção filosófica concreta e a falta de um projeto político e de uma firme e decidida linha de ação. Mesmo porque, a partidarização da juventude estudantil, tal como a dos operários e camponeses pobres, não implicava, necessariamente, a negação de “certos interesses gerais docentes e profissionais de todos os estudantes e de toda a classe operária” (LENIN, 1981, t. 7, p. 364).

Ainda hoje, não se tem notícia de um partido político que não compreenda a inestimável significação histórica e política das associações (sindicatos) de docentes e de suas lutas internas e externas. De modo que, invocar a não partidarização desses sindicatos é, ordinariamente, “uma frase hipócrita na boca das classes dirigentes, interessadas em ocultar que as instituições existentes estão impregnadas já, em 99 ou 100% dos casos, do espírito político mais concreto” (LENIN, 1981, t. 7, p. 364).

Apenas os intelectuais pequenos burgueses – os populistas, os oportunistas, os liberais, os anarquistas, os social-democratas – cantam loas ao apartidarismo desses sindicatos e dos sindicatos em geral. Apenas a insciente parolagem insiste e proclama que os estudantes devem encerrar-se anos a fio no âmbito estreito de seus interesses acadêmicos. A Universidade era o lugar, *par excellence*, da ciência e não da política partidária ou do partidarismo.

Essa tagarelice contradizia a tese segundo a qual a existência de uma organização estudantil (por exemplo, um Diretório Central de Estudantes) é absolutamente compatível com o desenvolvimento rigoroso e disciplinado dos estudos acadêmicos e não impede a quem ‘se definiu

---

entre os estudantes, notadamente as derivadas de suas condições materiais de classe, e preferência por tal ou qual organização partidária de esquerda e de direita.



no aspecto político' consagrar suas forças a causa operária, sem, obviamente, imolar seus estudos no altar da ignorância.

Quando, por exemplo, surge a afirmação da possibilidade de existência de um movimento político supra classista ou suprapartidário, um movimento político geral, é preciso entender que esse movimento político em geral, eu diria, só pode ser o movimento operário, socialista e comunista, mais o movimento 'nacionalista' com todos os seus equívocos e desvios à direita. Todavia, fazer abstração desta diferença significa colocar-se ao lado do movimento imediato e mais próximo, precisamente o movimento *neoliberal*.

Apenas o intelectual especioso, ilusionista ideológico e nefelibata, pode acreditar e vociferar estar à margem da luta partidária. Essa enganosa prédica apenas revela que esses senhores – membros de um partido justo apenas na aparência – por não terem “condições de fazer passar sua mercadoria política sob sua própria bandeira (...) recorrem ao contrabando” (LENIN, 1981, t. 7, p. 366).

A rigor, o ilusionista ideológico, o nefelibata, carente de uma base programática própria e concreta, procurava ocultar que a diferença dos interesses de classe refletia-se de forma ineludível na classificação política dos estudantes, na organização e funcionamento das diversas organizações partidárias (discentes e docentes). Os estudantes não são uma exceção, no que pese o que pensam os 'desinteressados', os 'puros' e 'cândidos', os idealistas e nefelibatas. Cabe então, como tarefa da crítica, explicar à mais ampla 'massa' de estudantes a falsidade dessa distinção.

Indisfarçavelmente, essa distinção caminhava para a afirmação do movimento democrático geral ao qual deve agrupar-se “paralelamente a organização estudantil em geral” (LENIN, 1981, t. 7, p. 368). Dessarte, qualquer insurreição dos círculos revolucionários contra o suposto movimento democrático e geral dos estudantes, configurava-se como rotulagem defectiva e violência direcionada contra eles. A propósito, a classe dominante em 1848 raciocinava dessa mesma maneira em relação à todas as tentativas de assinalar a contradição existente entre os seus interesses e os do proletariado, provocando, ao longo da história, a condenação geral dos fanáticos da desunião e da cisão.

Ao evocar a atitude da burguesia de 1848 em relação ao movimento de contestação dos operários e comunistas, Lenin (1981, t. 7, p. 368) o fazia como introdução à crítica do que ele chamava de 'novíssima variedade da democracia burguesa', a ideologia dos oportunistas e

revisionistas que ansiavam pela constituição de “um grande partido único e democrático que marche *pacificamente* pela via das reformas, pela via da colaboração de classes”.

Seria cômico se não fosse trágico que, um século após Lenin ter dito e escrito a afirmação supracitada, uma sociedade determinada ainda presencie a constituição de um partido majoritário de trabalhadores e que assumiu sem nenhum pundonor o caminho do reformismo sem reformas ou das “reformas” que (i) não agridem a base de sustentação da sociedade capitalista, a propriedade privada; (ii) resgatam a colaboração de classes em substituição à luta de classes; (iii) revelam a postura genuflecta e subordinada do atual governo ao capital financeiro internacional; (iv) retoma como linha de ação a “caçada” pública aos fanáticos da desunião, da cisão e das discórdias fracionistas.

Se do ponto de vista leninista tal postura partidária é um absurdo e uma contradição às raias do ridículo, do ponto de vista democrático burguês é absolutamente compreensível, conseqüente, exequível, necessária. E se tal postura ainda é corriqueira nesta sociedade é porque o Partido que assim se comporta,

não é outra coisa que *uma fração* da democracia burguesa, uma fração primordialmente intelectual por sua composição, primordialmente pequeno burguesa por seu ponto de vista eclético e por sua bandeira política que une o novíssimo oportunismo e o velho populismo (...) de nossos avós (LENIN, 1981, t. 7, p. 369).

No pensamento de Lenin (1981, t. 7, p. 370) estava muito claro que uma parte da juventude estudantil queria assumir a concepção de mundo materialista dialética e histórica e participar de maneira prática do movimento operário revolucionário. Aqueles que protestavam contra a escolha ou a eleição dessa concepção de mundo concreta e cabal como fundamento da unificação ideológica dos estudantes, não faziam “outra coisa senão embotar a consciência socialista propugnando de fato só a vacuidade ideológica”.

Para os bolcheviques não havia o movimento político em geral e eles não faziam vistas grossas sobre “o movimento da discordância fracional existente no campo revolucionário” (LENIN, 1981, t. 7, p. 370). Eles compreendiam perfeitamente que, agindo na mão direita da dinâmica da história czarista-feudal e burguesa, estariam a retrogradar do ponto de vista comunista para o ponto de vista capitalista.

Assim, o rompimento dos estudantes socialistas e comunistas com os ‘*indiferentes*’, os ‘*academicistas*’, os ‘*reacionários*’ e outros grupelhos não significava necessariamente romper com as organizações estudantis e educativas em geral; pelo contrário, significava a manutenção de um programa definido para tentar ampliar os horizontes acadêmicos dos estudantes revolucionários e a implementar a divulgação e propagação do marxismo.

#### **2.4 – Agitação Estudantil e Movimento Operário**

A greve da Universidade de Petersburgo promovida pelo corpo discente, à qual aderiram numerosos estabelecimentos de ensino superior da velha Rússia, foi um movimento acadêmico muito amplo e com uma dimensão política oposicionista incontestável. Exatamente por isto, a luta do Ministério da Instrução Pública contra a Universidade e as organizações estudantis grevistas adquiriu a forma de cruzada ultra-reacionária cujo objetivo era a negação da autonomia prometida aos estudantes. Vale dizer, “contra a autonomia que desfrutavam os estudantes quando a autocracia ‘não tinha tempo para ocupar-se’ deles e que agora, ela, por sua própria natureza, haveria de começar a arrebatá-la” (LENIN, 1983, t. 17, p. 220).

Os estudantes ingressados nas Universidades durante os últimos anos viviam separados, quase por completo, da política por terem sido educados “no espírito da estreita autonomia acadêmica não só pelos catedráticos adictos do Governo e pela imprensa governamental, como também pelos catedráticos liberais” (LENIN, 1983, t. 17, p. 223).

Nos discursos de Lenin (1983, t. 17, p. 223-224) sobre “*O movimento estudantil e a situação política atual*”, a tarefa dos bolcheviques era explicar às massas acadêmicas e insurrectas o significado objetivo deste conflito, procurando convertê-lo

em movimento político *consciente*, explicar o trabalho de agitação aos grupos social-democratas do estudantado e *orientar toda* esta atividade para compreender a indispensabilidade de uma nova luta revolucionária, em que velhas consignas – atuais por completo – de derrota da autocracia e de convocatória de uma assembléia constituinte voltem a ser objeto de discussão e pedra de toque da concentração política das gerações viçosas de democracia.

Lenin (1983, t. 17, p. 224) constatava que, de acordo com o chamamento do Conselho Estudantil de Coalizão, “os elementos mais ativos do estudantado se aferravam de forma tenaz ao academicismo puro e seguiam entoando a cantilena democrata constitucionalista e outubrista”. Essa cantilena da não partidarização e da não politização do estudantado era a política burguesa e não a política em geral.

Todavia, a política do látego já não era suficiente para fazer dos estudantes universitários, estudantes politicamente inconscientes. Então, cabia trabalhar com os quadros estudantis educados na política reacionária, educados pela contra-revolução, para reeducá-los noutra concepção de mundo, noutra teoria e em novos métodos de luta para o objetivo final da classe operária.

Assim, os universitários social-democratas deveriam organizar a *agitação política* nos meios estudantis, sintonizada com a *ação política* organizada pelo proletariado encimada em consignas revolucionárias: esmagamento da monarquia, dos terratenentes e da burguesia, e edificação do socialismo.

Ainda que insuficientes, as informações cedidas pela imprensa legal russa permitiam inferir, sem dar lugar a dúvidas, sobre a ocorrência de assembléias, manifestações e marchas de protesto contra a pena de morte e contra o governo, numa quantidade significativa de cidades. Todavia, uma dessas manifestações, realizada na cidade de Petersburgo, há 11 de novembro de 1910,

segundo as informações de *Russkie Vedomósti*<sup>56</sup>, reuniu pelo menos 10.000 pessoas na avenida Nevski. O mesmo jornal anuncia que no distrito de Petersburgo, perto da Casa do Povo, muitos operários se incorporaram a manifestação. A marcha deteve-se junto a ponte Tuchkov. A política destacada para o lugar foi insuficiente / impotente para deter a manifestação, e a multidão prosseguiu entre cânticos e ostentando bandeiras até a avenida Bolshói da ilha Vasilievski. Apenas nas cercanias da Universidade, a polícia conseguiu dispersar a multidão (LENIN, 1983, t. 20, p. 1).

Curiosamente, as ponderações de Lenin (LENIN, 1983, t. 20, p. 76-77) quanto à ação policialesca do governo czarista sobre os movimentos operário e estudantil, os governos do mundo inteiro ainda não compreenderam que

---

<sup>56</sup> *Russkie Vedomósti* (Notícias Russas) – periódico que circulou em Moscou entre 1863 e 1918 e que expressava a concepção de mundo, de sociedade e de homem os intelectuais liberais moderados. A rigor, desde 1905, este periódico transformou-se em órgão da ala direita do Partido democrata Constitucionalista.

há inimigos que podem ser derrotados em várias batalhas, podem ser reduzidos porém *não podem* ser aniquilados. *Nenhuma* vitória da reação, *nenhum* triunfo da contra-revolução *pode* aniquilar os inimigos da opressão terratenente e capitalista, porque esses inimigos são milhões de operários concentrados cada vez mais nas cidades, nas grandes fábricas.

O proletariado começou e outras camadas da população continuarão a luta pela transformação da sociedade. Tudo era motivo para incrementar nova onda de protestos. A morte de Tolstoi deu

lugar – pela primeira vez depois de um longo intervalo – as *manifestações de rua*, nas quais participaram principalmente estudantes, mas também, e em parte, operários que aumentaram ainda mais a efervescência entre os *estudantes*. Em todas as partes da Rússia eram realizados assembléias e comícios; a polícia irrompia violentamente nas Universidades, espancava estudantes, prendia-os, perseguia os jornais pelas mínimas palavras de verdade publicadas sobre os distúrbios, porém com tudo isto, só conseguiam que estes aumentassem (LENIN, 1983, t., 20, p. 78).

Toda a movimentação estudantil e operária, ainda que reprimida com violência pela polícia czarista, era uma demonstração cabal e incontestante de que as mesmas forças que em 1905 fizeram tremer o poder do czar e dos latifundiários, mais vivas que dantes, com certeza, iriam destruir com outra revolução avizinhandose o domínio imperial da família Romanov *et caterva*: os Stolipin, os Dubasóv, os Durnovó dentre outros.

Sobre isto, Lenin (LENIN, 1983, t., 20, p. 78) escreveu:

o que o proletariado começou, a juventude democrática continuará. Eis que o povo russo despertava e a nova luta avançava sorradeira para uma nova revolução: na primeira, o proletariado ensinou as massas populares a lutar pela liberdade, na segunda deverá levá-las à vitória.

## 2.5 – A repressão estudantil e a corrupção moral

A forma encontrada pelo Ministério da Instrução Pública, em 1901, para punir os estudantes envolvidos com os movimentos populares, foi “*O alistamento forçado dos estudantes*” nas fileiras do exército como soldados rasos (LENIN, 1981, t. 4). O Governo justificou “o uso deste castigo inaudito, apresentando toda uma ata de acusação, sem regatear cores para pintar as atrocidades cometidas pelos estudantes” (LENIN, 1981, t. 4, p. 410)

Mas qual teria sido a principal atrocidade ou crime cometido por esses estudantes?

O terrível crime destes estudantes foi a realização de um Congresso em Odessa para organizar os estudantes russos em geral em protestos contra a situação acadêmica, política, econômica e social desenvolvendo-se na velha Rússia. Por seus “criminosos fins políticos foram detidos e despojados de sua documentação todos os delegados estudantis. Porém a agitação longe de cessar, cresce e se manifesta tenazmente em *muitos* estabelecimentos de ensino superior” (LENIN, 1981, t. 4, p. 410).

A reação repressiva punitiva do governo era uma clara advertência, uma ameaça antecipada aos estudantes em geral e à sociedade. A repressão aos estudantes que não se dobravam ao tacho do czarismo, alistados na soldadesca, objetivava não apenas disciplinar sua organização corporal mas também a compulsão intelectual pela substituição de ‘Voltaire por um sargento’.<sup>57</sup>

Esta medida repressiva não era uma novidade na Rússia. Sob o absolutismo do czar Nicolas I era comum tratar como castigo natural, o alistamento forçado. Todavia, em 1874 fora substituído pelo serviço militar obrigatório que, a bem da verdade, jamais existiu para todos, “pois os privilégios da origem aristocrática e da riqueza criavam um sem número de exceções” (LENIN, 1981, t. 4, p. 412).

O surpreendente era que o alistamento forçado nos quartéis, escolas de arbitrariedade e violência, “um castigo muito rigoroso que se acercava da privação de direitos” (LENIN, 1981, t. 4, p. 413), encerra-se uma contradição dialética. Vejam: se por um lado, a dura carga de trabalho

---

<sup>57</sup> Lenin refere-se à falação de um coronel russo, soldadinho grosseiro e ignorante, ‘Skalozub’, personagem da comédia do escritor russo Griboedóv “*A desgraça de ser inteligente*”.

empregada nos quartéis ‘esmagava’ os mais fracos, por outro lado, temperava “os demais, alargando seus horizontes, obrigando-os a examinar e sentir profundamente suas aspirações de libertação” (LENIN, 1981, t. 4, p. 413).

Esta contradição fazia com que os mais fortes percebessem, “por experiência própria, toda a força da arbitrariedade e da opressão quando a sua dignidade dependia por completo do capricho de um sargento” (LENIN, 1981, t. 4, p. 413). Um sargento grosseiro e ignorante.<sup>58</sup> E mais, veriam “qual é na realidade a situação do povo, compreenderiam que as injustiças e ruindades que sofriam (sofrem) os estudantes não são mais que uma gota d’água no oceano da opressão do povo” (LENIN, 1981, t. 4, p. 413).

Nessa escola de arbitrariedade e violência, a contradição dialética permitia ao estudante sentir o desejo de liberdade quando submetido à força do arbítrio e à completa negação da dignidade, dependendo do capricho de um militar com freqüência a mofar-se premeditadamente dos civis mais intelectualizados. O auge desta contradição pode ser resumido na seguinte proposição: o estudante que a compreendesse deveria ao término do serviço militar assumir ou tomar para si ‘o juramento de Aníbal’<sup>59</sup>, isto é, lutar ao lado da classe operária e dos camponeses para libertar o ‘povo’ de todas e quaisquer formas de despotismo.

Contudo, em 1871, a instrução atribuída aos inspetores de escolas públicas lhes outorgava

o direito de destituir os mestres, reconhecidos desafetos, e suspender toda decisão do conselho de escola para remetê-la à consideração do patrocinador de escolas. Em 25 de dezembro de 1873, num escrito dirigido ao Ministro da Instrução Pública, Alexandre II expressa seu temor de que, *devido a uma vigilância patrocinadora insuficiente*, a escola pública possa converter-se ‘em instrumento de corrupção moral do povo e já tem descoberto algumas tentativas nesse sentido’ (LENIN, 1981, t. 5, p. 41).

A corrupção moral, na verdade, era referida especificamente no tocante à desobediência das leis feudais e monárquicas estabelecidas para sustentar o regime de escravidão sob o qual

---

<sup>58</sup> Uma ressalva seja feita. Não quero dizer com este resgate que todo sargento seja, necessariamente, grosseiro e ignorante. Pessoalmente convivi com vários sargentos pára-quedistas, na década de sessenta do século XX, que conheciam a obra de Marx, Engels, Lenin e Gramsci. Devo apontar que a primeira vez que ouvi falar de ‘guerra de movimento, posição e subterrânea’, tal citação saiu da boca de um preclaro nacionalista e inconformado sargento da infantaria pára-quedista.

<sup>59</sup> Metáfora utilizada para evidenciar a inflexível decisão de lutar até o fim. Aníbal foi um general cartaginês que jurou lutar até o fim de sua contra o imperialismo romano.

estava submetida a maior parte da população russa. Corrupto eram os marxistas, os revolucionários e todos os que contestavam / afrontavam a ordem vigente.

Penso que a tarefa da **educação revolucionária** é (i) fundir o labor revolucionário com os problemas práticos e quotidianos da vida operária; (ii) ajudar os operários a compreender estes problemas, (iii) fixar sua atenção nos gravíssimos abusos de que são vítimas (preferenciais), (iv) ajudá-los a formular de uma maneira exata e prática suas reivindicações aos patrões, bem como a implementar ações coletivas indispensáveis à cessação dos abusos inerentes ao processo de extorsão do capitalismo e a erradicação de sua exploração, toda a exploração.

Mais importante ainda: esta **educação**, enquanto tarefa dos social-democratas russos, deveria fomentar no meio do conjunto do proletariado “a consciência de sua solidariedade, a consciência de que todos os operários (...) têm interesses comuns e uma causa comum como classe operária única que forma parte do exército mundial do proletariado” (LENIN, 1981, t. 2, p. 468).

Seguindo o raciocínio de Lenin (1981, t. 2, p. 470), é necessário difundir aos operários das cidades e aos pobres do campo, o socialismo e a idéia da luta de classes, de classe contra classe. Convencidos de que unicamente a teoria marxista e a luta de classes permanece, na atualidade, como a única teoria e linha de ação revolucionárias serventes ao movimento operário, os comunistas a difundem e a difundirão com todas as forças e a defendem e a defenderão diante das falsas ou tergiversadas interpretações do marxismo e “de todo intento de ligar o movimento operário às doutrinas populista e oportunista”.

Na **educação política**, os limites dos grupos envolvidos são discutidos aberta e francamente, e a juventude deve saber, por exemplo, que a pequena burguesia como o *Janus* romano tinha duas faces, uma se inclinava ao proletariado e a outra, vazada pela ilusão de classe, se inclinava à burguesia. Por trás dessa ambigüidade facial, procurava-se deter a marcha da história, deixando-se coquetear leviana e inconseqüentemente pelo absolutismo burguês, celebrando alianças com a burguesia e o governo “contra o proletariado para afiançar sua posição como pequeno proprietário” (LENIN, 1981, t. 2, p. 474).

Por outro lado, que à intelectualidade em geral cabia rebelar-se contra a selvagem opressão policialesca do absolutismo que perseguia o pensar e o saber (de oposição), porém os interesses materiais desta intelectualidade a atraíam à burguesia e a obrigavam a ser inconseqüente, a



contrair compromissos e vender seu efêmero ardor “revolucionário” e opositorista pela participação em lucros e dividendos ou benesses estatais.

Chamo aqui a atenção para um problema da sociedade russa do século XIX, meados do século XX e redivivo no século XXI: a *Burocracia política* ou burocracia estatal, órgão indispensável à sociedade burguesa que, de um lado, ia de encontro aos direitos dos operários, trabalhadores assalariados, camponeses pobres e funcionários públicos, do outro lado, reafirmava o alargamento dos ‘direitos’ dos privilegiados: parlamentares, juizes, militares, banqueiros, especuladores, etc.. Não obstante, havia ausência de total controle sobre a *Burocracia*.

Ao discursar sobre as tarefas dos bolcheviques, Lenin (1981, t. 2, p. 475) fazia a seguinte inquirição: por que será que os críticos dos privilégios da burocracia, ‘senhora’ do proletariado e serva da burguesia, postam-se radicalmente “contra a completa democratização desta instituição?”.

A democratização da burocracia – e isto incluía o sistema educacional – proveitosa unicamente ao proletariado indicava ser preciso demonstrar

que os setores mais avançados da burguesia defendem certas prerrogativas da burocracia e se opõem à elegibilidade de todos os funcionários públicos, à abolição total das restrições dos funcionários públicos diante do povo, etc., pois ditos setores sentem que essa democratização definitiva seria utilizada pelo proletariado contra a burguesia (LENIN, 1981, t. 2, p. 475-476).

Por isto, não era possível ignorar a facilidade com que o intelectual radical e o intelectual socialista se transformavam em funcionários do governo, em funcionários que se consolavam com a idéia de que é útil nos limites da rotina oficinesca, em funcionários que justificavam com essa utilidade seu indiferentismo político e seu servilismo ante as propostas e decisões do governo e ante as demandas da burguesia.

Na crítica às “*Pérolas da projetomania dos populistas*”<sup>60</sup>, Lenin (1981, t. 2, p. 494), tomando como ponto polêmico a fórmula populista de que “a escola prepara o homem para a vida”, demonstrava a existência de discrepância entre os populistas e os ‘discípulos’, isto é, os

---

<sup>60</sup> Este texto em questão o escreveu de Lenin, a partir da análise rigorosa da obra do sociólogo populista liberal russo, YUZHAKOV, S. N. (1849-1910), cujo conteúdo reunia: “Problemas da Instrução Pública. Ensaio Periodístico. Reforma da Escola Secundária. Sistemas e Objetivos do Ensino Superior. Manuais de Ensino Secundário. O Problema da Instrução de todo o Povo. A Mulher e a Instrução”. Este ideólogo populista sustentou uma encarniçada luta contra o marxismo.

adeptos de Marx e Engels. Vale anotar, nos anos 90 do século XIX, o termo ‘discípulos’ era utilizado como sinonímia legal de marxistas.

Essa fórmula carecia completamente de conteúdo à medida que não discutia quem necessitava de ensino, pelo bem e proveito de quem se impunha o ensino. Mesmo porque, numa sociedade capitalista o direito à igualdade era / é apenas formal, jurídica, posto que nesta sociedade a escola fundamental e média “é essencialmente uma escola de classe e só serve aos interesses de uma parte muito, porém muito pequena, da população” (LENIN, 1981, t. 2, p. 497).

Eis um problema histórico e secular que se agrava: a escola secundária, mesmo a pública, gratuita e laica, “não deixa de ser, de modo algum, uma escola de classe, e só resulta acessível para uma insignificante minoria” (LENIN, 1981, t. 2, p. 497.).

Todavia, a meu juízo, uma questão parece perpassar a escola e a educação de classe: a essência paradoxal da sociedade capitalista. Por um lado, esta essência radica na plena *igualdade* jurídica e formal de direitos de todos os cidadãos, igualdade e ‘livre’ acesso em matéria de instrução, por outro, na prática essa igualdade não passa de uma pífia mistificação. Exatamente, por isto, Lenin (1981, t. 2, p. 500) insistia que quem quisesse falar do caráter da escola secundária russa, deveria entender firmemente que se tratava “de uma escola classista”.

Ao aceitar a afirmação do caráter de classe da escola russa – difusora incontestemente das idéias burguesas que ocultavam o caráter de classe da escola contemporânea – havia a necessidade de ampliar as possibilidades de acesso à escola, quer dizer, necessidade de eliminar a hermeticidade e a unilateralidade dessa escola. Era impossível imaginar o ideal de sociedade futura sem conjugá-la com a **educação intelectual**, a **educação para o trabalho** e a **educação física**, para as jovens gerações. E mais ainda, a educação intelectual sem o trabalho produtivo, bem como o trabalho produtivo sem a educação intelectual, não atenderiam o requerimento do nível contemporâneo da técnica e do estado atual do conhecimento científico e filosófico.

Esta certeza era assumida sem reservas pelos marxistas revolucionários que, precisamente por isto “não se opunham em princípio ao trabalho das mulheres e dos adolescentes na indústria, consideravam reacionário todo intento de forma absoluta este trabalho e reivindicavam apenas que fosse executado em adequadas condições de higiene” (LENIN, 1981, t. 2, p. 506).

Todavia, o resgate da questão sobre a unicidade da **educação intelectual** com a **educação para o trabalho** (o trabalho físico em si) era implementado para demonstrar que a “originalidade” dos populistas quanto a associação do trabalho produtivo com a educação intelectual de todos (o trabalho produtivo imposto a todos como dever e não como direito), revelava uma coisa no mínimo curiosa: “a obrigação do trabalho físico como princípio geral, porém não para todos, senão apenas para os pobres” (LENIN, 1981, t. 2, p. 507).

Neste sentido, o trabalho, diferente da forma pensada pela tradição marxista, não é apontado como fulcro do desenvolvimento universal e multifacetado dos homens e mulheres mas, tão somente, como meio de acesso a educação intelectual. Sobre tal condição, Lenin demonstra-se céptico e crítico intransigente por não concordar com a tese capitalista que tratava o conhecimento como mercadoria, isto é, quem tem dinheiro paga por ela, quem não tem, trabalha. Assim, era de se supor “que os Conselhos Pedagógicos dos Liceus se transformem também, em parte, em conselhos comerciais” (LENIN, 1981, t. 2, p. 510).

Os populistas russos, me parecem, foram os primeiros a postular a criação da ‘bolsa escola’ ou um pequeno desembolso que, sem ser mesquinho, pode ser calculado por cada pessoa (mensal ou anual). Na verdade, diante do que o governo propunha, os operários apesar de sua ‘ignorância’, ‘insolência’ e ‘selvajaria’, não concordavam à medida que se negavam a trabalhar por menos de um salário mínimo.

Parodiando Lenin, eu diria que se contemporânea fosse, *Koróbochka*<sup>61</sup> saltaria de júbilo diante da originalidade do governo na resolução do problema do desemprego e da fome. A isto, Lenin (1981, t. 2, p. 515) aduziria um velho problema familiar a todos os envolvidos com a educação: a escola correcional. Este tipo de escola destinava-se, por suposto, apenas aos alunos expulsos por má conduta e que “seria um complemento lógico de todo o sistema”. Acrescento. Os expulsos eram os malvados alunos tentados pela perspectiva de livrar-se da **educação formal** monótona, repetitiva, mnemônica, descolada do cotidiano, dos seus interesses e objetivos.<sup>62</sup>

---

<sup>61</sup> *Koróbochka* – personagem da obra de Gogol, N. V., “Almas Mortas” de 1842. Era uma pequena proprietária de terras, arraigada, mesquinha e estúpida. O epíteto *Koróbochka* passou a ser usado para designar avareza, mesquinha e nescidade (In : LENIN, 1981, t. 2, nota 155, p 623).

<sup>62</sup> Parece que a coisa se mantém sobre outras capas ou outros matizes. As novas escolas ou escolas burguesas ou capitalistas encimadas na parceria do governo com a iniciativa privada, ou parceria público privado, deverão produzir simplesmente para atender as demandas fantasiosas, dissolutas e fugazes do mercado. Em consequência, a produção social será regida pelas leis do mercado às quais deverão submeter-se! Pergunto: de onde tiraram a idéia que a produção deve reger-se por não sei que leis do tal mercado? A sujeição das escolas públicas às leis do mercado

Diante do que o ensino da teoria sobre a luta de classes poderia representar para a sociedade historicamente dividida em classes sociais adversas: as curiosas pretensões de saltar por sobre a própria cabeça, o colocar-se acima das classes, manipular o discurso da educação para todos, compunham “a essência da concepção de mundo de um intelectual pequeno burguês” (LENIN, 1981, t. 2, p. 518).

## 2.6 – As escolas dominicais e a repressão ao marxismo

Sobre as escolas dominicais<sup>63</sup>, o Ministro do Interior da Rússia, em 1895, apontado “*Em que pensam nossos Ministros?*”, tinha recebido informações que nelas

agiam pessoas suspeitas quanto ao aspecto político, assim como parte da juventude estudantil de determinada tendência (refere-se aos jovens participantes do movimento revolucionário democrático dos anos 60 do século XIX na Rússia) tratava de ingressar nas escolas dominicais como mestres, conferencistas, etc. (LENIN, 1981, t. 2, p. 79).

Não havia justificativa plausível para esse Ministro bloquear a participação desses profissionais nas ‘escolas dominicais’ à medida que o desempenho de suas funções era gratuito. Para o Ministro, esses profissionais eram elementos agitadores e subversivos de clara oposição à “forma de governo e ao regime social existente na Rússia” (LENIN, 1981, t. 2, p. 79).

A atitude do Ministro era por demais clara, se alguns intelectuais entendiam a necessidade de compartilhar o conhecimento que dominavam com os operários e camponeses pobres tratava-se, então, de “conspiradores que incitavam as pessoas dando aulas nas escolas dominicais” (LENIN, 1981, t. 2, p.80).

Assim, se por um lado as informações recebidas pelo aparato repressivo do Ministério do Interior não só provavam a existência, entre os professores oficiais, de indivíduos de tendências

---

capitalista implica, necessariamente, em sua imediata e inegável sujeição à burguesia e limitação do trabalho dos professores aquém dos seus direitos, além do que esses professores serão tratados a partir da lógica produtivista do mercado capitalista, isto é, serão pagos por “peça” produzida: mais aulas, mais salário.

<sup>63</sup> Escolas para adultos na Rússia czarista, funcionavam sempre aos domingos e tinham por objetivo a alfabetização dos analfabetos e semi-analfabetos. Seus organizadores e professores faziam parte da intelectualidade progressista e realizavam essa tarefa gratuitamente. Essas escolas eram usadas pelos marxistas revolucionários para a **educação política** dos operários.

‘perigosas’ e conspirativas, por outro lado, também era verdade que algumas escolas estavam sob a direção de grupos suspeitos que não pertenciam aos quadros oficiais de funcionários.

O sistema de ‘escolas dominicais’ fora colocado sob suspeição à medida por permitir e possibilitar a infiltração de “pessoas pertencentes ao meio revolucionário” (LENIN, 1981, t. 2, p.80). Para o governo a participação dessas pessoas por demais ‘estranhas’, não selecionados e avaliadas pelos padres e espias, era considerada como atividade ilegal, subversiva e de caráter revolucionário.

Não era de todo descabida a preocupação do Ministério do Interior com essas pessoas eversivas, uma vez que ele entendia os operários como a *pólvora*, e o conhecimento e a instrução, como a *centelha*, junte-se os dois e o pior acontecerá: explodir-se-á a sociedade.

Com outras palavras, os funcionários desse Ministério tinham como certa e clara que a *centelha* ao alcançar a *pólvora* determinaria a explosão imediata dirigida contra o governo, seus resultados seriam inimagináveis. Sobre isto, Lenin (1981, t. 2, p.80) dizia não negar sua satisfação em assinalar que, neste único caso e de modo raro, “estava plena e absolutamente de acordo com as opiniões do Ministro”.

Objetivamente, o que preocupava o Ministro do Interior era o fato de que nas aulas dos ‘mestres olheiros’, no programa sobre a história da Rússia, eram feitas contínuas referências “às rebeliões de Razin e Pugachev”<sup>64</sup> (LENIN, 1981, t. 2, p. 81).

A popularização do conhecimento era tão temida à época que a simples lembrança dos nomes, Razin e Pugachev, fez com que o Ministro considerasse tais exposições como imprestáveis para a escola pública. Além das alusões feitas à esses líderes insurrecionais, os órgãos oficiais ligados à educação localizaram ainda programas de ensino com o seguinte ementário:

Origem da sociedade. A sociedade primitiva. Desenvolvimento da organização social. O Estado: para quem faz falta. A ordem. A liberdade. A justiça. Formas de governo. A monarquia absoluta e a monarquia constitucional. O trabalho como base do bem-estar geral. A utilidade e a riqueza. A produção, a troca e o capital. Como se distribui a riqueza. (...) A

---

<sup>64</sup> RAZIN, M. (? – 1671) foi o líder da maior insurreição de camponeses e cossacos da Rússia no século XVII contra a servidão. PUGACHEV, E. (perto de 1742 – 1775) o líder da maior insurreição camponesa e de cossacos contra a servidão na Rússia do século XVIII.

propriedade e sua necessidade. A libertação dos camponeses com a entrega da terra. A renda, o lucro e o salário (LENIN, 1981, t. 2, p. 81).

Era verdade que a popularização desse ementário brindava aos professores eversivos a possibilidade de levar ao conhecimento dos alunos a teoria de Marx e Engels, o marxismo. Temendo, não sem razão, a teoria marxista, o Ministro falava com especial horror sobre a possibilidade de colocar no meio do proletariado uma escola pública onde os oprimidos poderiam vir a conhecer as causas e os fundamentos históricos da exploração / extorsão sob a qual viviam. Para a autocracia russa, como para todos os governos de inspiração autocrática e despótica, mesmo os despóticos pouco esclarecidos, era de bom alvitre que “a escola se mantivesse bem “longe do vulgo e dos operários” (LENIN, 1981, t. 2, p. 82).

Ontem, e ainda hoje, governos despóticos e pouco esclarecidos, servis aos interesses da burguesia industrial, fundiária e financeira, agasalham o medo cerval quanto a união do conhecimento científico e filosófico, o marxismo, com o proletariado e o campesinato pobre. Aliás, fato apontado por Marx ao afirmar que a teoria (a gnoseologia marxista) ao ‘penetrar’ na consciência do proletariado se transforma em força material. Nasce daí a necessidade de manter os oprimidos na mais hedionda ignorância.

Contrariando a lógica do raciocínio reacionário, sem uma teoria filosófica e científica sobre o mundo e sobre o homem no mundo, a classe operária permanecerá indefesa. Com efeito, com esse conhecimento se tornará uma força imbatível!

Neste sentido, a preocupação governamental com o **ensino** do marxismo tinha, na Rússia, por fundamento o fato de que esta teoria, em primeiro lugar, estava diretamente ligada à **educação** e à **organização** da classe operária, entendida como vanguarda da sociedade moderna; em segundo lugar, assinalava as tarefas desta classe nas quais demonstrava de forma irreprochável a necessidade de substituir inevitavelmente pela **revolução social**, em decorrência do desenvolvimento das forças produtivas, o modo de produção capitalista por outro, o comunista.

Na verdade, era dispensado muito esforço intelectual, pensava Lenin, para ver e compreender que o positivismo e o idealismo, ensinados de modo escolástico pelos professores oficiais, tinham um único e indisfarçável propósito, impedir sua *emancipação intelectual*, embrutecê-lo e ‘amestrá-lo’ para aceitar como inexoráveis o modo de produção feudal e seu sucedâneo, o modo de produção capitalista.

Com efeito, tanto o positivismo, como o idealismo declaravam que o marxismo, teoria especulativa de mundo e vulgar ideologia, estava refutado. Na verdade, causava espécie ao czar e aos latifundiários, os verdadeiros donos do poder na Rússia, a rápida difusão das idéias de Marx e Engels no seio dos operários e camponeses pobres. A predica do marxismo entre os pobres do campo e das cidades, levou a reação czarista agir de uma só maneira, verossímil em todos os tempos e lugares e sem nenhuma criatividade, reiterar e exacerbar “os ataques burgueses contra o marxismo, o qual sai mais fortalecido, mais temperado e com mais vida de cada uma de suas ‘destruições’ nas mãos da ciência oficial” (LENIN, 1983, t. 17, p. 17).

Contrariando o ensino oficial e as mais diferentes teorias ‘novidadeiras’, o marxismo colocava na pauta do dia a questão (dentre outras) da luta de classe contra classe ou o que era a luta de classes?

Ao mesmo tempo inquiria: a luta dos operários de uma fábrica contra seus patrões é necessariamente uma luta de classes?

Ao contrário dos interlocutores de esquerda, Lenin (1981, t. 4, p. 199-200) sustentava uma forma negativa de ver a questão, vez que para ele tal movimento não passava de “débeis brotos” de um processo mais amplo. Essas são, *ad litteram*, as suas palavras:

A luta dos operários se converte em luta de classe só quando os representantes da vanguarda de toda a classe operária de um país adquirem consciência de que compõem uma classe unida e começam a atuar, não contra patrões isolados, senão contra *toda a classe* dos capitalistas e contra o governo que apóia essa classe (...). Só quando cada operário adquire consciência de que é parte de toda a classe operária, quando em sua pequena luta quotidiana contra um patrão ou um funcionário vê a luta contra toda a burguesia e contra todo o governo, só então sua luta se transforma em luta de classes.

Sob o ponto de vista de Lenin (1981, t. 4, p. 199-200), adrede ignorado pela educação oficial, é um crasso e grave erro interpretar ao pé da letra “a tese de Marx de que toda luta de classe é uma luta política, no sentido de que qualquer luta dos operários contra os patrões *seja sempre* uma luta política”. E mais, ele apontava que “a luta dos operários se converteria necessariamente em luta política, quando se convertesse em luta de classe contra classe” (LENIN, 1981, t. 4, p. 200).

Por intermédio de uma **outra educação**, deslocada do cinto gravitacional da educação czarista, aos bolcheviques cabia apontar aos operários e camponeses pobres a necessidade de *transformar*, via organização (*propaganda e agitação*), sua luta espontânea contra os capitalistas numa luta de classe contra classe, “uma luta de um *Partido* político determinado por determinados ideais políticos e socialistas” (LENIN, 1981, t. 4, p. 200).

Por intermédio da **educação política**, levada a bom termo pelo Partido enquanto uma ‘grande escola’, os comunistas não se limitariam apenas à crítica das velhas teorias – populistas, liberais, oportunistas, anarquistas -, não se limitariam a teorizar, demonstrariam que seu programa não residia no vazio mas “caminhava ao encontro do amplo movimento espontâneo que se desenvolvia no seio do povo, especialmente no seio do proletariado” (LENIN, 1981, t. 4, p. 201).

Por meio da **educação**, os bolcheviques procuravam introduzir no movimento operário espontâneo as idéias comunistas de Marx e Engels, sem esquecer as idéias dos democratas revolucionários russos do século XVIII e as ciências contemporâneas, todas ligadas à “sistemática luta política pela democracia, como meio para realizar o socialismo; em uma palavra, fundir o movimento operário espontâneo num todo indivisível com a atividade do Partido revolucionário” (LENIN, 1981, t. 4, p. 201).

O conteúdo a ser dominado na **educação política** do proletariado e dos camponeses pobres, que bem poderia ser retomado nos dias de hoje com algumas mudanças, era o seguinte: (i) a história do socialismo e da democracia na Europa Ocidental, (ii) a história do movimento revolucionário russo, (iii) a exposição do movimento operário por entendê-lo como indispensável à criação de uma organização partidária revolucionária.

Lenin chamava a atenção para o fato de que as informações sobre estes três pontos da forma como circulavam na sociedade russa não eram convenientes. De modo que esta matéria deviria ser ‘elaborada’ a partir da própria realidade russa, tal como a compreendiam os bolcheviques, vez que não havia modelos predeterminados ou modelos acabados. Por outro lado, quando a necessidade levasse os operários aos corifeus russos em matéria de atividade revolucionária e clandestina, isto não os eximia e nem os livrava “em absoluto da obrigação de manter uma atitude crítica a eles e de criar por sua própria conta sua organização” (LENIN, 1981, t. 4, p. 202).



Esta crítica prendia-se à descrença na conspiração e derrubada do governo mediante ações de cunho ‘blanquista’, e à crença cada dia maior na assunção da consigna “**estudar, propagandear, organizar**, como centro da atividade revolucionária do proletariado e do Partido” (LENIN, 1981, t. 4, p. 204) .

Neste momento me veio à lembrança uma séria e atual questão, já trabalhada por Lenin no final do século XIX: é possível a **educação política** dos operários sem realizar, *pari passu*, **agitação e luta políticas**?

Ou ainda, será “necessário demonstrar não haver **educação política** *fora* da **luta política** e da **ação política**?” (LENIN, 1981, t. 4, p. 330).

Estava por demais claro para os bolcheviques à época<sup>65</sup>, ao contrário do que é predicado hoje, não ser possível imaginar que qualquer educação, encimada em quaisquer livros à margem da atividade e/ou da luta política, pudesses educar politicamente a classe operária e os trabalhadores assalariados. Por isto, temia-se a influência no meio dos social-democratas russos o ponto de vista reacionário, segundo o qual era necessário primeiro, educar o povo e os camponeses pobres, para depois libertá-los.

Na verdade, este era o discurso daqueles que se arrastavam diante do governo e diziam: primeiro há que educar o povo e só depois lhe conferir direitos políticos. Esse discurso era um imbróglio político pois predicava a tarefa de “despertar a consciência da necessidade de lutar por direitos políticos e, ao mesmo tempo, acreditar ser impossível realizar agitação política” (LENIN, 1981, t. 4, p. 330).

E mais. Se por um lado, apontava a necessidade da luta política, por outro lado, não conclamava o operariado à luta política constituindo-se, assim, um verdadeiro obstáculo à compreensão da realidade e das possibilidades de transformá-la. Este imbróglio era o reflexo inevitável da ambigüidade e da incoerência, pois já não era possível negar que na vigência da autocracia czarista a **educação** sintonizada com as demandas históricas das ‘massas’ operárias estava ligada indissociavelmente “à agitação e à luta política” (LENIN, 1981, t. 4, p. 332).

A propósito, as organizações econômicas e profissionais burguesas, intituladas ‘apolíticas’ eram, em todas as partes, propugnadas e edificadas “pelos mais fervorosos partidários da

burguesia” (LENIN, 1981, t. 4, p. 32). Neste sentido, era criminosa e vergonhosa a sistemática tentativa praticada por essas organizações para silenciar a luta e as tarefas políticas da classe operária. Esse silenciamento equivalia à corrupção da **consciência proletária** que, via, sentia e lutava ainda espontaneamente contra a opressão política.

Por suposto, os educadores oficiais do período czarista, com raras exceções, do ponto de vista intelectual eram portadores de uma extrema estreiteza política materializada no posicionamento contra a idéia da **luta política** e, portanto, da **educação política** dos operários e camponeses pobres.

Os educadores oficiais, sempre servis ao poder dominantes, proclamavam sua indiferença e resistência à difusão das idéias sobre a liberdade política em virtude de que, segundo pensavam, “as massas operárias não compreendiam a idéia da **luta política**, idéia ao alcance apenas dos operários mais desenvolvidos” (LENIN, 1981, t. 4, p. 333).<sup>66</sup>

Com efeito, na ponderação de Lenin (1981, t. 4, p. 333), era falsa a afirmação sobre a incompreensão das ‘massas’ sobre ‘a idéia da **luta política**’. O educador, enquanto **agitador político**, era portador de sensibilidade e tato para abordar e transmitir a idéia da **luta política** em linguagem inteligível e sempre estribado “nos fatos da vida quotidiana conhecida por seu interlocutor”.

A apologia da ignorância ‘absoluta’ da juventude e da incompreensão das ‘massas’ operárias e do campesinato pobre, portanto, da possibilidade de que entre elas apenas possam ocorrer manifestações parciais, isto é, profissionais (econômicas) contra setores da sociedade considerados obstáculos às reivindicações espontâneas e imediatas, se configuravam como extremo oportunismo. Essa forma de oportunismo manifestava-se na “extensa humilhação e obscurecimento da consciência política e das tarefas políticas da classe operária” (LENIN, 1981, t. 4, p. 335).

---

<sup>65</sup> É no II Congresso do POSDR, em 1903, que os social-democratas revolucionários se dividem em ‘*bolshinstvó*’ (bolcheviques = maioria) e ‘*menshinstvó*’ (menchevique = minoria).

<sup>66</sup> A crítica de Lenin é, *mutatis mutandis*, verossímil a crítica contemporânea aos educadores que vêm nos educandos ignorância ‘absoluta’ e diante da qual sua iluminação intelectual é imprescindível para levar o ‘lume’ à massa ignara de jovens. Esses educadores assumem a especulação demagógica ao predicar a falta de desenvolvimento intelectual dos operários e camponeses pobres, e a ignorância ‘absoluta’ da juventude. Nada é mais perigoso e perverso que a especulação demagógica sobre a situação intelectual da juventude, dos operários e camponeses.

Sempre postado na contramão do oportunismo e à ele dando combate, Lenin (1981, t. 4, p. 336) conferia ao processo educacional contra hegemônico a função de demonstrar aos operários e camponeses que a luta econômica representava o alicerce sobre o qual deveria ser erguida “a organização dos operários em um Partido revolucionário, para unificar e desenvolver sua luta contra todo o regime capitalista”.

Lenin (1981, t. 4, p. 336) olhava para a educação dos operários com uma concepção antitética a do intelectual populista e do *parvenu*<sup>67</sup> grosseiro de sua época para quem à educação oficial cabia tão somente reproduzir as relações de produção e, no melhor das hipóteses, predicar a luta econômica. Para ele, a tarefa do comunista “era lograr que a luta econômica contribuísse com o movimento comunista e com os êxitos do partido operário revolucionário”. A tarefa do comunista “é contribuir para a fusão da luta econômica com a luta política numa luta única de classe das massas operárias”.

A estreiteza intelectual que aponta o favorecimento da luta economicista sobre a luta política conduz a erros teóricos crassos e restringe as tarefas práticas. De maneira que, Lenin (LENIN, 1981, t. 4, p. 339) finda seu texto sobre ‘a *profession de foi*’, seguro que “só uma polêmica franca e aberta contra o economicismo estreito e contra as idéias bernsteinianas que se propagam cada vez mais pode garantir um desenvolvimento correto ao movimento operário russo e a sociedade russa”.

Na verdade, compartilhava todas as idéias fundamentais do marxismo, tal como foram expostas no *Manifesto do Partido Comunista* e propugnava o desenvolvimento conseqüente dessas idéias no espírito de Marx e Engels, rechaçando de forma intransigente “as emendas ambíguas e oportunistas da moda” (LENIN, 1981, t. 4, p. 347).

Longe de qualquer sectarismo e dogmatismo, era preciso convencer os quadros e militantes do POSDR, em primeiro lugar, de que o processo **educativo partidário** deveria consubstanciar a luta pela democracia e pela liberdade política, indispensáveis à consecução do socialismo; em segundo lugar, era necessário atribuir aos mecanismos ideológicos um caráter democrático geral. Com efeito, não se tratava de, sob esse caráter, velar a luta de classes mas de

---

<sup>67</sup> Pessoa que atingiu súbita ou recentemente riqueza e/ou posição social de proeminência, mantendo-se no limite de “gravitação” da burguesia sem no entanto ter adquirido os modos convencionais adequados à vida burguesa.

apontar em todas as instâncias o antagonismo de classe entre o proletariado e a burguesia, entre os camponeses pobres e os latifundiários.

Era indispensável explicitar todas as formas de oposição política e sobre elas exercitar um estudo amplo e rigoroso e contra elas atrair todas as pessoas que lutavam contra a autocracia, quaisquer que fossem seus pontos de vista e as classes a que pertenciam, para que apóiassem a classe operária como a única força revolucionária e irrevogavelmente hostil a qualquer forma de absolutismo. As bandeiras desfraldadas pelos social-democratas russos poderiam ser transformadas em bandeiras de todo o povo. E neste sentido, a **educação política** tinha um papel destacado.

Numa declaração à redação do “*Iskra*”, Lenin (1981, t. 4, p. 375) demonstrava uma séria e indelével preocupação com as obras que o público tinha acesso, todas escritas por representantes destacados do ‘marxismo legal’<sup>68</sup> e “que dia a dia suas concepções se aproximavam das concepções da burguesia e que dia a dia era nítida a viragem às concepções próprias à apologia burguesa”.

Sem querer exagerar a gravidade quanto à atuação dos ‘marxistas legais’, considerava perigoso cerrar os ouvidos às suas ações e proclamas. Por isto, entendia como absolutamente imprescindível, nas mais diversas instâncias ideológicas, implementar uma luta sistemática contra a vulgarização do marxismo.

Neste sentido, o papel destacado da **educação política levada** a termo pelo Partido comunista, ainda no regime czarista, era preparar homens e mulheres que não consagassem à causa da revolução proletária apenas algumas suas tardes ou algumas horas livres mas toda a sua vida. Só assim, fazendo suas as palavras de Piotr Alexéev<sup>69</sup>; “se levantarão braços vigorosos de milhões de operários e o jugo do despotismo, protegido pelas baionetas dos soldados, saltará feito pedaços” (In: LENIN, 1981, t. 4, p. 394).

---

<sup>68</sup> Os ‘marxistas legais’, uma corrente sócio-política russa dos anos 90 do século XIX, diziam-se partidários de Marx e empreendiam o revisionismo de suas teses, rechaçando sua *anima* revolucionária: a derrota inevitável do capitalismo, a revolução socialista e, portanto, a ditadura do proletariado e o Estado de novo tipo.

<sup>69</sup> Operário revolucionário russo dos anos 70 do século XIX.

## 2.7 – As fazendas-escolas

Contra as galimatias – discursos verborrágicos e ininteligíveis – e os absurdos teóricos do *subjetivismo* pífio peculiar aos populistas russos, Lenin (1981, t. 2, p. 571) contrapunha ‘O Capital’ de Marx “como um dos modelos mais admiráveis de *objetividade inabalável* no estudo dos fenômenos sociais”. Para os ‘*subjetivistas*’ o defeito principal e fundamental da obra de Marx era, exatamente, a sua *inflexível objetividade*.

Todavia, “em tão poucos tratados científicos encontrar-se-ão tanto ‘coração’, tanta perspicácia, polêmica mordaz e apaixonada contra os representantes de concepções atrasadas, contra os representantes das ciências sociais que, a juízo do autor, freiam o desenvolvimento social” (LENIN, 1981, t. 2, p. 571).

Marx havia demonstrado com *objetividade* que a concepção da ‘*Sagrada Família*’ era o “reflexo compreensível e inevitável, do ponto de vista e do estado de ânimo do *petit bourgeois* francês” (LENIN, 1981, t. 2, p. 571). Se toda concepção de mundo, toda teoria científica e filosófica, exigia do homem público enquanto ideólogo

uma análise (...) objetiva da realidade e das relações originadas por ela entre as classes sociais, por que ‘milagre’ se pode extrair disso a conclusão de que o homem público não deve simpatizar com esta ou aquela classe? É até ridículo falar aqui do dever, pois nenhum ser vivente *pode deixar de tomar partido* por uma ou outra classe (tão logo haja compreendido a relação entre elas), não pode deixar de alegrar-se do êxito dessa classe nem de sentir amargura por seus fracassos; não pode deixar de indignar-se contra os inimigos dessa classe, contra os que colocam travas ao seu desenvolvimento difundindo concepções (teorias, idéias, pensamentos) atrasados etc. (LENIN, 1981, t. 2, p. 572).

O libertar-se da coima partidária referente à defesa dos interesses de uma determinada classe social, posição defendida pelos ‘*subjetivistas*’ e positivistas do século XX, determinante das supostas pesquisas ‘desinteressadas’ pela luta revolucionária do proletariado, pela revolução e pelo comunismo, representava o marco do rompimento do populismo russo e do oportunismo europeu-ocidental com as melhores tradições do pensamento político e filosófico da Rússia.

Os ‘*discípulos*’, os adeptos da ortodoxia marxista, ao contrário do que apregoavam os populistas, não romperam o fio democrático que perpassava todas as correntes progressistas do

pensamento social russo mas dele se apropriaram e o superaram. Questionando o desenvolvimento capitalista na Rússia, os populistas “consideravam que o capitalismo não era um processo natural inevitável e/ou necessário mas um *detour* histórico que poderia ser corrigido com a ‘comunalização’ da produção” (1981, t. 2, p. 63).

Para além da simples e fácil crítica, os populistas tinham um plano elaborado para a educação da população russa do campo; eles arquitetaram um plano de educação secundária obrigatória para todo o povo. Nesse plano, as escolas construídas em cada sub-distrito atenderiam a população masculina e feminina entre 8 e 25 anos.

O objetivo delineado para essas escolas era o desenvolvimento do trabalho agrícola e da educação moral. Os moradores dessas escolas seriam mantidos com o trabalho nelas realizado, bem como gerariam recursos para manter a toda a população infantil. Era uma espécie de programa educacional auto-sustentável. Procurava-se ainda com as fazendas-escolas ‘socializar’ a produção para atender mais e melhor as demandas, pelo menos, da metade da população.

Esse projeto deveria despertar o interesse do Governo, especialmente porque ele significava custo zero para o governo. E mais. Envolveria diversos Ministérios – o da Educação ou Instrução Pública, o da Agricultura, o da Guerra e o da Justiça – a estes dois últimos lhes interessava o projeto por transformar as escolas em loca correcional ou de readequação comportamental.

Nessas escolas, no verão, os alunos ficariam livres por completo dos estudos e se dedicariam, então, aos trabalhos agrícolas. Ademais, os alunos graduados no liceu continuariam nele durante algum tempo como trabalhadores gratuitos e/ou não remunerados; “cumpririam trabalhos no inverno e seriam utilizados em labores artesanais que completariam os agrícolas e permitiriam a cada escola manter com seu próprio trabalho a todos os alunos e operários, a todo o pessoal docente e administrativo e cobrir gastos com a instrução” (LENIN, 1981, t. 2, p. 66).

Os traços peculiares da escola em questão: (i) deveria ser a mais rentável possível; (ii) os recém egressos eram obrigados a pagar com o seu próprio trabalho os gastos feitos com sua própria educação; (iii) meninos e meninas estudariam em escolas a parte, “condescendendo com o prejuízo dominante no continente europeu contra a educação mista que, na realidade, seria mais racional” (LENIN, 1981, t. 2, p. 67).

Curiosamente os populistas russos projetavam para o futuro próximo a construção de escolas e liceus, do tipo antigo, para quem pudesse custear os próprios estudos. Todavia, uma questão preocupava: por que os estudantes que podiam custear os próprios estudos depois (de concluídos esses estudos) não poderiam contribuir também, com seu trabalho, à manutenção das escolas?

A resposta era simples, murmurava Lenin (1981, t. 2, p. 69), a divisão dos estudantes em dois grupos, de um lado, os que podiam pagar e, do outro lado, os que não podiam pagar, era uma evidência de que a reforma pretendida pelos populistas não afetaria a estrutura econômica da sociedade russa, autocrática, feudal e absolutista. Esta divisão não surpreendia à medida que “as pessoas submetidas às relações de trabalho obrigatório se encontravam nas condições que correspondiam a essas relações”.

Sobre isto, Lenin (1981, t. 2, p. 70) manifestava-se com ironia dizendo nada haver de utópico na proposta das fazendas-escolas: “perguntem a qualquer velho camponês e ele lhes falará por experiência própria da mais completa viabilidade de tudo isto”.

Diante das incertezas e dissabores produzidos pela marcha doentia do capitalismo – aumento da riqueza e luxo para um punhado de capitalistas e crescimento exponencial da miséria e da opressão, do desemprego, do desamparo e da ruína dos operários – e, certamente, o velho camponês preferirá a sossegada, pacata e sedentária vida prometida pelos ideólogos das fazendas-escolas.

Diante do fato de que o capital, mais numeroso ou em maior quantidade a cada dia, ia fustigando com crescente força os operários, submergindo-os às escâncaras

na miséria e constringendo suas mulheres e filhos a incorporar-se no trabalho<sup>70</sup>. Valendo-se de que com o emprego das máquinas é necessário menos operário, o capitalista os despede em massa (*sem dó e nem piedade, caso contrário não seria um capitalista*) e (*paradoxalmente*) se aproveita deste desemprego para escravizá-los ainda mais (*os que ficaram*), para prolongar a jornada de trabalho (*ou aumentar a produtividade para uma mesma e igual jornada de trabalho*), para retirar-lhes o repouso noturno e convertê-los em meros apêndices das máquinas (LENIN, 1981, t. 2, p. 92).

---

<sup>70</sup> Aproveitando-se que as máquinas exigiam uma menor quantidade e explicitação de força ou esforço físico no seu manuseio, os capitalistas optavam e ainda optam por colocar mulheres e crianças à frente da maquinaria pagando-os, obviamente, um salário mais aviltante ainda.

Isolado e impotente diante do capitalista organizado, o proletário, a critério de Lenin (1981, t. 2, p. 94), deveria ser educado na imprescindibilidade de celebrar uma *união*. O proletário poderia se transformar em força real apenas *unido* aos companheiros operários e aos camponeses pobres, *união* como única tática viável para “lutar contra o capitalismo e oferecer-lhe resistência”.

Esta *união* era vista e entendida como uma necessidade para os operários que tinham à sua frente o grande capital como inimigo central a combater e vencer. Mas como seria possível celebrar uma *união* entre operários portadores de estranhas, bizarras e heterogêneas idéias sobre a realidade que os oprimia?

Como dizia Lenin (1981, t. 2, p. 94), cabia ao Partido referir amiúde sobre as condições que preparariam os operários à *união*, desenvolvendo sua capacidade e sua aptidão para unir-se em prol da causa coletiva. Destarte, era preciso explicitar que no trabalho conjunto de milhares de operários era necessário e imprescindível o “exame coletivo de suas necessidades e a ação mancomunada, tornando patente a identidade de situação e interesses de toda a massa operária”.

A *união* passava também pelo fato de que o traslado constante dos operários de uma fábrica para outra lhes permitia cotejar / *comparar* “as condições e a ordem de coisas existentes nas distintas fábricas, *comprovar* que a exploração é igual em todas as fábricas, *assimilar* (a experiência) doutros operários em choques com os capitalistas e, deste modo, reforçar a coesão e a solidariedade [*entre*] os operários” (LENIN, 1981, t. 2, p. 94).

O papel do Partido na educação desses operários era da maior importância, não apenas porque levava a essa classe uma outra concepção de mundo e de homem no mundo e a ideologia socialista trabalhada sob a ‘**práxis, crítica e revolucionária**’ mas, sobretudo, porque poderia demonstrar que (i) “quanto maior é a opressão do capitalismo, tanto mais indispensável se faz a resistência mancomunada dos operários”; (ii) quanto mais “cresce o capitalismo e as greves se repetem, estas resultam insuficientes<sup>71</sup>” (LENIN, 1981, t. 2, p. 95).

Sobre a **ilusão** sobre as ações individuais dos capitalistas contra os operários, por ocasião de greves que se alastram ou que poderiam alastrar-se, a verdade era uma só: contra os operários

---

<sup>71</sup> Era uma prática contumaz dos capitalistas russos tomar medidas conjuntas durante as greves: acertavam alianças entre si, contratavam operários doutras paragens e solicitavam o concurso do poder do Estado que lhes ajudavam a aplastar a resistência do operariado declarando a greve ilegal.



em greve não atuava apenas os donos de determinadas fábricas mas toda a classe capitalista e o governo que lhe ajuda.

A **educação partidária** deveria insistir com o proletariado que diante da ação conjunta dos capitalistas, “a *união* dos operários de uma fábrica e inclusive de um ramo industrial não bastava para opor resistência a toda a classe capitalista, se fazia absolutamente necessária a ação mancomunada de toda a classe operária” (LENIN, 1981, t. 2, p. 95). Desta maneira teria transparência a transformação das greves e motins isolados em luta de toda a classe operária; a luta dos operários contra os capitalistas se transformaria em luta de classe contra classe.

Destaco desta afirmação que a luta de classes, ainda vigente, na qual são inconciliáveis os interesses dos pólos apostos e adversos ou antagônicos<sup>72</sup> da estrutura social, perdeu força, do ponto de vista teórico, quer dizer, pouco tem sido abordado nas escolas, posto não ser conteúdo enfático da educação oficial. Contudo, cabia à **educação partidária** apontar com detalhes históricos, rigor científico e disciplina filosófica que a luta de classes não era apenas um mero aspecto de uma teoria intitulado revolucionária, perdido no meio das brumas da Floresta Negra, senão que correspondia ao embate entre interesses de classes (*os espontâneos e imediatos e os estratégicos e de longo prazo*) que se colidem e não se coadunam.

À essa **educação** cabia demonstrar, em primeiro lugar, que os capitalistas quando é absoluta e estritamente necessário se unem sob um mesmo e incontornável interesse: manter os operários subjugados e pagar-lhes um salário o mais baixo possível<sup>73</sup>; e, em segundo lugar, que os operários têm um interesse comum que lhes une: “não permitir que o capital lhes esmague, defender seu direito à vida e à dignidade humana” (LENIN, 1981, t. 2, p. 95).

Contudo, não era e não é suficiente apenas o convencimento da necessidade da *união* e da ação conjunta firme e resoluta contra os capitalistas. Os operários e camponeses pobres

---

<sup>72</sup> A oposição dialética de Marx: uma oposição inconciliável - o capitalista representa o partido *conservador*, enquanto o proletariado, o partido *destruidor*. Do capitalista parte a ação necessária à conservação e reprodução dessa oposição, do proletário irrompe e eclode a ação revolucionária indispensável ao aniquilamento do primeiro. Entendida esta oposição dialética, temos que resolver, pelo menos no campo subjetivo, o seguinte imbróglio: a miséria às escâncaras já não causa mais escândalo, banalizada foi incorporada à cultura de uma época sem alma, de sombras sem corpos.

<sup>73</sup> Para salvaguardar seus interesses hediondos e misantrópicos os capitalistas têm colocado em prática uma ação conjunta de toda a classe dominante, ao passo com a ‘ajudazinha’ do poder do Estado e ação hipócrita e de sapa do Governo.

necessitavam / necessitam, de uma forma ou de outra, conquistar influência sobre o ‘poder’ de Estado.

As críticas e ilações aqui expostas seriam supérfluas, extemporâneas, diletantismo acadêmico, se o capitalismo contemporâneo, escorado no vazio do discurso oportunista, não reafirmasse a velha prática anunciada por Lenin (1981, t. 2, p. 97) nesta longa citação:

Uma vez que contratou um operário, a fábrica dispõe dele ao seu capricho, sem prestar a maior atenção aos costumes do operário, ao seu modo de vida habitual, a sua situação familiar, às suas *demandas intelectuais*<sup>74</sup>. A fábrica o obriga a trabalhar quando ela o necessita, sujeitando às suas exigências toda a vida do operário, fazendo-lhe fragmentar seu descanso e obrigando-lhe, com a organização dos turnos, a trabalhar de noite e nos dias festivos. A fábrica recorre a todos os abusos imagináveis com respeito à jornada de trabalho. (...) A vida da fábrica está organizada expressamente para extrair do operário contratado todo o trabalho que pode render, para suprimir-lhe o mais possível todos os sucos<sup>75</sup>, para em seguida o jogar na rua.

Há uma lei capitalista sobre a qual não se pode tergiversar. Todo operário que é contratado para trabalhar numa fábrica,

desde logo, se subordina ao patrão e a cumprir tudo o que o mandam. (...) A fábrica exige que o operário renuncie por completo a sua vontade (*que renuncie aos seus sonhos e desejos, sem sonhos e desejos o projeto humano se esvai, deperece, morre*); a fábrica implanta em seu recinto uma disciplina, obrigando o operário ao toque da sirena (*como o soldado ao toque do clarim*) a levantar-se para apresentar-se ao trabalho e a suspendê-lo (...). O operário se converte em uma parte de um enorme mecanismo: deve ser tão submisso, tão escravo e tão privado de vontade própria como a máquina” (LENIN, 1981, t. 2, p. 97). (os itálicos são meus)

---

<sup>74</sup> Essas demandas, argumento favorável, não são um mero *savoir-faire* técnico instrumental necessário à duplicação ou à triplicação da mais-valia relativa, senão aquelas indispensáveis ao desenvolvimento pleno e ou à plena humanização do proletariado. *Demandas* já apontadas quando abordei a questão da centralidade do rega-bofe, do mandriar ou do *‘dolce far niente’* sem o qual permanece a desumanização pelo trabalho.

<sup>75</sup> De forma metafórica, Lenin reporta-se ao operário como se fosse uma cana de açúcar que, passada na moenda e repassada, dela é retirada toda a seiva, o caldo, a garapa, enfim sua essência ‘viva’, para em seguida ser jogada fora como bagaço imprestável e/ou sem mais serventia ao processo alimentar. Assim ocorre com o operário, sugado em todas as suas forças pelo processo hediondo de produção de mais-valia, ulteriormente é jogado no olho da rua, na sarjeta, como ‘máquina falante’ imprestável.

Em suma, sob a lógica do capital o operário-padrão, decantado em prosa e versos... reacionários, *mutatis mutandis*, é uma ‘máquina falante’ e, na melhor das hipóteses, um ‘instrumento animado’<sup>76</sup> com o qual o capitalista enriquece para seu deleite e para o seu contentamento. Por sua vez, o Estado (o executivo, o legislativo e o judiciário), ontem e hoje, ao fazer indulgência ou se apiedar dos interesses do patronato e tecer comiserações à injustiça da *Burocracia política* determina e reafirma a injustiça da própria lei.<sup>77</sup>

Se outrora, um tempo remoto e perdido na poeira da história, o operário era injustiçado por um sem número de funcionários públicos, encimados no servilismo, no compadrio com o patronato e/ou na ignorância sobre a dinâmica social capitalista, hoje a injustiça emana do Estado que assume a defesa da burguesia e “promulga leis obrigatórias para todos em benefício desta classe” (LENIN, 1981, t. 2, p. 97).

Para desenvolver plenamente suas aptidões e aproveitar em pé de igualdade as conquistas da ciência e das artes, “os operários devem por a termo a propriedade privada dos instrumentos de trabalho, pôr nas mãos de toda a sociedade todas as fábricas e minas, assim como todos os latifúndios, etc., e organizar a produção socialista comum, dirigida pelos próprios operários” (LENIN, 1981, t. 2, p. 99).

Por mais que se possa argüir em contrário, é preciso apontar que apenas a *união* suficientemente forte e orgânica dos operários pode arrancar ‘concessões’ aos capitalistas, oferecer-lhes resistência, inclusive, influir sobre a elaboração e aplicação das leis do Estado e lograr, quando se fizer necessário, sua modificação; à medida que essas leis são redigidas no

---

<sup>76</sup> A meu critério, nenhuma escola ou ensino no interior da fábrica poderá pregar o esclarecimento da contradição central do capitalismo entre trabalho e capital, menos ainda poderá elaborar e trabalhar uma pedagogia da insubmissão e/ou da revolta, uma pedagogia crítica e revolucionária. Por caminhos diversos cabe à escola oficial, pública e privada, ou, simplesmente, escola capitalista (onde ocorre preferencialmente a inculcação da ideologia burguesa e assemelhadas) ratificar a submissão, o ‘escravismo’ assalariado, a negação da vontade própria do operário e a inexistência doutra possibilidade social, política e econômica, isto é, doutro ‘projeto’ social histórico não mais utópico mas perfeitamente plausível. Privado do *logos*, da palavra, da razão, o operário é transformado em ‘ego’ anímico desprovido de capacidade para identificar o ‘alter’ (o semelhante) e de amor próprio e senso de dignidade, assumindo o trabalhar por trabalhar para deleite e contentamento do moderno ‘senhor’ de escravos.

<sup>77</sup> Uma questão surpreende. O operariado contemporâneo ainda não compreendeu, talvez por falta de **educação política**, que quem o oprime não é um capitalista isolado mas a classe dos capitalistas, a burguesia, vez que todas as indústrias e fábricas são regidas pelo mesmo sistema de exploração. Para conseguir melhorar a situação do operário, a classe operária deve enfrentar a organização social jurídico, política e ideológica, ou melhor, a máquina estatal – o governo, o judiciário, o parlamento, a mídia, as escolas, os sindicatos, os partidos, as igrejas, etc. – envolvida com a exploração do trabalho pelo capital.

interesse da burguesia, privando os operários, os trabalhadores assalariados e os camponeses sem terra da possibilidade de influir sobre elas.

No capitalismo, operários e trabalhadores assalariados em geral, exceção feita à aristocracia operária, permanecem privados da participação efetiva na feitura e promulgação das leis, na discussão e na promoção de outras novas; tampouco podem reclamar na derrogação das ‘velhas’. Se no discurso o governo goza de poder absoluto, considerando-se independente por completo em relação ao povo e por cima de todas as classes, na prática, esse governo em todos os conflitos entre operários e capitalistas se coloca, sempre, ao lado destes últimos.

## **2.8 – A sociedade culta e a sociedade inculta**

Ontem, como hoje, a juventude estudantil quando faz política de oposição é perseguida e desqualificada, no discurso dos “marechais” da nobreza sempre pronunciado em reuniões privadas “para tratar dos assuntos estudantis” (LENIN, 1981, t. 5, p. 365).

Aparentemente crítico, esse discurso encerra um comportamento reacionário frente aos estudantes militantes políticos. A politicagem decorrente da desordem e desestruturação política do governo, enquanto enfermidade social se refletia em todas “as instituições e forçosamente também nos estabelecimentos de ensino, com sua população mais jovem e, em conseqüência, mais sensível, submetida assim mesmo ao regime opressivo da ditadura da burocrática” (LENIN, 1981, t. 5, p. 366).

Para os “marechais”, a desordem seria “a origem dos distúrbios estudantis e da desordem geral do Estado” (LENIN, 1981, t. 5, p. 366). E exatamente, por isto, diziam que

nos estabelecimentos de ensino médio e superior (...) se passou de novo ao tema das revoltas estudantis (...) e se fez referência à influência de diversas forças revolucionárias exteriores sobre a juventude estudantil. (...) Os industriais, por exemplo, (...) esquecem ou calam sobre a existência da exploração legítima e ilegítima de que são objeto os operários (...) e se não existisse tal exploração, os elementos revolucionários exteriores tampouco teriam os numerosos motivos e pretextos graças aos quais se imiscuem com tanta facilidade nos assuntos das fábricas. O mesmo se pode dizer, (...) de nossos estabelecimentos de ensino, que

os templos de saber foram convertidos em fábricas de elementos burocráticos (LENIN, 1981, t. 5, p. 367-368).

Não é necessário comentar esse discurso, em virtude dele ser pertença de um nobre russo que, por motivos doutrinários ou de miserável interesse egoísta, se indigna contra os revolucionários, sempre os confundindo com demagogos. Preferindo ignorar as reais causas da atuação dos revolucionários, o nobre russo apontava, por exemplo, como única medida possível, obstáculo à atuação dos revolucionários, “a demolição radical do regime atual em todos os estabelecimentos de ensino e substituí-lo por outro novo” (LENIN, 1981, t. 5, p. 367).

Qualquer semelhança com o que pretendem os ‘intelectocratas’ – mistura de intelectual com burocrata – do atual governo brasileiro terá sido mera coincidência. Mas, na verdade, ontem como hoje, os discursos diferem pouco nesta questão, o descaso os funcionários russos para com o sistema de ensino e, conseqüentemente, com os estudantes secundaristas e universitários, haveria de produzir ao longo da história dois efeitos nefastos ao Governo e à classe dominante. Diz o marechal russo:

[primeiro] os estudantes sem esperar o apoio da sociedade culta, nem dos professores e das autoridades universitárias, decidiram (...) buscar a simpatia de diversos elementos do povo; e já temos visto que, finalmente, mais ou menos o hão logrado, hão começado a ganhar pouco a pouco a simpatia da multidão; [segundo] forçosamente a juventude estudantil é lançada nos braços dos demagogos e revolucionários, a convertem em seu instrumento, e em seu próprio seio, inevitavelmente, se desenvolvem cada vez mais os elementos demagógicos, alijando-a do desenvolvimento cultural pacífico e da ordem existente (se é que se pode lhe chamar de ordem), e empurrando-a ao campo inimigo (In: LENIN, 1981, t. 5, p. 369).

A indignação desse nobre russo diante da atuação dos revolucionários, no meio dos estudantes, era “muito parecida com o resmungar de um ancião (não por sua idade mas por suas concepções), disposto quiçá a reconhecer também algo bom naquilo contra o qual resmunga” (LENIN, 1981, t. 5, p. 370). Por outro lado, não causava espécie que os nobres se assustassem com a ‘parcialidade’ da simpatia da multidão – a sociedade inculta – para com o movimento estudantil.

O que ocorre é simples, o descaso, o distanciamento, enfim, o abismo criado entre a ‘sociedade culta’ e os estudantes faz com que estes se aproximem cada vez mais dos operários,

trabalhadores assalariados, camponeses pobres e revolucionários, uma mistura insólita e realmente explosiva aos ‘olhos’ de qualquer conservador.

A hipocrisia é uma anciã por demais velha, destarte, quando um latifundiário russo do século XIX clama contra a exploração ilegítima e a miséria dos operários *fabris*, e um capitalista brasileiro do século XXI vocifera contra a extorsão escravocrata da força de trabalho no campo, é mister dizer-lhes, entre parênteses: Não farás mal, compadre, em mirar-te a ti mesmo!

A consigna da liberdade política na Rússia, no século XIX, trouxe consigo o espancamento dos operários que defendiam seus direitos a uma vida melhor, o espancamento dos estudantes que protestavam contra a arbitrariedade do asfixiamento de toda palavra de ordem honrada e audaz!

Em face deste fato incontestável, os estudantes russos começavam a perceber que apenas o apoio da multidão “e, principalmente, o apoio dos operários, poderia assegurar-lhes êxito, e que para conseguir este apoio deveriam lutar não apenas por liberdade acadêmica (estudantil), senão *pela liberdade de todo o povo, por liberdade política*” (LENIN, 1981, t. 5, p. 393-394).

Essa mesma consigna foi, no Brasil, abraçada e proclamada pela esquerda nos anos cinqüenta, sessenta e setenta do século XX, pois para ela não seria possível a real reforma do ensino – mais verbas, mais laboratórios, mais salas de aula, melhores salários, enfim, melhores instalações e adequadas condições de estudo e trabalho – sem a reforma da sociedade, sem a transformação da sociedade, o que implicava erradicar a exploração do trabalho pelo capital e todas as suas conseqüências.

Essa esquerda, a meu juízo, esqueceu que quando aqui e alhures “começa a arder o fogo da indignação popular e da luta aberta, faz falta em primeiro lugar, e sobretudo, uma forte corrente de ar fresco para que esse fogo possa se transformar numa grande chama!” (LENIN, 1981, t. 5, p. 395).

Não se trata, no entanto, de utilizar a **educação oficial** e a **não oficial** – educação de Partido – para incitar os ‘deserdados da terra’ ao ‘assalto imediato’ do poder, todavia, é uma vergonha incomensurável alguém se intitular comunista e não aconselhar aos operários e camponeses pobres

que façam todos os esforços para consolidar, aprofundar, estender e intensificar o incipiente movimento revolucionário. (...) A revolução não cai do céu completamente pronta, e ao iniciar

a efervescência revolucionária, nada pode dizer se conduzirá e quando conduzirá à uma revolução ‘verdadeira’, ‘autêntica’ (LENIN, 1985, t. 27, p. 131).

Apoiar, desenvolver, ampliar e intensificar as ações revolucionárias de ‘massas’, permanece no horizonte programático fundamental dos marxista-leninistas empenhados na luta contra a exploração e a extorsão da força de trabalho proletária e camponesa, na luta contra a moderna servidão assalariada.

A servidão assalariada, a mais constrangedora forma de servidão humana, é uma doença provocada pelo “capitalismo transformado em sistema universal de subjugo colonial e de estrangulamento financeiro da imensa maioria da população do Planeta por um punhado de países ‘adiantados’” (LENIN, 1981, t. 27, p. 319).

O preço da ‘escravidão assalariada’ continuada, permanente, ininterrupta, sem freios, desenfreada, são dezenas de milhões de cadáveres e de mutilados, vítimas da cobiça, da avareza, da deliquescência senil da burguesia, vítimas da guerra que se fez, se faz e se fará “para decidir que grupos de bandidos financeiros, o inglês ou o alemão, haverá de receber a maior parte do botim” (LENIN, 1981, t. 27, p. 319).

Por trás desta ‘servidão assalariada’ há tendências políticas nefastas à luta do proletariado, inimigas dos comunistas, contra as quais era / é preciso encetar uma luta ferrenha. Para Lenin (1981, t. 27, p. 321), estava evidente que “a luta contra tais tendências era obrigatória para o partido do proletariado, o qual deveria arrancar à burguesia os milhões de trabalhadores cujas condições de vida eram mais ou menos pequeno-burguesas”. Ele via com preocupação a atuação junto ao movimento operário do

setor de operários aburguesado ou da ‘aristocracia operária’, inteiramente pequenos burgueses por seu modo de vida, por seus emolumentos e por toda sua concepção de mundo, principal *apoio social* (não militar) da burguesia, verdadeiros *agentes da burguesia* no seio do movimento operário, lugar tenentes operários da classe dos capitalistas (*labor lieutenants of the capitalist class*), verdadeiros veículos do reformismo<sup>78</sup> (LENIN, 1981, t. 27, p. 322).

---

<sup>78</sup> Se um visionário fosse, Lenin estaria a referir-se a um tempo distante 87 anos de quando escreveu o texto em tela. Na verdade, estaria a reportar-se ao futuro no qual os operários aburguesados e a ‘aristocracia operária’ do Partido dos Trabalhadores e/ou imiscuídos em outros Partidos políticos, inclusive de extrema direita, um forte *apoio social* da burguesia internacional – dispense o termo nacional por motivos óbvios – despontou em 2003 como incontestáveis veículos do reformismo sem ‘reformas’ mas que destrói direitos conquistados, quebra contratos com os trabalhadores,

Na batalha travada entre capital e trabalho, esses setores se colocavam inevitavelmente, em número considerável, ao lado da burguesia, contra os bolcheviques e o próprio movimento operário. Neste sentido, a **educação política** era de fundamental importância uma vez que sem compreender as raízes históricas desse fenômeno (o capitalismo e sua etapa derradeira exacerbada, o imperialismo) era “impossível dar o menor passo para o cumprimento das tarefas práticas do movimento comunista e da revolução social” (LENIN, 1985, t. 27, p. 323).

Sobre a **educação política**, Lenin ressaltou alguns pontos ao comitê central do POSDR, que permaneceram corretos até meados de 1917 quando sorrateira avizinhava-se a grande revolução de outubro. Primeiro, ele reafirmava que a guerra era “a continuação por meios violentos da política aplicada pelas potências beligerantes e suas classes dominantes” (LENIN, 1985, t. 27, p. 484).

Segundo, havia um engodo na educação oficial do proletariado, posto que predicar

a esperança de que entre os governos burgueses e as classes dominantes atuais (quer dizer, a burguesia aliada aos latifundiários) era possível uma paz duradoura ou democrática, como fazia a maioria dos partidos socialistas oficiais, era não só enganar descaradamente o povo, como também adormecê-lo e desviá-lo da luta revolucionária (LENIN, 1985, t. 27, p. 485-486).

Terceiro, a luta pela paz, abstrata, universal, posta como ‘ausência de guerra’ onde o povo se exercitava na mais abjeta servidão, era uma *hipocrisia* por não guardar “íntima relação com a *luta revolucionária de massas*, com a propaganda e preparação dessa luta” (LENIN, 1985, t. 27, p. 491).

Quarto, convocar o proletariado e os camponeses pobres à luta contra seus governos, contudo tal ação seria estéril ou não seria possível ser lavada a cabo se não fosse criada “em todas as partes entre as ‘massas’ uma organização ilegal para a propaganda, a preparação e a discussão da marcha e condições dessa luta” (LENIN, 1985, t. 27, p. 491).

E quinto, pregar “conformar-se com uma atividade *exclusivamente* legal e reformista dos socialistas nos parlamentos, era uma atitude que só poderia provocar um descontentamento nos

---

desrespeita a Constituição (emendando-a para atender aos reclamos do capital) cumpre um ritual jamais pensado como efetivo pelos governos de composição civil-burocrático-militar, que dirigiram este país de 1964 a 1985.



operários e sua passagem da social-democracia ao anarquismo antiparlamentar ou ao sindicalismo *tradeunionista*” (LENIN, 1985, t. 27, p. 492).

Era um sensível engano dos intelectuais da burguesia, no qual o proletariado, os camponeses e parte dos social-democratas estavam sendo envolvidos, preconizar as reformas como uma solução de problemas para os quais a história e a situação política real exigiam um ‘enfoque revolucionário’.

No fragor da primeira grande guerra imperialista, acrescento, ele tensionava os bolcheviques, a que, junto ao proletariado, mostrassem que a *paz democrática* (im)posta pela burguesia servia apenas e

exclusivamente para enganar o povo como se a paz futura, que preparavam os capitalistas e diplomatas, pudesse simplesmente eliminar a agressão ‘desonesta’ e restabelecer relações ‘honestas’, no lugar de ser a continuação, o desenvolvimento e a consolidação da mesma política imperialista, isto é, uma política de despojo financeiro, bandidagem colonial, opressão nacional, reação política e intensificação em todas suas formas da exploração capitalista (LENIN, 1985, t. 27, p. 299).

Penso que a crítica acima se encaixa perfeitamente à situação vivida desde o alvorecer dos anos 90 do século XX até os dias de hoje, por Cuba e Iraque diante da ação criminosa e imperial dos anglo-saxônicos. Destarte, “o que os capitalistas e seus diplomatas necessitam agora são servis ‘socialistas’ (...) para aturdir, enganar e adormecer o povo com falas (...) que dissimulam a verdadeira política da burguesia, impedindo às ‘massas’ descobrir a essência desta política e apartando-as da luta revolucionária” (LENIN, 1985, t. 27, p. 299).

Lenin afirmava que a tarefa dos comunistas diante da guerra imperial e/ou diante da *pax* democrática burguesa era explicar às massas a inevitabilidade de uma ruptura com quem aplica a política da burguesia sob a bandeira do socialismo. Quanto à questão do **ensino**, da **educação** e da **formação** da juventude, o ponto de partida dos comunistas era o material que lhes fora legado pela sociedade anterior, melhor dizendo, eles estavam conscientes de que só poderiam construir o **comunismo** com a soma de conhecimentos, experiências e instituições, com as forças dos homens e mulheres proletários e camponeses educados e deixados pela velha sociedade.

## Capítulo 3º : A EDUCAÇÃO COMO CRÍTICA À SOCIEDADE CZARISTA-FEUDAL E BURGUESA

### 3.1 – *L'utopie des crétins*

Às formas nocivas de utopias contra as quais ao longo do século XX lutaram os professores de esquerda, foi agregada, hoje, outra mais, como diria Lenin: *l'utopie bureaucratique et fiscale, l'utopie des crétins*.<sup>79</sup>

Lenin (1981, t. 2, p. 522) procurava se fazer entender quanto à certeza de que os problemas da educação, tratados no livro de Yuzhakov, não se esgotavam e nem se

circunscreviam em absoluto aos da escola; a educação não se limita, de modo algum, à escola. Se o senhor Yuzhakov tivesse exposto efetivamente os ‘problemas da educação’ desde o ponto de vista dos princípios e procedesse a uma análise das relações entre as diversas classes, não teria podido eludir o problema do papel que o desenvolvimento do capitalismo na Rússia desempenhou na educação das massas trabalhadoras.

Com efeito, entendido que os problemas da educação não estão restritos aos limites da escola, fica fácil compreender o papel do desenvolvimento da sociedade, ou melhor, da influência dura do capitalismo sobre a educação do proletariado, dos trabalhadores assalariados e dos camponeses pobres. E se Marx considerava como mérito do capitalismo e da burguesia a ‘destruição do idiotismo rural’, então, poder-se-ia dizer que apenas a sociedade comunista poderá ser o pior inimigo de todos os idiotismo: o idiotismo burguês, urbano e rural.

Esta afirmação não é apenas uma simples ‘*boutade*’<sup>80</sup> mas a expressão de um dos traços fundamentais e mais importantes da concepção de mundo marxista-leninista, tanto teórica como prática.

A educação do proletariado e dos camponeses pobres, ou **educação política**, era e é parte indissolúvel da luta travada, à medida que por intermédio da **educação** era e é possível contrapor a verdade plena e aberta à hipocrisia, ao medo, à covardia, à inação e à mentira. É fato. Quanto

---

<sup>79</sup> A utopia burocrática e fiscal, a utopia dos cretinos.

<sup>80</sup> Traduzido pelo editor como impulso ou desplante.

mais culta e desenvolvida for uma determinada sociedade capitalista *maior* é a sutileza com que seus intelectuais mentem e enganam com engenho e arte o proletariado.

Os ideólogos da burguesia afirmam que a escola subsiste e subsistirá à margem da política e servirá, por isto, aos interesses do conjunto de uma determinada sociedade. Ao contrário, para os comunistas a escola oficial contemporânea – pública ou privada – permanece como instrumento de dominação da burguesia, está impregnada do espírito burguês e tem por objetivo fulcral proporcionar aos capitalistas servidores fiéis e operários razoáveis.

Na perspectiva leninista, a **educação política** era parte da luta para derrubar não apenas o poder da autocracia e dos terratenentes mas, sobretudo, derrubar a burguesia. Mesmo porque, a escola não existe à margem da vida, da política, da sociedade, todas as falas em contrário são engodos teóricos, hipocrisias abissais, aos quais se dedicam os mais vetustos ideólogos da cultura e da educação burguesas.

Ao adotar o critério da escola à margem da vida, da sociedade, um argumento falacioso, a burguesia procura ocultar que o ensino oficial obedece a critérios políticos com o intuito implícito de formar (i) serviçais pacíficos e dirigentes, (ii) funcionários públicos modelados e executores de sua vontade, (iii) escravos do capital, mansos e razoáveis, a quem está momentaneamente bloqueada a capacidade de pensar a contradição ou pela contradição perceber a escola como instrumentos para educar a personalidade humana de forma multifacetada.

Escrevendo no confinamento do exílio de 1897, Lenin (1981, t. 2, p. 563) revelou a existência de um grave erro na análise dos intelectuais social-democratas: “a falta de realismo sociológico produzia uma “esperta maneira de pensar e raciocinar sobre assuntos e problemas sociais que poderia denominar-se estreita presunção intelectual ou, talvez, mentalidade burocrática”.

Pois bem, a *forma mentis* burocrática faz ilações sobre a dinâmica da sociedade sempre e com a completa falta de conhecimento e desdém peculiar sobre as “tendências próprias das diferentes classes sociais que fazem a história conforme seus interesses” (LENIN, 1981, t. 2, p. 563). Estribado numa concepção de mundo fantasmática, alegórica, irracional *ad absurdum*, o burocrático, sempre maléfico à educação multifacética, não compreende que “juntamente com a solidez da ação histórica, crescerá conseqüentemente o volume da massa, sua protagonista” (LENIN, 1981, t. 2, p. 563).

Estas palavras de Marx, retomadas por Lenin (1981, t. 2, p. 563) encerram uma das teses mais profundas e importantes da teoria histórica e filosófica: se “os homens fazem a história, ampliando e aprofundando sua obra, deve crescer também a massa da população que a forja de maneira consciente”.

Diante da ausência de realismo sociológico e do desdém pelos movimentos populares e contra o discurso sobre a população em geral, no qual a classe operária em particular deveria ser conduzida por tal ou qual caminho, construído *a priori*, a **educação política**

considera que as diversas classes da população fazem a história independentemente, seguindo um caminho determinado, deve perguntar (sempre) quais são as condições dessa via determinada que pode impulsionar (ou, pelo contrário, paralisar) a atividade independente e consciente dos criadores da história” (LENIN, 1981, t. 2, p. 564).

Em um dos tópicos do texto em tela, o autor reportava-se aos três grupos de intelectuais, os ‘ilustradores’ (adeptos da ilustração)<sup>81</sup>, os ‘populistas’ e os ‘discípulos’ (adeptos do marxismo). Os adeptos da ilustração tinham ‘fé’ no desenvolvimento da sociedade burguesa, desconsiderando as contradições que lhes são inerentes. Os ‘populistas’ por considerarem as contradições específicas da sociedade burguesa, temiam o desenvolvimento desta sociedade à medida que, para eles, o resultado seria drástico. Os ‘discípulos’, por sua vez, acreditavam no desenvolvimento atual da sociedade porque viam a garantia de um futuro melhor só no pleno desenvolvimento destas contradições.

---

<sup>81</sup> Os *ilustradores* russos, tal como os ‘ilustradores’ da Europa Ocidental burguesa, em suas opiniões políticas e econômicas lembravam os economistas clássicos do século XVIII, demonstravam um ardente ódio ao regime da escravidão e à *todos seus engendros* no terreno econômico, social e jurídico; defendiam a *instrução*, a auto-administração, a liberdade, das formas européias de vida e, em geral, a europeização da Rússia em todos os aspectos; defendiam os interesses das ‘massas’ populares, principalmente dos camponeses que ainda não estavam emancipados por completo ou que só começavam a emancipar-se na época da Ilustração; predicavam que a abolição da servidão e de seus vestígios traria o bem-estar geral e desejavam com sinceridade contribuir para isto. Todas essas características constituíam a essência ideológica do que ficou conhecido entre os intelectuais russos do século XIX como a ‘herança dos anos 60’. Na Rússia de então, todo intelectual que escrevesse ou discursasse com essas características era considerado como ‘custodiador’ das melhores tradições teóricas da ‘herança’. Os *ilustradores* eram burgueses. Todavia, Lenin chamava atenção para o fato de que a palavra burguês era freqüentemente entendida de maneira incorreta, estreita e a-histórica *in extremis*, relacionada (sem distinção de épocas históricas) com a defesa egoísta dos mesquinhos interesses de uma minoria egoísta. Todavia, esses ideólogos, tanto quando os assemelhados ocidentais, acreditavam generosamente na prosperidade geral e a desejavam com afínco e ardor. Eram sinceros quando não viam (e em parte não podiam ver ainda) das contradições implícitas no regime que surgia aos poucos do ventre do feudalismo. Os *ilustradores* russos, em suas concepções e argumentações repetiam, em muito, algumas as teses dos grandes ideólogos ocidentais da burguesia liberal.

Ultrapassado o sistema feudal, restava então hegemônico o capitalismo e sobre ele estas três correntes do pensamento social foram identificadas segundo seu comportamento, diante das contradições sociais e materiais da sociedade burguesa.

A primeira, a ilustrada, em sua análise sobre a dinâmica social, “não desta como objeto de atenção especial a nenhuma classe da população: fala do povo em geral e da nação em geral” (LENIN, 1981, t. 2, p. 565).

A segunda, a populista, representava os interesses do trabalho em sua forma política pífia, o trabalhismo, sem assinalar, não obstante, as classes sociais concretas do atual sistema econômico-político. Na Rússia do final do século XIX, os membros desta corrente defendiam sempre os interesses “do pequeno produtor o qual o capitalismo convertia em produtor de mercadorias” (LENIN, 1981, t. 2, p. 566).

A terceira, composta pelos ‘discípulos’, não só defendia os interesses dos trabalhadores (e não do trabalho como categoria abstrata) como também assinalava a existência “de grupos econômicos plenamente definidos da economia capitalista, especialmente os produtores que não são proprietários” (LENIN, 1981, t. 2, p. 566).

A meu critério, a primeira e a última corrente de pensamento social, pelo conjunto dos conteúdos de suas aspirações, correspondem aos anseios do proletariado e dos camponeses pobres. Por outro lado, a segunda corrente responde às demandas da pequena burguesia que ocupa um lugar intermédio entre as outras classes da sociedade moderna.

Diferentemente dos ‘ilustradores’ – falsos seguidores do pensamento da intelectualidade democrática revolucionária russa dos anos 60 e 70 do século XIX (Belinski, Herzen, Nekrássov, Saltikov-Schedrin, Ogarióv dentre outros) – e dos populistas, os ‘discípulos’ buscavam “a explicação das correntes do pensamento social e das instituições jurídicas e políticas nos interesses materiais das diversas classes da sociedade russa” (LENIN, LENIN, 1981, t. 2, p. p. 530).

Os ‘discípulos’ não renegavam as teses defendidas pelos ‘ilustradores’, entendidas como ‘herança’, contudo não se limitavam exclusivamente a elas, uniam à defesa das idéias gerais do eurocentrismo a análise das contradições inerentes ao desenvolvimento capitalista e a avaliação do

desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção a partir do ponto de vista específico assinalado, o marxismo.

Lenin (1981, t. 2, p. 568) revelava a diferença entre os marxistas revolucionários e os populistas, demonstrando que os primeiros não limitados à herança, sem abjurá-la atacavam os populistas por não terem “sabido resolver, no espírito desta herança e sem contradizê-la, os novos problemas colocados pela história depois da Reforma (de 1861)”.

Negar esta evidência significava ‘desnaturalizar’ diretamente os fatos e transformar o processo educacional num mero repetitório de ‘análises’ desconexas e na contramão do realismo sociológico a demarcar absurdidade inexorável da história das sociedades humanas: *l’utopie des crétins*.

### **3.2 – A consciência de classe necessária**

Governo algum se encontra acima dos conflitos das classes sociais, ele incorpora a defesa intransigente e a proteção dos interesses e objetivos da classe dominante contra os operários e camponeses pobres. Nesta direção, mesmo durante a vigência do absolutismo czarista, Lenin reclamava ao Partido a necessidade imperiosa e impostergável de ajuda aos operários na luta iniciada por eles, contudo, era de magna importância desenvolver na classe operária a **consciência de classe**.

A seu mister, consciência de classe “é a compreensão de que o único meio de melhorar sua situação e de conseguir sua emancipação (intelectual, sem a qual não há liberdade econômica) consiste em lutar contra a classe dos capitalistas” (LENIN, 1981, t. 2, p. 104).

A consciência de classe do proletariado “implica a compreensão de que os interesses de todos os operários de um dado país são idênticos, solidários, que todos eles formam uma mesma classe, distinta de todas as demais classes da sociedade” (LENIN, 1981, t. 2, p. 105). Por consciência de classe entendo também quando os operários compreendem que para lograr seus fins, seus objetivos, interesses e demandas necessitam participar dos assuntos públicos, intervir na política, “como fizeram e continuam a fazer os terratenentes e os capitalistas” (LENIN, 1981, t. 2, p. 105).

Neste sentido, levada a efeito pelo Partido, a **educação política** dos operários à formação da consciência de classe, deve consistir em mostrar-lhes “as necessidades mais prementes cuja satisfação deve ser encaminhada na luta; revelar as causas que fazem piorar a situação dos operários e em esclarecer as leis e regras cuja infração (unidas as enganosas tretas dos capitalistas) que submete tão amiúde os operários a uma dupla pilhagem (LENIN, 1981, t. 2, p. 106).

A rigor, apenas pela conjugação do aprendizado na luta política com o estudo teórico rigoroso do modo de produção capitalista, “elucidando as distintas formas e casos de exploração, os operários *atingem* a compreensão do significado e da essência da exploração em seu conjunto; *alcançam* a compreensão do regime social que se assenta na exploração do trabalho pelo capital” (LENIN, 1981, t. 2, p. 107).

Todavia, é na luta contra o capital e não apenas na cultura livresca que se desenvolve a **consciência de classe** ou consciência política do proletariado, de modo que, vale apontar que o verdadeiro objetivo desta luta e da educação implementada pelo Partido é explicar aos operários

em que estriba e como se mantém a exploração do trabalho pelo capital; de que modo a propriedade privada da terra e dos instrumentos de trabalho conduzem à miséria das massas operárias e trabalhadoras, como lhes obrigam a vender seu trabalho aos capitalistas e entregar-lhes gratuitamente todo o excedente da produção para além daquela necessária ao seu sustento; e como esta exploração leva, inevitavelmente, à luta de classes dos operários contra os capitalistas, quais são as condições desta luta e seus objetivos finais (LENIN, 1981, t. 2, p. 108).

A compreensão dos pontos acima citados, em seu conjunto, reafirma a necessidade da **liberdade política**<sup>82</sup> como tarefa urgente dos operários à medida que “sem esta liberdade os operários não têm nem podem ter influência alguma nos assuntos públicos e, portanto, seguirão sendo inevitavelmente uma classe privada de direitos, humilhada e reduzida ao silêncio” (LENIN, 1981, t. 2, p. 110).

#### A ‘liberdade política’ é imprescindível

para que as maquinações e os desígnios da burguesia não fiquem ocultos nas antecâmaras (...), nos salões dos senadores e ministros ou atrás de portas, fechadas para todos (... *os que não são*

---

<sup>82</sup> Participação direta de todos os cidadãos na direção do Estado, capacidade e direito de influir sobre os assuntos públicos inclusive os que são colocados sobre “segredo de Estado”, direito e poder de eleger e destituir os funcionários públicos, etc.

*parte orgânica da confraria*), e das chancelarias, senão que saiam à luz do dia, fazendo ver a todos e a cada um quem são na realidade, aqueles que inspiram a política governamental que atende aos capitalistas e latifundiários (LENIN, 1981, t. 2, p.112).

Partindo da tese segundo a qual a **educação** é um ato político, salta-me à lembrança uma colocação de Marx nas Teses à Feuerbach: *quem educa o educador?*

O *educador* de que trato aqui foi educado e temperado na e pela sociedade burguesa, envolve-se com a causa dos oprimidos, abraça a luta revolucionária, deixa penetrar em sua consciência o marxismo, e se transforma em **intelectual comunista**, talvez a mais problemática, difícil e angustiante transformação.

Contra o marxismo, no qual o movimento da teoria ou a luta teórica se exercita contra a calma da ‘liberdade de crítica’, bradava o *parvenu* grosseiro adjetivando-o de “dogmatismo, doutrinário, anquilosamento do Partido, castigo iniludível pelas travas (ideológicas) impostas ao pensamento (ou ao ‘livre’ pensar): tais são os inimigos contra os quais arremete (...) a ‘liberdade de crítica’” (LENIN, 1981, t. 6, p. 24).

Na verdade, o que estava coberto pela névoa fugaz da ‘liberdade de crítica’ não era o anquilosamento do pensamento e da teoria mas “a despreocupação e a impotência no desenvolvimento do pensamento teórico (mesmo porque) a famosa ‘liberdade de crítica’ não significava a substituição de uma teoria com outra, senão o livrar-se de toda teoria íntegra e meditada (refletida), significava *eclétismo* e falta de princípios” (LENIN, 1981, t. 6, p. 25).

Na sociedade brasileira hodierna, mormente na escola burguesa – pública ou privada, não importa – tem sido considerada inoportuna ou supérflua a discussão direcionada (i) à crítica acerba do *eclétismo*, do tráfico dos princípios e das concessões teóricas; (ii) e à delimitação rigorosa dos matizes.

Por extensão, nega-se a importância da *luta teórica*, luta entre idéias e ideologias, ao lado da luta política e da luta econômica. A negação da importância da *luta teórica*, dissociada das lutas econômica e política – uma tríade indissociável do pensamento marxista revolucionário – tem um significado bem atual, impedir que o conjunto do proletariado e dos trabalhadores assalariados da *urbe* e do campo se “desembaracem da influência da fraseologia tradicional, própria da velha concepção de mundo e tenham presente que o socialismo, desde que se tornou ‘ciência’, exige ser tratado como tal, portanto, que seja estudado” (LENIN, 1981, t. 6, p. 29).



Ignorando o socialismo científico, o conjunto dos operários e trabalhadores assalariados permanecerá arraigado na crença infundada e inútil da imutabilidade da ordem de coisas que o oprime e, portanto, não poderá vislumbrar e nem sentir “a necessidade de opor resistência coletiva e romper decididamente com a submissão servil às autoridades” (LENIN, 1981, t. 6, p. 32).

Se como argumenta Lenin (1981, t. 6, p. 43), por si mesmos os oprimidos não serão capazes de forjar a própria **consciência política de classe** e nem uma teoria que os tire do nível do espontaneísmo, do senso comum, da *doxa*, então a negação da *luta teórica* é um recurso reacionário à manutenção das ‘massas’ no mais profundo obscurantismo. Superestimar a *luta teórica* ou a luta entre as ideologias, isto é, exagerar o papel do elemento consciente é um erro crasso à medida que “o desenvolvimento espontâneo do movimento operário marcha precisamente à sua subordinação à ideologia burguesa. O *tradeunionismo* não é outra coisa que o subjugamento ideológico dos operários pela burguesia”.

A **educação política** implementada pelo Partido deveria, exatamente, consistir em “combater o espontaneísmo, em *separar* o movimento operário deste afã que tende a albergar-se sob a asa da burguesia e enrolar-se com a capa da social-democracia” (LENIN, 1981, t. 6, p. 43).

Diante do pensamento absurdamente espontâneo, distanciado da realidade, abstraído das concretas relações sociais de produção, Lenin (1981, t. 6, p. 44) procurava despertar a atenção do Partido para a *dificuldade* real da difusão e disseminação do marxismo no seio do proletariado em virtude do “movimento espontâneo, o movimento pela linha de menor resistência, precisamente sob o predomínio da ideologia burguesa que por sua origem era muito mais antiga que a ideologia socialista, sua elaboração mais completa porque possui meios de difusão *incomparavelmente* maiores”.

Contudo, se era verdade que a classe operária tende *espontaneamente* para o socialismo, não era menos verdade que “a ideologia burguesa, a mais difundida é, não obstante, a que mais se impõe ‘espontaneamente’ aos operários” (LENIN, 1981, t. 6, p. 44). Esta imposição levada a termo pelos mais diversos aparatos ideológicos do Estado *bourgeois*.

Penso que esta dedução de Lenin (1981, t. 6, p. 45) é pertinente ao desenvolvimento da ideologia socialista, via **escola** (Partido e Sindicatos), visto que

quanto mais jovem é o movimento socialista num dado país, tanto mais enérgica deverá ser, por isto, a luta contra toda tentativa de afiançar (apoiar e sustentar) a ideologia não socialista,

com tanta maior decisão haverá que prevenir os operários contra os maus conselheiros que protestam sobre o exagero do elemento consciente, etc..

À **educação política** não cabia apenas limitar-se à propagação da idéia de que o proletariado por sua história e por sua condição social é hostil à qualquer forma de governo despótico e/ou autocrata. Neste sentido, não bastava *explicar* aos operários a opressão política da qual são objetos, da mesma forma que era insuficiente *explicar-lhes* o antagonismo entre seus interesses e os dos patrões.

Sobretudo, essa **educação** consistia em desenvolver sua **consciência revolucionária** nos mais diversos aspectos: organização, agitação e luta política. Vale demarcar a diferença entre a luta econômica e a luta política. A primeira, “é uma luta coletiva dos operários contra os patrões para conseguir vantajosas condições de *venda da força de trabalho*, por melhorar as condições de trabalho e de vida dos operários. Esta luta é, por necessidade, uma luta sindical” (LENIN, 1981, t. 6, p. 64-65).

A segunda, incorpora a primeira, é a luta coletiva dos operários (e seus aliados) pela derrocada da burguesia, razia do modo de produção capitalista e edificação da sociedade socialista, a primeira etapa da sociedade comunista.

Entretanto, o estudo do marxismo constituía para Lenin condição *sine qua non* à aquisição da **consciência revolucionária** ainda nos marcos da sociedade capitalista. Esta teoria de cunho filosófico e científico era a única construída fora dos estreitos e restritos limites das relações sociais burguesas; a única com a qual seria possível a geração da **consciência socialista** e com a qual o proletariado poderia formar seus próprios ideólogos ou sua própria *intelligentsia*.

Penso ser possível falar da educação como instrumento básico à formação de uma consciência mais desenvolvida e criticamente sintonizada com a **luta política** da classe operária pela tomada do poder de Estado e do poder econômico das mãos da burguesia e pela construção da sociedade comunista. Esta era também a preocupação de Lenin e estava bem resumida na máxima por demais conhecida e citada à exaustão e, por vezes, de forma extemporânea: “Sem teoria revolucionária não há movimento revolucionário”. Máxima que pode ser repetida com outras e verossímeis palavras: sem uma teoria científica não há prática científica.

A função do **educador comunista**, ombreado ao proletariado e camponeses pobres, era desenvolver e impulsionar a **consciência socialista** enaltecendo seu caráter democrático e

revolucionário. O processo educativo deveria revelar, também, que a democratização burguesa, alternativa posta às reformas necessárias às demandas do proletariado, era expropriadora. Em seu lugar, a democratização proletária encabeçada / dirigida pelos próprios operários e camponeses pobres, outra forma de expropriação de tudo o que estiver em poder dos capitalistas, banqueiros e latifundiários.

Lenin chamava a atenção para o fato de que todos os bolcheviques estavam de acordo quanto a necessidade de desenvolver a **consciência socialista** na classe operária. No entanto, uma questão precedia a sua consecução: como fazê-la e porque era necessário fazê-la?

O que preocupava os bolcheviques era a falsa afirmação de que a luta econômica, em virtude dos seus próprios e estreitos limites, levava os operários a pensar exclusivamente nas questões econômicas e por mais que os bolcheviques se esforçassem na tarefa de dar a essa luta um caráter político, não veriam triunfar, nos limites desta tarefa, a **consciência política** do proletariado.

A **educação política** para a formação de uma **consciência política** de classe não poderia ser levada ao operário senão do exterior, isto é, de fora da luta econômica, de fora da esfera das relações entre operários e patrões.

A ausência de rigor no movimento operário russo fez com que Lenin (1981, t. 6, p. 32) considerasse que “os operários não tinham, nem podiam ter, consciência da oposição inconciliável entre seus interesses e o de todo o regime político e social contemporâneo, quer dizer, não tinha *consciência social-democrata*. Neste sentido, seguiam sendo um movimento claramente espontâneo”.

E se as condições concretas sob as quais viviam impediam a construção da consciência social-democrata, então tal consciência “só poderia ser aportada de fora. A história de todos os países demonstra que a classe operária está em condições de elaborar exclusivamente com suas próprias forças só uma *consciência tradeunionista*” (LENIN, 1981, t. 6, p. 33).

Lenin (1981, t. 6, p. 33) estava convencido disto à medida que a ‘doutrina’ revolucionária tinha surgido na Rússia “independente por completo do surgimento espontâneo do movimento operário, surgiu como resposta natural e iniludível do desenvolvimento do pensamento entre os intelectuais revolucionários socialistas”. É possível dizer que o estribo da teoria revolucionária era

a resposta teórica desses intelectuais diante da servidão e da misantropia da barbárie czarista-feudal-burocrática.

A tese da sobrestimação da teoria (e da ideologia) ou do exagero do elemento consciente, segundo o qual o movimento operário por si só é capaz de “elaborar uma ideologia independente sempre (que eles) arranquem seu destino das mãos dos dirigentes (...) é um erro crasso” (LENIN, 1981, t. 6, p. 41).

Segundo as palavras de Kautski, citadas por Lenin (1981, t. 6, p. 42) no “*Que Fazer?*”,

o socialismo e a luta de classes surgem juntas mas não se derivam uma da outra, surgem de premissas diferentes. A consciência socialista moderna só pode surgir de profundo conhecimentos científicos. (...) o portador da ciência não é o proletariado senão a *intelectualidade burguesa*: é do cérebro de alguns membros deste setor de onde surgiu o socialismo moderno e tem sido eles quem o tem transmitido aos proletários destacado por ser desenvolvimento intelectual, os quais o introduzem seguidamente na luta de classes do proletariado ali onde as condições o permitem.

Contrariando parte da intelectualidade progressista e/ou de esquerda, “a consciência socialista é introduzida de fora na luta de classes do proletariado e não [é] algo que tenha surgido espontaneamente dentro dela” (LENIN, 1981, t. 6, p. 41).

Era um erro crasso falar de uma ideologia elaborada exclusivamente pelo operariado ou pelas próprias mãos das ‘massas’ operárias no decorrer do movimento. O problema era posto da seguinte maneira: ideologia burguesa ou ideologia socialista. Não havia e não há meio termo, à medida que a humanidade ainda não elaborou uma terceira ideologia. Em sociedades despedaçadas pela luta de classe contra classe ou, simplesmente, pelas contradições de classe não existe uma ideologia à margem das classes e nem sobre elas.

Ontem como hoje, os operários não são passivos consumidores de conhecimentos elaborados pela intelectualidade burguesa e pequeno-burguesa, não!, eles podem e devem participar na construção da ideologia socialista mas não o fazem como operários mas como teóricos do socialismo. Com efeito, eles só começam a participar “no momento e na medida em que logram dominar a ciência para fazê-la avançar” (LENIN, 1981, t. 6, p. 33).

### 3.3 – Educação da atividade revolucionária

Não se pode tentar elevar a **consciência política** do proletariado e ao mesmo tempo restringir a agitação política ao terreno econômico, de maneira que

a consciência da classe operária não pode ser uma verdadeira **consciência política** se os operários não aprendem (...) a fazer uma análise materialista e uma apreciação materialista de *todos* os aspectos da atividade (social) e da vida de *todas* as classes, setores e grupos da população (LENIN, 1981, t. 6, p. 74).

Assim, se a **escola pública** está nas mãos da classe dominante, a ela servindo, cabia ao Partido operário comunista e bolchevique imprimir à luta econômica dos operários um caráter político, posto que “a política sindicalista da classe operária é cabalmente *a política burguesa* da classe operária” (LENIN, 1981, t. 6, p. 89).

Para os marxistas revolucionários se o conceito de luta econômica corresponde ao de luta política, então é natural que o “conceito de organização revolucionária corresponde mais ou menos ao de organização de operários” (LENIN, 1981, t. 6, p. 117). Contudo, Lenin (1981, t. 6, p. 129) adverte sobre a atuação dos demagogos porque eles “são os piores inimigos da classe operária”.

E por que são os piores inimigos do proletariado? Porque, sentencia Lenin (1981, t. 6, p. 130),

excitam os maus instintos da multidão e porque aos operários atrasados lhes é impossível reconhecer estes inimigos, os quais se apresentam, e às vezes sinceramente, como amigos. São os piores, porque [em] período de dispersão e vacilações em que a fisionomia do nosso movimento está ainda formulando-se, nada há de mais fácil que arrastar demagogicamente a multidão, a qual poderão convencer depois do seu erro só as mais amargas provas.

Às teorias demagógicas, a teoria produto e manifestação da luta revolucionária do proletariado e que estabelece a relação causal entre o movimento dos ‘deserdados da Terra’ e a luta de classes na sociedade capitalista. É necessário então apontar

que só a mais grosseira incompreensão do marxismo pode permitir a opinião de que o surgimento de um movimento operário espontâneo de massas, nos *exime* da obrigação de

fundar uma organização revolucionária tão boa como a dos partidários de ‘Terra e Liberdade’<sup>83</sup> ou de criar outra incomparavelmente melhor (LENIN, 1981, t. 6, p. 142).

Com efeito, é no movimento concêntrico do proletariado que reside precisamente a força e a invencibilidade do “movimento”<sup>84</sup>. Lenin (1981, t. 1, p. 312) ao cotejar as idéias socialistas pequeno-burguesas com as idéias colhidas nas obras de Marx e Engels, comparando-as em seguida com a realidade e/ou com os dados da realidade, pôde perceber de forma assaz evidente até que ponto as idéias pequeno-burguesas perderam seu vigor, sua coerência teórica interna e seus fundamentos, “ficando reduzidas em sua degeneração a um mísero *ecletismo*, ao mais adocicado programa culturalista-oportunista”.

Além do esforço teórico desprendido para pesquisar e expor a degeneração das teorias socialistas pequeno-burguesas, Lenin considerava como necessária a crítica implacável, sem negociar princípios, às teses gerais e fundamentais do socialismo pequeno-burguês. Todavia, sempre modesto, o ser contestado, humildemente rogava: “Por favor, senhores, exponham-nas vocês mesmos, agreguem o que nelas faltam” (LENIN, 1981, t. 1, p. 313).

Era por demais forçoso e aborrecido ter que ler e reler a repulsiva amálgama de frases officiosas liberais com a moral pequeno-burguesas. Essas idéias, falsamente intituladas socialistas, eram reacionárias na exata proporção que nada diziam sobre “a exploração do trabalhador, e por

---

<sup>83</sup> ‘*Zemliá i Volia*’ (Terra e Liberdade) – organização dos populistas revolucionários, fundada em Petersburgo em 1876, inicialmente se chamava ‘Grupo Populista Revolucionário do Norte’. Sem renunciar ao socialismo como objetivo final, os *Narodovóltsi* objetivam derrotar o czarismo e implantar uma república democrática, no entanto, apontavam como objetivo imediato a realização ‘das demandas e dos desejos do povo tais como são no momento presente’, quer dizer, as reivindicações de ‘terra e liberdade’. A diferença dos populistas da primeira metade da década de 70, os membros de “Terra e Liberdade” criaram uma organização bem estruturada, encimada nos princípios de uma rigorosa centralização e uma férrea disciplina. Assim, em seus estatutos aprovados entre 1876-1877 estavam lavrados: (i) a subordinação da minoria, (ii) a entrega incondicional de cada membro à organização de ‘todas as suas forças, meios, relações, simpatias e antipatia e inclusive sua própria vida’, (iii) a observação do mais completo segredo em relação a todos os assuntos internos da organização. Em 1879, em virtude das condições objetivas da sociedade russa e da hedionda repressão policial governamental, a maioria qualificada dos *Narodovóltsi* opta pelo terrorismo como método principal de luta contra o czarismo e pela realização do seu programa. Os desencontros entre os populistas revolucionários, quanto ao novo método adotado, provocou um racha na organização, e a partir deste racha duas outras organizações foram criadas: o *Chorni Pardel* (Reparto Negro) mantém no fundamental ou em suas reivindicações programáticas a plataforma política - agitação e proposta revolucionária – de “Terra e Liberdade”, com outros métodos, e o *Naródnaia Volia* (Vontade do Povo) que permanecia lutando com táticas terroristas individuais contra a autocracia czarista. Os *Narodovóltsi* foram os primeiros populistas a defenderem a necessidade da luta política. Vale apontar, parte dos quadros do ‘Reparto Negro’ (Plekhánov, Zasúlich, Axelrod, Ignatóv dentre outros) posteriormente migram para o marxismo e, em 1883, fundam o grupo ‘Emancipação do Trabalho’, tida como a primeira organização marxista em território russo.

<sup>84</sup> Neste caso, Lenin referia-se ao movimento operário da Alemanha que, além de se desenvolver sobre os ombros dos movimentos operários, francês e inglês, teve a oportunidade de tirar partido da sua experiência custosa, de evitar no presente os erros que então, na maior parte dos casos, não era possível evitar.

isto nenhuma [podia] servir à sua libertação” (LENIN, 1981, t. 1, p. 313). Destarte, era imprescindível demonstrar à classe operária, os pormenores da terrível força reacionária das instituições burguesas (estado, partidos, escolas, sindicatos, etc.) e da *burocracia* (governo); como elas reforçavam o jugo do capital sobre o trabalho e com que vigor exercia uma humilhante pressão sobre os trabalhadores; e como o capital, em suas formas mais atrasadas somadas as mais modernas, se transformava em obstáculo real à luta dos trabalhadores.

Aos operários cabia compreender que sem derrubar os pilares da reação, especialmente todas as ações da *burocracia*, que de fato governa o Estado<sup>85</sup>,

Não teriam nenhuma possibilidade de sustentar com êxito a luta contra a burguesia, isto porque, mantidos esses pilares, o proletariado agrícola (...)cujo apoio é condição imprescindível para a vitória da classe operária, jamais poderá sair da situação de gente embrutecida e encurralada, vivendo às margens das rodovias, capaz tão somente de cair no desespero cego e não de protestar e lutar com sensatez e firmeza” (LENIN, 1981, t. 1, p. 317).

Sensato e firme, Lenin (1981, t. 1, p. 319) pergunta:

Que sentido pode ter explicar aos trabalhadores a forma do valor, a essência do regime burguês e o papel revolucionário do proletariado se a exploração do trabalhador se explica em geral e não pela organização burguesa da economia social?

Que sentido pode ter aclarar aos obreiros a teoria da luta de classes, se esta teoria não pode explicar sequer as relações entre eles e os capitalistas, sem falar já da massa do ‘povo’, que não pertence à classe constituída dos operários fabris?

Como é possível admitir a teoria econômica de Marx, com sua conclusão sobre o papel revolucionário do proletariado como organizador do comunismo por mediação do capitalismo,

---

<sup>85</sup> Curiosamente, parodiando Lenin, a *burocracia* que governa o Estado brasileiro, desde janeiro de 2003, foi recrutada, principalmente, entre a intelectualidade de origem plebéia – no clero, na pequena burguesia, no funcionalismo público de nível superior, entre os mercadores, gente instruída. Esta *burocracia*, tanto por sua origem, quanto pelo caráter de sua atividade, e em face do distanciamento dos operários, é profundamente burguesa, portanto, reacionária. O absolutismo bonapartista e os traços ideológicos da política burguesa, incorporada pela burocracia, lhes conferem um viés nocivo ao conjunto da classe operária e dos trabalhadores assalariados. Esta *burocracia* vê como sua tarefa suprema coordenar e velar pelos interesses econômicos e sociais dos terratenentes, da burguesia e dos agiotas de luxo internos e externos. Seu dirigente máximo como *Galovliov* – personagem da novela satírica do democrata revolucionário russo Saltikov-Schedrin – gárrulo e hipócrita, se aproveita de suas simpatias e relações espúrias com a burguesia e com os gigolôs internacionais, para enganar os operários e camponeses pobres (isto inclui os “sem-terra”) e envolvê-los na maior fraude eleitoral que se tem notícia neste país. Esta *burocracia* bonapartista representa ainda a perversidade e a hipocrisia que se sucede sucessivamente sem cessar neste país, à medida que seus apetites reacionários e castrenses com uma folha de parreira de frases de amor pelo povo.

quando os ideólogos da pequena burguesia seguem buscando as vias do comunismo à margem do capitalismo e do proletariado que este cria?

Quanto à teoria e a luta contra a burguesia, não era possível ter nenhuma ilusão a este respeito. Contudo, quanto a composição da intelectualidade era mister compreender que ela era verossímil à composição da sociedade: “se nesta última ordena e manda o capitalista, na primeira, marca a pauta uma facção, que cresce com maior rapidez a cada dia, de arrivistas e mercenários da burguesia, uma ‘intelectualidade’ satisfeita e tranqüila que não delira e sabe muito bem o que quer” (LENIN, 1981, t. 1, p. 321).

Penso que a intelectualidade socialista só assumirá um trabalho realmente fecundo, no sentido não apenas da interpretação mas, sobretudo, no sentido da transformação da sociedade, quando abandonar as ilusões e passar a perquirir no desenvolvimento real e não no desenvolvimento ideal / desejável desta sociedade, isto é, quando elaborar suas ilações sobre relações econômicas e sociais concretas e efetivas e não sobre as abstratas, idealizadas, (im)prováveis.

Quanto ao ensino da teoria marxista, por intermédio da **educação partidária**, alguns pontos são cruciais, tais como:

Estudo concreto de todas as formas de antagonismo econômico existente numa sociedade determinada. Estudo de sua conexão e desenvolvimento consecutivo, clarificando os antagonismos encobertos pela história política, pelas peculiaridades da ordem jurídica e pelos prejuízos teóricos estabelecidos. Evidenciar de forma clara e precisa o quadro completo da realidade como sistema de determinadas relações de produção, assinalando que a necessidade da exploração e da expropriação dos trabalhadores neste sistema é um traço da perversidade genética do capitalismo; assinalar a saída desta ordem de coisas, indicada pelo desenvolvimento econômico (LENIN, 1981, t. 1, p. 323).

Para tanto, mister se fazia combater a demagogia<sup>86</sup> escolar, caracterizada na ação de grupos políticos direitistas e/ou social-democratas que utilizavam a frágil condição intelectual do povo (operários e camponeses pobres) para buscar apoio popular à manutenção ou conquista ambiciosa

---

<sup>86</sup> Termo polissêmico, diz-se, por exemplo, o poder de natureza tirânica ou imoral exercido em nome das multidões; a ação que utiliza o apoio popular para a conquista ambiciosa ou corrupta do poder e/ou o discurso usado para esta finalidade; ação ou discurso que simula virtude com objetivos escusos.



e corrupta do poder. Esta ação historicamente foi observada e retratada tanto na sociedade feudal quanto na moderna sociedade capitalista.

O discurso é demagógico quando usado para simular virtude na defesa dos mais escusos e hediondos objetivos de classe. No caso da **educação pública**, o demagogo age de forma interesseira e ambiciosa e, *pari passu* simula, especialmente pelo discurso, certas virtudes que evidenciariam compromisso com os interesses populares mas que, na verdade, encobriam sua real vinculação com a classe dominante.

Contrariando a concepção de mundo hegemônica na educação oficial czarista-burguesa, Lenin chamava a atenção para que não se deixasse o labor teórico (o discurso ou as teorias ‘novidadeiras’ dissociadas da prática) ser colocado como fundamento do labor prático. Era necessário, dizia ele, ter muito cuidado para que a teoria não fosse colocada, também no Partido, em primeiro plano em relação a prática; a teoria não deveria ser aceita como uma espécie de farol que alumiar a prática cega levada a termo por ignaros militantes. Por que isto?

Por uma simples e inelutável razão. Era necessário cuidar para que as árvores isoladas não ofuscassem o bosque, para que os fragmentos em órbitas caóticas, dispersos e perdidos, não ocultassem o ‘todo social’. Eis que para o demagogo era preciso cuidar que ninguém interrompesse a tranqüilidade do ‘sono’ pós-prandial da burguesia e à educação não deveria ser permitido exercer nenhuma influência esquerdista sobre a chusma vil, sobretudo, porque ela deveria ser administrada a todos e a cada um e não apenas a determinados indivíduos , destacando-os do meio e transformando-os em capitalistas e/ou latifundiários.

Sobre isto Lenin (1981, t. 1, p. 425) replicava:

‘A todos e a cada um’... é precisamente isto que os marxistas querem. Porém estimam que isto é inacessível enquanto existam as condições sócio-econômicas atuais, pois, ainda que o ensino fosse gratuito e obrigatório, para a ‘educação’ necessitar-se dinheiro, e só tem ‘os que saíram ao povo’. Os marxistas estimam que, tão pouco neste caso há outra saída que não seja a ‘dura luta das classes sociais’.

O demagogo, em sua palração diz que as escolas públicas “devem estar abertas não só aos sacristãos<sup>87</sup> aposentados, funcionários e toda a sorte de gente inútil mas também a homens verdadeiramente honrados e que amam de verdade o povo” (LENIN, 1981, t. 1, p. 426).

Essa peroração era, para Lenin (1981, t. 1, p. 426), deveras comovente, porém

quem vê inteligência, iniciativa e energia na gente ‘saída do povo’ assegura também (e nem sempre com sinceridade) que ‘amam o povo’, e muitos deles são homens ‘verdadeiramente honrados’. Quem vai se fazer aqui de juiz? Indivíduos de pensamento crítico e de elevadas qualidades morais? Porém, não disse o autor que o desprezo não faz efeito nessa gente saída do povo?

A principal tarefa dos comunistas na **educação política** continuava sendo demonstrar e desmontar as mentiras dos demagogos como, por exemplo, (i) a eleição de um caminho alternativo ao que está sendo trilhado, enquanto reconhece o caráter capitalista do caminho real; (ii) a socialização do trabalho e da riqueza sob a tutela e batuta da burguesia; (iii) o Estado *bourgeois* caminhará sob o ponto de vista moral e político popular, como se o poder estivesse precisamente nas mãos dos operários e seus ideólogos. Tudo isto, se configurava como “uma repugnante mentira de cabo a rabo, burla ou farisaísmo, açucarada hipocrisia” (LENIN, 1981, t. 1, p. 427).

Em face do embate com os populistas e demagogos, “o primeiro dever de quem deseja buscar ‘caminhos à felicidade humana’ é não se enganar a si mesmo e reconhecer sinceramente os fatos” (LENIN, 1981, t. 1, p. 427). Assim, só quando os educadores do proletariado compreendessem isto e o sentissem, poderiam reconhecer “que os ideais não devem consistir em traçar caminhos melhores e mais curtos, senão em formular as tarefas e os objetivos da ‘dura luta das classes sociais’, que se desenvolve ante nossos olhos, em nossa sociedade capitalista” (LENIN, 1981, t. 1, p. 427).

Para eles,

os mais elevados ideais não valem um nada se não sabem fundi-los indestrutivelmente com os interesses dos participantes na luta econômica, fundi-los com esses problemas quotidianos tão

---

<sup>87</sup> Sacristão é o homem que, além de ajudar no ritual da missa, trata dos vasos, vestiduras e livros ‘sagrados’, de uma determinada Igreja. Na verdade, o sacristão era visto como peça inútil do ritual, vez que apenas o padre poderia realizá-lo, destarte, a condição sacristânica seria meramente figurativa sem colocar e nem tirar um ponto sequer do ritual religioso cristão.

pequenos e ‘estritos’ (...) como o da ‘justa remuneração do trabalho’ (...) que nosso grandiloquente populista mira com tão sublime desdém. O populista vê em tudo isto uma lamentável causalidade e nada mais, o resultado de uma ‘má compreensão de sua missão’, e acredita que basta ‘porem-se de acordo e atuar unidos’ para que todos esses elementos ‘voltem ao bom caminho’. Não quer ver que nas relações econômicas predomina o sistema de *Plusmacherei*, sistema sob o qual só dispõe de meios e de tempo para instruir-se as ‘pessoas saídas do povo’, enquanto a ‘massa’ deve ‘seguir imersa na ignorância e trabalhar para outros’; isso traz como consequência direta e imediata o fato de apenas ingressarem na ‘sociedade’ representantes dos primeiros e que só entre a ‘gente saída do povo’ é que se pode recrutar os escreventes (...) e demais funcionários, os quais o populista considera gente situada *acima* das relações econômicas e das classes, *acima* delas (LENIN, 1981, t. 1, p. 427-429).

Para os comunistas ou marxista-leninistas é possível e imprescindível demonstrar ser “uma imoralidade dizer que o capitalismo constitui um sistema de ‘organização’, quanto tem por base a anarquia da produção, as crises, o desemprego constante, sempre crescendo (e) a incessante piora da situação dos trabalhadores” (LENIN, 1981, t. 1, p. 430).

Era também imoral pintar “a verdade de cor de rosa, apresentar como algo casual a ordem das coisas que caracterizava a Rússia posterior à Reforma” (LENIN, 1981, t. 1, p. 430). Como igualmente era / é imoral negar que “qualquer sociedade capitalista impulsiona o progresso técnico e leva a cabo a socialização do trabalho às custas da mutilação e deformação do produtor” (LENIN, 1981, t. 1, p. 430).

Os educadores comunistas contrariando a *doxa* universitária do século XXI têm como tarefa principal a formulação e a explicação teórica dos fatos, sempre estribados na luta de classe contra classe e dos interesses econômicos dos quais são testemunhas oculares.

### **3.4 – A educação superior e os camponeses**

Era fato do qual não havia como discordar que na agricultura baseada em grandes fazendas havia a necessidade de recorrer, cada vez em maior monta, à cooperação dos operários com os camponeses e à divisão do trabalho. Neste sentido, dever-se-ia conceder importância e especial atenção à **educação** agrônômica e científica dos agricultores, enquanto absolutamente

imprescindível à geração e difusão no campo do ensino elementar e médio. Contudo, uma contradição do processo precisava ser considerada vez que escolas poderiam não proporcionar vantagens aos camponeses pobres, proporcionando-as aos latifundiários.

Nesta perspectiva penso que tanto a **educação elementar e média**, como a **superior necessária**

para uma produção plenamente racional não se coaduna muito bem com as atuais condições de existência dos camponeses. Isto não constitui, como é natural, uma condenação à instrução superior, mas às condições de vida camponesa. Significa que se a produção campesina se mantém ao lado da grande produção, não é por sua maior produtividade, senão por suas menores demandas. A grande produção não só deve manter a força de trabalho camponesa, senão também a força de trabalho urbana, cujas demandas são incomparavelmente maiores (LENIN, 1981, t. 4, p. 125).

Portanto, a **educação** em quaisquer níveis, mantida a dominação da burguesia ou a tirania feudal, conduzirá ao aumento da produtividade do trabalhador, agora ‘melhor’ educado e ‘melhor’ alimentado, mais capaz para operar máquinas mais sofisticadas, processo relacional com o qual incrementa a extorsão da mais-valia relativa e absoluta.

Compreendo assim que a **educação** é um problema moderno relacionado com o incremento de quantias significantes em comparação com a massa total de mais-valia extraída da força de trabalho e com a soma total de gastos estatais que a própria burguesia resiste em aceder ou entregar às demandas do proletariado e dos camponeses pobres por uma educação pública e gratuita. A moderna burguesia não pode prescindir de operários instruídos e capazes de adaptar-se ao elevado nível da técnica.

Na esfera destes problemas é possível perorar acerca dos efeitos nocivos da luta de classes, mormente quando a burguesia e o seu Estado gastam dinheiro para atender não as demandas da população trabalhadora – saúde e educação – mas o seu irrefreável e goliardesco desejo consumista. Todavia, a educação pública era / é necessária à revolução socialista, imprescindível à ampliação gradual e decidida da ‘propriedade coletiva’ e à ‘socialização’ da produção.

Em face das questões expostas, ainda em andamento no século XXI, a crítica leninista continua pertinente e atualizada, imprescindível à contemporânea apologia da **educação** como direito de todos e de cada um, defendida pelos ideólogos da classe dominante e próceres da

esquerda batida em retirada, ‘ignorando’ que o acesso à **educação** de qualidade é necessário dinheiro e só as pessoas que não fazem parte do conjunto dos operários e dos trabalhadores assalariados é que dispõem de dinheiro para tanto. Neste caso, a tarefa da crítica é apontar a não existência doutra saída que não seja a dura luta das classes sociais.

Se a *intelectualidade* buscava saídas à crise, na qual a Rússia estava submersa, em

outras vias de desenvolvimento que não as reais, então é natural que o labor prático seja possível apenas quando filósofos geniais descubram e mostrem essas outras vias, ao contrário, uma vez que descobertos e mostrados esses caminhos, termina o labor teórico e começa o labor de quem deve conduzir a ‘pátria’ pela ‘outra via’ recém descoberta (LENIN, 1981, t. 1, p. 334).

Mantendo a prevalência da teoria sobre a prática, ressurgem vigorosos o dogmatismo e o sectarismo, e sob eles oculta apregoa-se a possibilidade da educação, mantida a exploração capitalista de forma democrática, atender ‘à todos e a cada um’. Tal proposição é *dogmatismo* por apresentar a teoria dissociada, descolada e/ou em desacordo com as exigências da prática social.

É *dogmatismo* porque o critério sob o qual a teoria idealista é construída, “não é a sua conformidade com o processo real do desenvolvimento sócio-econômico supostamente estudado” (LENIN, 1981, t. 1, p. 325). E é *sectarismo* porque a tarefa da intelectualidade está restrita ou reduzida não à contribuir efetivamente com a organização do proletariado mas a afirmar como imprescindível a necessidade de “intelectuais de tipo especial” (LENIN, 1981, t. 1, p. 325).

Desorganizada, a classe operária deve esperar calmamente, sem uma idéia diretriz, que ‘intelectuais de tipo especial’ venham mostrar-lhe como deve se organizar e o que deve fazer, enquanto o capital continua oprimindo-a. Atuando via educação pública, esse tipo de intelectual procura impedir a classe operária de compreender que se ela é oprimida pelo *capital*, então é necessário deslanchar a luta contra a burguesia.

Esta luta – para melhor satisfazer suas necessidades materiais e intelectuais – chama a organização de todos os operários numa “classe para si” (com identidade de pensamento, ação e objetivo, pois apenas enquanto “classe para si”, o proletariado toma consciência de sua tarefa histórica, subordinando sua luta à conquista do poder de Estado e da economia política, à constituição da ditadura do proletariado – uma decorrência histórica nos países onde a reação da burguesia foi celerada – e à transformação comunista da sociedade), implementa a luta de classe

contra classe, contra “a classe que oprime e subjuga o trabalhador nas fábricas, nas oficinas e em todas as partes” (LENIN, 1981, t. 1, p. 326).

Nesta perspectiva, a teoria necessária era a que (i) aclarasse a situação dos operários e camponeses pobres; (ii) demonstrasse a constituição e o desenvolvimento do regime político e econômico que os oprimia; (iii) explicasse a necessidade e a inevitabilidade do antagonismo de classes ou da luta de classe contra classe sob o modo de produção capitalista.

Apenas quando os quadros avançados da classe operária assimilarem as idéias marxistas, a idéia do papel histórico do proletariado, quando estas idéias alcançarem uma ampla difusão e entre os operários for constituída uma grande coesão ou solidariedade orgânica, capaz de transformar a luta dispersa, de cunho meramente econômico em luta consciente e política de toda uma classe, então esta classe, pondo-se à frente de todos os elementos democráticos, derrubará a burguesia e conduzirá todos os operários e trabalhadores assalariados “pelo reto caminho da **luta política** à revolução comunista” (LENIN, 1981, t. 1, p. 327).

A incompreensão da luta de classe contra classe, inerente à sociedade capitalista, é um erro cardinal e ainda evidencia uma pífia incompreensão do marxismo. A questão da “luta de classes é o centro de gravidade de todo o sistema e das concepções de Marx e Engels” (LENIN, 1981, t. 1, p. 335).

Não obstante, Marx assinalou a ambigüidade do capitalismo: de um lado ele oprime, explora e extorque a força de trabalho, enquanto do outro, **educa**, une e organiza a classe operária. Esta contradição do próprio processo de exploração possibilita à classe operária educar-se para lutar, organizar sua ‘indignação’, sua união para ‘expropriar os expropriadores’, para conquistar, “o poder político e para arrebatá-los os meios de produção das mãos de uns quantos usurpadores a fim de colocá-los nas mãos de toda a sociedade” (LENIN, 1981, t. 1, p. 337-338).

Vale acrescentar, enquanto isto não ocorre, a intelectualidade socialista pequeno-burguesa ‘escuta e come’ e aqueles a quem ela diz defender, o capitalismo reserva “a ruína, o empobrecimento e a fome, como seqüelas indubitáveis e inevitáveis” (LENIN, 1981, t. 1, p. 338). Com outras palavras, à medida que o capitalismo se desenvolve aumenta em proporções inabordáveis o oceano de miséria, a falta de trabalho ou desemprego, a extenuação pela fome, enquanto isto, a intelectualidade apela com a consciência tranqüila às suas profecias, lamentando

o caminho que foi seguido pelos governantes, ‘demonstrando’ a debilidade do capitalismo apenas pela falta de ‘mercados exteriores’ e investimentos externos.

Na verdade, essa intelectualidade escuta, lamenta e come. Como aponta Marx na “*Miséria da Filosofia*”, ela não consegue ver na miséria nada mais que a miséria, sem perceber seu lado destruidor e revolucionário que acabará por derrotar a velha sociedade. Vista a miséria somente como miséria, perde-se de vista que o governo, em todos os países capitalistas, sejam eles centrais ou periféricos dependentes, a serviço de seu mecenas, a burguesia (industrial, fundiária e financeira), destrói os direitos dos operários, trabalhadores assalariados e servidores públicos e reprime sob o pretexto de greves abusivas todo intento dos movimentos populares de defender seus direitos mais fundamentais.

É possível argumentar em contrário, a favor do Governo enquanto dirigente maior do Estado. Está certo, mas o que realmente muda quando o Governo supostamente democrático proclama estar acima dos interesses das classes?

Ora, o que se vê é o trabalho do operário mais árduo a cada dia, a riqueza e o luxo aumentarem com maior celeridade cada vez mais e a ignorância rediviva tomar corpo e tornar-se síndica do vulgacho, da arraia-miúda, do populacho, administrando a situação desesperadora do grosso do proletariado, enquanto “a expropriação se acentua e o desemprego se converte em norma” (LENIN, 1981, t. 1, p. 380).

Enquanto a contradição central do capitalismo se acentua e se agrava, os ‘críticos’ do marxismo, os ‘*amigos do povo*’ buscam outras vias para a pátria e sem querer ver a correlação inversa entre a oferta e o fechamento de postos de trabalho, isto é, entre o lento crescimento do trabalho fabril e o aumento vertiginoso e incontido do desemprego, entre os apelos demagógicos dos governos e a realidade caótica se desenrolando sem meias palavras.

Desde 1894, Lenin chamava a atenção sobre um singelo fato: a ausência de leitura acurada do marxismo fazia com que os ‘*amigos do povo*’ – ou como ele próprio costumava chamar, ‘*malévolos marxistas*’ – ao buscarem alternativas esqueciam que em todas as partes a exploração capitalista do trabalhador permanece sem freios. Na verdade, evadidos da realidade apontavam que não é o capitalismo que cumpre mal sua missão, mas os administradores e governantes.

Pois bem, esses ‘*malévolos marxistas*’ não compreendiam a realidade, sonhadores apologéticos desconsideravam efetiva e completamente a luta de classes como aspecto da própria dinâmica da sociedade capitalista, preferiam tecer doutos comentários sobre a sociedade e o Estado em geral. Olvidando todas as evidências acreditavam que o Estado *bourgeois* podia “atuar desta ou de outra maneira e que, por conseguinte, está a margem das classes” (LENIN, 1981, t. 1, p. 353).

É utopista e reacionário sem peias, todo aquele que apela ao Estado *bourgeois* pela socialização do trabalho e da redistribuição das terras agricultáveis, com outras palavras, que apela a ele pela eliminação da propriedade privada e da burguesia industrial, fundiária e financeira.

Por não estar a esgrimir com espantalhos, fantóchios e duendes, não me cabe a menor dúvida que a socialização do trabalho e da terra (a reforma agrária sobre o controle dos trabalhadores rurais e em consonância com os trabalhadores urbanos), como a questão da **educação pública e gratuita em todos os níveis**, à margem ou sem levar em consideração os interesses e a reação dos latifundiários, capitalistas e banqueiros, mediante apenas os interesses e os objetivos da *comunidade* é um *flatus vocis* da imaginação delirante.

A socialização não do trabalho mas da produção, distribuição e consumo no capitalismo é uma contradição nos termos. Por exemplo, com a socialização do trabalho levada a efeito na sociedade russa, a partir da Reforma de 1861, data em que havia a hegemonia da produção familiar patriarcal e comunitária, pequena produção, dispersa, mas que se bastava a si mesma, levou o capitalismo russo a romper as estreitas fronteiras das formas de produção anteriores.

Destarte, apontar a socialização do trabalho, já socializado no capitalismo, apoiando-se numa *comunidade* cuja destruição trouxe consigo a socialização do trabalho em toda a sociedade, como se tal fenômeno significasse apropriação coletiva da produção é assumir o discurso enganador ‘sob a clara luz da luta aberta de classes’ e exacerbando-se para a guerra civil.



### 3.5 – Apêndice aos ‘amigos’ do povo

No “*Apêndice III*” do “*Quem são os ‘amigos do povo’ e como lutam contra os social-democratas*”, Lenin (1981, t. 1, p. 356) reporta haver nos meios intelectuais da velha Rússia uma compreensão estreita do marxismo e lamenta ser ela companheira inseparável dos ‘próprios marxistas’: o marxismo exposto nas páginas da imprensa legal era “submetido à mais estreita redução e tergiversação”.

Essa compreensão estreita procurava encaixar o marxismo numa espécie de “leito de Procusto”<sup>88</sup> da pequena burguesia. Os algozes procuravam acomodar de qualquer maneira a teoria de Marx e Engels à realidade capitalista contra a qual ela fora construída, ora fazendo acoplagens (alongando-a), ora fazendo cesuras (cortando-a / reduzindo-a). Essa tresloucada busca pela descaracterização da teoria marxista (com acoplagens ou cesuras), ainda predicada nas Universidades onde o marxismo é “examinado” como teoria neolítica de questionável valor “anatômico”.

A redução absurda era levada a termo para escoimar o núcleo central da teoria de Marx, a luta de classes, e omitir o compromisso direto da investigação marxista com o descobrimento de “todas as formas de antagonismo e exploração para ajudar o proletariado a desfazer-se delas” (LENIN, 1981, t. 1, p. 356).

No “*Apêndice III*”, Lenin (1981, t. 1, p. 356) postula as linhas mestras da função da **educação política**: *explicitar* a inevitabilidade da luta de classes no capitalismo, sendo o antagonismo entre as classes inerente à sociedade capitalista; *fundamentar* o marxismo como a única teoria, crítica e revolucionária; *referir* não haver **educação política** sem o conhecimento profundo do marxismo e das correntes a ele antitéticas.

A propósito, o marxismo é a única teoria “que compara os fatos políticos, jurídicos, sociais, habituais e outros com a economia, com o sistema das relações de produção, com os

---

<sup>88</sup> Relativo a Procusto, bandido que torturava suas vítimas, ora esticando-as ora cortando-as para que coubessem em sua cama, ou com outras palavras, alguém que força pessoas a entrarem onde não cabem, esticando-as ou encolhendo-as. Deriva daí o verbo *procustear* ou reduzir falsa e artificialmente (algo) para que corresponda a certos interesses.

interesses de classe que inevitavelmente se formam no terreno de todas as relações sociais antagônicas” (LENIN, 1981, t. 1, p. 356).

O marxismo é *revolucionário* porque desvela

todas as formas de antagonismo e exploração da sociedade moderna, estuda sua evolução, demonstra seu caráter transitório, assim como a inevitabilidade de sua conversão noutra forma distinta e serve assim ao proletariado para que este ponha fim o mais antes possível e com a maior facilidade possível a toda exploração (LENIN, 1981, t. 1, p. 356).

Enfim, o marxismo é *crítico e revolucionário* não apenas porque os seus fundadores reuniam em si mesmos as qualidades de cientistas e de revolucionários mas, sobretudo, porque o seu *corpus* teórico encerra rigor científico somado à *anima* revolucionária, vinculados por seus nexos internos, indissolúveis.

A tarefa central do marxismo colocada explicitamente no “*Manifesto do Partido Comunista*” é ajudar à classe operária e os oprimidos em geral na luta por sua *emancipação intelectual* e por sua real *libertação econômica*. Sobre isto, Lenin (1981, t. 1, p. 358) fazendo uso de uma passagem de Marx em “*Carta a Ruge*” – datada de setembro de 1843 – apontava como tarefa da crítica marxista em sua época manter a famosa consigna: “Nós não dissemos ao mundo: deixa de lutar toda tua luta não vale nada. Nós lhe damos a verdadeira consigna da luta”.

Portanto, a tarefa imediata da única teoria *crítica e revolucionária*, conteúdo fulcral da **educação política**, consistia em

apontar a verdadeira consigna de luta; em saber apresentar objetivamente a luta como produto de um determinado sistema de relações de produção; e a necessidade desta luta, seu conteúdo, o curso e as condições do seu desenvolvimento, sem perder de vista seu objetivo geral: a destruição completa e definitiva de toda exploração e de toda opressão (LENIN, 1981, t. 1, p. 358).

Salvo melhor juízo, a economia política se manifesta nos quadrantes desta sociedade, na mais escandalosa exploração e extorsão da força de trabalho urbana e rural e na corrupção moral. Nesta nessa sociedade não há liberdade para todos mas simplesmente a proteção dos desejos e interesses da burguesia industrial, fundiária e financeira. Por extensão, a **educação** não é para todos mas para os donos do capital, por isto, penso ser necessário abandonar, em definitivo, as ilusões, os sonhos, as quimeras e as fantasias sobre as ‘vias alternativas’ para o Brasil que não seja

o socialismo como ‘**ante-sala**’ da sociedade comunista. Aceitar sem temer esta via como possível e assumir a coerência entre teoria e prática política é “buscar elementos para a luta revolucionária” (LENIN, 1981, t. 1, p. 361).

A crítica de Lenin (1981, t. 1, p. 434) ao ‘*conteúdo econômico do populismo*’ enquanto ‘*o reflexo do marxismo na literatura burguesa*’, pedra angular da concepção populista da história, refutava a tese dos populistas segundo a qual “a história era feita por indivíduos que lutavam isoladamente. Os indivíduos fazem a história”.

Ora, para os populistas russos os indivíduos isolados, por sua conta e risco, se convertiam em artífices da história. Esta tese ainda não foi abandonada no século XXI na exata proporção que a maior parte de uma determinada intelectualidade continua ‘acreditando’ e predicando que são os indivíduos, tal como proclamavam os populistas russos do século XIX, que fazem a história e não as massas.

Para sanar dúvidas, devo repetir que para Lenin (1982, t. 12, p. 350), “a autêntica massa a constituíam o campesinato revolucionário, os setores verdadeiramente humildes da população urbana. Eu não me isolo dessa massa; chamo-a a abandonar as ilusões constitucionistas, chamo-a a lutar de verdade, chamo-a à insurreição”.

A tese de que a história é forjada por indivíduos isolados e/ou pela vontade livre e individual só pode ser entendida como ‘robinsonada’ do século XVIII carenciada de sentido e fundamentação teórica. Lamentavelmente, a história continua sendo ensinada, salvo exceções, nas escolas fundamental e média, como produto da forja da vontade individual de intelectos brilhantes, caudilhos iluminados que, munidos com uma rara inteligência e uma precisa análise dos fatos, conduzem a patuléia desorganizada, a gentilha maltrapilha e ignara, aos níveis necessários e responsáveis de organização social, política e econômica.

Lenin (1981, t. 6, p. 13), no “*Que fazer?*”, observava que atribuir a forja da história à vontade individual de intelectos brilhantes ou de caudilhos munidos de rara inteligência era a afirmação do pensar a *la* “Ilovaiski”. Lenin referia-se ao historiador russo Ilovaiski (1832-1920) que reduzia a história à atividade dos czares e caudilhos militares. Esse personagem foi autor de vários manuais de história para o ensino fundamental e médio tornados oficiais nas escolas russas no período anterior à revolução de outubro de 1917.

Em linguagem leninista, o *quid* da compreensão ‘ilovaiskiana’ ou idealista da história, assenta no não reconhecimento das ‘condições históricas’ determinantes das ações dos indivíduos, dos caudilhos militares e grupos de pessoas de carne e osso; tais condições históricas, produto das relações de produção antagônicas, são aquelas que engendram a expropriação dos verdadeiros produtores: os operários e camponeses pobres.

Contra a peroração à *la* “Ilovaiski”, Lenin (1982, t. 12, p. 350) afirmava jamais se distanciar da massa, a qual chamava à insurreição. Furtando-se a fazer as idealizações populistas, enfatizava que “para determinar o momento da insurreição, dever-se-ia levar em conta o estado de ânimo e o desenvolvimento da consciência *desta* massa”.

Crítico dos intelectuais vacilantes, mormente os do Partido, Lenin (1982, t. 12, p. 350) de forma recidiva reclamava da “ala intelectual dos Partidos Social-Democratas que se deixara seduzir pela política do momento e acreditava na famosa bernsteiniada”<sup>89</sup>. Preocupava-o a possibilidade que a ala intelectual do POSDR (i) se deixasse fascinar pelo ouropele da burguesia e

pelos blocos eleitorais, pela idéia de tratar com polidez essa burguesia, o não querer determinar com clareza e precisão desde o ponto de vista proletário a natureza classista e pequeno-burguesa [dos partidos social-democratas] e o dano que causam suas ilusões constitucionalistas, e o risco atual de sua tática conciliadora (LENIN, 1982, t. 12, p. 351).

Sem compreender a dinâmica das relações de produção em andamento na velha Rússia ou simplesmente preferindo ignorá-las, os populistas – *subjetivistas* em essência (teoria) e forma (método) – limitavam-se

a confeccionar teorias que consolavam os indivíduos ‘isolados’ dizendo-lhes que a história era obra de pessoas de carne e osso. O famoso ‘método subjetivista em sociologia’ não expressa absolutamente nada que não sejam bons desejos e uma compreensão errônea das coisas (LENIN, 1981, t. 1, p. 435).

Para os subjetivistas russos, os modos de produção e “a vida européia se formaram tão insensata e imoralmente como fluem os rios ou crescem as árvores na natureza” (LENIN, 1981, t. 1, p. 435). Destarte, quando o rio se depara com a menor resistência ao seu ‘manso’ fluir – as

---

<sup>89</sup> BERNSTEIN, Eduard (1850-1932) social-democrata alemão, dirigente da ala oportunista do Partido Social-Democrata Alemão e da II Internacional, ideólogo do *revisionismo*; defendia a luta pelas reformas para melhorar a situação dos trabalhadores sob o capitalismo e lançou a célebre e inconsequente palavra de ordem: “O movimento é

margens que se estreitam e o pressionam, formando furiosas e desafiantes corredeiras – arrasta e arrasa tudo o que pode e bordejando o que não pode arrastar e nem arrasar. Eis um rio inteligente!

Com esta metáfora, os populistas procuravam afirmar a construção do capitalismo a prescindir ‘da razão e dos sentimentos humanos’. Sobre isto, repetirei as palavras de Lenin (1981, t. 1, p. 436) ditas com bastante propriedade: “que necessidade é esta de que a razão e os sentimentos (*humanos*) estavam ausentes quando surgiu o capitalismo?”.

Ora, se não há homens sem o *logos*, razão e palavra e sentimentos e se foram os homens que produziram o capitalismo, então é uma falsidade histórica predicar o capitalismo como modo de produção filho da ‘não-razão’, da falta de razão ou, quem sabe, da ‘desrazão’ refratária aos sentimentos humanos. Como aponta Lenin (LENIN, 1981, t. 1, p. 436):

Os homens que não se davam por satisfeitos com a mera ação das leis econômicas, construíram em pleno uso de suas faculdades mentais, muitas engenhosas eclusas e represas para conduzir os insubmissos camponeses ao leito da exploração capitalista; abriram com astúcia canais de derivação (entendida como desvio dando-lhe outra direção) política e financeira, e por esses canais fluíram a acumulação capitalista e a expropriação capitalista.

Para além do determinismo econômico, os capitalistas incrementavam a acumulação, exacerbavam a expropriação da mais valia e alongavam as fronteiras das leis sob as quais construía suas fortunas *pari passu* com a manutenção da ignorância e o incremento da miséria das ‘massas’ de operários e camponeses pobres.

Predicando a ausência da razão e dos sentimentos (a desrazão!!!) na gênese do capitalismo, os populistas faziam com que o povo russo oprimido, de um lado, pelo império czarista, por outro lado, pelo capitalismo emergente, não compreendesse “as verdadeiras causas dessa opressão” e se consolasse deitado eternamente em berço esplêndido e à luz do céu profundo das estepes geladas, inculcando “ilusões de que todo o mal reside em que a razão e os sentimentos dos homens se encontravam ainda em ‘estado embrionário’” (LENIN, 1981, t. 1, p. 437).

Guardadas as proporções, esse tipo de postulação repete, reforça e reafirma a tese positivista segundo a qual as condições históricas, as relações de produção ou o capitalismo (abundância para poucos, miséria e penúria para muitos), seria o produto de ‘leis naturais

---

tudo, o objetivo final não é nada”. Logo após a morte de Engels apresenta e defende a necessidade da revisão do marxismo.

invariáveis’ contra as quais nada se pode fazer, cabendo apenas aos oprimidos mais inteligentes uma ‘sábria resignação’.

Diferentemente dos *subjetivistas* e *objetivistas* russos – para quem ‘havia tendências históricas insuperáveis’ – Lenin defendia uma outra tese segundo a qual na Rússia existia uma formação sócio-econômica dada e relações sociais de produção antagônicas por ela engendradas; as contradições entre as classes eram historicamente demonstráveis, pondo-as a nu o pesquisador marxista fixaria sua posição; a classe que ‘dirigia’ o sistema econômico-político, estimulava a criação de determinadas formas de reação das classes oprimidas.

Lenin (1981, t. 1, p. 438) afirmava não apenas a necessidade do processo histórico mas procurava aclarar que a “formação sócio-econômica é precisamente a que dá conteúdo a esse processo, e qual classe, *precisamente*, determina essa necessidade”.

Trabalhando sobre a tradição marxista, assinalava a existência não de ‘tendências históricas insuperáveis’ mas de classes sociais determinantes do conteúdo do processo histórico de construção e vida de um dado modo de produção; a excluir qualquer possibilidade de uma reforma estrutural ou transformação radical que não fosse “pela ação dos produtores mesmos” (LENIN, 1981, t. 1, p. 439).

Lenin (1981, t. 1, p. 439) chamava a atenção para *imperativo político* da defesa franca e aberta do ponto de vista de determinado “grupo social concreto sempre que se ajuíze um acontecimento”. Os juízos de valor não são neutros, imparciais, mesmo porque, o neutro é o que já se decidiu pelo mais forte.

Devo acrescentar aqui, ainda correndo o risco de que seja considerado extemporâneo, descolado dos propósitos deste trabalho acadêmico, fora de lugar ou sem sentido plausível e justificatório para permanecer no escopo da tese em construção, que o ‘sagrado’ dever de trabalhar deve ser substituído pelo direito ao trabalho e/ou pelo direito de cada operário e camponês pobre ganhar o pão de cada dia “com o suor do *próprio* rosto” (LENIN, 1981, t. 1, p. 440).

Muito diferente do escravo oprimido e extorquido em seus ‘direitos’ pela jornada insana de trabalho diário e ininterrupto, o operário e o camponês não podiam aceitar a apoteótica

submissão à terra, a trabalhar, sol a sol, quase de graça para a burguesia industrial, financeira e fundiária.

Outro cotejamento é imprescindível para que as falas de Lenin (1981, t. 1, p. 440) não sejam transformadas em letras mortas de uma história pretérita e/ou proteína (celulose) energética e construtora dos músculos da mastigação de roedores e traças insaciáveis, eis que diferentemente dos trabalhadores brasileiros deste século, os europeus ocidentais do século XIX deixaram para trás, havia muito tempo, a fase do desenvolvimento (econômico) em que exigiam ‘o direito ao trabalho’, a rigor, o que exigiam era ‘o direito ao ócio’, ao ‘forra tripa’, ao ‘mandriar’, ao ‘regabofes’, enfim, “o direito ao descanso de um trabalho que os oprimia e mutilava”.

### 3.6 – A crítica dos bolcheviques

Entre 1905 e 1907, ocorria na Rússia o retrocesso gradual da primeira revolução democrática burguesa, a repressão czarista contra os descontentes em geral, especialmente, contra a vanguarda do movimento revolucionário: os bolcheviques.

Por intermédio de uma Constituição monárquica negociada, estava aberta a temporada de opressão e aplastamento do povo, apenas suavizada pela difusão de ilusões constitucionalistas. O czar contava com a ajuda das correntes liberais contra-revolucionárias. Contudo, a eleição para a II Duma guardara para os bolcheviques uma agradável e positiva surpresa, 60% dos deputados eleitos eram de tendência mais à esquerda. Esta guinada devia-se, “particularmente, aos últimos acontecimentos anteriores à II Duma que na aparência imóvel e superficial da vida política ocultava o labor invisível e silencioso, porém profundo, do ascenso da consciência (...) da classe operária como das camadas mais amplas o campesinato” (LENIN, 1983, t. 15, p. 20).

O clima político russo nesse período transpirava um presságio não muito alentador, embora a consciência dos oprimidos se elevasse qualitativamente. Se por um lado, o desenvolvimento da **consciência política** do proletariado e dos camponeses pobres permanecia obstaculizado, por outro lado, as coisas aconteciam a pleno vapor:

Os terratenentes aferrados ao regime de servidão dispuseram-se, ombro a ombro, e adquiriram ‘plena consciência de si mesmos’ no curso da revolução. Os partidos da reação extrema

transformaram-se em organizações de classe de quem cabia defender, ou morrer, os bens mais ameaçados pela presente revolução. Os partidos palpáveis e abertamente burgueses, desviados à direita, manifestavam ódio à luta popular e um desejo franco, cinicamente proclamado de acabar com a revolução e sentar-se com tranqüilidade a negociar com a reação uma Constituição monárquica, estreita, adaptada aos interesses egoístas de classe e sem piedade rigorosa quanto às massas populares (LENIN, 1983, t. 15, p. 21).

Enquanto isto, na dinâmica política desta época, crucial ao futuro da Rússia, no campo, os camponeses pobres desenvolviam a mais importante luta da revolução em curso, dirigida contra o latifúndio e o regime de servidão sobre o qual se assentava; nas cidades, o proletariado encetava a luta em outro conflito de interesses mais profundo, derrotar o czarismo ao passo com a luta prolongada para a derrubada do capitalismo.

Neste quadro, os bolcheviques, enquanto a vanguarda do movimento revolucionário separava-se dos “grupos e camadas de pequenos burgueses, não para encerrar-se numa suposta altivez da solidão, senão para livrar-se de toda vacilação, das meias tintas e ser capaz de *arrastar* atrás de si o campesinato democrático” (LENIN, 1983, t. 15, p. 23-24).

Mais ainda, a eles cabia **educar politicamente** a classe operária e os pobres do campo arruinados e famintos, sombras sem corpos, produtos de um modo de produção perverso e absurdamente misantrópico, para encetar a luta e tomar de assalto o poder. Aos bolcheviques cabia, ainda, indicar ao proletariado com **consciência de classe** a impossibilidade de conquistar a liberdade para o povo e terra para os camponeses sem terra mediante acordos com emissários do czar. Eles sabiam que a confiança do povo russo na via ‘não francesa’ da revolução russa, para a satisfação de suas demandas, havia decrescido, um dos motivos do fortalecimento da esquerda, quer dizer, “daqueles que mais ou menos decididos e conseqüentemente postulavam a luta revolucionária e não a via pacífica” (LENIN, 1983, t. 15, p. 24).

Sobre os temores e desejos da burguesia, Lenin (1982, t. 11, p. 236) demarcava dois caminhos para a revolução: o alemão e o francês. No primeiro, o processo cessaria no meio sem haver demolido a monarquia e a reação; no segundo, a república seria estatuída, como de fato o foi, sob a absoluta liberdade da burguesia, esse o processo foi levado até o fim sob o rufar dos tambores e o tétrico deslizar da guilhotina. Vale dizer, o caminho francês foi realizada, “pelo menos em parte, pela massa popular ativamente revolucionária, operários e camponeses que deslocaram, por um certo tempo, a respeitável e moderada burguesia”.



Destarte, os comunistas deveriam consubstanciar, via **educação política**, o claro e inevitável crescimento da **consciência revolucionária** das “massas populares, a despeito de todas as proibições e perseguições” (LENIN, 1983, t. 15, p. 28).

Na verdade, deveriam colocar em evidência que do governo central o proletariado e os camponeses pobres não deveriam “esperar mais que violência, opressão e cooperação com os grandes fabricantes em tudo o que signifique oprimir os operários” (LENIN, 1983, t. 15, p. 31).

Os comunistas deviam explicitar ao proletariado e aos camponeses pobres que eles não deveriam esperar que o governo trabalhasse no sentido de mitigar a penosa miséria provocada pelo desemprego estrutural, pois o preço a pagar pela intervenção estatal era aceitar que “sua miséria fosse mais intensa e mais aguda” (LENIN, 1983, t. 15, p. 31).

Neste sentido, abrindo caminho para a consolidação da revolução, os comunistas procuravam **educar politicamente** os milhões de oprimidos “disseminando por todos os confins da Rússia, quão nociva e anti-popular [era] a política do governo, as maquinações que urdia contra o povo e as leis e disposições que lhe nega” (LENIN, 1983, t. 15, p. 32).

Se a política e o processo educacional tocados pelos comunistas, em essência, correspondiam aos interesses da classe operária, então “lhes cabia, permanentemente, como objetivo (...) explicar (...) o caráter *ilusório de todas* as esperanças num desenlace pacífico da luta pelo poder” (LENIN, 1983, t. 15, p. 38).

Em sua deliberada intenção os bolcheviques procuravam “elevar a **atividade política** das massas e organizar as forças revolucionárias fora e dentro da Duma, criando condições para transformá-la em ponto de apoio da revolução” (LENIN, 1983, t. 15, p. 38).

Para os comunistas, o princípio da luta de classe era [e é!] o fundamento da teoria e da política marxistas. Acrescento, a educação, política e a luta pela superação dos obstáculos à realização plena da vida humana, estavam ligadas umbilicalmente como ‘siamesas’, separadas, feneceariam, morreriam.

O Partido Comunista, como exprimia Lenin (1983, t. 15, p. 194), não era um clube e nem uma Academia de Letras, onde se esperava ocorressem entediadas ‘discussões intelectualóides’. O Partido era “uma organização proletária de combate”. Organização na qual a **educação política** objetivava o combate contra a fome e a miséria e seus conteúdos revelavam as causas concretas e

os meios à sua destruição. Para tanto, ele defendia o bem discutir e enfatizava a imprescindibilidade do ser ‘preciso viver e agir’.

Era preciso viver e agir! Todavia o agir para os comunistas e para o proletariado social-democrata significava despir-se de todas as vacilações da pequena burguesia e “**educar** o povo **para lutar** ou preparar-se para ela, desenvolvendo a **consciência de classe** do proletariado preparando-o para uma participação mais regular, mais firme e enérgica na revolução seguinte” (LENIN, 1983, t. 15, p. 296).

Uma outra faceta da **educação política** radicava na formação das ‘organizações de combate’, que tinham por tarefas

difundir a correta interpretação da idéia de insurreição armada [suas condições concretas, seu desenvolvimento e seu triunfo] já que inclusive entre os ativistas do partido existia a mais confusa e falsa noção quanto à insurreição armada; preparar no plano teórico todo o necessário para êxito da insurreição armada; **educar** e preparar quadros operários **politicamente conscientes** [vinculados ao] POSDR para a ação política (LENIN, 1983, t. 15, p. 300.).

Diante do quadro político específico da Rússia czarista, a tarefa principal dos comunistas enquanto ‘educadores militares’ e/ou ‘educadores de combate’ do POSDR, a ‘milícia do partido’, era “dotar as massas de conhecimentos militares, fazê-las compreender a marcha da insurreição e as condições de sua condução ordenada” (LENIN, 1983, t. 15, p. 304).

No V Congresso do POSDR, no informe sobre a Duma de Estado, Lenin faz o seguinte pronunciamento:

A social-democracia deve *esclarecer* ao proletariado as condições de sua *vitória* e não atar de antemão sua política à possibilidade de uma vitória incompleta, à possibilidade de uma derrota parcial. (...) A social-democracia deve reavivar no povo a consciência das *obrigações morais* democráticas e inculcar no proletariado uma clara compreensão dos *objetivos revolucionários*. Devemos *esclarecer a consciência* das ‘massas’ operárias e *desenvolver* sua disposição de luta, e *não turvar* sua consciência *dissimulando* as contradições e obscurecendo os objetivos da luta (LENIN, 1983, t. 15, p. 382).

Pela **educação política** os comunistas deixavam claro que o proletariado não tinha a menor possibilidade de *vitória* se sua luta fosse calçada na *moral* monárquica, feudal ou

capitalista, com isto, colocavam nua e cruamente a dimensão perversa da realidade russa, evidenciando com todas as letras a possibilidade da derrota sobre a vitória almejada.

Todavia, os *objetivos revolucionários*: tomada do poder, constituição de um Estado operário, instauração da ditadura do proletariado, aplastamento da monarquia, da burguesia e dos latifundiários, edificação do socialismo, não deveriam ser dissimulados e nem as contradições sociais, fato que obscureceria os objetivos da **educação** e da luta **revolucionária**.

Por isto, quando se discutia sobre as tarefas do proletariado consciente na *revolução democrática burguesa* russa de 1905-1907, Lenin (1983, t. 15, p. 385) demonstrava estar absolutamente convencido de

que só o proletariado poderia levar até o fim a revolução democrática, a condição de que, como única classe conseqüente revolucionária da sociedade atual, leve atrás de si a massa camponesa à luta implacável contra a propriedade agrária dos terratenentes e o Estado do regime da servidão.

Por outro lado, no opúsculo “*Como defende o bispo Nikon os ucranianos?*”, Lenin (1984, t. 24, p. 11-12) retomou a questão anterior e insistia sobre a necessidade do *esclarecimento* do conjunto do proletariado e do campesinato pobre – uma tarefa reservada aos ‘*educadores*’ / ‘*agitadores*’ do Partido – que

há 125 anos, quando não existia ainda divisão da nação em burguesia e proletariado, o lema de cultura nacional podia ser um chamamento único e cabal a luta contra o feudalismo e o clericalismo. Porém, desde então, a luta de classes entre a burguesia e o proletariado crepita em todas as partes. A divisão da nação ‘única’ em exploradores e explorados é um fato consumado.

Nesse texto, a questão nacional – tão em voga nos dias de hoje, verbete da moda – impunha-se da seguinte maneira: só a união proletária internacional ou a fusão dos operários de todas as Nações poderá resolver o problema da questão nacional, isto porque, o internacionalismo cultural encerrava em si mesmo “a igualdade de direitos das Nações, autêntica e sincera, a ausência de opressão nacional e a realização da democracia” (LENIN, 1984, t. 24, p. 12). Apenas a unidade internacional do proletariado na luta contra o capitalismo internacional proverá à solução do problema nacional.

Nas resoluções do POSDR para os funcionários do Partido, Lenin (1984, t. 24, p. 55) chamava a atenção de todos os presentes para uma questão muito simples, “é tarefa dos operários avançados acelerar, com seu trabalho de agitação e de **educação**, a coesão do proletariado sob as consignas revolucionárias da época atual”.

Por outro lado, era possível considerar ser a **educação** a única forma de consecução da ‘unidade ideológica do proletariado’ e a constituição de uma cultura nacional à medida que a constituição desta cultura seria formada “pelos elementos democráticos de cada cultura nacional (...) tomados *única e exclusivamente* como contrapeso à cultura burguesa e ao nacionalismo burguês de *cada* nação” (LENIN, 1984, t. 24, p. 133).

A manutenção do nacionalismo burguês, circunstância fundamental ainda no tempo presente, era prejudicial ao desenvolvimento da **consciência política** do proletariado, “embrutece, engana e divide os operários para fazer-lhes ir à reboque da burguesia” (LENIN, 1984, t. 24, p. 134).

O ‘*educador*’ / ‘*agitador*’ que servia ao proletariado deveria trabalhar no sentido de unir os operários de todos os países na luta constante contra o nacionalismo burguês, tanto o próprio quanto o alheio. A defesa desse nacionalismo não era uma consigna do marxismo, mas dos revisionistas, liberais e nacionalistas pequenos burgueses. Para esse ‘*educador*’ / ‘*agitador*’ do Partido, Lenin (1984, t. 24, p. 137) enfatizava não ser “marxista nem sequer democrata, quem não aceitava nem defendia a igualdade de direitos entre as nações”, não era marxista e nem democrata “quem não lutava contra toda opressão e desigualdades nacionais”.

De maneira que, uma das obrigações dos comunistas e do proletariado consciente era pôr um basta a opressão das Nações, isto é, opressão de umas sobre outras, posto que, nelas estavam “os interesses indiscutíveis da luta de classe do proletariado, ensombrecida e entorpecida pelas discórdias nacionais” (LENIN, 1984, t. 24, p. 144).<sup>90</sup>

---

<sup>90</sup> Uma breve observação. Sobre esta última fala de Lenin, penso ser dispensáveis maiores detalhes para afirmar sua justeza: os que assistem os ‘jornais’ televisivos diurnos e noturnos hão de considerar que o nacionalismo burguês, notadamente o anglo-saxônico, continua sendo uma ameaça tanto à autodeterminação dos povos e dos respectivos idiomas e crenças, como à constituição efetiva da coexistência pacífica entre as Nações do Planeta. Lamentavelmente, as barreiras nacionais longe de serem desmontadas, estão cada dia mais forte e a incrementa as diferenças e o ódio nacionais, contribuindo à ratificação do distanciamento agudo das Nações uma das outras. Na Espanha, por exemplo, o povo basco tem ameaçado sua cultura, seu idioma (euscara ou basco: língua não indo-européia do tipo aglutinante, considerada língua isolada por não pertencer a nenhuma família lingüística) pelo tentáculo asfíxiante do imperialismo espanhol. O mundo ocidental, via imperialismo anglo-saxão, intenta a ‘conquista’ do mundo destruindo povos, etnias

No entanto, não cabia dúvida que a cultura nacional ou o nacionalismo, no sentido corrente da locução, como afirmava Lenin (1984, t. 24, p. 146), se encontrava “em todos os países do mundo, submetido à influência predominante dos chovinistas burgueses”.<sup>91</sup>

Lenin (1984, t. 24, p. 146) entendia que uma luta séria de classe contra classe em toda sociedade capitalista era levada a cabo, especialmente,

nos terrenos econômicos e político, separar desta luta a **esfera escolar** é, primeiro, uma utopia absurda, pois não se pode separar a **escola** da economia e da política; e, segundo, a vida econômica e política dos países capitalistas é precisamente a que *obriga* a cada passo banir os absurdos e antiquados prejuízos e barreiras nacionais, enquanto que a separação do **ensino escolar** (...), conservaria, acentuaria e agudizaria precisamente (...) o chovinismo burguês ‘puro’.

Separar o **ensino escolar** – a esfera mais ideológica – da economia política, quer dizer, desvincular das questões nacionais ou do nacionalismo a **escola** é fazer o jogo de cúrias nacionalistas e guetos reacionários responsáveis pela exacerbação do racismo e do nazismo (uma espécie de tara social rediviva nas sociedades capitalistas contemporâneas) entre as Nações.

Neste sentido, o programa escolar *geral* dos bolcheviques reclamava, por exemplo, a escola absolutamente laica. Mesmo porque, em qualquer sociedade democrática não era correto tolerar nunca e em nenhum caso *desvios* como o apontado na tese da retirada da incumbência do Estado o seu dever sobre o ensino escolar ou a educação nacional. Ora, a aceitação dessa tese, indicava que os bolcheviques e os operários permitiam que o Estado gastasse dinheiro público com as escolas clericais, ‘filantrópicas’ e privadas, nas quais o nacionalismo burguês, a principal ideologia da burguesia, era apontado como manifestação histórica do inexorável capitalismo.

Para que não resulte em controvérsias, na questão nacional,

os operários avançados e conscientes de sua responsabilidade pela marcha do trabalho de **educar** e organizar o proletariado devem velar com a máxima atenção para que as *inevitáveis* discussões e o *inevitável* conflito de opiniões *não degenerem* em recriminações, intrigas, querelas e calúnias” (LENIN 1984, t. 24, p. 179).

---

e culturas milenares, como é o caso hoje dos povos afegão, iraquiano e iraniano, cuja religião – o islamismo – é seriamente perseguido e ameaçado de ‘extinção’.

Segundo esta sugestão é possível dizer sobre a necessidade de uma luta diuturna contra as discussões que degeneram em recriminações, como aspecto indissociável da luta pela edificação da organização proletária. Não quero dizer com isto que Lenin procurava impedir ou escamotear a existência do confronto de idéias no interior do POSDR, sindicatos e escolas, mas tão somente reportar uma preocupação com os conflitos desta natureza.

A propósito, Lenin (1984, t. 24, p. 180) fazia a seguinte advertência: “Camaradas operários! Discutam, organizem debates e discussões para que este problema fique perfeitamente claro, porém rechacem aqueles que recorrem às recriminações no ligar da discussão”.

Sempre envolvido com as lutas operárias, Lenin (1984, t. 24, p. 206) evidenciava que a unidade dessa classe só seria exequível mediante a edificação de

uma organização única, cujas decisões [fossem] *escrupulosamente* cumpridas por todos os operários conscientes. Discutir uma questão, expressar e escutar opiniões distintas, averiguar o critério da *maioria* dos marxistas organizados, expressar esse critério numa decisão precisa e cumpri-la *honestamente*: isso é o que a gente razoável de todo o mundo chama de *unidade* (...) Desunidos os operários não são nada. Unidos são tudo.

### 3.7 – O educador comunista

Resgatando Marx, devo perguntar: quem educa o educador? E quem educa os educandos? Na presente perspectiva, o **educador comunista**. Mas o que vem a ser um **educador comunista** ou, simplesmente, um **comunista**?

Sobre esta condição existencial, ser comunista em política e um materialista dialético em filosofia é uma empreitada deveras difícil face aos mitos e ilusões ofertados pela ideologia burguesa. Contudo, mais difícil ainda é ser na política, marxista-leninista. Como diria o filósofo argelino, Louis Althusser, a dificuldade em ser comunista radica no fato de que todo intelectual é um pequeno burguês, individualmente pode até ser politicamente revolucionário, mas em conjunto e/ou no interior do grupo ou fração de classe à qual pertence permanece

---

<sup>91</sup> Exemplo disto é o massacre do povo afegão e iraquiano pelas forças de repressão norte-americanas, numa clara tentativa de submeter aqueles povos suas idiossincráticas e milenares culturas aos interesses gerais – político, econômico e cultural – do Ocidente *yankee*.

incorrivelmente um pequeno burguês amedrontado diante da pressão da burguesia e do ascenso insurrecional do proletariado.

Para se transformar em comunista, o intelectual tanto quanto o operário precisam realizar uma delicada ‘operação de guerra’ em suas consciências e em suas atitudes quotidianas em quaisquer lugares, precisam reeducar-se de forma profunda, dolorosa e de longo prazo, precisam travar uma luta sem trégua e sem fim, tanto objetiva quanto subjetivamente.

Para ser comunista o intelectual e o operário precisam revolucionar suas consciências, ocupar a posição de classe proletária, defender seus objetivos e interesses tanto os espontâneos e imediatos (as reformas), quanto os estratégicos e de longo prazo (a erradicação da barbárie e a edificação do socialismo), assumir o marxismo (teoria e concepção de mundo) como a única construção teórica adequada à luta da classe operária e dos camponeses pobres, sem-terra.

Vale insistir, permanece a dificuldade em ser comunista, (i) eis que a quase totalidade da intelectualidade não reconhece ou se nega a reconhecer o marxismo, preferindo depreciá-lo, condená-lo para, em seguida, refutá-lo; (ii) em seu conjunto, os intelectuais, inclusive os intitulados “comunistas” e “marxistas”, salvo raras exceções, além de dominados pelo canto das oceânides e napéias da burguesia estão a serviço do capitalismo. Todavia, não deve causar espécie tal situação à medida que é a ideologia e a cultura burguesas que detêm a hegemonia nesta sociedade.

E sob a hegemonia do pensar / sentir / fazer burguês está o cerne da questão – ser comunista –: unir a produção intelectual, originariamente decorrente de uma concepção espontânea de mundo, à luta do proletariado. União sob a qual o conhecimento até então especulativo, transforma-se em ‘arma’ a serviço da revolução dos ‘deserdados da Terra’ e da construção do socialismo.

Assim, superada a dificuldade que permanece enquanto permanecer o capitalismo, o **comunista** toma da escola, da filosofia e da ciência oficiais as questões que devem ser apreendidas, e como será possível apreendê-las?

Unindo cada passo da sua prática escolar, da **educação**, da **formação** e do **ensino**, à luta mais geral de todos os operários e camponeses pobres contra a burguesia industrial, financeira e fundiária. Essa tarefa histórica está direcionada à educação das novas gerações na necessidade do

combate sem tréguas e sem quartel à exploração do homem pelo homem, combate aos exploradores de todos os matizes ocultos nos mais diversos discursos.

Deve o **educador comunista** demonstrar, com a força do exemplo, aos jovens contemporâneos, a necessidade de uma grande união nacional pela erradicação do capitalismo, para isto, precisa unificar a **educação** à luta dos oprimidos contra os opressores, ajudar os primeiros a cumprir ‘novas tarefas’ sem as quais a edificação da sociedade comunista estará prejudicada.

Na verdade, esse **educador** tem em mente e de forma muito clara que a educação está diretamente entrelaçada ao trabalho produtivo. Só assim poderá levar à formação da juventude a necessidade da **educação intelectual** e da **educação para o trabalho**, junto aos operários e aos camponeses pobres, não encerradas às escolas e nem limitadas à cultura livresca.

Com outras palavras, os operários e camponeses pobres não devem sucumbir à cultura livresca e nem a leitura dos clássicos como se estivessem a ler ficção e mitologia, descolados da realidade objetiva, produtos da imaginação fértil de um escritor ‘idealista’ vivendo o mundo assombrado por demônios. Trabalhando sob a tríade **educação intelectual, educação para o trabalho, educação física**, os operários e camponeses poderão alcançar a condição de **comunista**.

Adversário intransigente de todas as pedagogias de adestramento e ‘embriaguez’ utilizadas na educação burguesa, o **educador comunista** procura substituí-las por uma disciplina consciente a contribuir coletivamente com a formação da juventude para que incorpore de uma vez por todas a tarefa maior de sua vida: a construção da **sociedade comunista**.

Eu diria que a **educação revolucionária**, educação para o comunismo, não surge do nada, não nasce por *generatio aequivoca*, nem é uma invenção da mente brilhante de tal ou qual teórico ou especialista em Marx e Engels. A **educação comunista** será o desenvolvimento lógico da soma dos conhecimentos e da união das individualidades que a humanidade elaborou (o legado das gerações pretéritas, apontada por Marx no “*Dezoito Brumário*”) sob o jugo da sociedade capitalista, latifundiária e burocrática.

Na contramão daqueles que transformavam o marxismo em *vulgata*, para Lenin só poderia ser **comunista** aquele ou aquela que enriquecesse a memória com a riqueza do que a humanidade elaborou. E mais, o ser **comunista** transformar-se-ia numa palavra vazia, rótulo fácil, e não seria



mais que um simples falar de fanfarrão, se não reelaborasse na sua consciência todos os conhecimentos adquiridos.

Ao ensino livresco e à velha aprendizagem mnemônica, a capacidade de apropriação de toda a soma de conhecimentos produzidos / acumulados no decorrer da história, apropriando-se deles de tal modo para que o **comunismo** não seja algo apreendido de memória, mas conclusão necessária do ponto de vista da educação moderna que, fugindo a todo determinismo, subordina seus interesses à luta de classe do proletariado, de maneira a romper com o seguinte princípio da sociedade capitalista de todas as épocas: “ou tu roubas outro ou outro te rouba a ti (*sic!*), ou trabalhas para outro ou outro para ti, ou és escravista ou és escravo” (Lenin, *dixit!*).

Homens e mulheres educados nas sociedades burguesas assimilaram a tese reacionária segundo a qual, quando têm reservado um lugar, como médico, engenheiro, **professor**, empregado, pouco importam os outros. Ao agradar a burguesia, sendo complacente com os opressores, conservarão esse lugar e poderão fazer carreira e chegar a condição mitigada de burguês. Esse estado d’alma é incompatível com a **condição de comunista**, vez que à ela está posta a necessidade de geração doutra sociedade, a se efetivar na luta contra os exploradores, na aliança com o proletariado contra o egoísmo, contra os hábitos daqueles que procuram o próprio benefício!

Ao **educador comunista** cabe, portanto, a tarefa de fazer com que cada operário e cada trabalhador da cidade e do campo se vejam a si próprio e assumam ser partes do grande exército sem o qual não se estabelecerá a ordem comunista. Tal atitude é evidenciada em quase todos os textos de Lenin, ela assenta cada vez mais na **disciplina consciente** do proletariado e dos camponeses que derrubaram o jugo tanto dos latifundiários como dos capitalistas.

Para o **educador comunista**, o comunismo representa o grau maior do desenvolvimento de uma sociedade determinada na qual homens e mulheres trabalham de forma consciente para atender as demandas do bem comum. Essa consciência tem por base e fundamento a compreensão de que a maior parte do dia ativo ou tempo de vigília, deve ser dedicado ao desenvolvimento e ao aprimoramento do intelecto pela incorporação das atividades culturais (artes, leitura, esportes, viagens, gastronomia, música, degustações etc.) indispensáveis ao livre e pleno desenvolvimento dos seres humanos.

Para os meus propósitos, a educação pode ser um mecanismo de formação da **consciência socialista** indispensável ao desenrolar da luta pela edificação da sociedade socialista, primeira etapa da sociedade comunista. Sobre isto, estava claro para Lenin que a educação tinha que, necessariamente, vir de fora da esfera das relações restritas entre operários e patrões, visto que a educação oficial mantinha os operários presos e/ou restritos às relações sociais burguesas.

Mas que conhecimentos e que fazer para levar esses conhecimentos aos operários?

À superação de um certo estado d'alma impregnado na íntima da consciência do proletariado, apenas a **concepção marxista da educação** (concepção materialista da história) que faz o educando 'enxergar' no *caos* social, "a visão de conjunto, ampla, coerente e relacional sobre uma dada formação sócio-econômica, [como] fundamento do sistema de vida social do homem" (LENIN, 1981, t. 4, p. 42).

O marxismo não era visto de maneira alguma como uma teoria e concepção de mundo, acabadas, impenetráveis, 'mônadas' refratárias, posto que, para Lenin (1981, t. 4, p. 196), Marx apenas colocara "as pedras angulares da ciência que os socialistas *devem* impulsionar em todas as direções, se não querem ficar para trás na vida".

Para o marxismo não existe **educação política** da classe operária sem agitação e luta políticas. Sobre isto, penso não ser necessário demonstrar a não existência da **educação política** fora da luta política e da ação política. Ou será factível pensar, como questionava Lenin, "que qualquer estudo ou qualquer livro podem educar politicamente as 'massas operárias, à margem da atividade política e da **luta política**?" (LENIN, 1981, t. 4, p. 330).

Despertar a consciência do proletariado da necessidade da **luta política** é, ao mesmo tempo, chamar esta classe à luta... política. Tal afirmação pode até parecer uma repetição insistente de palavras, pode parecer, mas se não for entendida que a luta pela transformação da sociedade é uma **luta política** e que tal se aprende, não nos livros, mas na luta do dia a dia, aí sim, ter-se-á feito apenas um mero jogo de palavras sem sentido.

No rol de escritos do início do século XX, Lenin (1981, t. 4, p. 393-394) chamava a atenção sobre a educação na formação da **consciência socialista** estar ligada à questão do Partido operário revolucionário e ao movimento espontâneo do proletariado. E mais. Tocava aos comunistas como

obrigação moral principal e fundamental coadjuvar o desenvolvimento político e a organização política da classe operária. Quem relegar esta incumbência ao segundo plano e não subordinar a ela todas as tarefas parciais e os distintos procedimentos de luta, se situa no caminho falso e infere grave dano ao movimento”.

É aconselhável ressaltar que a junção da **educação** com a organização partidária tinha máxima importância no pensamento e na teoria de Lenin, na exata proporção que sem o Partido revolucionário e a teoria revolucionária, o proletariado não seria capaz de elevar-se da luta econômica até o nível de uma **luta de classes consciente**. Sem o Partido, embora dominando a teoria, o proletariado permaneceria impotente à medida que é o Partido que consubstancia – pela **educação** – a transformação, no seio da classe operária, da teoria em força material à sua emancipação, e de todo o povo trabalhador, da escravidão política e econômica.

Como o próprio Lenin (1981, t. 6, p. 89) assinalava, o papel da vanguarda do proletariado consistia em ilustrar, **educar**, atrair para uma vida nova as camadas e as massas mais atrasadas da classe operária e do campesinato. Enquanto representante da classe operária, à vanguarda “incumbe imprimir à luta econômica dos operários um caráter político”.

Sobre isto, diz:

Se quisermos ser a ‘vanguarda’, não só *podemos*, senão que devemos dirigir sem falta *esta* ‘atividade enérgica dos diversos setores de oposição. (...) Devemos assumir a tarefa de organizar a luta política, sob a direção de *nosso* partido, em forma tão múltipla que todos os setores de oposição possam prestar, e prestem de verdade, a esta luta e a este Partido a ajuda que possam. (...) Devemos ditar um programa positivo de ação aos estudantes em efervescência e (...) aos mestres-escola lesionados em seus interesses (LENIN, 1981, t. 6, p. 90).

A **educação** era e é uma questão crucial para a constituição de uma República realmente democrática do ponto de vista do proletariado. Mesmo sob o impacto da melancolia das derrotas, Lenin continuava afirmando que a declaração sobre a velha escola apontando-a como sendo dirigida à criação de homens e mulheres educados em todos os domínios – das artes às ciências e à filosofia – era a mais pura e descarada mentira em virtude de que a sociedade russa permanecia encimada na divisão dos homens e mulheres, em opressores cultos e oprimidos incultos.

Atento a realidade de seu tempo, via a velha escola czarista e, posteriormente, burguesa, impregnada do espírito de classes, por isto apenas transmitia conhecimentos aos filhos e filhas da burguesia e necessários à continuidade de sua dominação. Esta escola era proibitiva aos filhos e filhas do proletariado e do campesinato pobre, grosso modo, os poucos que à ela tinham acesso eram ‘educados’ e ‘treinados’ para servirem a mesma burguesia que os oprimia e extorquia.

Nessa escola, os filhos e filhas dos não burgueses eram preparados para serem serviços sociáveis e úteis, capazes de possibilitar a geração de mais lucros e que, ao mesmo tempo, não pusessem em risco a tranquilidade ou o *dolce far niente* da monarquia, da burguesia e dos latifundiários.

Se a escola czarista e burguesa era a escola do estudo livresco – o que estava correto e verdadeiro era o que estava lavrado nos livros –, ela obrigava as crianças e adolescentes a decorar uma quantidade enorme de conhecimentos inúteis e supérfluos que, simplesmente, enchiam as cabeças e transformavam as novas gerações em exércitos de ‘clones’ ideológicos – homens e mulheres formados sob uma mesma medida.

Ao contrário, a base ética da **educação comunista** radicava na luta pela completa consolidação / realização da **sociedade comunista**. Neste sentido, diferentemente da educação burguesa, ela não consiste na oferta aos educandos de um rosário de discursos adocicados de toda a espécie, teorias sem prática e regras ‘éticas’ que confirmam a exploração do trabalho alheio.

Assim, quando a juventude proletária começasse a compreender como seus pais viveram / viviam sob o jugo do latifúndio e do capital, e só quando essa mesma juventude sentir na própria pele os sofrimentos que se abatiam sobre aqueles que iniciaram a luta contra os exploradores; quando vir que sacrifícios custaram à continuação da luta em defesa dos direitos individuais e coletivos conquistados pelos operários e camponeses pobres. Dessarte, só quando essa juventude compreender quão furiosos inimigos são os latifundiários e os capitalistas, educar-se-á neste ambiente assumindo a condição de comunista para transformá-lo.

A dimensão política da **educação comunista** radica na análise e interpretação / compreensão da realidade objetiva no sentido da sua transformação. Nesta perspectiva, não se trata de reformar a sociedade burguesa mas de desmontá-la para edificar uma outra. Portanto, oferecer a juventude as bases do conhecimento científico e filosófico, despertar e desenvolver a sua capacidade de forjar por si mesmo concepções comunistas, fazendo com que ela se transforme

num conjunto de homens e mulheres cultos e partícipes na luta pela libertação do proletariado do jugo do capitalismo.

Desta maneira, quanto à questão de como **educar** as novas gerações, era crucial não apenas para fazê-las aceitar essa educação como a única compatível com a liberdade individual e coletiva, mas para coadjuvar a sua construção permanente.

Nesta direção, havia e há a necessidade das novas jovens gerações de se apropriarem do saber produzido e acumulado ao longo da história, com o qual a burguesia mantinha e mantém na mais humilhante ignorância o proletariado e os camponeses pobres. Todavia, a expropriação / apropriação do saber considerado monopólio da classe dominante, era e é imprescindível para que a juventude e os dominados em geral saibam (i) quem os domina, (ii) como e com que instrumentos os dominam, (iii) e, especialmente, quem são os dominadores.

Só assim, penso ser possível os dominados compreenderem como podem, apropriando-se daquilo que os dominadores dominam, fazer cessar o processo de dominação no qual se encontram dominados enquanto força de trabalho e humanidade reprimida.

Enfim, diante dessa polêmica ressalto que a **educação** na perspectiva leninista não se restringe ao interior da escola e nem à leitura de livros, manuais e folhetins ou cultura livresca. Somente trabalhando com os operários e camponeses, construindo uma **educação política** ou educação para o trabalho e seu *ethos* próprio, é que se pode chegar a ser um verdadeiro **educador** comunista. Mesmo porque, Lenin entendia a necessidade de conjugar a **educação intelectual** com a **educação para o trabalho** e a **educação física** (neste caso e por razões óbvias, a ginástica ou os exercícios militares), como partes fundamentais do tripé da **educação politécnica**.

Os fundamentos teóricos assinalados por ele para a **educação** dos jovens e dos operários demarcavam os limites da tarefa de formação do homem e da mulher comunistas. Formação que deveria conjugar harmoniosamente a riqueza espiritual, a moral ilibada e a compleição física indispensável ao desenvolvimento das relações de produção de novo tipo, socialista e comunista.

### 3.8 – A verdade é concreta!

Contrariando os caminhos da educação burguesa, a **educação comunista** exige dedicação ao conhecimento de um objeto de forma verdadeira, abarcando e estudando todos os seus aspectos, ligações e mediações. A exigência da compreensão multifacética das coisas nos prevenirá contra erros e o anquilosamento.

A compreensão e cumprimento da sua tarefa de produção material e intelectual, a classe social em tela, referenciada pela lógica dialética, tomava a realidade social – a educação, a economia, a produção, a política etc. – em seu desenvolvimento, em seu ‘automovimento’ e em sua mudança. Quanto à produção material, produção de objetos, por exemplo, a *prática* entra na definição completa do objeto (produzido / modificado) como critério da verdade e como determinante prático da ligação do objeto com algo que é necessidade dos homens e mulheres.

Para afirmar a concretude da verdade, Lenin (1986, t. 29, p. 386), nos “*Cadernos Filosóficos*”, tomou por base uma fala de Hegel, aposta na “*Introdução à História da Filosofia*”: “Se a verdade é abstrata, não deve ser verdadeira. A sã razão humana tende para o concreto... A filosofia é antagônica à abstração, ela conduz de volta ao concreto”.

Negar que a verdade seja sempre concreta e assumindo a ‘verdade’ como filha do *logos*, da razão, da palavra, os intelectuais russos que se consideravam avançados, tal como acontecia, aliás, com os seus colegas em todos os países, não gostavam de transferir esta questão para o terreno da apreciação da *realidade concreta*, preferiam permanecer na apropriação de uma ‘realidade’ dada a partir das palavras ou de uma teoria descolada da realidade e/ou da prática histórica dos movimentos sociais dinâmicos, inacabados, em construção. Esta parece ser mais uma característica da intelectualidade burguesa e pequeno-burguesa que varou os séculos!

A propósito, no “*Conspectos sobre os ‘Escritos Filosóficos Menores’ de Joseph Dietzgen*” inserto nos “*Cadernos Filosóficos*”, esta grafada uma provocativa declaração desse operário intelectual:

Desprezamos do fundo da alma a frase pomposa da ‘**educação** e da **ciência**’, os discursos sobre os ‘bens ideais’ na boca dos *lacaio(sic!) titulados* que embrutecem o povo com o

idealismo sutil, com o mesmo zelo que os sacerdotes pagãos mistificavam com os primeiros mistérios da natureza que haviam conhecido” (LENIN, 1986, t. 29, p. 386).

As objeções às manifestações de Dietzgen eram muitas, com formas e cores variadas. Contudo, no seu conjunto elas pretendiam justificar a apatia, a inatividade e a incapacidade intelectual, com um rosário de considerações e uma enfiada de fraseologia ‘altissonante’ dizendo que o truculento marxismo envelhecera, não era científico, apenas mais uma sofisticada abstração positivista que ao determinismo natural, postava o determinismo sociológico.

Nada pior que sofismas pretensamente sábios e o pedantismo sob os quais procura-se esconder uma completa incompreensão do marxismo. Diante dos mais ridículos sofismas dos intelectuais que combatia incansavelmente, Lenin continuava afirmando a necessidade de colocar como obrigação fulcral de todo comunista a tarefa inadiável de **estudar, estudar e estudar**, para que entre eles o conhecimento não fosse reduzido à letra morta ou à frase da moda, um fenômeno que acontecia / acontece com demasiada freqüência. **Estudar, estudar e estudar** era (e é!) indispensável para que o conhecimento *seja* plena e verdadeiramente um elemento integrante do modo de vida de todos os operários e trabalhadores assalariados.

Nesta perspectiva, adotava-se na educação do proletariado e camponeses pobres o lema ou a regra leninista: ‘melhor menos em número, mas melhor em qualidade’. Este lema devia ser adotado para a **educação** e formação da **consciência socialista** do proletariado e do campesinato. E os meios? Bem, os meios podem diferir, e diferem, de acordo com as condições históricas materiais, condições postas objetivamente em determinados estádios de uma dada sociedade.

Não é que os meios tenham pouca importância, eles não são *apriorísticos* ou construídos de antemão e serventes a qualquer situação, não!, eles são determinados pelos objetivos históricos do proletariado, isto é, **educar** e preparar todos os excluídos do processo produtivo para a **revolução socialista** é uma construção histórica coletiva decorrente de condições objetivas e condições subjetivas produzidas na luta dos homens e mulheres por sua emancipação intelectual e liberdade econômica.

A **educação** do proletariado, dos trabalhadores assalariados e do campesinato pobre objetiva o resgate da **liberdade política** entendida como necessária para unir ampla e abertamente a todos eles na luta pela edificação de uma organização social e política nova e melhor, a sociedade socialista.

Vasculhando mais o pensamento grafado de Lenin sobre a relevância da **educação** para a revolução socialista, localizei pronunciamentos seus que colocam a questão do Partido Bolchevique como aspecto incontornável da **educação política** e da tática e estratégia içada ao enfrentamento dos problemas da época: a guerra imperialista e a revolução socialista.

Ao desenvolver sua teoria acerca do imperialismo, da revolução socialista, da ditadura do proletariado, da possibilidade do triunfo inicialmente do ‘socialismo num só país’, das vias de transição do capitalismo ao socialismo, do significado das lutas operárias e camponesas pela democracia sob o imperialismo, enfim, o problema ou a questão nacional colonial, Lenin se debruçava de forma impiedosa sobre as principais correntes teóricas ‘progressistas’ de sua época, submetendo-as a uma ácida e incontestável crítica.

Lenin foi implacável, especificamente, com o centro kautskista (como ele próprio chamava, o ‘pântano’) e o obscuro ‘economicismo’ imperialista, as duas correntes oportunistas surgidas no seio da social-democracia russa e no interior dos mais diversos partidos social-democratas do Ocidente, obviamente, portadoras e porta-vozes da ideologia antimarxista.

Criticando o abandono do marxismo, a capitulação e a traição dos mais destacados dirigentes do Partido Social-Democrata alemão, *Junius*<sup>92</sup> forneceu subsídios à Lenin (1985, t. 30, p. 3) para que ele afirmasse a necessidade da **educação política** das massas “no espírito de novas tarefas: organização consolidada e de postura definida ante o oportunismo e o pântano kautskista”.

Diante da questão internacional – a guerra imperialista – e da questão interna da social-democracia, Lenin (1985, t. 30, p. 5) predicava a tese fundamental da dialética marxista segundo a qual em todas as fronteiras, tanto na natureza como na sociedade, relativas e variáveis, “não existia nem um só fenômeno que não pudesse, em determinadas condições transformar-se em sua antítese”.

Obviamente, ele referia-se à dialética da guerra, eis que para ele, “uma guerra nacional *pode* transformar-se em imperialista e vice-versa” (LENIN, 1985, t. 30, p. 5). Todavia, ele chamava a atenção para o fato de que apenas um *sofista*, na acepção chula do termo, poderia “apagar a diferença entre a guerra imperialista e a guerra nacional se baseando no fato de que uma pode transformar-se na outra” (LENIN, 1985, t. 30, p. 5-6).

---

<sup>92</sup> Segundo está apontado por Lenin, *Junius* era o pseudônimo de Rosa Luxemburgo.



Segundo dizia, “a dialética tem servido mais de uma vez – também na história da filosofia grega – de ponte que conduz ao uso dos raciocínios sofisticados” (LENIN, 1985, t. 30, p. 6). Neste sentido, os bolcheviques lutavam contra todas as formas de sofismas, “sem negar a possibilidade da transformação em geral, senão analisando de modo concreto a *presente* (a transformação em questão) em seu ambiente e em seu desenvolvimento” (LENIN, 1985, t. 30, p. 6).

Como conteúdo da **educação política** das massas era importante apontar, sob os marcos da teoria elaborada por Marx e Engels, que do

ponto de vista de classe, à guerra burguesa imperialista, à guerra do capitalismo altamente desenvolvido pode, *objetivamente*, contrapor-se apenas uma guerra *contra* a burguesia, quer dizer, a guerra civil pelo poder entre o proletariado e a burguesia, pois *sem* tal guerra é *impossível* um sério progresso (LENIN, 1985, t. 30, p. 13).

O que Lenin (1985, t. 30, p. 14) procurava deixar claro era que a edificação da sociedade socialista seria “impossível sem uma guerra civil contra a aqui-reacionária e criminosa burguesia que condena o povo a indescritíveis calamidades”. Longe de qualquer suposição aleatória, ideiação absurda sobre a transição ao socialismo, Lenin afirmava ser “necessário pensar em ações sistemáticas, conseqüentes, práticas, *absolutamente realizáveis, qualquer que fosse* o ritmo de desenvolvimento da crise revolucionária” (LENIN, 1985, t. 30, p. 14).

Caminhando sob a dissociação e a desunião, sob o fracionismo, os intelectuais burgueses e pequeno-burgueses, adrede, convertiam “o marxismo numa caricatura, *ensinando* aos operários que para os marxistas ‘só’ tinha importância o ‘econômico’” (LENIN, 1985, t. 30, p. 21).

Pela exaustiva repetição mnemônica procuram fazer contraponto aos marxistas para quem *é imprescindível* abolir as classes como *conditio sine qua non* à implantação da primeira etapa da sociedade comunista, o socialismo.

A ‘ditadura do econômico’ – lei do mercado capitalista – vigente, livre e solerte na atual sociedade, configura-se como obstáculo real à realização dos anseios dos operários e trabalhadores assalariados: emancipação intelectual e liberdade econômica sem as quais qualquer projeto ‘humanizador’ é apenas discurso cheio de sofismas, demagogice.

Vale acrescentar que na vigência

do imperialismo e por causas objetivas, o proletariado está dividido em dois campos internacionais, um dos quais está corrompido pelas migalhas que lhe caem da mesa da burguesia imperialista – à custa, por certo, da exploração dupla ou tripla das pequenas nações – enquanto que, o outro não pode conseguir sua própria liberdade sem libertar as pequenas nações, sem **educar** as massas no espírito antichauvinista, isto é, anti-anexionista, quer dizer, no ‘espírito’ da autodeterminação (LENIN, 1985, t. 30, p. 42).

Na discussão sobre a **educação internacionalista** do proletariado, Lenin (1985, t. 30, p. 45) içou uma questão: “pode esta **educação** – sobre cuja necessidade e importância imperiosa, são inconcebíveis as divergências entre a esquerda de Zimmerwald<sup>93</sup> – ser concretamente igual *nas grandes* nações opressoras e nas pequenas nações oprimidas?”.

Era óbvio que não, à medida que o caminho à sua consecução deveria ser

a completa igualdade de direitos, a mais estreita aproximação e a ulterior  *fusão* de  *todas* s nações. (...) O centro de gravidade da **educação internacionalista** dos operários dos países opressores tem que estar necessariamente na prédica e na defesa da liberdade de separação (autodeterminação) dos países oprimidos (LENIN, 1985, t. 30, p. 46). (itálicos e negritos meus)

Para a teoria leninista **educar** o proletariado na ‘*indiferença*’ ante as diferenças nacionais, era indiscutível!. Não obstante, não se tratava de indiferença à opressão exercitada pelos países imperialistas sobre as nações oprimidas, dependentes e periféricas, pois para o internacionalista devia “pensar *não* apenas na própria nação mas colocar *acima dela* os interesses de todas as nações, a liberdade e o direito de todas” (LENIN, 1985, t. 30, p. 47).

Todavia, era preciso ficar atento para o seguinte fato: “o proletariado não se converterá em santo nem quedará a salvo de erros e debilidade pelo mero fato de haver levado a cabo a revolução social. Porém, os possíveis erros (e também os interesses egoístas de intentar montar em lombo alheio) o levarão inescusavelmente a compreender esta verdade” (LENIN, 1985, t. 30, p. 53)

---

<sup>93</sup> *Esquerda de Zimmerwald* – Primeira conferência socialista internacional realizada entre 23 e 26 de Agosto de 1915 na pequena cidade da Suíça de nome Zimmerwald. Durante a conferência foi desencadeada uma intensa luta ideológica entre os grupos marxistas revolucionários internacionalistas, encabeçados por Lenin, e os kautskistas ou que oscilavam para o lado do kautskismo, encabeçados pelo social-democrata Ledebour, Georg (1850-1947). O grupo liderado por Lenin ficou conhecido como a ‘Esquerda de Zimmerwald’.

Aos partidários da ‘esquerda de Zimmerwald’ estava claro, em primeiro lugar, que a revolução socialista poderia ocorrer no futuro *mais próximo* e, em segundo lugar, que “o ódio entre as nações só se dissiparia *depois* da vitória do socialismo e *depois* da implantação definitiva de relações plenamente democráticas entre elas” (LENIN, 1985, t. 30, p. 53).

Neste sentido, cumpria relevante papel a **educação** à medida que ser fiel ao socialismo era, também, uma forma de dedicar-se à **educação internacionalista** das massas, condição *impossível* de realizar nas sociedades capitalistas opressoras, via escola oficial. Na verdade, se via escolas oficiais, públicas ou privadas, a educação internacionalista se faz impossível, restava apenas a via partidária e/ou sindical.

Respondendo a Piatakov<sup>94</sup>, Lenin (1985, t. 30, p. 76) insistia que a solução marxista do problema, por exemplo, da democracia – uma questão recorrente na **educação brasileira** – consistia “em que o proletariado, que preserva sua luta de classes, *utilize todas* as instituições e aspirações democráticas contra a burguesia a fim de preparar seu triunfo derrotando-a”.

Em sua incansável luta contra o oportunismo e o ‘pântano’, dizia: “O marxismo ensina que ‘lutar contra o oportunismo’, negando-se a utilizar os instrumentos democráticos da sociedade *atual*, capitalista, criados pela burguesia e deformados por ela, era *claudicar inteiramente* ante o oportunismo!” (LENIN, 1985, t. 30, p. 76).

Lenin (1985, t. 30, p. 95) atacava de forma veemente os deformadores do marxismo, apontando que, por exemplo, “*todas* as reivindicações da democracia são *irrealizáveis* sob o capitalismo”.

Como sublinhava, quando se quer discutir com profundidade as mais diversas questões sociais, é necessário aclarar com exatidão os conceitos. Por isto, deve-se centrar a atenção numa questão concreta, ainda hoje, problemática e pouco usual no contexto da **educação** oficial contemporânea: o imperialismo.

---

<sup>94</sup> PIATAKOV, G. L. (Piatakov, Y, Kíveski, P.) – (1890-1937), foi membro do Partido Bolchevique desde 1910. Sustentou entre 1914 e 1917 posições antagônicas às de Lenin, especificamente quanto a questão da autodeterminação. Em 1917, na segunda revolução democrática burguesa russa, assumiu posição contra o rumo do Partido, em direção à revolução socialista. Membro destacado do governo soviético após a revolução bolchevique. Em 1936 foi expulso do Partido Comunista da União Soviética – PCUS – acusado de atividade contra-revolucionária e alta-traição à pátria.

Para além de um sistema e *política* exterior, o imperialismo – na verdade, a época da hegemonia do capital financeiro especulativo, sobre o capital industrial produtivo e não se trata, portanto, de palavras apenas – é o grau superior de desenvolvimento do capitalismo no qual a produção é tão gigantesca que a concorrência é substituída pelo monopólio, a se manifestar nos *trustes*, consórcios, etc., na onipotência dos aglomerados de bancos, no açambarcamento e exaustão das fontes de matérias primas, etc.. Lenin (1985, t. 30) ressaltava que o *quid* da questão estaria no monopólio econômico tal como delineara em “*Sobre a Caricatura do Marxismo*”.

Transformado em conteúdo da **educação** oficial, o imperialismo poderia e deveria ser dissecado minuciosamente, até porque, se “o imperialismo é o capitalismo monopolista”, enquanto tal, para se completar, “precisa eliminar os concorrentes, tanto no mercado interno quanto no mercado externo” (LENIN, 1985, t. 30, p. 99).

Observando a situação das classes operárias dos países opressores e dos países oprimidos, na era do capitalismo monopolista ou imperialismo (“os *trustes* norte-americanos são a máxima expressão da economia imperialista” – Lenin *dixit!*), “no *aspecto ideológico*, a diferença consiste em que os operários das nações opressoras são *educados*, sempre, pela *escola* e *pela vida* no espírito do desprezo e do desdém com os operários das nações oprimidas” (LENIN, 1985, t. 30, p. 113).

Assim pois, as diferenças objetivas – econômicas, políticas e ideológicas – entre as classes operárias acima referidas são próprias ao mundo objetivo que não depende da vontade nem da consciência dos homens. Sobre a base econômica, as instituições políticas criaram e criam as ‘aristocracias’ operárias intimamente ligadas às burguesias locais e alienígenas e excepcionalmente perversas, compostas por “empregados e operários respeitosos, mansos, reformistas e patrioteiros” (LENIN, 1985, t. 30, p. 182).

A negação dessa situação dual do proletariado mundial e da existência de ‘aristocracias’ é exercitada a partir de

um sistema amplamente ramificado, sistematicamente aplicado e solidamente organizado de adulação, de mentiras, de prestidigitações com um palavreado popular e da moda, de promessas a direito e à esquerda de toda classe de reformas e benefícios para os operários,

desde que renunciem à luta revolucionária para derrubar a burguesia (LENIN, 1985, t. 30, p. 182).<sup>95</sup>

A função do ‘educador’ do Partido era assumir e pregar que a linha marxista no movimento operário mundial consistia em explicar ao proletariado que a cisão com o oportunismo era inevitável e imprescindível, **educá-lo** para a revolução mediante a luta *sem piedade* contra a burguesia, aproveitar as malfadadas experiências pequeno-burguesas para desmascarar todas as infâmias da política oportunista operária “e não para encobri-las” (LENIN, 1985, t. 30, p. 186).

À juventude comunista correspondia a “tarefa imensa, nobre e difícil: lutar *pelo* internacionalismo revolucionário, *pelo* autêntico socialismo, contra o oportunismo reinante (no seio do proletariado e no âmbito da intelectualidade), que se colocou ao lado da burguesia imperialista” (LENIN, 1985, t. 30, p. 232).

Mesmo empolgado com a Internacional da Juventude, Lenin (1985, t. 30, p. 233) mostrava uma certa cautela para com essa juventude à medida que entendia “não haver ainda clareza nem firmeza teóricas no órgão juvenil e quiçá – *acrescenta* – nunca haverá, precisamente porque é um órgão da juventude, impetuosa, apaixonada e indagadora”.

Aparentemente contraditório em sua assertiva / cautela para com a juventude, Lenin (1985, t. 30, p. 233) entendia que

uma coisa são os adultos que confundem o proletariado que pretendem guiar e ensinar aos demais: contra eles há que lutar sem piedade. Outra coisa são os órgãos *da juventude* que declaram em forma aberta que ainda estão aprendendo, que sua tarefa fundamental é preparar quadros dos partidos socialistas. A esta gente é preciso ajudar por todos os meios, encarando com a maior paciência seus erros, tratando de corrigi-los pouco a pouco sobretudo com a *persuasão* e não com a luta.

Portanto, entre outras coisas, Lenin (1985, t. 30, p. 233) considerava imprescindível

---

<sup>95</sup> Não se deve estranhar ou não deve causar espécie que, ainda hoje, especialmente no Brasil, seja possível localizar, sem muito esforço, uma gama enorme de operários cooptados pela burguesia, que assumiram o discurso e a prática anti-revolucionária, reacionária, e aceitaram definitivamente a deplorável condição de subalternidade descartável. É lamentável que as grandes centrais sindicais brasileiras eduquem seus quadros na mais abjeta submissão aos patrões e na mais hedionda traição àqueles que dizem defender: os operários, trabalhadores assalariados e funcionários públicos. Sobre o papel hediondo dessas ‘aristocracias’ operárias, sugiro a leitura de duas obras de Armand René Dreifuss: “*O Jogo da Direita*” e a “*Internacional Capitalista*”

estar incondicionalmente *a favor da independência orgânica* da união juvenil, e *não só* porque os oportunistas temam essa independência (...), porque sem uma independência absoluta, a juventude *não poderá* formar de si mesma bons socialistas nem se preparar para levar o socialismo adiante.<sup>96</sup>

Lenin (1985, t. 30, p. 234) predicava respeito e defendia a “independência plena das uniões juvenis”, pois entendia como indispensável o exercício da “plena liberdade de crítica fraternal de seus erros”, embora, como ele mesmo dizia, “não devemos adular a juventude!”.

O reformismo, marca indelével do oportunismo, era / é absolutamente incompatível com o marxismo revolucionário cuja obrigação é aproveitar, o mais possível, a situação revolucionária “para preconizar abertamente a revolução, a derrocada dos governos burgueses, a conquista do poder pelo proletariado armado, sem renunciar nem se negar, em absoluto, a utilizar as reformas para desenvolver a luta pela revolução” (LENIN, 1985, t. 30, p. 268).

O estudo aprofundado da teoria marxista absolutamente sintonizada com a realidade concreta revelou à Lenin (1985, t. 30, p. 284) que entre os socialistas havia

socialistas de palavras que, de fato, eram agentes da hipocrisia pacifista burguesa, que desempenhavam o mesmo papel que os clérigos cristãos, que durante séculos trataram de embelezar a política das classes opressoras, os proprietários de escravos, os senhores feudais e os capitalistas, e de *fazer aceitável* sua dominação para as classes oprimidas, predicando o amor ao próximo e os preceitos de Jesus Cristo.

Diante deste quadro hediondo, situação objetiva, a tarefa evidente e imperativa de uma **educação** sincera e honesta (**educação política**) “é, antes de tudo, *desmascarar* de forma conseqüente, sistemática, audaz e incondicional, a hipocrisia pacifista e democrática do governo (...) e da burguesia. Sem isto, tudo o que se diga sobre o socialismo (...) e o internacionalismo é um total engano ao povo” (LENIN, 1985, t. 30, p. 283).

Crítico sem meias palavras, Lenin (1985, t. 30, p. 285) ponderava que os socialistas deveriam, em primeiro lugar, sublinhar em todas as suas falas “a necessidade de desconfiar não só de cada frase política de *seu próprio* governo, como também de cada frase política dos social-chauvinistas que, na realidade, servem a esse governo”.

---

<sup>96</sup> Esta advertência aplica-se aos Partidos da moderna esquerda brasileira, nos quais a juventude permanece atrelada / submetida às determinações dos reformistas e oportunistas que neles fizeram sua morada política e de onde só saem para enganar e ludibriar o ‘povo’.

Se com insistência as boas palavras voltavam à moda e ao uso diuturno para encobrir a podridão, cabia a **educação** do Partido desmorrar o obstáculo à construção da **consciência socialista**, “a confiança que uma parte dos operários depositava nos social-imperialistas e social-pacifistas, por isto, a principal tarefa de hoje deve ser a destruição da confiança nestas tendências, *idéias*, tipos de *política*” (LENIN, 1985, t. 30, p. 287).

Em missiva a Charles Naine<sup>97</sup>, a fala de Lenin (1985, t. 30, p. 289) em grande parte tem algo em comum ou peculiar ao cotidiano brasileiro do século XXI. Vejam:

não nos opomos às eleições e às reformas destinadas a reduzir o alto custo da vida, porém nossa *primeira preocupação* é dizer abertamente *a verdade* às massas, ou seja, que *não se pode* por termo ao alto custo da vida sem expropriar os bancos e as grandes empresas, é dizer, sem a revolução socialista.

Lenin, ao contrário do que afirmavam seus críticos, não era contra a luta pelas reformas, porém diferentemente dos reformistas e dos oportunistas, ele *não se limitava* a luta pela reformas mas à sua subordinação à luta revolucionária para edificação do socialismo.

Ontem, como hoje, esses personagens servis ao *statu quo* permanecem a infundir, nos operários e trabalhadores assalariados, esperanças no governo *bourgeois* e fé nas ilusões da *bourgeoisie*.

Dirigindo-se a jovens operários suíços, Lenin (1985, t. 30, p. 320) considerava que apenas quando a Rússia feudal escondida no sonho letárgico da Rússia patriarcal, devota e submissa, se despedisse do Adão bíblico, só então teria “o povo russo uma educação verdadeiramente democrática, verdadeiramente revolucionária”.

Contudo, a burguesia e os reformistas, que lhes faziam coro sem sentido crítico, quando falavam com petulância sobre a educação das massas, entendiam a educação como algo escolar e pedante, algo que desmoraliza e desqualifica as massas e nela inocula os preconceitos burgueses.

Era possível dizer que a **educação política** para a libertação das massas não estava separada da luta política e, sobretudo, da luta revolucionária do proletariado e dos camponeses pobres. Só a luta **educaria** os explorados; só a luta poderia lhes revelar a magnitude de sua força,

---

<sup>97</sup> NAINE, Charles(1874-1926) um líder do Partido Social Democrata Suíço, advogado, participou da Conferência de Zimmerwald e fez parte da Comissão Socialista Internacional. Todavia, em 1917 aderiu ao centrismo e pouco a pouco passou para o lado da ala direita da social-democracia suíça.

ampliar seus horizontes e elevar sua capacidade, aclarar e liberar sua inteligência e forjar sua vontade, sua coragem e sua bravura.

Por que será que os opressores temem a luta de classes levada às últimas conseqüências?

Porque, com bastante clareza, só a luta econômica, a luta pela melhora direta e imediata da situação material do proletariado “é capaz de movimentar as camadas mais atrasadas das massas exploradas, de **educá-las** verdadeiramente e convertê-las num exército de lutadores políticos” (Id. *ibid.*, p. 321).

Diante da imperiosa e histórica necessidade de **educar** o ‘povo’, Lenin (1985, t. 30, p. 328) era um implacável crítico da Universidade de seu tempo (será mesmo apenas de seu tempo?), ao afirmar que

Destinadas exclusivamente em tempos pacíficos a embrutecer os jovens cérebros com a sabedoria acadêmica de doutos catedráticos e a convertê-los em mansos criados da burguesia e do czarismo, durante a greve geral de ferroviários, em 1905, que paralisou de modo rotundo as forças do governo, em conseqüência, as Universidades abriram suas portas, e suas aulas se transformaram em lugar de reunião de milhares e milhares de operários, artesãos, empregados, que discutiam abertamente e livremente os problemas políticos”.

Na verdade, as ciências sociais e a filosofia ali ministradas, em primeiro lugar, não interessavam ao czar e à burguesia, o melhor mesmo é que elas não se desenvolvessem; em segundo lugar, quando ministradas estavam a reboque dos *subjetivismos* e *relativismos* pífios presos unicamente à ordem e à lógica capitalistas.

O júízo da ‘ciência’ burguesa construída nessa Universidade, sobre a revolução socialista, constituía um subterfúgio verbalista pífio “dos representantes da covardia burguesa que vê no proletariado o seu mais perigoso inimigo de classe” (LENIN, 1985, t. 30, p. 332). Ora, por um lado, Lenin (1985, t. 30, p. 334) acreditava não chegar a presenciar as batalhas decisivas da revolução futura, por outro lado, afirmava:

Essa revolução futura mostrará em maior medida ainda por uma parte, que só os duros combates, precisamente das guerras civis, podem emancipar o gênero humano do jugo do capital; e, por outra, que só os proletários com *consciência de classe* podem atuar e atuarão como chefes da imensa maioria dos explorados,



em suma, apenas a insurreição geral e popular dirigida pelo proletariado contra a burguesia industrial, financeira e fundiária, quer dizer, à sua expropriação poderia conduzir os insurrectos à edificação do socialismo, independentemente de quaisquer ideologias predicadas no interior da Universidade.

Sem embargo, o pântano (o centro) se movimentava no interior do Partido e esse movimento longe de ser imaginário, simbólico, era concreto, real e sobre o qual não cabia tergiversação, apenas enfrentá-lo o mais rápido possível procurando desarmar a ‘bomba’ ideológica preparada à fragmentação total do movimento operário e comunista.

Destarte, Lenin (1985, t. 30, p. 365) concitava seus correligionários e aliados à luta contra o ‘pântano’, contra o oportunismo. Incontornável e parte dessa luta, a **educação** estava direcionada para

*desmascarar* os patrioteiros, combatê-los e não se unir a eles; *criticar* abertamente não apenas os social-pacifistas mas, também, os centristas denunciando suas debilidades e manobras; *utilizar* todos os lugares possíveis da cátedra à tribuna parlamentar para chamar o proletariado à luta revolucionária; *demonstrar* abertamente a necessidade de uma ‘renovação’ completa dos partidos que se limitavam a atividade reformista.

Lutar com veemência contra o reformismo e o oportunismo em quaisquer lugares e sob quaisquer máscaras; assim como “**combater** de forma intransigente os dirigentes sindicais que, em todos os lugares, são a vanguarda do reformismo e do oportunismo” (LENIN, 1985, t. 30, p. 365).

Diferentemente da **educação oficial**, na qual a realidade era escamoteada, a **educação política**, como se depreende dos itens postos logo acima, estava voltada para o fortalecimento do movimento revolucionário e para a edificação do socialismo e, ao contrário do que afirmava um tal camarada Grimm<sup>98</sup>, o ‘pântano’ não era uma invenção leninista e nem uma suposta tendência centrista no partido, mas uma tendência de fato claramente deambulando no interior do Partido e dos sindicatos.

Por isto, Lenin expressava uma profunda convicção no papel da **educação do Partido** como meio à constituição de uma **consciência socialista**; da revolução socialista sob a hegemonia

do proletariado com consciência de classe; e sobre Europa ocidental grávida da **revolução**. Prognóstico que viria, pouco tempo depois, ser confirmado nos anos 10 do século XX, no transcurso dos quais ocorreu a maior revolução socialista testemunhada pela humanidade.

### 3.9 – Educação e religião

Nas teses de Março de 1917, Lenin (1985, t. 31, p. 5) propôs no tocante ao ensino religioso, primeiro, a necessidade de implantar a liberdade de não praticar religião alguma e, segundo, a necessidade imediata de separar “a igreja da escola e de livrar a escola da tutela dos funcionários”. Na verdade, o que ele propunha era que fosse implantada não apenas a liberdade de culto, mas, fundamentalmente, a liberdade de não praticar nenhuma religião, com o que o poder soviético separava imediatamente a escola da igreja.

Para Lenin (1985, t. 32, p. 24) a relação igreja escola ou vice-versa era maléfica ao desenvolvimento da **consciência revolucionária** e/ou da **educação política** à medida que os ideólogos de uma e de outra esqueciam o principal, isto é,

a impossibilidade de medidas sérias para melhorar a situação dos operários e de toda a massa do povo trabalhador sem atentar revolucionariamente contra o ‘sacrossanto’ direito de propriedade privada capitalista; a impossibilidade de realizar reformas (reclamadas pelos partidos operários) enquanto subsistam os velhos órgãos e aparatos de governo, enquanto exista uma polícia, que apóiam os capitalistas e põem mil obstáculos à realização das reformas.

Lenin (1985, t. 32, p. 25) explicitava que essas reformas inexequíveis diante do esquecimento das “duras e cruéis condições da dominação capitalista, eram palavras vazias que, na prática, se convertiam em inofensivos ‘bons desejos’ ou simplesmente um engano às massas por parte dos politiqueiros burgueses”.

No texto “*Atitude do partido operário ante a religião*”, Lenin (1983, t. 17, p. 427) teceu algumas considerações sobre os anos iniciais do século XX, evidenciando que o interesse em

---

<sup>98</sup> GRIMM, Robert. (1881-1958) um dos líderes do Partido Social-democrata Suíço no decorrer da primeira grande guerra imperialista, centrista, presidiu a Conferência de Zimmerwald, sendo ainda Presidente da Comissão Socialista Internacional.

relação à religião penetrara no movimento operário e nas hostes de intelectuais. Diante disto os comunistas tinham “o dever inelidível de expor sua atitude ante a religião”.

Como se sabe, os comunistas calçados numa concepção de mundo que tem sua base filosófica no materialismo dialético, tornavam suas, de forma plena, “as tradições históricas do materialismo do século XVIII na França e de Feuerbach (primeira metade do século XIX) na Alemanha, do materialismo indiscutivelmente ateu e decididamente hostil a toda a religião” (LENIN, 1983, t. 17, p. 427).

A religião como o ‘ópio do povo’,

constitui a pedra angular da concepção de mundo marxista no tocante a questão religiosa. O marxismo considera sempre que todas as religiões e igrejas modernas, todas e cada uma das organizações religiosas são órgãos da reação burguesa chamados a defender a exploração e embrutecer a classe operária (LENIN, 1983, t. 17, p. 427-428).

Citando Engels, Lenin (1983, t. 17, p. 429) reclama que o POSDR deveria organizar com paciência atividades práticas e teóricas serventes ao ‘esclarecimento’ do proletariado no sentido da extinção da religião, mas jamais se “lançar às aventuras de uma guerra política contra a religião”. A crítica da religião não deveria ser restrita ou apenas permanecer no campo das idéias e/ou da fraseologia parva, mas explicar “*a partir do ponto de vista materialista* das origens da fé e da religião entre as massas” (LENIN, 1983, t. 17, p. 430).

Se a religião é recorrente no interior dos setores mais atrasados do proletariado urbano, entre as vastas camadas de trabalhadores e camponeses pobres tal fenômeno não pode ser aceito como resultado apenas da ignorância, mesmo porque tal consideração seria por demais simplista, “ficção culturalista superficial, limitada ao burguês. Semelhante opinião não é profunda e explica as raízes da religião de um modo idealista” (LENIN, 1983, t. 17, p. 431).

Essa ficção culturalista ignorava / ignora ou ocultava / oculta que a origem de toda religião é social e historicamente situada e datada. Neste sentido, comentava Lenin (1983, t. 17, p. 431)

a raiz mais profunda da religião em nossos tempos é a opressão social (*e a extorsão econômica*) das massas trabalhadoras, sua aparente e total impotência frente às forças cegas do capital, o qual causa cada dia e cada hora aos trabalhadores, sofrimentos e martírios mil vezes mais horrorosos e ‘bárbaros’ que qualquer acontecimento extraordinário, como as guerras, os terremotos, etc..

Penso que a máxima a seguir sobre as raízes da religião, foi e continua sendo o degrau sobre o qual erguia-se / ergue-se o pensamento dos comunistas, especialmente os conscientes de viverem num mundo assombrado por ‘demônios’: **se o medo cria os deuses, a gula capitalista os ratifica.**

O medo às forças cegas e incontidas do capital, cegas porque não podiam e não podem ser previstas pela maioria da população mantida na ignorância e que ameaçam acarretar o proletariado e o pequeno-burguês (o pequeno proprietário e o pequeno comerciante) com a submissão, a ruína ‘inesperada’, ‘perpétua’, ‘casual’ (mais uma vez devido a falta de compreensão da mecânica do capitalismo), convertendo-os em mendigos, indigentes, jogando-os na prostituição, fazendo-os morrer de fome, representava e representa o *quid*, o cerne, a raiz das religiões contemporâneas.

O esquecimento desse *quid* histórico, por parte dos marxistas, transforma-os em aprendizes de materialistas e negação do marxismo-leninismo. Nenhum **folheto educativo** conseguirá desarraigar o sentimento religioso da consciência das massas trabalhadoras esmagadas pelo trabalho forçado

do modo de produção capitalista e que depende das forças cegas e destrutivas do capitalismo, enquanto ditas massas não aprenderem elas mesmas a lutarem unidas e organizadas de modo sistemático e consciente (*o que implica estar municiada com uma teoria revolucionária*), contra a raiz da religião, contra o domínio *o capital* em todas as suas formas (LENIN, 1983, t. 17, p. 431).

Não se trata, portanto, de **educar** o proletariado e o campesinato pobre no mais extremado folheto anti-religioso, mas de *subordinar* a **educação** a tarefa fundamental dos comunistas: “O desenvolvimento da luta de classes *das massas exploradas* contra os exploradores” (LENIN, 1983, t. 17, p. 431).

O marxista, por excelência um inimigo de toda religião, deve lutar contra a religião, não no terreno da abstração ou no campo puramente teórico, mas “de modo concreto no terreno da luta de classes que se desenvolve na prática e que **educa** as massas mais e melhor” (LENIN, 1983, t. 17, p. 433).

Encimado na análise concreta da realidade concreta, o marxista leva sempre em conta a situação concreta para

não cair no ‘revolucionarismo’ abstrato, verbal e vácuo do anarquista, nem no oportunismo do pequeno burguês ou do intelectual liberal que teme a luta contra a religião e não se orienta

pelos interesses da luta de classe, senão pelo mesquinho e mísero cálculo de não o ofender, não rechaçar nem assustar, atendo-se a ultra-sábia sentença de ‘vive e deixa viver os outros’ (LENIN, 1983, t. 17, p. 433).

Não basta, a prédica ideológica abstrata contra a religião (entendida como ‘o ópio do povo’), é imprescindível vinculá-la à luta de classes do proletariado contra o capitalismo e pelo socialismo (ante-sala do comunismo) por ser a única capaz de fazer desaparecer as raízes sociais da religião.

Ainda no tocante à questão da religião, Lenin (1983, t. 17, p. 435) assumiu uma postura de combate contra dois tipos de desvios observados no ateísmo proletário, em primeiro lugar, o ‘esquerdismo’ anticlerical que procurava suplantar a propaganda ateísta com medidas administrativas direcionadas contra a igreja e os crentes; em segundo, a tese segundo a qual “socialismo é uma religião, é uma forma de passar da religião ao socialismo, para outros, do socialismo à religião”.

### **3.10 – Educação e “nossos pontos de vista”**

A teoria marxista entendida como um guia para a ação pressupõe o esclarecimento e a educação da maioria da população sobre a necessidade que “todo o poder do Estado passar aos Sovietes de deputado operários, soldados e camponeses, etc., pois os Sovietes representavam notoriamente imensa maioria do povo” (LENIN, 1985, t. 31, p. 294).

Lenin (1985, t. 31, p. 295) apostava na possibilidade de edificação de uma república em que não houvesse “de baixo a cima, nem polícia, nem exército regular (no lugar deste, diz, devia existir o armamento geral de todo o povo), nem corpo de funcionários praticamente inamovível e com altos salários, privilegiados, burgueses”.

Historicamente os Sovietes representavam a maioria do povo russo: operários e camponeses pobres. Então, a consigna ‘Todo poder aos Sovietes’ significava dizer, todo o poder ao proletariado e ao campesinato pobre, juntos pela construção doutra ordem social.

No texto o “*O defensismo de boa fé faz ato de presença*”, encontro uma advertência que ainda hoje permanece válida enquanto tal:

confiar que os capitalistas podem corrigir-se, deixar de ser capitalistas e renunciar aos seus lucros é uma esperança ilusória, um sonho vago, que, na prática, se converte em engano para o povo. Somente os políticos pequenos burgueses que vacilam entre a política capitalista e a proletária, podem abrigar ou apoiar semelhantes esperanças ilusórias (LENIN, 1985, t. 31, p. 330).

E esses mesmos políticos procuram encobrir que os governos burgueses expressam os interesses de uma determinada classe e “as guerras são feitas pelos capitalistas das potências beligerantes em defesa dos seus interesses e objetivos bandidescos” (LENIN, 1985, t. 31, p. 330).

Uma advertência à refrescar a memória esquecida: a primeira e a segunda guerra imperialista (1914-1917 e 1936-1945, respectivamente) foram perpetradas “pelos capitalistas pelo domínio mundial, pela repartição do botim capitalista, pelos mercados vantajosos do capital financeiro e bancário, pelo estrangulamento dos povos débeis” (LENIN, 1985, t. 31, p. 363).

Outra advertência é retirada do “*Os ensinamentos das crise*”, os políticos burgueses e pequenos burgueses esquecem que

as massas vacilam entre a confiança em seus antigos senhores, os capitalistas, e a cólera contra eles; entre a confiança na nova classe, que abre o caminho de um porvir luminoso para todos os trabalhadores, na única classe consequentemente revolucionária, o proletariado, e a compreensão confusa de seu papel histórico e mundial (LENIN, 1985, t. 31, p. 343).

A vacilação das massas não era fortuita, sem causa, manifestação subjetiva e idiossincrática de indivíduos perpassados pelo perverso exagero solipsista<sup>99</sup>; ela era uma decorrência ou resultado do engano das massas do povo pela burguesia. Era ainda decorrência ou resultado da propriedade privada sobre os meios de produção intelectual, uma vez que seu princípio fundamental consiste no estabelecimento, **via educação**, de uma confusão mental e/ou do diversionismo ideológico com o qual e sob o qual as massas exploradas não conseguiam compreender que os capitalistas “não tornam público seus acordos secretos, se esquivam com

---

<sup>99</sup> *Solipsismo* é uma corrente filosófica idealista segundo a qual só existem o ser humano e suas sensações, sendo os outros seres humanos e objetos, partícipes da única mente pensante, sensações subjetivas ou impressões sem existência própria. Mesmo não sendo considerado uma possibilidade intelectual, (admitida apenas como caso extremo da filosofia idealista), o solipsismo jamais foi endossado integralmente por algum pensador, embora se atribua a pecha de solipsista o intelectual que, solitário e deslocado da realidade objetiva, cria um conjunto de hábitos e faz ilações sobre as mais diversas facetas dessa mesma realidade.

promessas e frases altissonantes (...) e suas operações financeiras se reduzem ao saqueio e estrangulamento dos povos menos desenvolvidos” (LENIN, 1985, t. 31, p. 408).

Contemporaneamente, é possível dizer que as operações financeiras levadas a termo pela Bolsa de valores e demais instituições de valores mobiliários dos países capitalistas centrais representam saque e estrangulamento da economia política dos países capitalistas periféricos e dependentes e o corte na carne exangue dos operários e camponeses pobres desses mesmos países.

Em face disto, a **função educativa** do Partido operário russo era explicar com paciência, porém também com insistência, ao

povo russo que as guerras eram sustentadas pelos governos, que as guerras estão indissolavelmente ligadas à política de *classes* determinada, que *só* se pode lograr uma paz (verdadeiramente) democrática se todo o poder de Estado passar às mãos da classe operária que é a única verdadeiramente capaz de por fim ao jugo do capital (LENIN, 1985, t. 31, p. 414).

Ainda que a afirmação supracitada fosse considerada como uma verdade irreprochável, verdade absoluta segundo a qual as guerras são sustentadas por capitalistas, cabia ao Partido Comunista explicar e **educar** as massas nesta verdade, sem meias palavras e nem palavras exóticas e, quiçá, o primeiro passo desse processo educacional deveria ser dissecar a pergunta: a quem interessa as guerras e quem se beneficia com elas?

Assumindo esse primeiro passo, o Partido chegaria à formulação de um segundo passo indispensável à compreensão dialética do fenômeno em questão e para compreender de que modo se lhe pode por fim, há que se perguntar: quem são os indivíduos ou que classe é prejudicada com as guerras?

Penso ser um crasso e tosco erro da **educação oficial** – tanto da feudal quanto da burguesa – assumir a mentira acerca das guerras modernas levadas a efeito por países capitalistas, expondo o assunto como não existisse a luta de classes, “como se dois países vivessem em paz até que um deles (sem nenhuma causa objetiva ou material), lançando-se sobre o outro, o obrigasse a se defender” (LENIN, 1985, t. 31, p. 415).

Por ser mais forte, o invasor desmontaria a forma de governo do país agredido, destroçaria sua cultura milenar, desmontaria relações sociais seculares, enfim, brandiria em sua mão uma espécie de ‘espada de Dámocles’ com a qual ameaça a continuidade da vida em geral no país

invadido. A ausência de qualquer traço de objetividade era e é um “modo vulgar de ver as coisas, engano consciente do qual os homens cultos lançavam mão para fazer do povo sua vítima” (LENIN, 1985, t. 31, p. 415).

Se, por exemplo, a **escola** abordar de frente tal questão, sem silenciar e sem se eximir de esclarecer a fundo as causas ou os motivos que induzem os governos capitalistas à guerra, os estudantes poderão captar “sua essência, pois uma coisa são os interesses das classes dominantes e outra, os interesses das classes oprimidas” (LENIN, 1985, t. 31, p. 415).

Com efeito, a meu juízo, indo de encontro a Lenin (1985, t. 31, p. 416), a linguagem desenvolvida na **escola oficial** burguesa encobre o pensamento; essa **escola** é um local de enganação, especialmente dos filhos e filhas do proletariado e trabalhadores assalariados das cidades e do campo. A ocultação do pensamento pela sofisticação da linguagem, resume-se ao fato da língua ter sido “dada ao homem para encobrir seus pensamentos, e os diplomáticos sempre afirmaram: ‘As conferências são realizadas para enganar as massas populares’”.

A **escola** burguesa é o lugar da enganação, ali as manifestações espontâneas são colocadas como ‘ímpares’ exteriorizações da subjetividade, em detrimento da consciência política de classe, crítica e revolucionária, sem a qual não haverá organização popular “para que todo o poder do Estado passe às mãos do proletariado revolucionário” (LENIN, 1985, t. 31, p. 417).

### **3.11 – Reforma ou ‘tempestade’**

A educação oficial e os ideólogos da classe dominante ocultavam o fato de que a Rússia nos anos dez do século XX era um país capitalista e seu desenvolvimento ulterior só poderia ocorrer sob os moldes do capitalismo mundial. Nesta época, a Rússia experimentava uma transformação democrática burguesa, libertação do regime da servidão czarista, contudo, mantidas as condições do capitalismo mundial a emancipação do proletariado russo seria uma questão de tempo, inevitável.

Todavia, a luta entre as três forças co-autoras das lutas sociais nesse país – liberais monarquistas burgueses, democratas burgueses e operários conscientes – não sabiam o que dela poderia irromper. Uma coisa era certa, para a sociedade russa não havia mais que dois caminhos



e/ou duas linhas políticas de ação: reformas ou ‘tempestade’ – uma encruzilhada a produzir uma grande agitação política, moral e econômica.

Reformas era o nome que ainda hoje os políticos dão “às mudanças que *não* privam do poder a velha classe dominante. As mudanças de caráter oposto (aquelas que apeiam do poder a velha classe dominante) se chamam ‘tempestade’” (LENIN, 1984, t. 25, p. 169).

Ontem e hoje, os interesses da burguesia liberal não ultrapassam os limites das *reformas reformistas* à medida que a burguesia, por razões históricas bem definidas e por demais manjadas, teme a *tempestade*, mais que a reação dos latifundiários teme as lutas de classe no campo, porquanto do sistema feudal “espera conservar as velhas instituições – a burocracia, as duas câmaras parlamentares, etc., como proteção contra os operários e camponeses pobres” (LENIN, 1984, t. 25, p. 169).

Escólio. Historicamente as reformas sociais, políticas e econômicas são analisadas a partir de uma matriz ideológica dual: *reformas reformistas* e *reformas revolucionárias*. As *reformas reformistas* maquiando as contradições e os desmandos do capitalismo, (i) não atacam seus fundamentos, sua estrutura perversa e desumana, empiricamente verificável no transcurso do processo de exploração e extorsão da força de trabalho do proletariado, (ii) não depõem do poder a velha classe dominante e, portanto, ‘não expropriam os expropriadores’.

Por sua vez, as *reformas revolucionárias* produziram transformações profundas no regime da propriedade privada, erradicando-o e substituindo-o pelo regime de propriedade coletiva, e alterando o mando sobre os meios e instrumentos de produção material e intelectual, transferindo-o para as mãos do proletariado e do campesinato pobre.

Penso não ser factível que ideólogos e burocratas da burguesia assumam, *ex abrupto*, as ‘reformas’ estribadas na conquista do poder político e econômico por intermédio do sufrágio ou dos operários e trabalhadores assalariados em armas, ‘reformas’ sem a qual nenhum capitalista sairá de cena. As *reformas reformistas* (tributária, fiscal, urbana, educacional, agrária e moral) são escritas sob a lógica burguesa, portanto, necessárias ao próprio desenvolvimento da sociedade capitalista.

Essas *reformas reformistas* são colocadas como trilhos sobre os quais correriam as mudanças populares mas que, a rigor, consolidam a expansão da estrutura capitalista, (i) acelerando o processo de acumulação ampliada, (ii) incrementando a dilapidação do patrimônio público, (iii) alargando a irresponsável privatização do solo e do subsolo, da água ao ar, e (iv) da transferência de uma vultuosa soma de dinheiro para saciar a volúpia dos banqueiros e especuladores internacionais.

Dito doutra forma, essas *reformas* ainda hoje são apresentadas como ‘novidadeira’ panacéia à saúde dos excluídos do processo produtivo e dos extorquidos pela avareza da burguesia brasileira. Na verdade, elas são um tripudío sobre a ignorância alheia e desinformação a malbaratar consciências e um desserviço à Nação. Vale acrescentar, carente de uma formação ideológica revolucionária sólida e princípios filosóficos arraigados, a *Burocracia política* não consegue formular corretamente o problema das reformas, posto que, por estar vinculada ao desenvolvimento capitalista, tornou-se cúmplice de suas implicações e conseqüências.

Dessarte, permanecem para os operários e camponeses pobres, no interior das contradições da sociedade capitalista, apenas dois caminhos e não mais: seguir os *neoliberais* e assumir o pior dos caminhos, o mais doloroso para eles **ou** formar um movimento único contrário às diretrizes do capitalismo. Pois com certeza, o desfecho da tímida luta proletária no Brasil, no século XXI, coloca de manifesto a resultante *neoliberal*.

Os *reformistas*, mormente nos séculos XX e XXI, seguiam e seguem a política *liberal* tratando de subordinar os operários à burguesia. Sobre isto, é plausível anotar, o reformismo é uma manifestação explícita da influência burguesa sobre a classe operária e da corrupção dos operários levadas a termo pelos ideólogos e quadros da classe dominante e dos partidos intitulados de esquerda.

Lenin (1984, t. 25, p. 149), no texto “*Como se corrompem os operários com o nacionalismo refinado*”, destacava a ação da burguesia como reacionária à medida que quanto mais se desenvolvia o movimento operário, “mais desesperados eram seus esforços para esmagá-lo ou fragmentá-lo”.

Mais contundente ainda, ele fez ver que “os fundadores das tendências intelectualóides<sup>100</sup> eram os que pretendiam quebrantar e malograr a unidade e a vontade da maioria dos operários” (LENIN, 1984, t. 25, p. 158-159).

Contudo, na Rússia, logo após os acontecimentos de 1905, a burguesia compreendeu que apenas a ‘força bruta’, a repressão física seria ineficaz à pacificação dos ânimos revoltosos, por isto, começa a recorrer com freqüência ao método pedagógico romano do “*divide et impera*”, com o qual procurava dividir o movimento operário “mediante a difusão de diversas idéias e doutrinas burguesas destinadas a debilitar a luta da classe operária” (LENIN, 1984, t. 25, p. 149).

Ao analisar “*Os métodos de luta da intelectualidade burguesa contra os operários*”, Lenin (1984, t. 25, p. 341) reafirmava sua crítica aos intelectuais afirmando que a burguesia implementa o clássico método divisionista do proletariado para promover “a divisão e a desorganização de suas fileiras, e o suborno de determinados representantes ou grupos do proletariado com o objetivo de atraí-los para o lado da burguesia”.

Característico da sociedade burguesa, qualquer sociedade burguesa – periférica ou central – esse método, cheio de astúcia, subterfúgios verbais e artimanhas máximas, tem sido manipulado “para difundir a influência ideológica da burguesia sobre os escravos assalariados com o objetivo de afastá-los da luta contra a escravidão assalariada” (LENIN, 1984, t. 25, p.341).

O método pedagógico trabalhado pelos ideólogos da burguesia, liberal e democrática, estava direcionado ao engano e à corrupção dos estudantes, operários e camponeses pobres e se exercitava por intermédio do nacionalismo, da renovação e vivificação da religião e do idealismo – metafísica e escolástica, esta uma tentativa de conciliar a razão com a fé irracional –, dos supostos êxitos da economia política, etc..

Em “*Como os capitalistas procuram assustar o povo*”, estava posta novamente a questão: reforma ou ‘tempestade’? Na verdade, “todo cataclismo político, se não é uma simples troca de camarilhas, é uma revolução social: a questão é *que classe realiza esta revolução social*” (LENIN, 1985, t. 32, p. 131).

---

<sup>100</sup> Intelectuais que estavam contra a unidade efetiva e real dos operários, em favor da suposta e fantasiosa unidade das tendências intelectualóides. Caso quisesse fazer uma analogia entre o momento russo de antanho e o momento brasileiro contemporâneo quanto ao comportamento das ‘tendências’ intelectualóides de esquerda, com certeza, ter-se-ia uma profusão de elementos para montar outra tese de doutorado ou, até mesmo, de pós-doutorado.

Por exemplo, a revolução francesa de 1789 e a revolução russa de fevereiro de 1917 arrancaram o poder dos senhores feudais e das respectivas monarquias. Ambas, levadas a termo para atender os interesses mais imediatos das burguesias francesa e russa, foram revoluções sociais democráticas burguesas.

Por sua vez, a revolução russa com uma acentuada participação do proletariado teve o caráter democrático (burguês) popular. Assim, nem toda ‘tempestade’, ainda que conduzida pelo proletariado, como foi o caso da revolução russa de fevereiro, será necessariamente proletária e socialista. Para assumir a feição de revolução socialista, a ‘tempestade’ deve acertar um duro e direto golpe naqueles que no transcurso do tempo escarnecem e extorquem o grosso da população, isto é, deve fazer com que os capitalistas e latifundiários renunciem aos bancos, às indústrias, ao comércio e à terra. A ‘tempestade’ socialista é o único método capaz de evitar um desastre de proporções inimagináveis.

Nesta dicotomia, como e quando será superada a dualidade de poderes: burguês e proletário?

Lenin (1985, t. 32, p. 141) explicitava que a política de conciliação e/ou de colaboração de classes era “uma manifestação das vacilações da pequena burguesia, que teme confiar nos operários por temer romper com os capitalistas”. Procurava a pequena burguesia outra e inexistente saída à bancarrota do capitalismo, esquecendo que por não existir outra saída, permanecia a encruzilhada: “retroceder até o poder *omnimodo* dos capitalistas ou avançar até a democracia de verdade, quer dizer, até a decisão da maioria” (LENIN, 1985, t 32, p. 141).

Após a leitura do texto de Lenin (1985, t. 32, p. 184) sobre o “*I Congresso de Deputados Camponeses de toda a Rússia*” e à guisa de contribuição à questão do direito, acrescento que a ação ‘tempestuosa’ do proletariado não é uma aplicação arbitrária do direito e nem a negação do direito “mas a **restauração do direito**, e para que se restaure o direito não se deve esperar”.

Permanece a antiga e fundamental contradição entre os comunistas e seus adversários, à medida que esta contradição radica “na maneira de conceber o que é a ordem e o que é a lei” (LENIN, 1985, t. 32, p. 187). A ordem e a lei, para os adversários, era o que convinha aos latifundiários e capitalistas. A ordem e a lei, para os comunistas, era (e é!) o que convinha à maioria aos camponeses pobres e operários. Não há terceira posição.

A propósito, o Partido Comunista (b) da Rússia, em todas as suas resoluções declarava de forma explícita: “Somos o Partido dos operários e dos camponeses pobres, cujos interesses queremos defender; através destas classes e só através delas poderá sair a humanidade dos horrores postos pelas guerras capitalistas” (LENIN, 1985, t. 32, p. 187).

Não há, repito, terceiro caminho! Lenin (1985, t. 32, p. 215) perguntava: *conciliação com os capitalistas ou derrota dos capitalistas?* E ele mesmo costumava responder:

Ou propugnamos e esperamos uma conciliação com os capitalistas, o que equivaleria a infundir aos povos confiança em seus piores inimigos, ou *depositamos* nossa confiança exclusivamente na revolução operária e concentramos todos os nossos esforços na derrocada dos capitalistas. Devemos escolher entre estes **dois caminhos**.

Ao contrário do que fora explicitado no ‘*Izvetia Petrográdsкого Soveta Rabochii i Soldátskii Deputátov*’<sup>101</sup>, Lenin (1985, t. 32, p. 215) reportava não ser tarefa de nenhum comunista reconciliar com os capitalistas e nem “reconciliar os capitalistas entre si sobre a base da velha repartição do botim, quer dizer, das conquistas. Isto é evidente”.

À todos os militantes do Partido Comunista (b) da Rússia, dizia Lenin (1985, t. 32, p. 218): “Há que se desmascarar os capitalistas”. Desmascarar os capitalistas era inevitável diante do processo de pilhagem do imperialismo sobre as Nações mais fracas e da moderna repartição do mundo. Este processo, se não fosse interrompido, culminaria por arrastar todas as Nações à uma nova hecatombe, à uma nova guerra imperialista. Portanto,

todo operário que saiba e compreenda o que está ocorrendo em sua fábrica, todo empregado de banco, de fábrica ou de empresa comercial que não pode permanecer indiferente à ruína do país, todo engenheiro, estatístico, contador, todos devem fazer o quanto esteja ao seu alcance para *reunir*, ainda que seja fragmentados dados precisos e, se é possível, documentados sobre este bacanal de pilhagem, quer dizer, sobre os preços e os lucros.<sup>102</sup>

---

<sup>101</sup> “Notícias do Soviete de Deputados Operários e Soldados de Petrogrado” era um periódico que começou a circular em 28 de fevereiro de 1917.

<sup>102</sup> Por incrível coincidência histórica, ontem como hoje, a tarefa de desmascarar a burguesia representa o primeiro passo para por um freio definitivo na ampliação e perpetuação do capitalismo; desmascarar a pilhagem e transferência de divisas e lucro para o capitalismo central e suas sucursais, chamadas de paraísos fiscais, é o primeiro passo na construção da luta contra a moderna e inescrupulosa pirataria que se alimenta do sangue dos operários e camponeses pobres. Lamentavelmente, a pirataria em andamento neste país, conta com o beneplácito genuflexo do governo da República democrática burguesa brasileira.

### 3.12 – Educação e liberdade política

Diante da investida pedagógica da burguesia, era tarefa de cada célula, cada comitê, cada câmara de operários converter-se em cabeça de ponte da **educação política** das massas operárias, quer dizer, os ‘educadores’ e ‘agitadores’ do Partido deveriam ir onde estivesse a massa e de tudo fazer para “impulsionar a consciência das massas em direção ao socialismo, (...) fazer com que ou assegurar a coesão de classe” (LENIN, 1983, t. 17, p. 375).

Seguindo a linha de raciocínio postas em “*No caminho*”, Lenin (1983, t. 17, p. 380) colocava ‘*em torno dos problemas imediatos*’ que na questão da **educação**, levada a termo pelo Partido Comunista (b) da Rússia, era imprescindível a clareza e a firmeza ideológicas, sobretudo em momentos de dificuldades políticas e econômicas. Por isto, aos camaradas bolcheviques ele chamava a atenção para a necessidade de acabar com toda intriga e mexericos e “os operários bolcheviques deveriam exigir uma só coisa: clareza ideológica, opiniões definidas, linha de princípios”.

A completa clareza ideológica era de fundamental importância à atuação dos comunistas, mormente nos problemas de organização e da unidade de pensamento, ação e objetivo. Destarte, urgia que os operários e os bolcheviques, inteirados do objetivo da luta do proletariado na revolução russa, reclamassem de forma recorrente (i) por clareza ideológica, (ii) opiniões definidas, (iii) linha de princípios objetivos explícita, entendidos como elementos indispensáveis à formação da **consciência socialista** para a luta dos camponeses pobres e operários contra o Estado feudal e, ulteriormente, contra o Estado capitalista.

A liberdade dos operários, trabalhadores assalariados e camponeses pobres de participar de forma efetiva, presencial e não apenas delegada ou representada, nos assuntos públicos, táticos e estratégicos, é conhecida como **liberdade política**. Assim, a liberdade não pode ser considerada apenas como direito do povo eleger, a cada quatro anos, seus representantes mas também e fundamentalmente destituí-los dos mandatos sem nenhum entrave burocrático ou jurídico legalista que apenas oculta a corrupção dos politicastos.

A **liberdade política** é o direito do ‘povo’ de eleger ele mesmo todos os funcionários públicos, bem como de tomar o mandato eletivo, de construir uma imprensa não garroteada pelos

interesses do capital, dos latifundiários e dos bandidos das finanças. Esta liberdade por si só “não livrará de repente o povo trabalhador da opressão e da miséria. Nada libertará o trabalhador da miséria, *se não se liberta ele mesmo*” (LENIN, 1981, t. 7, p. 145).

Se for verdade que a **liberdade política** não liberta o trabalhador da miséria e da opressão, também é verdade que ela é pode ser uma ‘arma’ dos trabalhadores na luta contra a miséria e a opressão. Se é verdade que a **educação** é um forte e determinante fator de união entre os operários, trabalhadores assalariados e o campesinato pobre e sem união não haverá revolução, então é verdade que sem **liberdade política** não há **educação para a revolução**.

As palavras, extraídas do texto “*Aos pobres do campo*”, a meu juízo, não estão retidas aos limites fronteiriços da Rússia de antanho, mas referidas a todos os países contemporâneos nos quais a realidade miserável e a miserável realidade impõem sejam resgatados os fundamentos da **educação política** a serem trabalhados nas organizações partidárias revolucionárias e sindicatos operários comprometidos organicamente com a transformação social ou com a passagem forçada do capitalismo para o socialismo.

Sobreleva apontar a existência, no interior do movimento liderado por Lenin, de pretensões que não consideravam de modo algum as decisões assumidas pelo coletivo, determinadas pelas assembléias a partir das conclusões assumidas pela maioria, ter esgotado todos os contrapontos. O movimento liquidacionista, por exemplo, adrede olvidava a experiência do movimento operário russo que criou, de fato, a unidade da maioria encimada no reconhecimento e acatamento das decisões da maioria.

Ignorando a crítica leninista aos intelectuais de sua época, bem como às suas idéias imorredouras, é falso afirmar como equívoco histórico o uso da obra de Lenin como parte do método de análise da conjuntura econômica e política brasileira, agora sob a ideologia liberal; é falso afirmar não fazer o menor sentido procurar num autor russo do século passado que nada teria escrito sobre a educação suas contribuições à questão da educação contemporânea.

Ora, não é novidade e não ignoro que Lenin não escreveu nenhum compêndio sobre a educação ou sobre teorias pedagógicas. Mas seria um erro imperdoável ignorar que ele dedicou uma atenção cuidadosa e refinada à **educação política** na formação profissional das novas gerações de operários e intelectuais. Seria uma injustiça e um falseamento da história negar que ele esforçou-se por incorporar a todos os operários e intelectuais, o mais próximo possível, ao

movimento revolucionário, convencê-los e impulsioná-los à luta para edificar a sociedade socialista – etapa primeira da sociedade comunista.

Lenin sempre desconfiado a respeito da intervenção dos intelectuais e dos estudantes no âmago dos movimentos proletário e socialista, exortava-os a forjarem-se na concepção marxista de mundo e colaborarem de maneira efetiva e ativa com o trabalho legal e clandestino dos comunistas, direcionado ao enfrentamento e derrota do capitalismo russo e como porta de entrada para uma outra sociedade.

Ele propôs não apenas ajuda teórica à juventude russa mas igualmente aos jovens social-democratas doutros países. Essa ajuda teórica era vista por ele, como elemento fundamental ao seu desenvolvimento intelectual sob uma concepção científica, filosófica e histórica de mundo, o marxismo, com a qual poderiam traçar uma tática revolucionária acertada e imprescindível ao combate do capitalismo. Essa concepção de mundo, tal como ele a concebia, lhes permitiria conhecer, a título de exemplo, a experiência da classe operária russa e internacional, como dos bolcheviques e, efetivamente, dos operários e comunistas da Europa do Oeste.

Lenin predicava sobretudo a necessidade da **educação revolucionária** e da formação de uma **consciência socialista** nas massas, destacando a imprescindibilidade da incorporação da juventude à vida política, ensinando-a não apenas com palavras ou com alguns *savoir-faire* - técnicos e/ou científicos, tão bem manipulados pelos filhos da burguesia de antanho, mas, especialmente, com exemplos concretos oriundos do trabalho e da prática social.

A **educação política**, praticada pelo Partido e pelos Sindicatos sob a direção dos comunistas tinha importância fulcral e era trabalhada de forma especial no seio da juventude militante, da classe operária e dos camponeses pobres. Essa **educação ininterrupta** (Lenin *dixit!*) dirigida à construção da sociedade comunista ocupava um destacado papel nos problemas relacionados com a criação do ensino politécnico.

Neste particular, Lenin solicitava empenho e atenção da juventude para uma tarefa dual e nada fácil: a formação política do homem e da mulher comunistas, depurados gradualmente das reminiscências e/ou dos aspectos perversos do espírito da propriedade privada; e forja de homens e mulheres como sujeitos (construtores / construindo-se) da nova sociedade sem classes, socialista e comunista; ideologicamente firmes e decididos, intemeratos, sem medo de arrostar contra si todas as dificuldades advindas da luta pelo bem comum; homens e mulheres donos de uma vasta



cultura e de um largo conhecimento tanto sobre sua profissão, quanto da missão que a história<sup>103</sup> a eles estava a legar.

Esgrimindo de forma intransigente suas críticas contra os intelectuais que demonstravam um horror descabido e injustificado a possibilidade de uma *escola* encravada nos bairros operários capaz de preparar a escória social, a ralé, o *lumpem*, para enfrentar as elites reacionárias da Rússia, Lenin reportava que a *escola* não deveria ser mantida longe da chusma vil, da gentalha e menos ainda dos operários.

O medo à educação da classe operária, uma moderna manifestação dos intelectuais burgueses, prendia-se ao fato (muito comum ainda hoje) de que a união do conhecimento filosófico e científico com as aspirações e ações do proletariado pela erradicação do trabalho alienado, poderiam erradicar a propriedade privada configurada como real obstáculo à humanização plena do proletariado e camponeses pobres.

Esse medo derivava da compreensão que a burguesia tinha e tem do fato de que sem conhecimento filosófico e científico, apenas encimados na *doxa*, no senso comum, na opinião sem fundamento real, os operários permaneceriam indefesos, enquanto que ao tomarem contato com a teoria, transformada em força material a partir de sua reelaboração pela consciência emancipada intelectualmente, seriam imbatíveis. Força invencível!

A simples divulgação ou o mais comezinho comentário positivo sobre o marxismo, uma teoria revolucionária *par excellence*, causava pavor à burguesia sabedora da sua imprescindibilidade para a intelectualização formal da classe operária e dos trabalhadores assalariados.

Esse pavor incontido advinha do fato que apontava a **educação política** encimada no marxismo, como promotora da gradual erradicação de algumas crenças / obstáculos ao desenvolvimento prospectivo da emancipação intelectual da classe operária e dos trabalhadores assalariados, tais como: (i) A *propriedade privada* como direito natural [*jus naturalis*]; (ii) Os *deuses* ou *demiurgos* dos quais homens e mulheres seriam apenas simulacros imperfeitos; (iii) A crença no “*messias*” de todos os matizes e formas, fosse ele um religioso (Raspuntin), um

---

<sup>103</sup> Lenin estava ciente de que os homens e mulheres não fariam e não fazem a história ao seu bel-prazer, mas, como tinha advertido Marx no “Dezoito Brumário”, “a partir de todo o legado herdado das gerações passadas” e da sua própria vontade (conferir).

pedagogo (Tchernishevski) ou políticos e economistas (Plekhánov, Hilferding); (iv) O *cretinismo parlamentar*, proposta da burguesia para inculcar a crença na transformação pacífica da sociedade a partir de ‘reformas reformistas’ implementadas pelo parlamento como resposta às demandas da maioria da população.

O conjunto dessas crenças, somado à uma gama enorme de tendências filosóficas, correndo céleres na Universidade, são obstáculos ‘reais’ à atuação de uma concepção de mundo, crítica e revolucionária, sem a qual a **educação comunista** não passará de mera conjectura teórica, utópica e ucrônica<sup>104</sup>.

Penso existir uma questão ainda não resolvida no tocante às contribuições de Lenin à **educação** e, obviamente, à produção do conhecimento acadêmico: a intelectualidade acadêmica, com exceções, em rota de colisão com Lenin<sup>105</sup>, não demonstra o menor interesse pelo homem que dirigiu a maior revolução política da história moderna e analista consciente de várias obras filosóficas importantes do século passado e anteriores.

A desídia, o desleixo, a negligência ou o descuido na execução da crítica cuidadosa a obra de Lenin, tal como tenho observado sua ocorrência nos meios acadêmicos, é uma clara demonstração de incompreensão sobre a dialética da história e sobre a consolidação do conhecimento filosófico político de cunho idealista na reprodução das relações de produção capitalistas. Os preconceitos pervagam livres e imaginativos a consciência universitária; eles

---

<sup>104</sup> O termo ucrônia foi cunhado pelo filósofo francês Charles Renouvier (1815-1903) em seu célebre romance “*Ucronia e utopia na história*” (datado de 1876), no qual ele aborda o modelo de *utopia*. Neste trabalho, ucrônico aparece como sinônimo de período, época, tempo imaginário; recordação fictícia dentro de um tempo imaginário.

<sup>105</sup> A meu julgamento, esta colisão é uma decorrência da contradição entre coerência de Lenin e a incoerência dos intelectuais acadêmicos. Acrescento que após a participação no II e III Colóquio Marx/Engels, participação efetiva no grupo de estudos sobre “Lenin: a consciência socialista”, coordenador pelo professor doutor Quartim de Moraes (do Ifch-Unicamp), e após a participação em dezenas de palestras e seminários dirigidos por marxistas, especialmente no ‘Seminário: Lenin, 80 anos’ (Cemarx / Ifch - Novembro e Dezembro de 2004) me permito tecer os seguintes comentários sobre a atitude política dos intelectuais de esquerda com os quais tive e tenho a oportunidade de ‘conviver’ e, fundamentalmente, sobre aqueles que ainda se dizem militante da esquerda comprometida com a *revolução* em nosso Continente. Curiosamente a maioria deles em suas críticas controversas à transformação do marxismo em ideologia oficial da ex-União Soviética, procuram desqualificar o socialismo real, apresentado como simulacro, deturpação e *vulgata* do “socialismo verdadeiro” predicado por Marx e Engels, obviamente deturpado por Lenin e enterrado definitivamente por Stalin. Esqueceram e esquecem de apresentar em mínimas palavras o que seria esse “socialismo verdadeiro”. O que eles pretendem e conseguem é desqualificar o movimento comunista internacional a partir da desqualificação das ações do Comitê Central do Partido Comunista da ex-União Soviética dos anos 20 aos anos 80 do século XX. Para eles, os supostos erros de Lenin e Stalin radicavam na própria matriz de seu pensamento ideológico e de sua prática revolucionária, com outras palavras, os erros teriam sua raiz ‘genética’ em Marx e Engels. Dessarte, munidos com esta ‘certeza’, o alvo é a desqualificação da obra marxista e engelsiana com todas as conseqüências práticas e gnoseológicas apontadas no *corpus* deste trabalho.

manifestam-se na convicção sem fundamento de que nada teria a aprender de filosófico, científico e político com a *iskra* da revolução socialista russa de 1917.

## **Capítulo 4º : UNIVERSIDADE, PROFESSORES e INTELECTUAIS**

### **4.1 – A crítica da Universidade**

Lenin (1983, t. 20, p. 20) citava Tolstói, artista e pensador predicador, por considerar sua obra, com realces elaborados, uma assombrosa e fidedigna análise crítica dos traços específicos e históricos da “primeira revolução russa, sua força e sua debilidade”.

Todavia, o ‘espírito’ de Tolstói pairava sobre os homens e mulheres que lutavam contra a modernidade onde predominavam, à solta e incólumes, o latifúndio e o capitalismo imperialista. Como esse escritor, os intelectuais orgânicos da burguesia hodierna transformaram sua obra em desesperada e raivosa negação da política, assumindo “a doutrina de não oposição ao mal com a violência, a manter-se totalmente à margem da luta revolucionária das massas” (LENIN, 1983, t. 20, p. 21).

Apesar desta pacifista e benevolente consideração sobre como reagir diante da opressão e da extorsão, Lenin (1983, t. 20, p. 23) reportava que cada crítica de Tolstói era uma verdadeira “bofetada no liberalismo burguês: *uma bofetada* nas frases estereotipadas, nos subterfúgios trilhados e na falsidade escorregadia ‘civilizada’ da imprensa liberal”.

Ao estudar essa herança literária, o proletariado russo poderia compreender

o significado da crítica que Tolstói fez ao Estado, à Igreja, à propriedade privada da terra. (...) Não para que as massas trabalhadoras exploradas se limitem a maldizer o capitalismo e o poder do dinheiro (...), senão para que aprendam a agrupar-se num exército único de milhões de lutadores socialistas que derrotará o capitalismo e criará uma nova sociedade sem miséria para o povo, sem exploração do homem pelo homem (LENIN, 1983, t. 20, p. 24).

A propósito, Lenin (1983, t. 20, p. 75), quando tratava da relação “*Tolstói e a luta proletária*”, fazia ver que o povo russo não construiria sua liberdade econômica e social enquanto não compreendesse que não deveria aprender de Tolstói a lograr uma vida melhor, senão que

deveria aprendê-lo com o proletariado, com a classe cuja importância não havia compreendido Tolstoi e que era a única força “capaz de destruir o velho mundo, o qual Tolstoi tanto odiava”.

Não obstante, diante da morte desse escritor, Lenin (1983, t. 20, p. 108) resgata, no texto “*Tolstoi e sua época*”, a crítica ácida desse pensador à Universidade, especificamente aquela do período de sua formação acadêmica – entre 1861 e 1905 –, que influenciou de modo incomensurável a literatura russa e mundial. Em meados do ano de 1862, Tolstoi declarou: “as Universidades unicamente preparavam liberais exasperados e enfermiços que não fazem nenhuma falta ao povo e que como néscios estão divorciados do seu meio anterior, não encontram lugar na vida”.

Lenin (1984, t. 22, p. 45) foi implacável com os intelectuais que incitavam as ‘massas’ a incorporar a ética ‘tolstoiana’ de não resistência ao ‘mal’ provocado pelo governo czarista, com a violência revolucionária. Grosso modo, a crítica leninista estava direcionada aos

aos típicos representantes ‘ilustrados’ e ‘intelectuais’ do que se conhece com o nome de sociedade. Não todos, desde cedo, praticam a apostasia com sorte tão extraordinária para converter-se em milionários, é esse precisamente o jogo que fazem, *começam* [sua carreira política] como estudantes radicais e *terminam* exercendo qualquer ‘cargo lucrativo’ ou participando em qualquer negócio turbido [duvidoso].

Entender esta afirmação de Lenin à luz do século XXI, é compreender que a maior parte da juventude estudantil (secundarista e universitária) brasileira, quando homens maduros ou de meia idade assume o metamorfismo liberal, ‘progressista’, social-democrata, reformista ou revisionista. Miméticos, se adaptam sempre às novas situações, neste sentido, são democratas... no discurso, posto que, na prática são reacionários obstinados, algozes da classe operária, verdugos dos funcionários públicos e dos aposentados e inimigos explícitos da revolução e do comunismo.<sup>106</sup>

Para Lenin (1984, t. 25, p. 35) Tolstoi era o tipo do ideólogo da velha Rússia patriarcal que se transformava à passos de sete léguas num país capitalista moderno. Diante da inexorável transformação Tolstoi “expressou numa frase característica e divertidamente triste, lamentando-se

---

<sup>106</sup> Exemplos? Basta que se olhe os personagens que assumiram a condição de dirigentes deste país e reitores das universidades públicas. Portanto, qualquer semelhança da crítica de Lenin com a crítica feita à prática dos políticos egressos da esquerda revolucionária dos anos sessenta do século XX no Brasil que hoje ocupam postos-chaves na burocracia política, não será mera peça da história dos movimentos sociais, mas uma característica do oportunismo redivivo que se nega a abandonar o ambiente proletário infundindo-lhe medo e esperança – dois mecanismos potenciais de controle social.

de que o povo russo empreendeu com assombrosa rapidez a fazer a revolução e a fazer parlamentos”.

Os intelectuais criticados por Lenin (1984, t. 22, p. 50),

não representavam a massa da população, senão a minoria, a saber: a grande e média burguesia liberal. O liberal mais que a reação teme o movimento das massas e a democracia conseqüente. Longe de concorrer com a abolição os privilégios medievais, *defende* abertamente alguns deles, que são, ademais, muito importantes, aspirando que tais privilégios sejam repartidos, nunca abolidos.

Na perspectiva leninista, **educação política** e literatura caminham *pari passu*, ombreadas, interligadas. Assim, se por um lado, é necessário o estudo da obra de Tolstoi como elemento gerador da crítica dura ao sistema monárquico-feudal, com nova face à partir da reforma camponesa de 1861, por outro, havia restrições à tese ‘tolstoiniana’ da não resistência com violência à opressão czarista.

Lenin reconhecia a maestria literária de Tolstoi mas denunciava sua ‘ética’ como reacionária à medida que ao predicar a passividade, acabava por reafirmar a sociedade feudal-monárquica.

Na Rússia de Tolstoi, dadas as suas condições políticas, a força das organizações populares *não* se media “pelo número de seus membros *mas* por sua influência entre as massas” (LENIN, 1984, t. 22, p. 219). Tolstoi exerceu uma inequívoca influência sobre a juventude ‘cultura’ e letrada russa. Assim, se em 1905 essa assertiva era tratada como demagogia barata, em 1915, destacava Lenin (1984, t. 22, p. 219) era “tão exata que inclusive poderíamos arriscar formular o aparente paradoxo: o número de membros de uma organização não deve ser superior ao mínimo determinado, *para que* sua influência entre as massas seja ampla e firme”.

Lenin (1984, t. 22, p. 219), na “*A questão do partidatismo entre os estudantes democráticos*”, punha todo o empenho possível em demonstrar que o movimento estudantil refletia, de forma incontestada, um fenômeno geral em toda a Rússia, à medida que em todas as partes, inclusive no meio do proletariado, “as velhas posições haviam se desestabilizado e as novas ainda não se tinham afirmado”.

A ética da não resistência ao czar pela violência revolucionária, por outros caminhos dimensionava-se à estabilização das velhas posições patriarcais em contraste com as posições

marxistas que logravam um lugar acolhedor da consciência do operariado consciente. Diante dessa polêmica, velhas e novas posições, um problema preocupava-o e sobre ele se limitava a uma breve exposição salientando que apesar de ser típico de sua época, continuava firme e a parecer insolúvel, o analfabetismo era um dos vestígios da escravidão, pois na Rússia “os *analfabetos* representavam 73% da população, sem contar os menores de nove anos” (LENIN, 1984, t. 22, p. 367).

Esta porcentagem de analfabetos, monstruosamente elevada, era considerada uma vergonha inclusive para qualquer país civilizado. A situação dos russos era uma vergonha, não apenas para o país mas também para toda a humanidade.

Se a compreensão das causas desse analfabetismo residia na própria estrutura do modo de produção feudal sob o império do czarismo, então, urgia **educar** os analfabetos para que em compreendendo as causas do analfabetismo pudessem erradicá-las para, ulteriormente, pensar efetivamente na edificação doutra sociedade.

#### **4.2 – Professores: um tema recorrente**

Lenin (1984, t. 22, p. 384) combateu veementemente os intelectuais anticomunistas e populistas por sua efetiva política de conciliação de classes e discursos do tipo “ecumênico humanista”, mais ainda por que “neles sempre se percebe o liberal a quem o ponto de vista da luta de classes lhes é totalmente alheio. São pregadores”. Crítico irônico e incansável desses intelectuais, dirigindo-se a um deles, membro destacado do Partido Socialista Popular do Trabalho, considerado um interlocutor populista, tal como um padreco,

partidário do ‘amor’ e inimigo do ‘ódio’ Neste sentido, compartilha por completo o ponto de vista tolstoiano (poderíamos dizer, também cristão), profundamente reacionário. É provável que o *padreco* não ponha e nem encontre *defeitos* quando se trata de sonhar com a ‘socialização da terra’ ou de falar do significado ‘socialista’ do ‘cooperativismo’ (...) mas quando a coisa chega ao ódio no lugar do ‘amor’ anda para trás, perde o ânimo e se atormenta (LENIN, 1984, t. 22, p. 389).

Diante da conduta do eminente populista, Lenin (1984, t. 22, p. 389) empreendeu “a luta contra o populismo em geral, contra o *manilovismo*<sup>107</sup>, as frases melosas, o ponto de vista sentimental por cima das classes, o vulgar socialismo ‘popular’ digno de qualquer ‘radical socialista’ francês mercantilista e acostumado aos negócios tórbidos”.

Ora, se o socialismo de feição populista era visto como um cadáver insepulto, putrefacto e hediondo, então, aos marxistas cabia (i) implementar uma profunda ruptura com a concepção de mundo modal, absoluta e desenfreadamente reacionária, (ii) divulgar a teoria de Marx e Engels por ser a única que fala precisamente dos ‘oprimidos’ e que lhes aponta “não a realização de um sonho sem vida, mas de uma vida que brota aos borbotões” (LENIN, 1984, t. 22, p. 390).

Durante a primeira grande guerra imperialista (1914-1917), observa-se na Rússia uma situação de grande ascenso do movimento revolucionário. Com o incremento da luta do proletariado se fazia sentir como necessário reforçar a unidade política da classe operária, enaltecer como imprescindível a disciplina e as táticas de luta do marxismo.

Por outro lado, a profunda troca ideológica operada nos setores intelectualizados da oposição progressista, ulterior ao período pós-revolucionário, fez com que Lenin (1984, t. 35, p. 137-138) resumisse os vinte anos de luta do marxismo contra o oportunismo europeu-ocidental aninhado no seio do movimento operário: “Começou uma luta ideológica entre as duas tendências do marxismo: a luta entre os ‘economicistas’ e os marxistas ou (mais tarde) ‘iskristas’ [1895-1902], a luta entre ‘mencheviques’ e os ‘bolcheviques’ [1903-1908] e a luta entre os liquidadores e os marxistas [1908-1914]’.

Numa dedução de imensa contribuição como princípio, Lenin (1984, t. 35, p. 139) mostrou que “o progresso logrado durante estes 20 anos em libertar o movimento operário da influência da burguesa, da influência do economicismo e dos liquidares foi *enorme*”. Neste sentido, pela primeira vez, começava a se estabelecer a base proletária necessária a construção do verdadeiro Partido operário revolucionário e marxista. Livre da influência da intelectualidade burguesa o Partido operário, tendo como guia para a ação o marxismo, poderia encetar a luta pelos mais avançados objetivos históricos da humanidade.

---

<sup>107</sup> *Manilovismo* – derivado de Manilov, personagem da novela de Gogol, ‘*Almas mortas*’, figura representativa do sonhador abúlico, charlatão, ocioso e fantasiador.

Em “*Notas de um publicista*”, Lenin (1984, t. 22, p. 398) criticava o processo de europeização da Rússia, levada a termo, inicialmente por “Alexandre II, senão com Pedro o Grande”, especialmente “nos tempos ascensionais (1905) e no período da reação (1908-1911)”.

Objetivamente, a Rússia procurava se ajustar à imagem e à semelhança da Europa ocidental. Destacava ainda que a burguesia liberal contra-revolucionária dos mais diversos países europeus, tinha dado as costas à democracia, enquanto seguia afirmando estar dedicada à *preparação* das reformas democráticas ‘fundamentais’ reclamadas ou que atendiam as demandas da sociedade em geral. Acometida irremediavelmente da ‘enfermidade’ reformista, essa “burguesia apodrecida(*sic!*), inoperante em seu liberalismo, hostil aos operários, tinha se passado do povo à direita” (LENIN, 1984, t. 22, p. 398).

A busca da vinculação explícita com a política partidária fez com que, por exemplo, os estudantes secundaristas recebessem críticas extemporâneas de diversos grupúsculos políticos. Para esses grupúsculos, “a incorporação dos alunos de escolas médias na luta política era funesta para o desenvolvimento intelectual das forças juvenis da Rússia e pernicioso para o curso normal da vida social” (LENIN, 1984, t. 22, p. 406).

Essa crítica apenas revelava uma estranha concepção de política como elemento nocivo à escola média. Em qualquer manifestação política nessas escolas era solicitada a intervenção do governo e /ou dos seus instrumentos repressivos (tribunais, magistratura e polícias) para restabelecer a ordem (feudal ou burguesa) quebrada pela política na escola. Os partidos de direita e de centro clamavam ao governo que não deveria “dissolver as reuniões estudantis, mas impedi-las” (LENIN, 1984, t. 22, p. 408).

Sobre a incorporação dos secundaristas à política, os ‘*trudoviques*’<sup>108</sup> tinham a seguinte compreensão manifesta com a seguinte moção:

Considerando (1) que a força bruta empregada (...) contra os alunos das escolas secundaristas, que estremeceu a sociedade pela oprobriosa participação da polícia política na tutela pedagógica dos alunos da escola secundarista, foi acolhida com plena aprovação e regozijada burla da opinião pública nas declarações do ministro da Instrução Pública, senhor Kassó; (2) que a política do ministro Kassó, conduz a uma catástrofe total e uma ameaça, no futuro, com

---

<sup>108</sup> *Trudoviques* – grupos de democratas pequenos burgueses nas Dumas de Estado, compostos de camponeses e intelectuais de mentalidade populista. Progressistas do tipo populista igualitarista, depois da revolução socialista de outubro assumiram o campo da contra-revolução.



graves perturbações para a jovem geração, a Duma de Estado exige: a reincorporação imediata de todos os alunos expulsos (...) e considerando insatisfatórias as explicações do ministro da Instrução Pública, Kassó, a demissão imediata deste e a passagem à ordem do dia (LENIN, 1984, t. 22, p. 409).

Todos esses grupos tinham como um opróbrio, vergonhoso, atribuir à polícia política – a *Okrana* – a colaboração na inspeção pedagógica. Na verdade, era preciso ‘denunciar’ que a nenhuma tutela, seja ela qual fosse, assistia o direito de atentar contra a livre organização dos círculos coloquiais de estudantes e operários de caráter político.

Por sua vez, os social-democratas, após a oitiva do ministro da Instrução Pública, viam nela, primeiro “a decisão de combater a aspiração natural estimulante da juventude estudantil para alargar seus horizontes intelectuais mediante sua formação pessoal e permuta de idéias com os camaradas” (LENIN, 1984, t. 22, p. 410).

A justificação da burocracia czarista para a espionagem e vigilância policial imposta à escola superior, media e elementar deformava moral e intelectualmente a juventude, esmagava de modo implacável todos e quaisquer indícios de independência do pensamento em relação ao pensamento hegemônico, reprimia a formação do caráter autônômico e era causa de uma ‘epidemia’ de suicídio entre os estudantes.

O sistema de vigilância e controle imposto à escola secundária não era fortuito e nem descolado do contexto social russo. Na verdade, a ação da ‘*Okrana*’ – a polícia política - na vida política dos secundaristas estava sobremaneira relacionada com o domínio exercitado por essa polícia sobre a vida da população russa, reprimindo toda manifestação e atividade organizada dos operários e estudantes.

Nesse contexto, apenas a transformação revolucionária do regime político e do sistema de governo de então, seria capaz de emancipar os cidadãos e, com eles, livrar a escola dos entraves políticos. Todavia, tomando por estribo ‘a doutrina da luta de classes’, ele destacava:

Os homens têm sido sempre em política, vítimas néscias do engano dos outros homens e do próprio engano, e continuarão sendo enquanto não *aprendam* a discernir, por trás de todas as frases, declarações e promessas morais, religiosas, políticas e sociais, os *interesses* de uma ou outra classe. Os partidários de reformas e melhoras serão sempre burlados pelos defensores do velho enquanto que não compreendam que toda instituição velha, por bárbara e podre que

pareça, se sustenta pela força de umas ou outras classes dominantes. E para vencer a resistência dessas classes (dominantes), só há *um* meio: encontrar na mesma sociedade que nos rodeia, **educar** e organizar para a luta os elementos que podem – e, por sua situação social, devam – formar a força capaz de varrer o velho e criar o novo (LENIN, 1984, t. 23, p. 48).<sup>109</sup>

Na Rússia dos séculos XIX e XX, as instituições oficiais e aparatos ideológicos de Estado serviam aos objetivos das classes dominantes. De maneira que, Lenin combatia a presunção intelectualista que colocava a **escola** – parte ou peça do aparato ideológico atrelada ao Estado – acima da luta de classes, portanto, uma **escola** que segundo o discurso oficial da época beneficiava a todos. Mas como poderia tal façanha ocorrer na etapa do mercado em que a burguesia, sem o menor escrúpulo, ‘coisificava’ a honra e a consciência?

Lamentavelmente, havia centenas de “simplórios que, por ausência de reflexão ou por força do hábito, defendiam as idéias predominantes dos meios burgueses” (LENIN, 1984, t. 23, p. 63).

Em face desta situação reportada acima, se homens e mulheres eram vítimas néscias da desonestidade, especialmente, dos simplórios políticos oficiais, bem como do próprio engano, então urgia com que eles *aprendessem* a ter discernimento para descobrir, detrás das melífluas frases e promessas políticas, os *interesses* das classes sociais fundamentais litigantes numa determinada sociedade. No entanto, para vencer a resistência da burguesia era (e é!) preciso encontrar nesta sociedade, **educar** e organizar para a luta homens e mulheres que podiam / podem e deviam / devem formar o exército popular indispensável para varrer o lixo burguês e edificar uma nova sociedade.

Na verdade, em política pouco importa quem sustenta as idéias, o mais importante é a quem as idéias e as propostas *beneficiam*, de maneira que, ainda vale a pergunta: *Cui prodest* o conjunto de idéias e teorias transmitidas pela educação oficial burguesa?

Mesmo sabendo a quem beneficiava a educação oficial burguesa, em “*Questões em litígio*”, Lenin (1984, t. 23, p. 69) enunciava que

---

<sup>109</sup> A meu critério, os homens e mulheres do século XXI continuam sendo, em política, vítimas néscias do engano dos ‘políticos’ e do próprio engano adquirido na educação oficial, destarte, parece ter caído no esquecimento a seguinte e conhecida locução latina: *Cui prodest* ou a quem beneficia? Neste sentido, seria de bom alvitre e politicamente correto perguntar à todas as mulheres e homens que trabalham nas instituições e aparatos ideológicos de Estado: a quem vocês beneficiam, para quem trabalham?

todo homem sensato compreenderá que na luta por qualquer objeto que seja, para estabelecer a verdade, é necessário não se limitar a escutar as declarações dos competidores, senão que comprovar por si mesmo *os fatos e os documentos*, examinar por si mesmo se há declarações de *testemunhas* e se estas declarações são fidedignas.

Era senso comum não ser fácil proceder como o sugerido, até porque, era (e é!) “muito mais fácil acreditar em tudo o que tenha ocasião de ouvir, ao que seja proclamado mais abertamente, etc.. Porém – argumentava – quem se conforma com isto, é uma gente superficial e frívola que se priva a si mesmo da possibilidade de encontrar a verdade” (LENIN, 1984, t. 23, p. 70).

Ontem como hoje, a luta dos marxistas contra o revisionismo é a expressão da luta dos operários contra a burguesia liberal e pelo esclarecimento, ilustração e educação política do conjunto do proletariado e dos trabalhadores assalariados. Destarte, “*o problema da política do Ministério da Instrução Pública*” no tocante a instrução pública era deveras preocupante, pois como admitia o próprio Lenin (1984, t. 23, p. 133)

Salvo a Rússia, não existe outro país na Europa tão bárbaro, no qual são roubadas às massas populares **a educação**, a **ilustração** e o **saber**. E este embrutecimento, em particular dos camponeses, não é casual mas *irremediável* sob o domínio dos latifundiários que se apoderaram (...) da terra, (...) do poder estatal, (tanto na Duma como no Conselho de Estado).

Hediondo era o fato de que a maioria quase absoluta da juventude russa estava condenada ao analfabetismo como conseqüência da política imanente ao regime estatal feudal da Rússia. A rigor, o analfabetismo, nesse país, correspondia ao embrutecimento do povo sob o domínio da *Burocracia política*.

#### **4.3 – O magistério: salário e direitos**

A questão do salário do magistério parece ser uma questão recorrente ainda não resolvida em determinadas regiões do Planeta e por mais discursos que se faça a respeito para diminuir o impacto da responsabilidade dos governos, a tarefa da crítica leninista é demonstrar que são os governos os verdadeiros culpados pela condição humilhante na qual está submetido o magistério público.

Assim, por exemplo, segundo pronunciamentos de Lenin (1984, t. 23, p. 135-136), adaptável à realidade brasileira no século XXI, a Rússia só era pobre e miserável quando se referia

à educação pública. A Rússia é muito rica quando se refere aos gastos com a manutenção do Estado feudal dirigido pelos latifundiários ou aos gastos com a polícia, o exército (...), com os salários de milhares de rubros destinados aos latifundiários que chegaram a ‘altos’ cargos públicos. A Rússia é pobre quando se trata dos salários dos professores (...) lhes paga uma miséria. Os professores passam fome e frio em casas sem calefação e quase inabitáveis. Os professores convivem com o gado que os camponeses colocam em suas casa durante o inverno. (...) A Rússia é pobre para pagar um soldo decente aos honestos *trabalhadores da educação pública*, porém é suficientemente rica para dilapidar dezenas de milhões de rubros com os nobres parasitas em aventuras militares, em *subsídios* aos fabricantes de açúcar, aos reis do petróleo, etc..

Após cotejar a realidade econômica dos docentes das escolas públicas russas e dos professores norte-americanos, com dados de 1870 e 1910, Lenin (1984, t. 23, p. 136-137) se deslocou do campo material (financeiro) do problema, para o intrincado campo intelectual e/ou do conhecimento.

Neste campo, considerado por ele mesmo como tenebroso, ou melhor dizendo,

mais execrável, é o quadro da asfixia, a humilhação e ausência de direitos dos alunos e professores na Rússia. Neste sentido, - asseverava -, todo o trabalho do Ministério de Instrução Pública é um puro escárnio sobre os direitos dos cidadãos, uma burla ao povo. Vigilância, arbitrariedade e *interferência* policiais na educação do povo em geral e dos operários em particular, *destruição* policial do que faz o povo para sua própria instrução: a isto se reduz toda a ação do Ministério cujo orçamento será aprovado pelos senhores latifundiários – dos *direitistas* aos *outubristas*.<sup>110</sup>

Em discurso escrito a ser pronunciado por um deputado bolchevique na Duma de Estado, por ocasião do debate sobre as atribuições do Ministério de Instrução Pública para o ano de 1913, Lenin denunciava o governo russo e o seu Ministério de Instrução Pública como entraves ao

---

<sup>110</sup> *Outubristas* – Partido contra-revolucionário que representava e defendia os interesses da burguesia e dos latifundiários que exploravam suas fazendas com métodos capitalistas e apoiavam sem reservas a política exterior do governo czarista.

fomento da **educação política** na Rússia. Na verdade, para ele, o governo czarista era o maior inimigo da **educação pública** na Rússia.

No quadro caótico da sociedade russa, no qual a **educação pública** fora colocada, era emblemática a forma que o governo encontrou e aplicava na nomeação / contratação dos professores. Para ilustrar sua crítica ou, simplesmente, para demonstrar sua exatidão, Lenin toma as palavras de um deputado à III e IV Duma de Estado, membro do Conselho supervisor dos liceus femininos de Samara e inspetor de escolas públicas, de nome Kliúzhev.

Esse funcionário público de carreira, respeitoso das leis e temente a deus, forneceu a resposta à pergunta inicial de como eram feitas as contratações de professores. E mais, segundo os apontamentos

uma destacada personagem de Samara – Popov, já falecido – deixou um legado para fundar um seminário pedagógico feminino. E a quem acreditam vocês foi nomeada diretora da escola? (...) *a viúva de um general, (no Brasil, um advogado)* que, como ela própria confessa (*tal como o fez o presidente da república federativa do Brasil*) era a primeira vez que ouvia falar da existência de um centro docente denominado seminário pedagógico para mulheres (LENIN, 1984, t. 23, p. 139).

Esta citação de Kliúzhev evidenciava que tal fato, ainda que supostamente isolado, era prova cabal do quadro caótico da educação pública na Rússia, uma vez que, a educação não possuía um inimigo pior e mais implacável que o governo russo. Irônico, Lenin (1984, t. 23, p. 139) fazia ver aos mecenas russos, que no afã de ajudar a **educação pública**, doavam dinheiro inutilmente “para os generais da guarda e respectivas viúvas”.

Diante da denúncia feita pelo deputado em tela, funcionário do governo que, contra a sua vontade e involuntariamente, confirmava na sua totalidade a apreciação revolucionária dos bolcheviques sobre a situação da Rússia em geral e da **instrução pública** em particular, Lenin (1984, t. 23, p. 140) perguntava: “o que pode merecer um governo que, segundo as palavras de um eminente funcionário público e membro do Partido outubrista governante, entrava o caminho da educação aos camponeses e ao pequeno burguês urbano?”.

Segundo os dados oficiais da época, postos na denúncia desse funcionário do governo, do total de estudantes das escolas secundaristas da Rússia (total de 119.000), menos de 10% eram camponeses. E mais. Os camponeses representavam apenas 15% do total de alunos de todos os

estabelecimentos públicos de ensino registrados no então Ministério de Instrução Pública. Nas escolas confessionais, os camponeses representavam algo em torno de 6% do corpo discente. Já nas escolas militares não eram admitidos camponeses sob hipótese nenhuma.

Lenin (1984, t. 23, p. 140) chamava a atenção para a constituição demográfica da Rússia, uma vez que neste país

Os camponeses e a pequena burguesia urbana constituíam 88% da população ou seja, quase nove décimas partes do povo. A nobreza constituía só um e meio por cento. Mas o governo tira dinheiro às nove décimas partes do povo para escolas e todo tipo de estabelecimento de ensino *e emprega este dinheiro para educar a nobreza, entervando o caminho à educação* à pequena burguesia urbana e aos camponeses.

Este fato revelava toda a perversidade da política governamental para a **educação pública**. O que merecia um governo que oprimia nove décimas partes da sua população para preservar os privilégios da décima parte?

Segundo o testemunho de um funcionário outubrista do Ministério de Instrução Pública e deputado da III e IV Dumas de Estado, em cinco anos de governo (1906-1911) apenas numa comarca, foram demitidos “vinte e um (21) diretores, trinta e dois (32) inspetores e mil e cinqüenta e quatro (1054) professores ou docentes, todos eles pertencentes aos quadros das escolas públicas urbanas” (LENIN, 1984, t. 23, p. 141).

Como podiam dormir tranqüilos os funcionários públicos, especialmente os professores se viviam acossados como lebres?

A denúncia acima não fora pronunciada por um funcionário ‘esquerdista’, mas por um fiel funcionário do Ministério de Instrução Pública, testemunha ocular da ação implementada pela política dos nacionalistas e outubrista. Esta testemunha reconheceu a arbitrariedade desenfreada, desavergonhada e repugnante, do governo (russo!) para com os professores.

Por isto, sobre a política levada a termo por esse Ministério, Lenin (1984, t. 23, p. 141) teceu a seguinte crítica:

Sim, os docentes são acossados como lebre! Sim, o governo entrava o caminho da **educação** às nove décimas partes da população da Rússia. Sim, nosso Ministério de Instrução Pública é um ministério de espionagem policial, um ministério de escárnio com a juventude e de ultraje à ânsia de saber do povo.

Concluindo, afirma, “a classe operária (..) saberá demonstrar de novo, de um modo mais convincente, muito mais patente, muito mais sério, sua capacidade para a luta revolucionária por uma autêntica liberdade e por uma *autêntica* instrução (...) autenticamente popular” (LENIN, 1984, t. 23, p. 142).

No Congresso de 12 de junho de 1913, realizado em Yankov, os dados estatísticos apresentados revelaram que, na Rússia, a **educação pública** era mais atrasada que em qualquer país do mundo (exagero dos congressistas!), porquanto, nesse país, “a porcentagem de analfabetos chegava aos 79%” (LENIN, 1984, t. 23, p. 142).

Paradoxalmente, mesmo com todos os obstáculos erguidos, a **educação pública** conseguiu crescer com mais rapidez que antes, talvez devido a luta organizada do proletariado e dos camponeses pobres russos. À consideração de Lenin (1984, t. 23, p. 142), “as massas populares em geral e os operários em particular têm um interesse direto essencial em conhecer a verdade sobre a situação da **educação pública**”.

Todavia, como os *relatores* deste Congresso foram previamente selecionados pelas autoridades czaristas e à imprensa foi negado o acesso ao referido evento e acabou não sendo apresentada a esperada e necessária “documentação sobre a **educação** e a **instrução** das jovens gerações, bem como sobre os numerosos aspectos da vida do povo” (LENIN, 1984, t. 23, p. 305).

Em seu lugar foi exposto um montão de disparates sobre uma vaga e genérica estatística sobre a instrução pública européia. Nada mais! Mais uma vez, a população interessada nesta questão ficava a ver miragens em face do caudal de desinformação cedido pelos representantes governamentais.

Contra a desinformação doentia, o ‘remédio’ marxista. Dentre os diversos disparates usados pelos reformistas, revisionistas e mencheviques estava a negação da passagem da carta de Marx a Engels, datada de 16 de abril de 1856, na qual o autor predicava a necessidade, na Alemanha, de “apoiar a revolução proletária como uma segunda edição da guerra camponesa” (LENIN, 1984, t. 26, p. 45).

Apesar da enorme gama de desinformação adrede espalhada pelo governo, Lenin insistia no apoio relatado na carta de Marx a Engels uma vez que, ainda em 1905, grupúsculos

intelectualizados submersos na mais completa traição ao socialismo mudaram com mala e cuia para o lado da burguesia, protagonizando o caudal de desinformação.

Neste sentido, a alargada falta de compreensão teórica e prática dos operários e estudantes fazia com que eles não percebessem que “o sistema das idéias e da doutrina de Marx, o continuador e aperfeiçoador genial das três correntes ideológicas principais do século XIX: a filosofia clássica alemã, a economia política clássica inglesa e o socialismo francês unido às doutrinas revolucionárias francesas em geral” (LENIN, 1984, t. 26, p. 51).

Teoria dialética aberta e não formada apenas pela junção de três partes (filosofia, economia política e socialismo utópico) mas quatro ou cinco à medida que às três primeiras se somam as teorias revolucionárias francesas em geral e as teorias de Epicuro e Rousseau, o marxismo é o guia para a ação “e programa do movimento operário de todos os países civilizados do mundo” (LENIN, 1984, t. 26, p. 51).

Lenin (1984, t. 26, p. 55) chamava a atenção dos quadros e militantes do POSDR – considerado como uma **escola** – para um ponto central da teoria elaborada por Marx: em se tratando de filosofia dialética nada existia de definitivo, perene, imutável, absoluto, consagrado. Se Marx, por um lado, punha em relevo tudo o que era perecedouro, portanto, o que era pouco durável; por outro lado, afirmava “o processo ininterrupto do devenir e do perecer, ascenso sem fim do inferior para o superior, cujo reflexo no cérebro pensante é esta mesma filosofia dialética”.

A didática utilizada por Lenin apontava que a dialética, tal como a concebia Marx, englobava a gnoseologia ou teoria do conhecimento que enfoca historicamente seu ‘objeto’ de estudo, investigar e sintetizar as origens e o desenvolvimento do conhecimento, a passagem do não conhecimento ao conhecimento.

Uma questão ainda hoje permanece obscura aos milhões de seres humanos é a explicação marxista da consciência pela existência, do pensamento pelo ser, e não ao contrário, mesmo porque quando aplicado à vida da sociedade em geral, o marxismo “exige que a consciência social (fruto de todas as relações sociais) se explique pelo ser social” (LENIN, 1984, t. 26, p. 56).

Lenin (1984, t. 26, p. 56) chamava a atenção para a seguinte passagem de Marx: “A tecnologia nos descobriu a atitude do homem diante da natureza, o processo direto de produção de



sua vida e, portanto, das condições de sua vida social e das idéias e representações mentais que delas se derivam”.

Como Marx, ele constatava a necessidade de explicar a gênese da consciência, do pensamento, da gnoseologia – contrariando os idealistas – “pelas contradições da vida material, pelo conflito existente entre as forças produtivas sociais e as relações de produção” (LENIN, 1984, t. 26, p. 58). Por este caminho, o caminhante poderia encontrar o fio condutor que o permitiria descobrir a lógica do aparente labirinto social e do suposto caos da sociedade capitalista: a teoria da luta de classe contra classe.

Acresce que,

a história de todas as sociedades que existiram até nossos dias – escreve Marx no Manifesto Comunista (*excetuando a história da comunidade primitiva, acrescentaria mais tarde Engels*) – é a história das lutas de classes. Homens livres e escravos, patrícios e plebeus, senhores e servos, mestres e oficiais, numa palavra: **opressores e oprimidos** se enfrentavam sempre, sustentando uma luta constante, algumas vezes velada e outras franca e aberta; luta que terminou sempre com a transformação revolucionária de toda a sociedade (LENIN, 1984, t. 26, p. 59-60).

Marx reportava que a análise concreta da situação concreta “de cada classe social e, às vezes, dos diversos grupos e camadas que se manifestam, no seu interior, mostrava com toda evidência por que e como toda luta de classe é uma luta política” (LENIN, 1984, t. 26, p. 61). Ao citar essa passagem de Marx, buscava deixar mais claro ainda que o homem de barba basta tinha analisado a intrincada rede de relações sociais e os graus transitórios do passado ao porvindouro, para retirar / extrair a resultante da evolução histórica. Em Marx a evolução é o aspecto positivo da revolução social. Exatamente por isto, Lenin (1984, t. 26, p. 75) ainda considerava

o motor intelectual e moral, o agente físico desta transformação, o proletariado **educado** pelo próprio capitalismo. A luta contra a burguesia, que se manifesta nas formas mais diversas e cada vez mais ricas de conteúdo, converte-se inevitavelmente em luta política para a conquista do poder político pelo proletariado – ‘ditadura do proletariado.

Contra aquele caudal de desinformação oficial a análise minuciosa permitia perceber que o capitalismo moderno enraizando-se mais e mais na Rússia czarista

preparava uma nova forma de família, novas condições para a situação da mulher e para a **educação** das novas gerações. (...) O sistema feudal – diz Lenin a citar Marx – mostra o germe da **educação** do futuro em que para todas as crianças, a partir de certa idade, se unirá o **trabalho produtivo** ao **ensino** e à **ginástica** não só como método para o aumento da produção social, senão também como *único* método capaz de produzir homens (*e mulheres*) desenvolvidos em todos os aspectos (LENIN, t. 26, 1984, p. 76).

Engraçado é que, ainda hoje, esta premissa marxista considerada como uma pilhéria não é levada em consideração pelos seus seguidores.

Lenin (1984, t. 26, p. 116) retomava uma velha pergunta: *o que fazer agora?* Uma certeza era inabalável, se a **educação política** do proletariado era tarefa do Partido operário, todavia, “a trama mais poderosa na luta pela revolução socialista era a sua unidade”.

Sobreleva dizer, pelo menos para quem já esqueceu, a unidade do proletariado em geral, hoje em dia, tem sido uma questão política vexatória e de menor importância. Os elementos pequenos burgueses, reformistas e oportunistas, inimigos da **educação política** do proletariado, em tempos de calma social,

realizam furtivamente seu labor se incrustando nos Partidos operários, porém, nas épocas de crises, se revelam *ao ponto* como francos aliados de toda a burguesia unificada, desde a conservadora até a mais radical (...), desde a livre pensadora até a religiosa e clerical. Quem não haja compreendido esta verdade *depois* dos acontecimentos que temos vivido, se engana sem remédio a si mesmo e aos operários (LENIN, 1984, t. 26, p. 117).

A exemplo do que está lavrado sobre o social-chovinismo oportunista ensimesmado, conhecidos como “*Sudekum*”<sup>111</sup>, na **educação** brasileira é perceptível a utilização de teorias ‘novidadeiras’ como contraponto supostamente superior à dialética marxista. Sob a égide do ‘novidadeiro’, como panacéia eclética, e por intermédio de sofismas variados, confunde-se a época atual do imperialismo com “a época dos movimentos nacionalistas democráticos burgueses” (LENIN, 1984, t. 26, p. 123).

Sem o menor constrangimento, elementos ‘progressistas’, vazados pelo estreito mais diversionismo ideológico, proclamam a necessidade urgente de substituir o ‘novidadeiro’ aferrado

---

<sup>111</sup> O verbete ‘*Sudekum*’, é utilizado por Lenin como substantivo comum que caracteriza o oportunista e social-chovinista satisfeito consigo próprio, sem escrúpulos.

à semelhança externa dos fatos e sem nexos com os acontecimentos reais, pela dialética ou o estudo rigoroso de toda a situação concreta de um acontecimento e do seu desenvolvimento.

É uma real, verdadeira e moderna contradição, “falar sobre a dialética [e o marxismo] enquanto demonstra pouca habilidade para combinar a ‘submissão’ [temporalmente necessária] da maioria ao trabalho revolucionário, quaisquer que sejam as circunstâncias, é burlar-se dos operários e zombar do socialismo” (LENIN, 1984, t. 26, p. 126).

Destarte, aquele que sonha com a unidade dos operários em geral – social-democratas, legalistas propositivos e de resultados, liberais, socialistas e comunistas – demonstrando não ter aprendido nada e ou esquecido tudo, “é na prática um aliado da burguesia e um inimigo do proletariado” (LENIN, 1984, t. 26, p. 181).

Penso não ser necessário enumerar as variadas formas historicamente assumidas pela exploração e extorsão dos capitalistas sobre a força de trabalho alheia para ser-se um inimigo do modo de produção capitalista e, conseqüentemente, inimigo da burguesia industrial, financeira e fundiária. Todavia, segundo a tradição leninista é necessário o revelar e o deslindar-se do ‘nacionalismo’ que cega as massas operárias, apaga os vestígios de sua ligação com o oportunismo e oculta sua efetiva vinculação com a burguesia.

Ao Partido operário revolucionário, escola de **educação política**, cabia fazer com que

os operários compreendam bem que as classes dominantes aspiram unicamente às anexações, às conquistas e à dominação (...) e que o imperialismo ameaça o mundo com toda uma série de guerras se o proletariado não encontra em si força suficiente para por fim ao regime capitalista, derrotando-o definitivamente (LENIN, 1984, t. 26, p. 216).

Numa brochura sobre os tropeços e percalços da II Internacional, Lenin (1984, t. 26, p. 221) sublinhou que apenas para os operários conscientes, **educados politicamente** pelo Partido revolucionário, o socialismo deixaria “de ser um tapume cômodo para ocultar tendências conciliadoras pequeno-burguesas e de oposição nacionalista”.

A bancarrota da II Internacional consubstanciava-se na “traição da maioria dos partidos social-democratas oficiais às suas convicções e nas muitas e solenes declarações feitas durante os discursos pronunciados nos Congressos de Stuttgart e Basileia” (1984, t. 26, p. 221).

Diante desse quadro, cabia aos bolcheviques demonstrar ao proletariado “que em seu partido amadureceu um repugnante *abcesso* purulento e que algo nele exala um insustentável olor de morto” (LENIN, 1984, t. 26, p. 222). Na verdade, apenas as pessoas que não tinham arraigado a convicção socialista, nem assumido a consciência socialista podiam levar a sério o inaudito e hipócrita *jesuitismo* com o qual procuravam prostituir o marxismo.

Mesmo isolando a **educação** da política, da economia, etc., os sofistas da II Internacional, encontravam argumentos absolutamente para tudo. No entanto, ignoravam que “a dialética exigia uma análise completa do fenômeno social concreto em seu desenvolvimento, e que o exterior e aparente seja reduzido às forças motrizes essenciais, ao desenvolvimento das forças produtivas e à luta as classes” (LENIN, 1984, t. 26, p. 223).

Lenin advertia não ser possível ser marxista sem sentir desprezo pela sofistaria daqueles que falavam da defesa da pátria, enquanto o imperialismo e consortes confabulavam e arquitetavam o estrangulamento das nações menos desenvolvidas, semelhantemente ao que ocorreu no século XX, ocorre no século XXI no tocante a política imperialista anglo-saxônica em relação ao Vietnam, Cuba, Afeganistão e Iraque.

E mais. Não podia ser marxista aquele que tomava o incontido desenvolvimento do capitalismo como base do advento do socialismo. Pensar assim, era procurar contrabandear idéias e aspirações conservadores “com a etiqueta de ‘marxismo’, de um marxismo depurado do conteúdo revolucionário” (LENIN, 1984, t. 26, p. 238).

Sob o critério leninista, a primeira e mais essencial das regras do método de investigação científica, “da dialética marxista em particular (*crítica e revolucionária*), exige que o escritor examine *as relações* existentes entre a atual luta de *tendências* no seio do socialismo (...) e a luta levada a cabo anteriormente, *durante decênios inteiros*” (LENIN, 1984, t. 26, p. 256).

Tal regra era considerada indispensável para evidenciar e expor como as mais diversas tendências do socialismo “*combinavam o servilismo ante a reação com o jogo da democracia*”. Destarte, a função social específica do intelectual liberal (e seu partido) era “camuflar a reação e o imperialismo com todo gênero de frases democráticas, promessas, sofismas e subterfúgios” (LENIN, 1984, t. 26, p. 288).

Uma contradição ambulante, a verdade – sempre concreta –, para esse intelectual soava / soa “desagradável, pois se considera humanista, amante da liberdade e democrata, e sente uma profunda indignação ante a ‘calúnia’ de que é um servidor dos latifundiários” (LENIN, 1984, t. 26, p. 289).

Para servir aos latifundiários e à burguesia, esse intelectual costuma consolar o povo com boas palavras, por demais desgastadas: “justiça, paz, libertação nacional, fraternidade entre os povos, liberdade, reformas, democracia, sufrágio universal, etc.” (LENIN, 1984, t. 26, p. 290). Ele jura (e perjura) de pés juntos, bate no peito e afirma que com suas idéias está a lutar contra a desintegração do Estado. O tempo passa, mas a falaciloquência, isto é, o discurso cheio de falsidades, de palavras enganosas, dos mais diversos falaciloquos que são muitos e facundos, permanece a mesma.

Lenin (1985, t. 27, p. 9) considerava as idéias desse facundo intelectual como “idéias mortas, apresentadas elegantemente vestidas, sem acrimônia (crítica) nem audácia. E estão mortas porque entraram na circulação geral e formam parte do caudal intelectual ordinário do grande exército de filisteus”. Esse intelectual é um personagem com pouco conhecimento científico e filosófico, vulgar, convencional, desprovido de imaginação artística, procurando obstar a formação de um forte e organizado

movimento de libertação da classe oprimida, a classe mais revolucionária da história, é impossível sem uma teoria revolucionária. Essa teoria não pode ser inventada. Nasce da experiência revolucionária e do pensamento revolucionário de todos os países do mundo. Tal teoria nasceu, de fato, desde a segunda metade do século XIX. Chama-se marxismo (LENIN, 1985, t. 27, p. 11).

Ao longo da história, a leitura da política burguesa encoberta com frases universalistas me permite perguntar: há alguma relação entre os fatos políticos e a literatura política? Ou entre a realidade objetiva e a ideologia política?

A sociedade burguesa, tal como destacado por Lenin (1985, t. 27, p. 88), produz constantemente, por um lado, políticos que gostam de afirmar não pertencer a nenhuma classe social e, por outro lado, oportunistas que se intitulam socialistas. Todavia, “ambos enganam deliberada e sistematicamente as massas com frases pomposas e ‘esquerdistas’”.

Aos que se interessam pela **educação política** de forma distinta do interesse de Petrushka de Gógol e procuram o conteúdo e o significado das diversas ideologias, sabem que a Universidade está repleta de *Petruschkas* – quiméricos e nefelibatas fugitivos da realidade – e *Repetilóvs*<sup>112</sup> que sob o mando da burguesia se disfarçam de socialistas para influir sobre os operários em geral, e sobre os estudantes em particular, “à medida que de outro modo não poderiam exercer sobre eles nenhuma influência” (LENIN, 1985, t. 27, p. 91).

Travestidos de socialistas, esses personagens, na fase atual do desenvolvimento das sociedades burguesas, tal como apontava Lenin (1985, t. 27, p. 102) no “*Prefácio ao folheto de Nikolai Bukharin: a economia mundial e o imperialismo*”, faziam apologia sobre o marxismo superado, quer dizer, “substituído pelo desejo pequeno burguês e profundamente reacionário de embotar as contradições. (...) Marxismo a crédito, marxismo em promessa, marxismo amanhã; mas para hoje uma teoria, e só uma teoria, pequeno-burguesa e oportunista de ocultamento das contradições”.

O conteúdo dessa teoria é (i) a colaboração entre as classes, (ii) renúncia à luta revolucionária pela ditadura do proletariado, (iii) prostração ante a legalidade burguesa, etc.. A rigor, as teorias pequeno-burguesas reformistas ou, simplesmente, o reformismo é a manifestação da influência da burguesia no âmago do movimento proletário e comunista; é a política operária burguesa, a aliança da ‘aristocracia proletária’ com a burguesia. Política oportunista encimada numa espécie de ‘*Sophrosyne*’ grega, pretendendo personificar o justo meio, conciliar ‘dois extremos’ que não têm nada em comum entre si.

Que diferença há entre essa ‘aristocracia’ e a intelectualidade orgânica da burguesia? Nenhuma! Apenas frases melosas que prostituem o movimento operário e o marxismo. Na verdade, tanto a ‘aristocracia operária’ quanto a intelectualidade burguesa, compõem “uma pandilha(*sic!*) de arrivistas, o suficientemente sensatos para compreender a inevitabilidade da revolução socialista, porém que de modo algum desejam confiar esta tirânica tarefa exclusivamente ao proletariado pouco maduro. (...) seu princípio fundamental é o temor à revolução” (LENIN, 1985, t. 27, p. 129).

---

<sup>112</sup> *Petruschka* – personagem de ‘*Almas Mortas*’ de Gogol, que se deleitava apenas com o processo de ler, sem se importar em compreender. Só lhe interessava observar de que maneira as letras ordenadamente dispostas formulavam palavras. *Repetilóv* – personagem da comédia de Griboédov ‘*A desgraça de ter demasiada inteligência*’: palrador, repetidor a-crítico de palavras e/ou discursos alheios.

Lenin (1985, t. 27, p. 134), igualmente a Marx, fustigou durante toda a sua vida de militante revolucionária e intelectual comunista, os ideólogos que tratavam de apagar a chama revolucionária dos operários. Sobre isto, dizia: “basta de fraseologia, basta de ‘marxismo’ prostituído *à la* Kautski”.

Ao julgamento de Lenin (1985, t. 27, p. 271), Marx fora capaz de apontar em toda a fraseologia democrática e reivindicatória, sem exceção,

a manifestação histórica da luta das massas populares dirigidas pela burguesia contra o feudalismo. Quaisquer destas reivindicações (...) foram utilizadas, em determinadas circunstâncias, pela burguesia como meio para enganar os operários. (...) Marx levando em conta sobretudo os interesses da luta de classe do proletariado nos países avançados, destacava em primeiro plano o princípio fundamental do internacionalismo e do socialismo: o povo que oprime outros povos não pode ser livre.

Na brochura “*Acerca do programa da paz*”, a **educação** dos operários no espírito internacionalista tinha como pedra de toque a separação e/ou a independência das nações anexadas. Conforme reportava Lenin (1985, t. 27, p. 284), Marx “exigia a liberdade de separação não para desmembrar e isolar, senão para estabelecer vínculos mais sólidos e democráticos”.

Acontece que a **educação política** dos operários e dos *pobres do campo* deveria ter por base o fato de que se os milhões de trabalhadores já dobravam, havia muito tempo, a coluna dorsal; já trabalharam em demasia para os ricos sem, contudo, sair da miséria; já permitiram por séculos a fio serem extorquidos, saqueados, então era necessário “lograr uma organização social nova e melhor, em que não haveria ricos nem pobres e em que todos teriam que trabalhar! Que não seja um punhado de ricos, senão todos os trabalhadores os que se aproveitem dos frutos do trabalho de todos” (LENIN, 1981, t. 7, p. 138).

O mote da **educação** derivava da observação acurada da realidade na qual espontaneamente os operários gradualmente iam perdendo a fé tradicional na imutabilidade da ordem czarista-feudal e burguesa que os oprimia, começando a sentir, também, de forma gradual, “a necessidade de opor resistência coletiva e romper resolutamente com a submissão servil às autoridades” (LENIN, 1981, t. 6, p. 32).

Todavia, estava claro que “os operários não tinham, nem podiam ter, consciência da oposição inconciliável entre seus interesses e todo o regime político e social contemporâneo, quer

dizer, não tinham **consciência socialista**” (LENIN, 1981, t. 6, p. 32). Sua concepção de mundo determinava a existência de uma consciência meramente espontânea da realidade.

Na perspectiva leninista, os operários de mote próprio não poderiam ter uma **consciência socialista**. E se ela só poderia ‘ser aportada de fora’, tal deveria ser a função de uma **educação revolucionária** impulsionada, já disse, pela organização partidária operária e pelos sindicatos. A rigor, a história demonstra

que a classe operária estava em condições de elaborar exclusivamente com suas próprias forças só uma *consciência tradeunionista*, quer dizer, a convicção de que é necessário agrupar-se em sindicatos, lutar contra os patrões reclamar do Governo a promulgação de tais ou quais leis necessárias para os operários (LENIN, 1981, t. 6, p. 33).

A meu critério, o conhecimento filosófico, científico e histórico não é filho de *generatio aequivoca*, não provém do nada e muito menos da experiência pura de quem está impedido de refletir e/ou de se distanciar do trabalho alienado / alienante, isto é, pessoas analfabetas que ignoram a produção gnoseológica mais elaborada, pessoas que não caminham para além da *doxa*, da opinião, do senso comum.

A história das sociedades humanas demonstra que as doutrinas mais avançadas – o socialismo utópico, a filosofia clássica, o materialismo e a dialética grega – “foram elaboradas por homens instruídos das classes possuidoras, por intelectuais (no termo *stricto* da palavra)” (LENIN, 1981, t. 6, p. 33).

Sem nenhum preconceito aos operários e camponeses, Lenin (1981, t. 6, p. 33) procurava mostrar que a ausência da **educação formal**, escolar, exceção feita a Sócrates, impede estes seguimentos sociais à construção do conhecimento para além da *doxa*. Por outro lado, ele demonstrava que a teoria “social democrata surgiu na Rússia independente por completo do crescimento espontâneo do movimento operário, surgiu como resultado natural e iniludível do desenvolvimento do pensamento entre os intelectuais revolucionários socialistas” (LENIN, 1981, t. 6, p. 33).

Na confusa realidade russa dos anos 90 do século XIX, dois movimentos desenvolviam-se, o despertar espontâneo das massas operárias ou o despertar para a vida consciente e para a luta consciente; ao passo com uma juventude revolucionária que, municiada com a teoria marxista procurava acercar-se dos operários.



A tentativa de acercar-se do proletariado e do campesinato pobre com o objetivo de levar a eles a teoria do socialismo científico, encontrava respaldo na exortação da renúncia à divulgação e ao **ensino** da teoria (propaganda) em círculos reduzidos e fechados e predicava a necessidade da agitação (ensino e transmissão da teoria) entre os operários levando sempre em consideração suas condições e demandas.

Acrescento. Sintonizados com a luta espontânea dos operários e camponeses russos contra a autocracia, os social-democratas de Petersburgo, esboçando as tarefas históricas do proletariado russo, colocavam “em primeiro plano a conquista da **liberdade política**” (LENIN, 1981, t. 6, p. 34).

Todavia, essa conquista estava politicamente indissociada de uma outra educação, (ensino/aprendizagem) para além daquela propiciada pelo governo czarista, que aproximava organicamente os intelectuais socialistas / comunistas do conjunto dos operários e camponeses pobres. Tal pretensão despertava a atenção do aparato repressivo estatal que não via com bons olhos tal aproximação à medida que a entendia como nefasta aos interesses da autocracia.

Lenin colocou na berlinda a preocupação dos altos escalões do governo czarista sobre a educação na qual estava explícita a aproximação dos intelectuais socialistas / bolcheviques da ‘massa’ explorada / oprimida da Rússia. E mais, ele procura demonstrar como esses escalões atuavam no sentido da dissolução dos *comitês da instrução primária*, uma prática levada a termo pela força policial.

#### **4.4 – A recorrente miséria dos professores**

No folheto “*A miséria dos professores de escolas públicas*”, por ocasião do Congresso Nacional de Instrução Pública, em 1913, Lenin (1984, t. 24) direcionou seu discurso para chamar a atenção sobre um velho problema mas, paradoxalmente, eternamente novo: a miséria dos professores ou dos mestres de escolas públicas.

Os dados apresentados nesse folheto sobre a situação das escolas russas e, em especial, sobre as condições econômicas dos professores postas na estatística oficial freqüentemente eram escamoteadas ou simplesmente ignoradas. Além da proibição de reunir dados completos e

comparar a situação das escolas públicas com as escolas privadas, a situação salarial do professorado permanecia nebulosa, isto é, não se conhecia “a verdade sobre um problema tão claro como o da miséria que sofrem os mestres de escolas públicas” (LENIN, 1984, t. 24, p. 210).

As estatísticas oficiais russas (uma surpreendente coincidência!) tornavam públicas apenas “cifras podadas e apropriadas com critério oficial, que se referiam à média dos salários por categoria. Vale dizer, os estatísticos liberais, ocultavam ao público a proporção dos mestres famintos” (LENIN, 1984, t. 24, p. 210).

Ontem como hoje, as estatísticas governamentais apontavam / apontam apenas a medida de tendência central (*média*) deixando oculta a medida de dispersão (*desvio padrão*) e sem a qual o conhecimento mais aproximado do ‘fenômeno’ mensurado torna-se nebuloso, inexequível, mistificação.

Era fato, ou é fato, enquanto

o Estado investia centenas de milhões (de rublos) para manter a burocracia e a polícia, em gastos militares, etc., porém condenava à fome os mestres das escolas públicas. A burguesia ‘simpatiza’ com a instrução pública, sempre que os **educadores** vivam pior que os serventes de ricas casas senhoriais... (LENIN, 1984, t. 24, p. 211).

O censo sobre a situação do sistema educacional russo, produzido em 19 de janeiro de 1911, permitiu a Lenin (1984, t. 24, p. 256) discorrer, no texto “*Acerca de nossas escolas*”, sobre o véu que encobria uma situação extremamente delicada: “professores pobres e famintos, nas escolas paroquiais”.

Por suposto, nestas escolas apenas 18% dos professores eram portadores de instrução laica média ou superior. Pequenas, estreitas e escuras, além da miséria dos professores, eram as características dessas escolas. Por isto, “o Ministério se esforçava ao máximo para que não fossem recolhidos dados minuciosos, exatos e completos sobre a mísera situação de nossas escolas” (1984, t. 24, p. 257).

Os dados incompletos, diminuídos adrede pelas autoridades e mal estudados pelos outros interessados, mostravam claramente a verdadeira situação, lamentável e miserável, em que fora colocada a escola paroquial russa. Neste sentido, propunha Lenin (1984, t. 24, p. 257): “Uma das tarefas essenciais dos representantes das organizações sindicais, culturais e educativas operárias

no próximo Congresso Nacional de Instrução Pública deveria consistir em estabelecer e ajuizar em todos os seus aspectos a situação de nossa escola e de nossos professores”.

A questão da coerência. Há uma citação de Marx e Engels, retomada por Lenin (1984, t. 24, p. 282), que ainda hoje é causa de profunda reflexão e suscita elevada querela no meio da esquerda reformista e colaboracionista, é a impossibilidade de “ser comunista e levar a cabo uma ampla propaganda comunista” aquele ou aquela que, “ao mesmo tempo, dedica-se às atividades comerciais e industriais”.

Para Lenin ao se dedicar às atividades comerciais, atividades que sobrevivem às expensas da extorsão da *mais-valia*, exploração da força de trabalho alheia, ombreado ao ‘infame burguês’, o ‘*marxista*’ ao fim e ao cabo, converte-se num filisteu reformista e grosseiro a introduzir a ideologia burguesa e pequeno-burguesa no seio dos movimentos proletário e comunista.<sup>113</sup>

O *espírito escolar* (*espírito* como idéia ou intenção predominante) ou o fulcro **da educação** de Partido estava impregnada pelos objetivos talhados por Marx e Engels, historicamente acertados, necessários à resolução das questões que afligiam a maioria quase absoluta do povo russo. Esses objetivos tornavam-se mais necessários – para compreender e lutar por sua execução – em face de que “o Ministério de Instrução(?) – perdão!(*sic*)<sup>114</sup> – Pública desenvolvia os mais desesperados esforços e recorria às medidas policiais mais vergonhosas para *dificultar* a instrução, para *impedir* que o povo aprenda” (LENIN, 1984, t. 24, p. 286).

Penso que a coisa pouco mudou, pois se é fato que diferentemente dos operários e camponeses pobres da Rússia daquela época, impedidos de tomar contato com o conhecimento filosófico e científico produzido e acumulado, também é fato que o conhecimento filosófico e científico ‘ofertados’ / propiciados aos operários e camponeses pobres do Brasil, grosso modo, não servem nem à sua **emancipação intelectual** e muito menos à sua **libertação econômica**.

Se por um lado, a **educação** era vista pelos bolcheviques como suporte teórico ideológico da construção da **consciência socialista** e da ação política revolucionária (consciência da e para a revolução), por outro lado, o “Ministério da ‘Instrução’ Pública” tratava a **educação** como

---

<sup>113</sup> Contrariando o senso comum do revisionismo contemporâneo, um dos objetivos dos comunistas é defender os interesses do proletariado e camponeses pobres frente aos interesses bacantes da burguesia, e à realização desta façanha pregam ser possível apenas mediante a abolição da propriedade privada e sua substituição pela comunidade de bens. Os marxista-leninistas não reconhecem outro meio de levar a cabo estes objetivos que não seja a revolução democrática violenta.

mecanismo subversivo e por isto mesmo se empenhava em destroçar e “destroçava as bibliotecas escolares!!!” (LENIN, 1984, t. 24, p. 286).

O governo czarista temendo a liberdade e tumulto causado pela choldra revoltosa assumia o resgate do obscurantismo erguendo severas e restritivas regras contra o funcionamento das bibliotecas populares. Esta ação de governo “constituía uma escandalosa política de obscurantismo em relação ao povo, uma escandalosa política dos latifundiários que desejavam o embrutecimento do país” (LENIN, 1984, t. 24, p. 286).

A Rússia enquanto um país embrutecido e dividido era presa fácil de uma barbaridade mais refinada que a brutalidade czarista e que estava em gestação no seu interior: o capitalismo.

Todos aqueles que gostariam de ajudar a educação formal na Rússia deveriam fazê-lo ajudando a luta pela **liberdade política**, sem a qual a Rússia se asfixiaria na barbaridade capitalista em curso. Noutro momento, ele apresentava uma tese segundo a qual os objetivos dos operários e camponeses pobres eram perfeitamente exequíveis mas para alcançá-los se fazia necessário, em primeiro lugar, condições objetivas de liberdade; em segundo lugar, o caminho ao porvir livre, fraterno e igualitário passava imprescindivelmente pela organização da classe operária em suas dimensões “**educacional**, sindical, cooperativa e **política**” (LENIN, 1984, t. 24, p. 287-289).

Lenin (1984, t. 24, p. 358) percebia a incontornável influência do pensamento idealista no interior da escola oficial russa como no âmago do movimento operário. Neste sentido, os marxistas estavam por demais convencidos que a atividade literária de Bognadov e seus seguidores assumira como objetivo fulcral a inculcação na consciência proletária “as concepções idealistas, retocadas, dos filósofos burgueses”.

Segundo o critério de Lenin, todos os intentos de corrigir e modificar a teoria de Marx e Engels, analisados pelos marxistas revolucionários, foram considerados alheios e, até mesmo nefastos ao movimento operário. A solicitação de concessão de espaço nas páginas da imprensa operária, chamada a desenvolver o “abêcê” do marxismo, significava incompreensão do marxismo e das teorias adversas a ele; assim como incompreensão das “tarefas da **educação marxista** da classe operária” (LENIN, 1984, t. 24, p. 359).

---

<sup>114</sup> Lenin pedia ‘perdão’ por ironizar como sendo da “Instrução” um Ministério que destruía bibliotecas escolares.

Várias questões incomodavam a Lenin, todavia, diante de professores dedicados à refutação do marxismo e do socialismo, ele não sabia o que mais o assombrava, se a estupidez, a ignorância ou a má fé desses mestres. Se de fato incomodava a Lenin o comportamento desses professores, o que dizer então hoje diante daquele comportamento que varou os séculos?

Se a igualdade era posta como fundamental à constituição de uma outra Rússia possível, os bolcheviques entendiam “por igualdade, na esfera política, a igualdade de direitos, e na esfera econômica, segundo está dito, *a abolição das classes*” (LENIN, 1984, t. 24, p. 383).

Não obstante, *a abolição das classes* significava “colocar *a todos os cidadãos* em pé de *igualdade* em relação aos *meios de produção* que pertencem a sociedade em seu conjunto; brindar a todos os cidadãos *iguais* oportunidades de trabalho nos meios de produção de propriedade social, na terra de propriedade social, nas fábricas de propriedade social, etc.” (LENIN, 1984, t. 24, p. 384).

Como está apontado no resumo elaborado por Lenin (1984, t. 24, p. 385), a igualdade para os marxistas revolucionários era (e é!) “a igualdade *social*, igualdade de posição social e de nenhum modo a igualdade de aptidões físicas e mentais individuais”. Intransigente e diante da obtusidade dos professores liberais, reportava ele que

a posição *social* dos professores na sociedade burguesa é tal, que só lhes está permitido desempenhar esse cargo a quem prostitui a ciência a favor do capital; só a quem aceitar dizer contra os socialistas os mais incríveis absurdos, a estupidez e os disparates mais desavergonhados. A burguesia perdoará tudo aos professores, sempre e quando se dedicarem a ‘aniquilar’ o socialismo (LENIN, 1984, t. 24, p. 385).

Como em outras épocas e locais mais conhecidos e menos distantes, na Rússia foram construídas medidas severas para o controle da juventude estudantil. Suspeita, em torno dela foi estabelecida severa vigilância; o contato dessa juventude com pessoas cujo passado político era suspeito de envolvimento com movimentos sediciosos, “era considerado um grave delito” (LENIN, 1981, t. 5, p. 325).

Por outro lado, o crescimento do movimento operário em decorrência do desenvolvimento do capitalismo obrigou o governo a geração de “sistemas inteiros de instituições para vigiar o novo elemento turbulento” (LENIN, 1981, t. 5, p. 325). A vigilância sobre as ‘zonas’ proibidas foi exercida de forma implacável. Constava do rol de locais proibidos nos quais proliferavam

indivíduos de conduta política duvidosa – revoltosa ou insurrecional –, entre outros, as cidades universitárias e as fábricas.

Para a censura<sup>115</sup> czarista um terço da Rússia estaria povoado por indivíduos com um passado político reprovável e o reacionarismo do governo era de tal monta que, para ele, “a mais remota aldeia” representava “um terreno propício para a agitação anti-governamental, já que nessa aldeia há casos de necessidade de todo não resolvida, enfermidades e descalabro econômico” (LENIN, 1981, t. 5, p. 326).

A censura, em todos os momentos da história, procura golpear as instituições de ensino ou as escolas em geral, procurando impedir a ação com a “decapitação” dos eversivos e dos que dissentem da política oficial. Esse malfazejo mecanismo manifesta-se contrário aos que procuram o ‘esclarecimento’ para fazer com que o ‘povo’ entenda a manutenção da problemática herdada dos séculos XIX e XX.

O que vou apontar em seguida não guarda nenhuma alusão ao denunciado por Engels, em 1845, sobre “*A Situação da Classe Trabalhadora da Inglaterra*”, mas é perfeitamente verificável por via empírica no Brasil privatizado de hoje. Na Rússia do início do século XX, especificamente em 1901, os cidadãos que não pertenciam à classe operária pouco ou nada sabiam acerca das tribulações dos operários fabris que viviam amontoados em sótãos e cubículos<sup>116</sup> e estavam mais mal alimentados que nunca. O aumento do número de vagabundos e mendigos, concorrentes aos albergues noturnos, moradores dos cárceres e hospitais, não atraía atenção especial pois ‘todos’ estavam acreditavam que as grandes urbes estavam repletas de albergues noturnos e toda a sorte de refúgios da miséria mais desesperada.

Quer me parecer, que ontem como hoje, existe a rejeição à discussão nas escolas, instituições universitárias, partidos e sindicatos sobre a situação crônica da classe operária e dos camponeses pobres, os sem-terra, na qual foram colocados pela combinação bizarra de dois

---

<sup>115</sup> Incontida a censura – não como fetiche, algo semovente, mas a ação de mentes anacrônicas e perdidamente reacionárias – ainda hoje deita seus tentáculos incrementando a vigilância sobre os concertos, representações teatrais, enfim, sobre a produção e divulgação da cultura de resistência à cultura alienígena hegemônica. Poder-se-ia dizer que na Rússia, como no Brasil dos anos 60 e 70 do século XX, o governo despótico reprimia com furor e sem dó os já conhecidos ‘movimentos de cultura popular’, no afã de afirmar a ignorância do povo e manter as trevas sobre a maioria da sociedade. No século XXI, no Brasil, por caminhos outros que escamoteiam as intenções de pequenos ditadores de opereta bufa, procura-se reeditar os éditos dos censores de antanho.

<sup>116</sup> Traduzido do espanhol, *covachas* significam cubículos ou pequenos cômodos sob as escadas de um edifício os quais, grosso modo, servem de ‘moradia’ dos porteiros e/ou zeladores.

modos de produção que, por definição, não se costumam: o feudalismo e o capitalismo e nos quais “a causa mais imediata da fome – a má colheita – é aos olhos da massa uma calamidade puramente espontânea, um castigo de deus. E como as más colheitas acompanhadas de fome se produzem desde tempos imemoriais (...)” (LENIN, 1981, t. 5, p. 342).

Não é preciso ser comunista para entender que, histórica e politicamente, quanto menos consciência tem a classe operária acerca do seu estado de opressão, menos exigente se mostra em relação ao capital, tanto mais se encontra no interior da classe dominante pessoas inclinadas à beneficência, tanto menor será, relativamente, a resistência que os capitalistas e latifundiários opõem a essa beneficência, diretamente interessados em manter o operário e o camponês na miséria, menor ainda será a resistência aos indivíduos diretamente envolvidos em desvelar e dismantelar as condições sociais e econômicas sob as quais operários e camponeses sem terra são mantidos na miséria.

Quanto menos consciente for o proletariado (e o campesinato) menor serão suas chances de compreender que

fora da *luta de classes* (de classe contra classe) do proletariado revolucionário contra todo o regime capitalista, não existe e nem pode existir outro meio de luta contra o desemprego (estrutural e conjuntural) e as crises, nem contra as formas de expropriação selvagens, ao estilo asiático, do pequeno produtor que esse processo adotou em nosso país (LENIN, 1981, t. 5, p. 345).

Um paradoxo vara os séculos e parece inquebrantável. Se por um lado ainda se ouve falar da morte de milhares de crianças em decorrência da desnutrição crônica e/ou da fome (esta, tal como é conhecida consubstancia-se como fenômeno não natural, portanto, inventado pelas sociedades de classes) e da ruína de milhares de pequenos agricultores sem terra, por outro lado, “escutamos relatos sobre o progresso da agricultura nacional, dos êxitos da conquista de mercados estrangeiros pelos latifundiários (...); do aumento da venda [de máquinas] agrícola aperfeiçoadas, do aumento da extensão de terras cultivadas, etc.” (LENIN, 1981, t. 5, p. 346).

Contudo, não se sabe bem porque, nenhum desses discursos conseguiu, ainda hoje, estancar a intensificação da ruína, da penúria, da miséria e da fome que só despertam a atenção dos politicastos e do governo politiqueiro, inclusive da imprensa, quando os arruinados, miseráveis, corpos errantes e famintos os obrigam a isto.

#### 4.5 – Os professores liberais

Os professores liberais utilizavam a autonomia para reger os assuntos dos verdugos do ‘povo’, para enclausurar a Universidade, este virtuoso santuário da ‘ciência’ permitida e da filosofia melíflua que os estudantes profanaram ao deixar entrar nela a chusma vil, a patuléia revoltosa, para discutir os problemas não permitidos a ela pela pandilha governante.

Os liberais em seu movimento retrógrado / reacionário utilizavam a liberdade de cátedra e de crítica não para a prédica revolucionária, senão para a prédica contra-revolucionária; não para atizar o incêndio mas para apagá-lo; não para alargar a luta mas para afastar o proletariado e os camponeses pobres da luta decisiva por sua emancipação intelectual e liberdade econômica. Na verdade, toda a peroração era pura colaboração pacífica com a burocracia, latifundiários e burguesia, enfim, com os Tréprov<sup>117</sup> (LENIN, t. 11, 1982, p. 398).

No Centro Politécnico de Riga as coisas aconteciam como noutros Centros de ensino superior: reuniões estudantis eram transformadas em comícios políticos e os estudantes se organizavam como força de combate da revolução. Contra a vasca revolucionária “os barões do Báltico organizavam uma verdadeira guerra civil: contratando destacamentos inteiros, armando-os com bons rifles e os aquartelando em seus domínios” (LENIN, 1982, t. 12, p. 19).

Curiosidade. Uma grande quantidade de estudantes alemães da região do Báltico se alistou nas ‘centúrias negras’<sup>118</sup>, enquanto que os “estudantes letões e russos não só se manifestavam contra as centúrias negras vestidas com uniformes estudantis, como constituíram uma comissão para investigar a participação de estudantes nas centúrias negras dos latifundiários” (LENIN, 1982, t. 12, p. 19).

A repressão czarista abateu-se como ave de rapina famélica sobre as comissões estudantis. Parte dos seus integrantes foi presa e confinada na prisão de Riga. Diante do ocorrido, os

---

<sup>117</sup> TREPÓV, D. F. (1855-1906) chefe de polícia de Moscou entre 1896 e 1905. Governador de São Petersburgo, assessor do Ministro do Interior em 1905, notabilizou-se na historiografia russa devido a sua crueldade na repressão e esmagamento dos movimentos revolucionários.

<sup>118</sup> Facções monárquicas organizadas pela polícia czarista para lutar contra o movimento revolucionário. As *centúrias negras* assassinavam revolucionários, espancavam intelectuais progressistas e perpetravam uma espécie de caçada aos semitas. Na Rússia czarista, esses ‘pogroms’ materializavam-se numa série de pilhagens, agressões e assassinatos cometidos contra uma comunidade ou uma minoria, especialmente os judeus e outros ramos semitas, com a aquiescência e o beneplácito das autoridades. No ídiche, este verbete significa destruição, devastação.



estudantes letões e russos reunidos em assembléia geral tiraram uma resolução concluída com um ultimato ao governo central: “se ao cabo de três dias e numa determinada hora, os detidos não fossem postos em liberdade, eles, com a ajuda dos operários de Riga, o lograriam por qualquer tipo de procedimento” (LENIN, 1982, t. 12, p. 20).

Diante da irrevogável resolução dos estudantes revolucionários, o governador interino de Riga reuniu-se com o diretor do Centro Politécnico e os representantes dos estudantes, pediu a estes que não se envolvessem mais com atos ilícitos e, moto contínuo, mandou libertar os estudantes presos.

Os estudantes membros das centúrias negras consideravam que o governo se curvara perante o ultimato; se, por um lado, esse acontecimento demonstrava a fragilidade do governo, por outro, evidenciava uma forte organização, disposição de luta e crescimento do movimento dos estudantes revolucionários letões e russos.

Os objetivos gerais desses estudantes foram repetidos pela imprensa social-democrata, de modo que não havia a menor

necessidade de explicar aos *estudantes* social-democratas o papel principal do movimento *operário*, nem a imensa significação do movimento *camponês*, nem a importância da ajuda a um e outro por parte dos *intelectuais* que têm meditado acerca da consciência marxista de mundo, e abraçaram a causa do proletariado e estão dispostos a serem autênticos membros do partido operário (LENIN, 1982, t. 12, p. 152).

Lenin atribuía uma importância estratégica à união dos estudantes com os operários, camponeses e intelectuais, como ponto de apoio da revolução democrática burguesa russa e da revolução socialista. Por trás dessa união estava a preocupação com a delicada situação da revolução em curso no ano de 1905 e com a necessidade de dissipação das ‘ilusões constitucionalistas’. A Duma de Estado, sob a hegemonia da autocracia, valia-se dos canhões de Dubasóv<sup>119</sup> direcionados à repressão do levante armado popular de Moscou em dezembro desse mesmo ano.

Os ensinamentos do boicote faziam os comunistas (bolcheviques) e os estudantes revolucionários compreender que se a Duma de Estado era, na verdade, um desagradável

arremedo de representação popular, então, se fazia necessário “lutar contra essa fraude e preparar a insurreição armada para convocar uma assembléia constituinte livremente eleita por todo o povo” (LENIN, 1982, t. 12, p. 160).

O boicote à Duma de Estado significava ainda não participação das eleições e isto não configurava uma simples abstenção mas a ampla utilização das assembléias eleitorais para a agitação e propaganda social-democratas. Nessas assembléias era levada a termo, primeiro, a demonstração do embuste e da falsidade da Duma de Estado; segundo, a exortação da luta por uma assembléia constituinte livre e soberana.

Ao negar sua participação nas eleições, Lenin (1982, t. 12, p. 161) entendia que com essa atitude não fortalecia a ‘fé’ do ‘povo’ na Duma, não debilitava o vigor da luta iniciada contra a imitação grosseira da representação popular, a Duma era vista por ele como um “artifício do czarismo para atrair como engodo o povo”. Por isto, não media esforços para desbaratar essa *arapuca* rechaçando toda participação nas eleições.

Para além do simples boicote às eleições para a Duma de Estado, Lenin (1982, t. 13, p. 111), no opúsculo “*Resolução e revolução*”, apontava como imprescindível “explicar ao proletariado o significado dos acontecimentos para dissipar a neblina com que os políticos burgueses tratavam de envolver o proletariado, para prevenir os operários contra os traficantes burgueses da liberdade popular e indicar-lhes seu verdadeiro lugar na revolução”.

Destarte, cabia aos operários que seu lugar não era sob as consignas da burguesia, pois eles têm sua própria bandeira, a bandeira do socialismo e que a força da revolução estaria na **educação política**, “desenvolvendo sua consciência política e consciência política do campesinato” (LENIN, 1982, t. 13, p. 111). De tal modo que a crítica dos bolcheviques à política democrática constitucionalista, contribuiria para o desenvolvimento da consciência política e contribuiria para reforçar o processo revolucionário em curso.

No folheto “*A guerra de guerrilhas*”, Lenin (1983, t. 14, p. 10) considerava ser necessário evidenciar e tornar público que o parlamento russo tinha degenerado

---

<sup>119</sup> DUBASÓV, F. V. (1845-1912) uma das cabeças da reação czarista, verdugo sanguinário da revolução russa de 1905-1907. Quando governador militar de Moscou, dirigiu a reação militar que derrotou o levante popular armado de dezembro de 1905.

em prostíbulo(*sic!*), no qual uma banda de politicastros burgueses comerciava a ‘liberdade popular’, o ‘liberalismo’, a ‘democracia’, o republicanismo, o anti-clericalismo, o socialismo e outras tantas mercadorias de fácil colocação. A imprensa se transformou em alcagüete barato, em instrumento de perversão das massas, de grosseira adulação dos baixos instintos da multidão

Aos bolcheviques, indicava Lenin (1983, t, 14, p. 11), deviam “**educar-se** e reestruturar-se com os dados obtidos da experiência (...) causar danos às forças do adversário”. Todavia, para cumprir essa tarefa, que não podia ser cumprida da noite para o dia, era preciso também **reeducar** o povo e instruí-lo na luta, no decorrer da guerra civil, em curso, na Rússia. Os bolcheviques, continuava, deveriam “combater sem piedade a rotina e os prejuízos que impediam os operários conscientes de *executar* com habilidade, juízo e tato, a nova e difícil questão, e abordar corretamente sua solução”.

Era de máxima importância que os ‘**educadores**’ do Partido expusessem ao povo russo com muita clareza e sem superficialidade, as diferenças políticas e de luta entre os partidos políticos principais da época; era imprescindível apontar honestamente, sem subterfúgios que as diretrizes do POSDR e seus interesses eram os mesmos de todos os trabalhadores e explorados. O Partido lutava pela

passagem de todo o poder às mãos do povo, indispensável a construção de uma república realmente democrática; funcionários eleitos, soldados livres da escravidão do quartel e organização da uma milícia popular livre; a abolição da propriedade agrária dos latifundiários na Rússia, [devendo] passar toda a terra aos camponeses e obrigatoriamente sem indenização (LENIN, 1982, t. 14, p. 137-139).

E mais ainda, o POSDR defendia “os interesses dos proletários cujas condições de vida lhes usurpam toda esperança de se converterem em proprietários e fazem com que aspirem à *transformação radical* de todas os fundamentos do regime social capitalista” (LENIN, 1982, t. 14, p. 141). O Partido não concordava com a tese da conciliação do trabalho com o capital e por isto exortava “os operários assalariados para lutar intransigentemente contra o capital, para acabar com a propriedade sobre os meios de produção e para construir a sociedade socialista” (LENIN, 1982, t. 14, p. 142).

Não é exagero dizer, mas sobre esta exortação fundava-se a **educação política** implementada pelo Partido e pelas ‘câmaras de trabalho’. Nela a luta política, os interesses de

classe estratégicos e de longo prazo eram indissociáveis da luta econômica ou dos interesses de classe espontâneos e imediatos. Portanto, era indispensável **educar** o povo para ele entender que

os políticos burgueses se intitulavam liberais, progressistas, democráticos e, inclusive, socialistas radicais, *somente com o propósito* de caçar votos e enganar o povo. Marx e Engels se referiam aos deputados burgueses como gente (...) que representavam o povo e o oprimia por meio de seus poderes de deputados (LENIN, 1982, t. 14, p. 148).

Não obstante Lenin (1983, t. 15, p. 250) condenava não apenas os políticos burgueses mas também todo e qualquer compromisso assumido pelos comunistas

com a camarilha de estudantes imberbes e doutores arqui-sabichões que se haviam propostos dar ao socialismo uma orientação ‘idealista mais elevada’, isto é, substituir sua base materialista (*que exigia um estudo objetivo para operar com ela*) por uma mitologia nova com suas deusas e tudo: justiça, liberdade, igualdade e fraternidade.

Mesmo porque,

a mixórdia de doutores, estudantes e ‘socialistas de cátedra’ que são uns zeros à esquerda desde o ponto de vista teórico e uns inúteis no sentido prático, tratando de tornar mais moderado o socialismo (*de que só tem um conceito elaborado conforme a receita universitária*) e ilustrar os operários ou, como dizem eles, inculcar-lhes ‘rudimentos de instrução’ sem possuir eles mesmos mais que conhecimentos medíocres e confusos; ademais se propõem, antes de tudo, engrandecer a importância do Partido aos olhos da pequena burguesia. Porém não são, nem mais nem menos, que uns deploráveis charlatães contra-revolucionários (LENIN, 1983, t. 15, p. 251-252).

Como os fundadores do marxismo, Lenin (1983, t. 15, p. 257) combateu duramente o oportunismo intelectual instalado na social-democracia russa lutando sistemática e incessantemente contra o espírito filisteu do intelectual pequeno burguês. Penso como pertinentes seus perseverantes conselhos, indicações e lições quanto “a não cair no filisteísmo, no ‘cretinismo parlamentar’ e no oportunismo intelectual pequeno burguês”.

No ‘Congresso de Professores de toda a Rússia’<sup>120</sup>, Lenin compreendeu e qualificou a União dos Mestres de toda a Rússia como entidade político-sindical que, ao lutar pela melhora da

---

<sup>120</sup> IV Congresso de Delegados da União de Professores de toda a Rússia, celebrado de 19 a 24 de Junho de 1907 na Finlândia. Este Congresso, como todos os Congressos promovidos por entidades supostamente apartidárias, como não

situação do magistério russo, se configurava, na verdade, como sindicato de professores e associação política de luta por uma escola livre.

Neste sentido, o boicote dos Mestres de toda a Rússia às eleições para a Duma de Estado, era fruto da compreensão de que a Duma não servia aos interesses da maioria da população russa e que “o governo, autor golpe de Estado de 3 de junho<sup>121</sup>, era reacionário e contra-revolucionário, e que a nova lei eleitoral tinha um caráter inspirado nos interesses dos latifundiários” (LENIN, 1983, t. 16, p. 3-4).

Essa lei eleitoral era alvo da indignação do movimento docente russo à medida que (i) arrebatava às massas trabalhadoras os mais comezinhos direitos eleitorais que haviam conquistado a duras penas no decorrer dos anos; (ii) representava uma patente e flagrante falsificação da vontade popular em benefício dos setores mais reacionários e privilegiados da sociedade russa; (iii) o novo sistema eleitoral e sua composição orgânica, produziram, necessariamente, uma Duma de Estado extremamente reacionária e filha do ‘*coup d’état*’, como de fato aconteceu; (iv) a participação popular nas eleições à III Duma de Estado seria manipulada pela autocracia czarista como uma clara e franca manifestação de apoio ao golpe de 3 de junho.

Em virtude destes pontos, a União dos Mestres e funcionários da educação de toda a Rússia resolveu, em primeiro lugar, cortar relações com a III Duma e suas organizações; em segundo lugar, não participar sob nenhuma hipótese ou pretexto das eleições previstas; e, em terceiro lugar, tornar público a resolução do IV Congresso de docentes em tela, sobre o significado e os interesses de quem a III Duma representava, bem como evidenciar a fraude eleitoral em andamento.

Crítico do boicote pelo boicote, Lenin (1983, t. 16, p. 4) apontava a existência de um equívoco da resolução do IV Congresso de docentes à medida que a maioria dos congressistas

---

poderia ser doutra forma, transcorreu em um ambiente de intensa luta ideológica entre social-democratas e ‘socialistas revolucionários’.

<sup>121</sup> O golpe de Estado levado a efeito pelo governo czarista em 3 de junho de 1907 efetivou-se na dissolução da II Duma de Estado e na modificação da lei eleitoral que a ele interessava. Na verdade, o motivo dessa dissolução foi a acusação por parte de um membro destacado do governo sobre uma suposta vinculação dos social-democratas na Duma com uma fictícia organização militar e munidos com o propósito de perpetrarem uma insurreição armada. Obviamente, tal acusação foi desencadeada pela polícia secreta. O golpe de 3 de junho marca de forma clara e objetiva o início da reação stolipiniana - alusão ao período no qual o latifundiário Stolipin, P. A. (1862-1911) foi Presidente do Conselho de Ministros e ministro do Interior, entre 1906 e 1911. Este período caracterizou-se pela cruel reação política que culminou com uma repressão policial a qual fez uso da ‘pena de morte’ para intimidar, sufocar e desbaratar o movimento revolucionário. Por outro lado, Stolipin colocou em andamento uma reforma agrária às avessas: criou fortes fazendas de *kulaks* como ponta de lança da política czarista no e para o campo.

demandava suas argumentações “como se do ultra reacionarismo da III Duma se desprendesse por si mesma a necessidade e a legitimidade de um meio de luta ou de uma consigna como o boicote”.

A crítica de Lenin (1983, t. 16, p. 4) prendia-se à tese, segundo a qual a análise de um fenômeno descolado da realidade era claramente insuficiente para justificar o boicote. Mesmo porque, um marxista não deduzirá o *fenômeno* em questão “do grau de reacionarismo de tal ou qual instituição mas da presença de condições de luta especiais que tornam aplicável esse meio peculiar que se chamava boicote”.

O equívoco, como núcleo duro do movimento, permaneceria vazando os séculos. Ainda hoje, boicotes e/ou greves são pensadas, administradas e levadas a termo, praticadas, sem que as experiências passadas, seus tropeços e percalços e seu desencadeamento final, sejam levadas em conta, bem como se deixa oculta a correlação de forças no seu interior e seus desdobramentos na política exterior e maior de um determinado país.

Olvidar essas contingências é dizer que nada foi apreendido com a história do movimento e nem com o próprio movimento. O que Lenin (1983, t. 16, p. 14) queria dizer era que “o nexo existente entre o boicote e as especiais condições históricas de um período determinado, deve ser considerado, ademais, desde outro ponto de vista”.

Todavia, aos comunistas e operários conscientes cabia, sem dúvida,

estudar a revolução de 1905 de forma mais escrupulosa e íntegra possível; estender as massas o conhecimento de suas formas de luta e de organização, etc.; fortalecer no povo as tradições revolucionárias; inculcar nas massas a convicção de que única e exclusivamente por intermédio da luta revolucionária se pode conseguir melhoras consistentes e que *valham*; desmascarar, sem perda do sentido, a vileza da presunção liberal que intoxica a atmosfera social com o miasma da prosterneação, da traição e do molchalinismo<sup>122</sup>, (LENIN, 1983, t. 16, p. 27).

Diante da **educação** meramente livresca, o proletariado deveria aprender que “uma só jornada de greve ou de uma insurreição tinha cem vezes mais importância na história das lutas pela liberdade que meses a fio de discursos ‘lacaiescos’(sic!) sobre a Duma, sobre o monarca absoluto e o regime monárquico constitucional” (LENIN, 1983, t. 16, p. 27).

---

<sup>122</sup> *Molchalin* – funcionário público, personagem da comédia de Griboédov, A.S., “A desgraça de ter demasiado inteligência”: sinônimo de *servilismo*, *obediência* e *prosterneação* ante os chefes.

Havia em Lenin (1983, t. 16, p. 27-28) uma preocupação, hoje fora de moda, “com as jornadas cheias de vida, ricas de conteúdo, grandes por seu significado e suas conseqüências conhecidas pelo povo com detalhe e profundidade, os meses de asfixia ‘constitucional’ e de prosperidade *à la* Balalaikin<sup>123</sup> - Mochalin”.

**Estudar, pensar e analisar** as condições objetivas nas quais eram perfeitamente cabíveis, ou não, os velhos métodos de luta, era de fundamental importância para que os bolcheviques não caíssem na tentação cômoda de repetir mecanicamente velhas consignas por demais conhecidas. Por isto, Lenin (1983, t. 16, p. 28) “fustigava implacavelmente os que adotavam frente as tradições revolucionárias uma atitude de filisteu ou de renegado”.

Na questão do boicote à Duma de Estado, era imprescindível defender com constância e intransigência, em todos os lugares, convicções e pontos de vista do marxismo segundo o qual “enquanto subsistir o velho poder, enquanto não for extirpado pela raiz, nada de bom se poderá esperar. É mister trabalhar com o maior tesão(*sic!*), sem lançar palavras de ordem que somente têm sentido em condições de ascenso revolucionário” (LENIN, 1983, t. 16, p. 32). Até porque, não se deve confundir o ‘boicotismo’ com o bolchevismo, nem este com o *combatismo*<sup>124</sup>.

Em face disto, sem a luta direta contra a monarquia-feudal, o ultraje constitucional sobre o povo permaneceria e se acentuaria inevitavelmente. Reforçando esta tese, estava posta a opinião na qual os comunistas deveriam reconhecer que em suas fileiras havia penetrado o oportunismo com o fito único de adulterar o marxismo. Por isto, todos os operários e comunistas estavam convidados a “**estudar** com atenção *os ensinamentos dos acontecimentos de Moscou*” (LENIN, 1982, t. 11, p. 401).

Era possível retirar desses acontecimentos, a greve política de setembro de 1905, a certeza da necessidade de uma estreita e forte união do proletariado “em um verdadeiro partido socialista

---

<sup>123</sup> *Balalaikin* – personagem da obra do escritor satírico russo Saltikov-Schedrin, M. E. (1826-1889), “*Idílio Moderno*”, sinônimo de charlatão liberal, aventureiro e mentiroso. Democrata revolucionário, esse escritor em suas obras direcionou a crítica avassaladora ao regime monárquico-feudal russo. Como satírico criou uma galeria de personagens que ridicularizavam os influentes reacionários de sua época: terratenentes, déspotas, burocratas e liberais medrosos.

<sup>124</sup> *Combatismo* – utilização da luta revolucionária direta, da tática de ações armadas, expropriação de fundos do Estado e da iniciativa privada para suprir as necessidades da revolução social, supressão sumária dos espões, etc.. No transcorrer da primeira revolução democrática burguesa russa de 1905-1907, os bolcheviques lançaram mão – com suas organizações de combate – de ações específicas do ‘combatismo’.

que expressasse de maneira consciente os interesses da classe operária e não marchasse de forma espontânea ao lado das massas” (LENIN, 1982, t. 11, p. 401).

#### 4.6 – Ontem e hoje!

Faço aqui uma ponderação que a alguém poderá parecer um devaneio, uma quimera, mero jogo de palavras e/ou maquinação solipsista, todavia penso haver algo retratado por Lenin, ainda em andamento ou redivivo, resistindo, movendo-se na sociedade brasileira no século XXI. Até porque, o retratado é antigo, universalmente conhecido, trilhado, incontornável!

Intelectuais e educadores oficiais – de direita e de esquerda – estão habituados ao retratado que não vêem mas que nele vivem, coadjuvando-o, reafirmando-o. Diria Lenin, contudo,

casos clamorosos, irrefutáveis, de necessidade e miséria, ao lado do luxo obrigam – sobretudo se correm perigo a saúde e o bem-estar dos senhores burgueses – a fazer um ‘descobrimento’. Em cada *urbe* (...) ‘se descobre’ em tal ou qual ocasião uma sujeira, uma miséria e um abandono espantoso, condições abomináveis, indignas de seres humanos. ‘Se descobre’, se põe ao conhecimento do público através da grande imprensa, se fala dele um par de dias e se coloca no esquecimento. Os saciados não entendem os famintos (LENIN, 1982, t. 11, p. 401).

Ontem como hoje, diante desse ‘descobrimento’ que tanto mexe com a ‘sensibilidade’ da imprensa burguesa, os ministérios da Saúde, da Educação, da Economia, da Previdência Social ou simplesmente a autoridade de saúde pública que escutou o informe sobre a realidade habitacional do moderno proletariado

...(moradias fétidas) móveis escuros e úmidos, ar asfixiante, sujeira, gente dormindo sobre ‘baús’ e no chão, amontoamento estarrecedor (3578 inquilinos em 251 apartamentos), percevejos esmagados nas paredes, um quadro horripilante’. Dispôs-se estudar o problema... fazer gestões... pedir uma investigação..., enfim, fez tudo o que pode (LENIN, 1984, t. 22, p. 376-377).

Na árida vida das sociedades capitalistas – de 1789 aos dias de hoje – os deserdados, os jamais empregáveis, os liberados da ‘assistência oficial’ (*os mendigos*) e do trabalho (*os desproletarizados*), “passam as noites na rua, em dormitórios públicos, grosso modo, nocivos à saúde, em pocilgas... Material para mais um ‘descobrimento’” (LENIN, 1984, t. 22, p. 377).



A rigor, cabe aos diversos aparatos ideológicos de Estado, especialmente a imprensa burguesa, fugir ao abordar superficialmente e com evasivas o tema mais espinhoso e atual da sociedade capitalista: sua depauperação – materializada em desemprego, mendicância, violência, traficância, ruína e miséria. A adrede ocultação deste tema intrínseco às cidades do Capital tem sido lugar comum nos discursos dos reformistas e oportunistas revisionistas, inclusive, do campo da esquerda que são muitos e loquazes.

O fenômeno em questão não é novo, não é *neo*, como se diz na enciclopédia liberalóide da apostasia, ele remonta aos últimos anos do século XIX quando os revisionistas de antanho diziam que a tese de Marx sobre a depauperação lenta e gradual da classe operária e do conjunto dos trabalhadores sob o capitalismo havia caducado.

Como esta tese do marxismo foi tirada de circulação da quase totalidade dos discursos acadêmicos, retomo uma fala de Lenin que, a meu critério, serve de contraponto ao discurso oficial não só dos ‘velhos’ revisionistas mas também dos ‘novos’ reformistas, sobre o empobrecimento e o hediondo aumento da miséria, *pari passu* com o embriagador aumento da riqueza.

Lenin (1984, t. 22, p. 231), no folheto “*A depauperação na sociedade capitalista*”, colocou a nu as falácias reformistas e o oportunismo, posto que, “segundo eles, a teoria da depauperação era inexata: o bem-estar das massas cresce, ainda que lentamente, o abismo entre os possuidores e os despossuídos não se aprofunda, mas diminui”.

Sobre isto, chamava a atenção para o desacordo ou a falsidade dessa fala, à medida que a análise acurada da realidade econômica dos últimos tempos torna cada dia mais patente que “os salários dos operários, mesmo com o movimento grevista mais tenaz e mais afortunado para eles, aumentam mais lentamente que a elevação dos gastos necessários à força de trabalho. E, ao par com isto, a riqueza dos capitalistas cresce com rapidez vertiginosa” (LENIN, 1984, t. 22, p. 231).<sup>125</sup>

---

<sup>125</sup> Se não estou enganado, há algo de verossímil na consideração acima quando conectada ao cotidiano brasileiro dos dias atuais. É fato inquestionável: produtos alimentícios, vestuário, combustível - *gasolina, álcool, gás de cozinha* - aluguéis, tudo subiu, tudo sobre de preço. Enquanto isto, o operário se depaupera, se torna, de todo modo, mais pobre que antes, é obrigado a viver pior, a alimentar-se menos - em quantidade e qualidade -, a passar fome, a habitar em sótãos e desvãos - literalmente, em baixo da ponte -.

Mas se, por um lado, é patente a redução dos gastos com a reposição da força de trabalho, redução dos salários individuais, por outro lado, está mais que clara a elevação dos gastos com o consumo de supérfluos pela burguesia e pela *burocracia política* que a representa e defende cegamente. Deduzo, então, desta infernal contradição, uma terceira premissa desse silogismo dialético, a tendência ao empobrecimento das massas é fato.

Sobre isto, Lenin (1984, t. 22, p. 372) escreveu:

Sem embargo, é mais patente ainda a depauperação relativa dos operários, isto é, a dominação da parte que lhes corresponde da renda nacional. A parte comparativa dos operários na sociedade capitalista, que se enriquece rapidamente, é cada dia menor, pois os milionários se enriquecem com rapidez vantajosa.<sup>126</sup>

Quer me parecer, ao término da leitura dessa contradição burguesa, incremento paralelo dos miseráveis e dos nababos, que Marx tinha razão, tem razão! A abundância, a riqueza desregrada e dissoluta dos capitalistas cresce, ao passo com a rápida e incontida depauperação da classe operária e dos trabalhadores assalariados das cidades e do campo.

Lenin (1984, t. 25, p. 58) tinha razão ao escrever que o desenvolvimento do capitalismo

concentra o capital cada vez mais, crescem as associações de fabricantes, aumenta o número de indigentes de desempregados, e também a miséria do proletariado, e se torna cada vez mais difícil lutar por um nível de vida suportável. A carestia da vida, que aumenta rapidamente nos últimos anos, anula amiúde todos os esforços dos operários.

Em face deste quadro, os bolcheviques tinham diante de si uma árdua tarefa: educar e “elevar constantemente a consciência das massas e ampliar as ações coletivas, cada uma das quais, tomadas de forma separada, pode ser ofensiva ou defensiva, e todas elas, em conjunto, conduzem ao conflito mais intenso e decisivo” (LENIN, 1984, t. 25, p. 58).

Vale acrescentar, a **educação**, a **luta de classes** e a **prática política de combate** à autocracia e a burguesia eram aspectos indissociáveis da **formação do homem soviético**. A **educação** estava direcionada não para o diletantismo – passatempo e não meio de vida – mas para a transformação da sociedade e construção da sociedade soviética.

---

<sup>126</sup> No Brasil, consulte-se a defasagem do poder de compra do salário mínimo atual em relação ao salário mínimo dos anos 40 do século XX, constata-se de pronto que a *tendência* de redução da participação da massa salarial na Renda Nacional transformou-se em enfermidade social e política crônica.

#### 4.7 – A intelectualidade apartidária

Ao contrário da influência da burguesia fundiária, financeira e industrial, os senhores que detinham e ainda detêm efetivamente em suas mãos o monopólio da opressão e da ‘oposição’ legal na imprensa burguesa,

a influência da intelectualidade, que não participa diretamente na exploração, que é educada no manejo de palavras e conceitos gerais, (...) que, tomada as vezes por uma sincera escuridão mental, erige sua situação inter-classista em *princípio* (...), a influência dessa intelectualidade burguesa sobre o povo, sim!, é perigosa. Neste caso, e só nele, é quando ocorre a contaminação de amplas massas, que pode ocasionar verdadeiro dano e que exige por em tensão todas as forças do socialismo para combater tal prática nociva (LENIN, 1983, t. 16, p. 43).

A tentativa de situar-se acima de todos os partidos e classes sociais fundamentais de uma dada sociedade de classes, não era uma posição

universalmente humana, senão universalmente lacaiosca(*sic!*). O escravo que tem consciência de sua condição e luta contra ela é um revolucionário. O escravo que não tem consciência de sua condição e vegeta em sua vida silenciosa, inconsciente e apagada, é simplesmente um escravo. O escravo que ‘baba’ quando satisfeito descreve as excelências (virtudes) da escravidão se entusiasma ante a bondade e o bom talento de seu senhor, é um servo, um vadio (LENIN, 1983, t. 16, p. 43).

Com um certo pieguismo a intelectualidade russa se enternecia e intitulava um capitalista, um latifundiário e/ou um agiota oficial (um banqueiro), um contra-revolucionário, **inimigo do povo**, de humanista e filantropo a quem se deve admirar e imitar. Com isto, procura converter os escravos assalariados em lacaios conscientes da burguesia. Assim, liberdade, igualdade, fraternidade e democracia não eram mais que o ouropel da teórica que disfarçava a pobreza de suas idéias. Eram

frases aprendidas de memória, tagarelices da moda, hipocrisia. É um rótulo de cores grosseiras. Vocês mesmos - dizia Lenin - não são mais que sepulcros alvejados. A alma lhes transpira mandriice (indolência, preguiça, vadiagem), e toda a sua **educação**, cultura e ilustração não são mais que uma variedade da prostituição qualificada. Pois vocês vendem

suas almas, e não só por necessidade, senão também por ‘amor à arte’ (LENIN, 1983, t. 16, p. 43-44).

O curso seguido pela crítica leninista caminhava no sentido de exigir dessa intelectualidade que ensinasse o povo a compreender acuradamente o conteúdo e o significado da Constituição. Isto significava não fazer dela “uma espécie de manjar suculento, coisa que, com efeito, o é para o latifundiário contra-revolucionário que vê na Constituição o procedimento mais aperfeiçoado para espoliar e submeter toda a massa popular” (LENIN, 1983, t. 16, p. 44).

O latifundiário russo do século XIX, ilustrado, esclarecido, defendia

com sutileza e astúcia os interesses de sua classe, encobrendo habilmente com um véu de nobres frases e de aparente cavalheirismo, o egoísmo e os cobiçosos apetites dos senhores feudais e insiste que esses interesses se salvaguardassem mediante as formas mais civilizadas de dominação de classe (LENIN, 1983, t. 16, p. 45).

A rigor, seus seguidores colocaram toda a sua ‘instrução’ ao sacrossanto serviço dos interesses dos latifundiários e da burguesia. Para Lenin (LENIN, 1983, t. 16, p. 45), “um verdadeiro democrata, e não um pícaro ‘honrado’ dos salões radicais russos, poderá ver nisto um tema excelente para um publicista que queira mostrar como se *prostitui* a **educação** na sociedade de nossos dias”.

Quando falo de **educação política** estou a referir-me ao despertar na consciência do educando a necessidade e a querença do conhecimento caudaloso ou em grande abundância, visão ampla, intelecto e ‘coração’ enobrecidos e não da educação burguesa “verniz superficial, adestramento, ‘amestramento’ para levar adiante, com modos de cavalheiro, os mais grosseiros e mais sujos artifícios políticos” (LENIN, 1983, t. 16, p. 45).

Ao contrário do que ensinavam Nekrasóv e Saltikov, Lenin compreendia ser imprescindível evidenciar e explicitar os interesses egoístas e rapaces dos latifundiários e do modo de produção feudal por trás da sua esmerada e brilhante aparência **educada**. Combater a hipocrisia e a insensibilidade desses tipos humanos dominantes – senhores feudais e a burguesia, especialmente, os ideólogos entusiasmados com sua suposta imparcialidade como democrata sem partido e que se imaginavam depositários da herança democrática, esses intelectuais ensinavam o povo a vadiagem e o parasitismo burguês.

Era lamentável que o culto humanitário renovador pacífico não tenha conseguido encobrir, apesar de toda a sua retórica, a perversidade da autocracia que destruía o parlamento. Neste imbróglio, a missão do ‘educador’ bolchevique era “mostrar ao povo, em toda sua nudez, os inimigos que o oprimiam, e não lamentar as ausências dos hipócritas consumados que embelezavam as filas dos outubristas” (LENIN, 1983, t. 16, p. 48).

Lenin chamava de filisteu o intelectual que fazia apologia do humanismo do terratenente. E sempre que podia perguntava e, diante do silêncio, respondia: “O que é um filisteu? Uma tripa vazia repleta de medo e de esperança em que Deus se apiede dela! Que é um filisteu liberal democrata? Uma tripa vazia repleta de medo e de esperança em que o latifundiário contra-revolucionário se apiede dela” (LENIN, 1983, t. 16, p. 48).

O filisteu era o intelectual que demonstrava pouca erudição, inculto e cujos interesses eram estritamente materiais, vulgares; mais ainda, desprovido de imaginação, incapaz de atinar ou compreender por dedução os fatos históricos.

Com a dissolução da II Duma de Estado sob ‘*manu militari*’ e via ‘*coup d’état*’, levado a termo em 03 de junho de 1907, fato que marcava a reviravolta na história da revolução democrática burguesa de 1905, Lenin (1983, t. 17, p. 4) no folheto “*O caminho certo*”, se pronunciou sobre os intelectuais que abandonavam o ‘teatro de operações’ e que durante o retrocesso político desertavam em massa, só aderindo “ao Partido no momento do ascenso do movimento revolucionário e da liberdade fática”.

A propósito, Lenin (1983, t. 17, p. 4) faz um comentário irônico:

O fato de que o Partido tenha se desembaraçado dos intelectuais situados à metade do caminho entre o proletariado e a pequena burguesia começa a despertar uma *nova vida* à outras forças, *puramente proletárias*, que vêm se acumulando durante o período de luta heróica das massas proletárias.

Neste momento, já não são as forças intelectuais mas “os próprios operários, *os mais conscientes*, quem deve fazer a propaganda. O Partido empreendeu o *caminho reto* ao dirigir os operários valendo-se de ‘intelectuais’ de vanguarda saídos do meio dos próprios operários e que vivem em contato direto com as massas” (LENIN, 1983, t. 17, p. 5-7).

Esta ‘nova intelectualidade’ era a base sobre a qual o POSDR poderia construir um ‘novo núcleo de quadros’, dotado de firmeza política a toda prova e indispensável à continuidade do movimento operário revolucionário.

No opúsculo “*Marxismo e Revisionismo*”, sobre o revisionismo levado a efeito no interior da Universidade e, ulteriormente, migrando ao POSDR, o qual Lenin (1983, t. 17, p. 17) tanto combateu, há um pronunciamento no qual ele diz que, no campo científico,

falar de ciência e da filosofia burguesas, ensinadas de modo oficial por catedráticos oficiais para embrutecer as novas gerações das classes abastadas e açulá-las contra os inimigos de fora e de dentro (*historicamente esta ação é de maior monta contra os inimigos internos*). Esta ciência não quer nem ouvir falar do marxismo que considera refutado e destruído; contra Marx arremetem com igual zelo tanto os jovens cientistas, que fazem carreiras rebatendo o socialismo (*o comunismo*), como os velhos anciãos guardiões do legado caduco de toda classe de ‘sistemas’.

No campo filosófico, os catedráticos sempre que possível retornavam às apologias e vulgaridades do padroado contra o materialismo filosófico (*dialético e histórico*), e enquanto isso acontecia “os revisionistas, sorrindo com indulgência, balbuciavam (*repetindo letra por letra o último manual*) que o materialismo tinha sido refutado havia muito tempo” (LENIN, 1983, t. 17, p. 19).

No campo da economia política, os economistas contra-revolucionários, mencheviques e anticomunistas de todas as cepas e cores,

diziam ser provável que os cartéis e os *trusts* dessem ao capital a possibilidade de superar as crises por completo. E que a ‘teoria da bancarrota’, para a qual marchava o capitalismo (*predicada pelos social-democratas revolucionários*), carecia de fundamento devido sua *tendência* a suavizar e atenuar as contradições das classes (LENIN, 1983, t. 17, p. 20).

Especificamente, em se tratando de política, os catedráticos intentavam revisar para desqualificar o fulcro revolucionário do marxismo ou a ‘teoria da luta de classes’. Esta investida era real e objetiva e não uma especulação de um esquerdista, encimada na falsa prédica que apontava a liberdade política, a democracia e o sufrágio universal como elementos que destruíam a base da luta de classes.

Para complementar a investida, os revisionistas apelavam aos operários que não deveriam ver o Estado como um órgão de dominação da burguesia e/ou de uma classe sobre outra mas como mediador dos conflitos inter-classes. Acresce que se a luta ideológica sustentada pelo marxismo contra o revisionismo durante todo o século XIX ganhou corpo no século XX e, a meu juízo, varou vitalizado o século XXI, foi uma decorrência lógica das vacilações políticas e da debilidade teórica da intelectualidade pequeno-burguesa revisionista.

Na brochura sobre “*A apreciação da revolução russa*”, Lenin (1983, t. 17, p. 38) caracterizou como ilusão o triunfo inevitável, imediato e completo da ‘liberdade’, igualdade e fraternidade, predicado no transcurso da revolução democrática burguesa russa de 1905.

Eram ilusões – destacava – de uma República de toda a humanidade e não da burguesia, de uma república que implantaria a paz na terra e a boa vontade entre os homens. Eram ilusões da ausência de discórdias de classe no seio do povo oprimido pela monarquia e o regime medieval, da impossibilidade de derrotar uma ‘idéia’ com a violência, da oposição diametral entre o feudalismo caduco e o novo regime, livre, democrático e republicano, cujo caráter burguês não se compreendia em absoluto ou só se compreendia de maneira confusa *in extremis*.

Por isto, o ‘**educador** bolchevique’, representando o proletariado e os camponeses pobres da Rússia, além de **educar** as massas, encetaram uma ferrenha luta contra as ‘ilusões republicanas’ burguesas, contra a concepção idealista das tradições da *revolução* democrática russa de 1905-1907 e de sua essência burguesa, contra a fraseologia pífia pronunciada como substituta do trabalho conseqüente e sério no âmago de uma determinada classe social: o proletariado.

A intelectualidade russa tradicional, após a revolução de 1905, caminhava pelas ilusões do oportunismo pequeno burguês, com o qual esperava lograr um compromisso sem luta, na verdade, ela temia a luta e, por isto, depois da primeira derrota se apressava a renunciar a seu passado e contaminava o ambiente público com o desalento, a pusilanimidade, a fraqueza de caráter, a falta de firmeza e a decisão, o medo, a covardia e a apostasia.

#### 4.8 – ‘Jacobinos sem povo’

No tocante a histórica encruzilhada – reforma ou ‘tempestade’ – Lenin, num pronunciamento sobre a contra-revolução russa, contestou a apologia de um terceiro caminho possível. Para ele essa formulação era vaga e toda vaguidão é prejudicial à constituição da **consciência socialista**, objetivo último da **educação política**. Não havia e ainda não há *terza via*: ou se é jacobino ou se é girondino, impossível pensar outra possibilidade.

A contra-revolução permanece viva, bem viva, jamais permaneceu muito tempo na defesa, a ofensiva é sua razão de ser. Lamentavelmente, há jacobinos e ‘jacobinos’. Sobre os *jacobinos de 1793*<sup>127</sup>, Lenin (1985, t. 32, p. 231-232) fez a seguinte crítica:

Nenhum partido deveria comprometer-se a não imitar os jacobinos de 1793. (...) A grandeza histórica dos verdadeiros jacobinos, os jacobinos de 1793, consistia em que eram ‘jacobinos com povo’, com a *maioria* revolucionária do povo, com as classes avançadas *revolucionárias* de sua época. (...) Ridículos e lamentáveis são estes ‘*jacobins moins le peuple*’ que adoram posturas de jacobinos, que têm *medo* de declarar, abertamente, para que todos os ouçam, que os exploradores, os opressores do povo, (...) os defensores dos latifundiários em todos os países são os inimigos do povo..

Não se deve negar um fato irretorquível, os jacobinos de 1793 não temiam denunciar como inimigos “precisamente os representantes da reacionária e exploradora minoria do povo de sua época, precisamente os representantes das *classes* reacionárias” (LENIN, 1985, t. 32, p. 232).

Parafraseando Lenin, os jacobinos de hoje são ‘jacobinos sem povo’, isto é, adotam posturas jacobinas mas na prática são assemelhados aos representantes vulgares do capital e do latifúndio. A nocividade da fraseologia dos ‘*jacobins sans peuple*’ é uma constante incontornável. Eles jogam pela janela a teoria da luta de classes, entendem ser mais proveitoso tecer frases acerca da democracia em geral, “pisoteando a verdade elementar do marxismo de que precisamente *dentro* da democracia adquire sua maior profundidade o abismo entre os capitalistas e os proletários” (LENIN, 1985, t. 32, p. 246).

---

<sup>127</sup> *Jacobinos de 1793* – um grupo político da burguesia durante a revolução burguesa na França do final do século XVIII; representantes da ala esquerda da burguesia francesa que defendia com decisão e consequência a necessidade de por fim no absolutismo e no feudalismo.



Conciliação entre capitalistas e operários, predicada por eles, significa, tão somente, na prática *enganar os operários* mediante o sórdido jogo das negociações com seus inimigos de classe. Ao combater esses ‘*jacobinos*’, heróis da frase vazia, Lenin (1985, t. 32, p. 247) fazia com o seguinte apelo: “Senhores...! O socialismo exige que se diferencie a democracia dos capitalistas da democracia dos proletários, a revolução burguesa da revolução proletária, a insurreição dos ricos contra o czar da insurreição dos trabalhadores contra os ricos”.

Era imprescindível estabelecer a diferença entre a revolução democrática burguesa russa de fevereiro de 1917, que já estava finda (visto que a burguesia tinha assumido uma postura claramente contra-revolucionária) e a revolução proletária e camponesa em curso. O estabelecimento dessa fulcral diferença era da máxima importância à **educação política**, esclarecendo-a sobre a terrível contradição ‘termidoriana’ (movimento político que determinou a queda e execução de Robespierre e dos principais partidários da revolução francesa de 1789) a se manifestar com outra roupagem, também na Rússia: a burguesia revolucionária de 1905, agora aliada à burguesia imperialista, de fato contra-revolucionária, impulsionava sua luta “contra a revolução dos proletários e dos semiproletários (camponeses pobres)” (LENIN, 1985, t. 32, p. 247).

Ante o problema da ruína econômica e social da Rússia no século XX, e avançando na fraseologia parca, os ‘jacobinos sem povo’ advogavam o Estado em geral como parceiro da democracia em geral. Por outro lado, o verdadeiro jacobino não se permitia esquecer que o Estado é um órgão de dominação de uma classe determinada, portanto, era uma ridícula artimanha “apelar ao Estado dos capitalistas contra a rapacidade dos capitalistas” (LENIN, 1985, t. 32, p. 265).

O intelectual que após estudar as revoluções sociais ocorridas entre os séculos XVIII e XX e o comportamento das burguesias democratas revolucionárias na história de alguns países, por exemplo, 1649 na Inglaterra; 1789 na França, em 1830, 1848 e 1870 nesse mesmo país, e em fevereiro de 1917 na Rússia, especialmente depois das ondas de repressão ocorridas entre fevereiro e maio de 1917 neste mesmo país, continua predicando a democracia em geral e o Estado em geral (uma situação recorrente no Brasil, na educação oficial, do ensino fundamental à Universidade), engana o povo, voluntária ou involuntariamente, consciente ou inconscientemente.

Confiar ao Estado burguês a luta contra o movimento rapinante dos capitalistas “é o mesmo que soltar um lobo no redil” (LENIN, 1985, t. 32, p. 266). Os inofensivos socialistas domesticados pela burguesia, ao invocarem a democracia em geral e o Estado em geral, colocam palha no olho alheio.

É possível e desejável colocar como conteúdo curricular de uma determinada disciplina a questão do Estado e da democracia. Contudo, ao utilizar, por exemplo, a democracia revolucionária como conteúdo da exposição, esta categoria não “deve ser confundida com o conceito de democracia *reformista* sob um ministério capitalista” (LENIN, 1985, t. 32, p. 284).

No primeiro Congresso dos Sovietes, fora colocada a necessidade de passar das recíprocas congratulações inter-classes acerca da democracia revolucionária, para a característica *de classe* tal e como ensinava o marxismo e o socialismo científico em geral. Uma questão apresentava-se como recorrente, sobre ela Lenin (1985, t. 32, p. 327), em “*Os inimigos do povo*”, fez uma recordação oportuna:

Os jacobinos de 1793 representavam as classes mais revolucionárias do século XVIII, os pobres da cidade e do campo. Contra essa classe, que havia ajustado as contas de fato (e não de palavras) com seu monarca, seus latifundiários e sua burguesia moderada pelos meios mais revolucionários, inclusive a guilhotina, contra essa classe verdadeiramente revolucionária do século XVIII, sustentavam a guerra os monarcas aliados da Europa.

E por que? Por uma simples razão. Os jacobinos declaravam guerra a todos os que serviam aos planos dos tiranos, dirigidos contra a República. Se os inimigos dos jacobinos de antanho eram os monarcas e seus apaniguados, contra os jacobinos do presente erguem-se, ombreados, os inimigos do povo: os industriais, banqueiros e latifundiários.

Os jacobinos do século XX e do século XXI, proletários e semi-proletários, declarando como inimigos do povo os capitalistas que embolsavam / embolsam bilhões de dólares repartindo o botim e os lucros, assumiram de vez a necessidade da tomada do poder. Os jacobinos de 1793 passaram para a “história como um grande exemplo de luta verdadeiramente revolucionária contra a *classe dos exploradores* por parte da *classe dos trabalhadores e oprimidos* que haviam tomado todo o poder do Estado” (LENIN, 1985, t. 32, p. 328).

Os ‘*jacobins sans peuple*’, visíveis ainda hoje, “tomam do jacobinismo tão somente a letra, porém não sua *anima*, a aparência, porém não o conteúdo de sua política” (LENIN, 1985, t. 32, p.

328). Esse procedimento equivalia e equívale a assumir uma postura reacionária “encoberta com falsas referências aos revolucionários do século XVIII” (LENIN, 1985, t. 32, p. 368).

#### 4.9 – A enfermidade secreta da pequena burguesia

Conduzida, grosso modo, pela intelectualidade de ‘classe média’, vacilante, ainda assustada com o fantasma vermelho e influenciada pelos gritos contra os anarquistas, a **educação oficial** pequeno-burguesa era e é um mecanismo de transmissão e difusão de ilusões institucionais pelas quais, seguramente, os operários e trabalhadores *urbi et orbi* alcançariam a humanização plena.

Ontem e mais raramente hoje, essa intelectualidade “sonhadora e ‘socialista’ (...) teme confiar na direção do proletariado revolucionário, sem compreender que esse temor a condena a confiar na burguesia” (LENIN, 1985, t. 32, p. 368).

Com efeito, numa sociedade na qual se desenrola uma aguda, por vezes velada, luta de classes não pode haver posição intermediária ou equidistância. Não há equidistância e nem neutralidade política. As palavras não são neutras e ninguém está ‘além’ do bem e do mal, mesmo que se diga apoiado na ‘inteligente’ condição de *mediador*. É descabido e desbriado pretender-se *mediador* no palco de luta de classe contra classe. E mais ainda, assumir tal posição apenas demonstra o papel político que jogam certos intelectuais no interior das escolas públicas de ensino superior.

É fora de propósito ‘incorporar’ a condição de *mediador* – lembrem-se: ‘além’ do bem e do mal. O *mediador* insiste em procurar supostas e falsas soluções para as contradições peculiares às sociedades de classes e ao Estado classista, quando todos fracassaram. Ao procurar exercer o papel de intermediário entre as partes litigantes, o *mediador* rigorosamente reclama para si próprio o *arbitrium regulatum*, isto é, o poder discricionário ou o julgamento segundo suas próprias e supostas regras de conduta.

A posição intermediária ou equidistante, sempre cômoda e fugidia, estaria livre de condições restritivas preestabelecidas pela sociedade. Na verdade, ao atuar propondo a conciliação, a colaboração entre antagônicos, objetivando a composição de uma terceira via ou

terceiro caminho, como solução das contendas ou pontos divergentes entre os grupos ou classes sociais, o *mediador* assume-se como o próprio '*terceiro excluído*'. Por extensão, e em atenção a etimologia própria da palavra de origem latina, o *mediador* é 'o senhor do destino das pessoas'.

Não se trata de *mediar* a divergência perseguindo uma possível e desejável convergência entre divergentes que não sabem o que fazem ou que nada entendem do que apregoam. Não é isto! Todavia, não há a necessidade de um '*terceiro excluído*' para dirimir as questões postas por concepções de mundo antagônicas. Mesmo porque, não há ninguém minimamente consciente, a não ser que seja um 'alpinista social', proposto a dirimir questões atropelando os princípios sob os quais as questões foram construídas.

Procurar agir como se fora um '*terceiro excluído*', ignorando princípios, é dar uma demonstração cabal de insciência filosófica e/ou agnosia política; é agir ao sabor da ideologia neoliberal para quem qualquer compromisso com a manutenção dos princípios arraigados é visto como anacronismo, fundamentalismo, sectarismo.

Face aos problemas sociais e políticos que se agigantam nesta sociedade, assumir a posição de *mediador* é, no mínimo, dizer-se fora de seu tempo, 'desinteressado', afastado de sua própria condição humana fruto de todas as relações sociais. O medo ao compromisso claro com uma das partes litigantes e absolutamente antagônicas é uma demonstração incontestável da hipocrisia de quem teima em se rotular 'além' do bem e do mal.

Lamentavelmente, o **processo educacional** tocado por intelectuais da 'classe média', vulgarmente chamados de pequenos burgueses, consiste em querer o impossível, aspirar precisamente a posição intermediária ou de '*terceiro excluído*'.

A enfermidade secreta da intelectualidade da 'classe média' e/ou dos ideólogos da burguesia,

consiste, primeiro, na completa incapacidade para aplicar uma política independente (mesmo porque ela é inexistente); segundo, no temor em confiar no proletariado revolucionário e apoiar sem reservas sua *política* independente; terceiro, na submissão, derivada disto, à burguesia em geral (é dizer, na submissão aos Cavaignac<sup>128</sup>) (LENIN 1985, t. 32,p. 369).

---

<sup>128</sup> CAVAIGNAC, Louis Eugene (1802-1857) – general e político reacionário, em maio de 1848, Ministro da Guerra do governo francês, em julho, o principal cabecilha da ditadura militar. Reprimiu com excepcional brutalidade e

Incapaz de enxergar a realidade de uma sociedade determinada, em suas nuances e formas, obliterada por ilusões de classes irresolúveis, essa intelectualidade não consegue compreender que ‘a democracia é a dominação da maioria’; dominação não apenas exercitada a cada quatro anos pelo sufragar determinado candidato ao Parlamento, mas efetiva e prática, reflexo da *consciência política coletiva* que se sabe no direito e com o direito de pôr, dispor e depor parlamentares que não se comportem de acordo com o que foi *a priori* estabelecido.

Destarte, enquanto a vontade da maioria não se *impuser*, é dado ao povo sob o artifício do sufrágio, o falso termômetro da consciência política do proletariado, governos burgueses contrarrevolucionários sob o rótulo de democrático e popular. Com a fraseologia democrática e popular, a política em geral desses governos e, por extensão, dos seus Ministérios, sobretudo de sua política econômica, “constitui uma franca e clara abjuração ou transgressão da democracia” (LENIN, 1985, t. 32, p. 439).

Encimada na história, quando proclamava ‘todo poder aos soviets’, Lenin (1985, t. 34, p. 214) diferentemente do que diziam os mencheviques, afirmava que

Só a ditadura do proletariado e dos camponeses pobres é capaz de romper a resistência dos capitalistas, exercer o poder com uma audácia e uma decisão na verdade grandiosas e assegurar um apoio entusiasta, sem reservas e autenticamente heróico das massas tanto no exército como entre os camponeses.

O ‘todo poder aos soviets’ significava a transformação radical, por completo, da velha máquina do Estado, entendida como aparato feudal-monárquico e, posteriormente, burguês, que frenava o desenvolvimento democrático da sociedade russa. Mais ainda. O problema fundamental do processo revolucionário russo era

suprimir o dito aparato e substituí-lo por um novo, popular, ou seja, autenticamente democrático, o dos Sovietes, o da maioria organizada e armada do povo: operários, soldados e camponeses; significará oferecer a iniciativa e a independência à maioria do povo não só na eleição dos deputados, senão também na administração do Estado e na realização de reformas e transformações (LENIN, 1985, t. 34, p. 209).

---

inominável crueldade a insurreição de junho dos operários parisienses; de julho à dezembro de 1848 foi chefe do poder executivo francês.

O ‘poder dos Sovietes’ significava entrega total da administração do Estado e do governo do país aos operários, soldados e camponeses, contra quem ninguém se atreveria a opor resistência, os quais, por sua vez, “*aprenderiam rapidamente* com sua experiência, com sua própria experiência, a distribuir acertadamente a terra, as provisões e o trigo” (LENIN, 1985, t. 34, p. 214).

#### **410 – A dimensão pedagógica da Política**

O Partido e a dimensão pedagógica da política são partes intrínsecas do acervo de preocupações de Lenin no tocante a **educação política** e a organização do proletariado e indispensáveis ao enfrentamento do cotidiano e à luta pela edificação do socialismo.

Para Lenin (1982, t. 10, p. 372), tal como ele escreveu no folheto “*Confusão entre política e pedagogia*”, uma tarefa estava colocada como estratégica impostergável aos ‘educadores’ do Partido, toda atividade política partidária tinha uma dimensão pedagógica. Portanto, **estudar** e **educar-se** eram tarefas indispensáveis ao operariado para que ele pudesse desempenhar

o papel de combatente para emancipar de qualquer opressão a toda a humanidade; é preciso **educar** constantemente as novas camadas desta classe, há que saber aproximar-se dos elementos mais atrasados desta classe e menos desenvolvidos, menos influenciados por nossa ciência e pela ciência da vida, para poder falar com eles, para poder estabelecer contato com eles, para poder elevá-los paciente e firmemente até o nível da consciência social-democrata, sem converter nossa doutrina em um dogma seco (ou sem vida), ensinando-a não só com livros, senão também mediante a participação destas camadas mais atrasadas e menos desenvolvidas do proletariado na luta diária e prática.

Nas atividades políticas e partidárias diárias há, repetia, elementos de pedagogia, de maneira que, o bolchevique não poderia olvidar a relação entre política e pedagogia, e caso o fizesse não poderia ser considerado um marxista. Porém, havia entre eles aqueles que reduziam as

tarefas políticas a um simples trabalho pedagógico – ainda que por outra causa – [*este*] também deixaria de ser marxista. Quem se propusesse converter a ‘pedagogia’ numa consigna especial, contraposta à ‘política’ e construindo sobre essa contraposição uma tendência

especial e a exortar as massas em nome dessa consigna contra os ‘políticos’ marxistas, cairia imediata e de maneira irremediável na demagogia (LENIN, 1982, t. 10, p. 372-373).

Na questão da relação entre a política e a pedagogia, Lenin (1982, t. 10, p. 373) comparava e fazia equivalência do Partido a uma **grande escola**, elementar, secundária e superior ao mesmo tempo, restando aos comunistas não esquecer jamais, sob nenhuma circunstância, que a esta **grande escola** do proletariado cabia tomar em suas mãos “a necessidade de **ensinar** o abecê e transmitir os elementos iniciais da estrutura inicial do saber habituando-o a pensar por conta própria”.

Ele estava convencido que a busca por evitar com destreza e artifícios ou, simplesmente, eludir o contato do proletariado com o aprendizado do conhecimento ‘superior’ – filosófico e científico – facilitava a ação política do charlatanismo, da demagogia e do pensamento reacionário, envolvidos com a desorientação dos proletários que só aprenderiam o ‘abecê’.

Quando comparado a um exército, essa **grande escola** se encontrava enredada na trama da **educação ininterrupta** pois lhe cabia, em tempos de guerra e em tempos de paz, **educar** crianças e jovens difundindo em amplitude e profundidade o conhecimento filosófico e científico, como também da ‘arte militar’ (LENIN, 1982, t. 10, p. 373).

Toda **atividade política** dos comunistas terá sempre uma **dimensão pedagógica**, portanto, quanto a **educação política** eles devem aprender e ensinar o abecedário do marxismo, transmitir rudimentos do saber e procurar habituar os indivíduos a pensar por si mesmos ou por conta própria.

No período da revolução democrática burguesa de 1905 e 1907, a manifesta efervescência política de contestação convertia-se em atividade das massas sublevadas e insurrectas. Os estudantes revolucionários moscovitas, desse período, adotaram “uma resolução absolutamente análoga à aprovada pelos estudantes de Petersburgo, que condenava a Duma de Estado e chamava à luta pela República, pela instauração de um governo provisório revolucionário” (LENIN, 1982, t. 11, p. 326).

A rigor, a contribuição dos estudantes moscovitas era uma formidável ajuda para ‘potencializar a deflagração do movimento insurrecto’. Ao mesmo tempo, em outro local do *campus*,

os professores ‘liberais’ que acabavam de eleger um reitor liberalíssimo, o famoso senhor Trubetskói<sup>129</sup>, cerraram a Universidade sob pressão das ameaças policiais; temiam, segundo diziam, a repetição da chacina de Tífilis<sup>130</sup> no recinto da Universidade. A única coisa que lograram fazer foi acelerar o derramamento de sangue nas ruas, fora da Universidade (LENIN, 1982, t. 11, p. 326).

Preocupada, a reação autocrática interna e externa à Rússia, indignava-se diante da resolução revolucionária “dos estudantes de Moscou que exigia a convocação de uma Assembléia Constituinte, porém não levada a cabo pelo Czar, nem pela Duma de Estado e nem sequer pela ‘organização democrática do povo’, mas por um governo provisório revolucionário” (LENIN, 1982, t. 11, p. 346).

Estupefactos diante de tanta pretensão e ousadia dos estudantes revolucionários moscovitas, os ‘liberais’ tratavam de denunciar essa resolução como fruto da ‘imaturidade estudantil. Respondendo às invectivas dos ‘liberais’ apostas no periódico liberal ‘Frankfurter Zeitung’, Lenin (1982, t. 11, p. 346) perguntava se não seria “melhor morrer nesta luta franca, honesta, pública, **instruir e educar** o povo, que morrer numa cena montada pelo chefe de polícia e seus desprezíveis lacaios?”.

Lenin (1982, t. 11, p. 360) evidenciava que o movimento grevista de massas crescia, desembocando na mobilização massiva de todos aqueles que combatiam pela verdadeira liberdade. No âmago da greve surge o estudantado radical com uma resolução que, construída com

a linguagem de cidadãos livres e não de funcionários menores, estigmatiza sem paliativos a Duma de Estado como um descarado escárnio do povo e exorta à luta a favor da república e da convocatória de uma Assembléia Constituinte verdadeiramente democrática. Começa nas ruas a luta do proletariado e dos setores mais avançados da democracia revolucionária contra as tropas e a polícia czaristas.

---

<sup>129</sup> TRUBETSKÓI, S. N. (1862-1905) príncipe, liberal, filósofo idealista. Pretendia reafirmar o czarismo com a ajuda de uma Constituição moderada. Em 1905, eleito reitor da Universidade de Moscou aceitou fechar temporariamente a Universidade moscovita por temer a efetivação de ações revolucionárias dos estudantes contra a autocracia no interior do *campus*.

<sup>130</sup> Lenin refere-se, naturalmente, à repressão policial com armas de fogo contra os operários grevistas de Tífilis, há 20 de agosto de 1905. Resultados drásticos: 60 mortos e cerca de 300 feridos.



Os estudantes radicais de Moscou e Petersburgo assumiram as consignas social-democratas e passaram a constituir parte da “*vanguarda* das forças democráticas que nutriam um desprezo pela vileza dos reformistas ‘democratas constitucionalistas’ claudicantes diante da Duma, forças que propendia a encetar a luta verdadeira e decidida contra o execrável inimigo do povo russo e não para implementar acordos com a autocracia” (LENIN, 1982, t. 11, p. 366).

Por ocasião da greve política iniciada em 19 de Setembro de 1905, a autonomia universitária concedida pelo governo russo era uma falsa autonomia, todavia fora recebida pelos professores russos como dádiva, benesse, enquanto aos estudantes era permitido apenas o direito de realizar assembléias.

Essa parca concessão do czarismo aos professores e estudantes representava a abertura de uma diminuta fenda no sistema geral de opressão autocrático-feudal. Mínima fenda por onde haveria de irromper com força inesperada e com grande fluência uma nova vasca revolucionária. Essa mísera concessão à elaboração de uma minúscula *reforma universitária outorgada* e levada a termo

com o intuito de *atenuar* as contradições políticas e ‘reconciliar’ os saqueadores com os saqueados, suscitou, na prática, a exacerbação da luta e ampliou composição social dos participantes. Os operários ocorreram em massa às assembléias estudantis, as quais começaram a se transformar em reuniões revolucionárias populares, nas quais predominava a classe de vanguarda na luta pela liberdade: o proletariado (LENIN, 1982, t. 11, p. 393).

Ontem os liberais, hoje os *neoliberais*, usam a liberdade para traí-la; usam a liberdade para impedir que a participação dos estudantes coadjuve, amplie e agrave a luta do proletariado. Enfim, enganam o povo com as palavras liberdade e igualdade.

#### **4.11 – A imprensa bolchevique<sup>131</sup>**

A imprensa bolchevique exerceu papel fundamental no desenvolvimento das *condições subjetivas* da revolução russa de 1917, tanto sua parte legal como a parte clandestina. Para os

---

<sup>131</sup> As anotações sobre a imprensa bolchevique foram retiradas (i) dos comentários de Lenin feito ao longo de sua obra, (ii) das notas e escólios produzidas pela Editora Progresso responsável pela produção, tradução e divulgação da obra em questão.

comunistas, a imprensa era importante meio pedagógico e político para a educação dos quadros bolcheviques e das ‘massas’ operárias e camponesas. Era por intermédio de periódicos e semanários legais e clandestinos que os bolcheviques faziam chegar à juventude revolucionária as obras de Marx, Engels, Plekhánov dentre outros destacados membros e ideólogos da revolução russa.

Dentre os periódicos e semanários que mais se destacaram na transmissão da ideologia marxista, estavam:

*Prosveschenie* (A Instrução), uma revista teórica bolchevique legal, teve sua aparição entre dezembro de 1911 e junho de 1914. Esta revista foi dirigida diretamente por Lenin, de Paris e posteriormente de Cracóvia e Poronin, na qual publicou um cem número de artigos. *Prosveschenie* foi fechada pela polícia czarista na antevéspera da primeira grande guerra imperialista.

*Student* (O Estudante), periódico dos estudantes revolucionários.

*Iskra* (A Centelha) o primeiro e ilegal jornal marxista em circulação em toda a Rússia. Fundado por Lenin em 1900, desempenhou destacado papel na fundação do Partido revolucionário marxista da classe operária russa. Este jornal centrava suas atenções na questão da luta revolucionária do proletariado e dos camponeses pobres contra a autocracia czarista e veiculavam também, com uma atenção esmerada, os acontecimentos mais importantes do movimento operário internacional. Diretor e dirigente do *Iskra*, por seu intermédio Lenin elaborou relevantes contribuições ao movimento operário e comunista internacionais ao escrever vários artigos sobre o Partido e a luta de classes na Rússia.

A rigor, este periódico foi o centro da organização e educação dos quadros do Partido Operário Social-Democrata da Rússia. Por ocasião do II Congresso do POSDR, a fração minoritária do Partido – os mencheviques – se apoderaram do *Iskra* e o converteram em órgão de luta contra o marxismo, os bolcheviques e o Partido.

*Pravda* (A Verdade) periódico bolchevique legal que começou a circular em Petersburgo no dia 22 de abril de 1912. Inicialmente foi editado com a soma das contribuições dos próprios operários russos. A direção ideológica deste jornal fora conferida à Lenin e com o qual colaborou incessantemente. Vale acrescentar, *Pravda* foi um alvo preferencial da repressão czarista, tendo

sido suspensas suas edições por pelo menos oito vezes, reaparecendo sob outros epítetos. Suspenso em julho de 1914 só voltaria a circular após o fevereiro de 1917.

*Vperiod* (Avante), um semanário bolchevique ilegal, datado de 1904 a 1905. Lenin foi seu principal dirigente e ideólogo, no qual chegou a publicar mais de sessenta artigos.

*Proletari* (Proletário), periódico clandestino dos bolcheviques que circulou entre 1906 e 1909 sob a direção de Lenin, nele foram publicados de sua lavra mais de cem artigos e comentários ‘soltos’ dedicados aos mais diversos assuntos de interesse do proletariado e incontornáveis contribuições à luta revolucionária contra o czarismo e o modo de produção feudal. Como o *Pravda*, este jornal exerceu um papel notável na educação, conservação e fortalecimento das organizações bolcheviques.

A imprensa bolchevique foi o fulcro do processo de auto-educação e organização das massas, bem como da formação firme, reta e decidida de quadros do movimento comunista russo, tanto no século XIX quanto no século XX. Essa imprensa encerrava em suas páginas e em suas entrelinhas, primeiro, o antídoto contra o populismo russo e o oportunismo europeu-ocidental conhecidos como os principais veios ideológicos de combate ao marxismo e, segundo, o desvelar os ‘falsos amigos’ da juventude, que com uma fraseologia pseudo-revolucionária se acercavam dos jovens estudantes e procuravam impedi-los do acesso à discussão acalorada sobre as tendências revolucionária e oportunista em refregas constantes.

Todavia, era insuficiente a produção e a distribuição de periódicos, revistas e livros nas bibliotecas, salas de leitura e nas escolas. Este problema fazia com que apenas uma pequena parcela da população se apropriasse da produção literária que chegava em quantidade excessivamente pequena à massa de operários e camponeses pobres.

Segundo pensavam Lenin e o Comissariado do Povo de Instrução Pública, era imprescindível redimensionar de forma radical a produção e a distribuição de periódicos, revistas e livros, fazendo com que o grosso da população pudesse ter acesso ao maior número possível informações contidas no acervo científico e filosófico produzido e acumulado ao longo da história da Rússia e das outras sociedades européias, asiáticas, etc..

Lenin entendia não ser possível edificar uma outra sociedade, socialista (a transição) e comunista (o objetivo) num país de analfabetos. Para ele, enquanto este fenômeno persistisse na

Rússia, era demasiado difícil falar de **educação política**; era necessário começar por ensinar o analfabeto, sem isto, sem erradicar o analfabetismo só haveria rumores, intrigas, preconceitos, mas não política.

## – À GUISA DE CONCLUSÃO

O objetivo deste estudo não foi esclarecer os variados problemas que permeiam a educação e a prática pedagógica reclama. Assumi, no entanto, a tarefa não muito fácil, por vezes delicada diante da sensibilidade da academia, de resgatar um autor que, ao meu julgar, tem uma significação ímpar no real desvelamento da dimensão política da educação oficial numa sociedade capitalista determinada.

Exatamente por isto não tratei de problemas como o da didática, da metodologia e nem da experimentação pedagógica, vez que assumi como tarefa mais importante esquadrihar as obras de Lenin procurando nelas contribuições à **educação política** do proletariado e camponeses pobres, os sem-terra, bem como localizar sua crítica ácida ao compromisso e comportamento político daqueles que assumiram para si a divulgação das mais diversas teorias da educação e concepções de mundo adversas ao marxismo e/ou ao leninismo: os intelectuais e seu *locus* formador, a Universidade.

Dito isto, Lenin (1986, t. 29, p. 380), nos “*Cadernos Filosóficos*”, retoma as críticas filosóficas e políticas de Joseph Dietzgen<sup>132</sup> dirigidas aos filósofos de seu tempo e grafadas nos “*Escritos Filosóficos Menores*” (In: LENIN, 1986, t. 29). Por demais ácidas, essas críticas foram redirecionadas por Lenin aos donos dos meios de produção e aos cultos de sua época, isto é, capitalistas, banqueiros, latifundiários e intelectuais, à medida que todos eles só se preocupavam com a verdade e a ciência quando

têm préstimos para aumentar os seus tesouros ou para conservar os seus privilégios, são eles os ignominiosos materialistas verdadeiros a quem nada importa que não sejam os interesses do seu próprio estômago e do seu bem cuidado corpo. (...) devido sua privilegiada posição social, estão os ‘possidentes’ e os ‘cultos’ condenados à repugnante tibieza, ao indiferentismo, que não é quente nem frio.

---

<sup>132</sup> DIETZGEN, Joseph (1828-1888) operário alemão que, enquanto ‘autodidata’ e militante, (i) ‘descobriria’ o materialismo histórico e (ii) era implacável com os intelectuais – filósofos, professores e docentes livres. Depois da revolução de 1848 emigra para a América do Norte e em 1863 viaja à Rússia a procura de trabalho. Em Petrogrado trabalha como curtidor numa fábrica de beneficiamento de couro, enquanto em seus momentos de folga dedicava-se ao estudo da filosofia, da economia política e do socialismo. Crítico acerbo do idealismo e da religião, chama a primeira de ‘cabra cega’, fustiga com acidez o ‘partido intermédio’. Os intelectuais idealistas e os filósofos eram, para ele, ‘lacaio diplomados’ do padroado. Os seus equívocos sobre o materialismo dialético são apresentados e criticados por Lenin em sua obra ‘*Materialismo e Empiriocriticismo*’.

Ao referir-se aos filósofos de sua época, Dietzgen o faz de modo sarcástico posto que para ele

Todos os que se dão o nome ‘filósofo’, todos esses professores e auxiliares de cátedra [ou docentes livres], apesar do aparente livre pensamento, estão mais ou menos envolvidos na rede da superstição e no misticismo, todos eles, na realidade, se diferenciam pouco um do outro e constituem, frente à social democracia, uma única massa *in punto punctii*<sup>133</sup> reacionária e inculta (LENIN, 1986, t. 29, p. 380).

Para o operário alemão, o método especulativo da filosofia não era outra coisa senão um desastrado dirigir-se sem sentido à nebulosa indeterminação ou “um desastrado perguntar para dentro da universalidade vazia. Sem material algum, tal como a aranha que tira a teia do seu traseiro e, inclusive mais, sem fundamento, sem a menor premissa, o filósofo procura tirar sua sabedoria especulativa da cabeça” (LENIN, 1986, t. 29, p. 380).

Retomando a velha discussão sobre o idealismo e o materialismo, não superada ainda no século XXI, e fugindo à análise e interpretação especulativas, fugidias, sem compromisso com a luta do proletariado moderno, Dietzgen escreveu: “Nos zelamos pela resolução, pela clareza. Os obscurantistas retrógrados se dão o nome de idealistas, e devem chamar-se materialistas todos aqueles que procuram a emancipação do intelecto humano do encantamento da metafísica” (LENIN, 1986, t. 29, 1p. 412).

Dietzgen estava envolvido numa luta ferrenha com os intelectuais nefelibatas para quem as ‘representações sociais’ em geral eram postas como se estivessem escoimadas das ideologias. Essas ‘representações sociais’ eram postas como não ideológicas, portanto, desvinculadas e indeterminadas por uma concepção de mundo produzida historicamente por homens e mulheres concretos transformando a natureza. Para além do entendimento materialista, as ‘representações sociais’ caracterizadas pela ausência de intermediário entre o *cognoscente* e o *cognoscível* são ideias arbitrárias, abstratas, nas quais toda concretude é descartável.

É possível concluir que da oposição ‘representações sociais’ *versus* mundo material, seus apologistas estavam enredados na existência de uma ‘alma’... idealizada, pensada, imaginada, uma espécie de idéia absoluta. Para os materialistas estava “perfeitamente claro que o ‘objetivo’ e

---

<sup>133</sup> No fim de contas.

o ‘subjetivo’ pertencem ao mesmo gênero que o corpo e a alma, saídos de um mesmo material empírico” (LENIN, 1986, t. 29, p. 419).

A capacidade de pensar, capacidade cognoscitiva ou capacidade de conhecimento, para Lenin era parte do mundo material e não o inverso. Assim, “o todo regia a parte; a matéria o espírito, ao menos no principal, ainda que, às vezes, o espírito humano reja o mundo” (LENIN, 1986, t. 29, p. 419). Não obstante, essa capacidade de pensar, pensar sobre algo que existe fora e independente da consciência e da vontade humanas, é um produto desenvolvido a partir da natureza material. Todavia, ainda hoje, para os intelectuais conformes com o idealismo alemão, as coisas ocorrem precisamente ao contrário.

Em linguagem leninista, permanece ainda hoje o ‘estado de inversão’ ou de “tergiversação” sobre o pensar, empreendido pelos idealistas sob uma espécie de novo visionarismo remanescente, reminiscência ou resquício residual da velha escolástica e da mística metafísica. Em contrapartida, os materialistas não reconhecem nada de transcendental aos limites da razão humana funcionando cientificamente.

Ora, se os materialistas não acreditam em *sortilegium*, aos olhos de Dietzgen os professores de filosofia eram mordomos diplomados, cujos discursos empolados sobre a ciência e a **educação** serviam para embrutecer “o povo com um idealismo afetado, com o mesmo zelo que outrora os sacerdotes pagãos mistificavam os primeiros conhecimentos da Natureza” (LENIN, 1986, t. 29, p. 386).

Se como um suposto deus é o contrário de um suposto diabo (o mensageiro da luz?), o intelectual clerical é a negação do intelectual materialista, portanto, meio de ataque e negação do marxismo-leninismo, movimento político e filosófico que, ulteriormente, se transforma em comunismo.

Um pequeno e breve escólio sobre o comunismo, outrora, conhecido como ‘social-democracia’, a meu juízo, é necessário para que não seja confundido com as correntes políticas do século XX e XXI que advogam o ‘socialismo democrático’ como estratégia dos movimentos sociais dirigidos, não pela classe operária e trabalhadores assalariados, mas pela intelectualidade pequeno-burguesa com o intuito único de perpetuar o capitalismo.

## Revolucionários e conservadores

Entre 1904 e 1905, Lenin apontava como sinônimo de social democracia a democracia operária, um claro contraponto ao que ele entendia como democracia burguesa. Este problema, embora bastante velho, era / é exatamente atual. Com o descenso do espírito revolucionário e diante de uma realidade incontornável, ele criticava as teorias “acerca do caráter não classista, não burguês, da intelectualidade democrática russa” (LENIN, 1982, t. 9, p.183-184).

Contudo, para ele havia claramente, naquele momento, deslocando-se no interior do movimento social democrata duas alas de intelectuais: a *revolucionária* que expressava as tendências proletárias; e a conservadora ou *oportunista* que expressava as tendências intelectuais pequeno-burguesas em voga na Rússia, representativas do marxismo legal e reflexo do marxismo nas publicações burguesas. A rigor, para ele, esta ala havia submergida no *oportunismo* píffio, atolando-se feio no pântano do liberalismo.

Diante desta atividade dual no interior do movimento social-democrata<sup>134</sup>, Lenin (1982, t. 9, p.186) retoma a discussão sobre o fracionismo desse movimento para definir o caráter de classes do liberalismo, portanto, da ala oportunista da social-democracia, como movimento organizado de ideólogos da burguesia; e colocar, como prioridade, “a tarefa de esclarecer o proletariado o fundo anti-revolucionário e anti-proletário da principal tendência liberal”.

A rigor, ele apontava esse imbróglio político, filosófico e econômico como de máxima importância para fazer ver o proletariado russo que os adeptos da democracia burguesa proclamando as bandeiras ou consignas da liberdade e da igualdade, consignas socialistas, ofuscavam ainda, com isto, a consciência do proletariado.

Hoje como há 100 anos, a ala intelectualizada da social democracia, por um lado, combate o “ofuscamento” com fraseologia e solicita à burguesia e aos seus ideólogos que não enganem, não mintam ao proletariado e aos trabalhadores assalariados, por outro lado, com engenho e arte engana, mente, ofusca o real com fraseologia. Sobre esta ambigüidade política, Lenin manifestou-se com as seguintes palavras:

---

<sup>134</sup> De acordo com o pensamento de Lenin, os comunistas russos, seguidores do marxismo, mais que quaisquer outros deviam chamar-se **social-democrata** e não esquecer nunca em sua atividade a enorme importância da democracia.



A *ala proletária* luta mediante a análise do conteúdo de classe da democracia. A *ala intelectual* inventa razões para determinar qual é a boa burguesia, benévola e merecedora de que se faça um acordo com ela. A *ala proletária* não espera nenhuma benevolência da burguesia apenas apóia a burguesia, ainda que seja a pior parte (se é que existe a melhor), na medida em que luta de verdade contra o czarismo (LENIN, 1982, t. 9, p. 186).

Lenin clareou e denunciou com todas as tintas a política de alianças dos social-democratas com a burguesia e suas tendências políticas, ela deveria ser levada a termo exclusivamente no caso de assestar com maior habilidade um golpe aos inimigos do proletariado. E mais. Ele contestou, por ser infundada, a opinião de que a intelectualidade pode converter-se em uma força independente, uma força acima de qualquer caráter de classe, nem burguesa e nem proletária.

Um detalhe era preciso ser explicitado e compreendido: a burguesia é *democrata* apenas enquanto se manifesta contra a autocracia, a tirania, o bonapartismo e os regimes escravistas e de servidão. O espírito democrático burguês “é limitado, estreito e inconseqüente como é em graus distintos toda a democracia burguesa” (LENIN, 1982, t. 9, p.189).

Curiosamente, já naquela época – 1904/1905 e não há nenhuma referência explícita feita por este escriba aos anos 2000 do século XXI – a análise do liberalismo russo evidenciava a existência de quatro grupos; (1) latifundiários feudais; (2) latifundiários liberais; (3) intelectuais liberais, partidários de uma Constituição censitária; e (4) intelectuais democratas, a extrema esquerda.

Em sua crítica ao editorial do *Iskra*<sup>135</sup>, à época controlado pelo elemento menchevique, Lenin (1982, t. 9, p. 188) aponta que essa clivagem além de incompleta era um verdadeiro imbróglgio à medida que confundia “a divisão dos intelectuais com a divisão dos diferentes grupos e classes, cujos interesses expressa a intelectualidade”.

---

Destarte, independente de quaisquer outras conotações ou apreciações históricas quando me refiro a social-democratas russos estou a reportar-me aos comunistas da linha marxista.

<sup>135</sup> Primeiro jornal marxista ilegal da Rússia, o *Iskra* foi fundado por Lenin em dezembro 1900 e sob sua direção permaneceu até fevereiro de 1903. Este periódico desempenhou um papel decisivo na fundação do partido marxista revolucionário da classe operária da Rússia. Como era impossível a publicação de um jornal revolucionário na Rússia czarista, sintomaticamente em decorrência das brutais perseguições policiais, Lenin houve por bem traçar a estratégia de editar o *Iskra* no estrangeiro. Assim ocorreu. Em dezembro de 1900 o primeiro número do jornal foi lançado em Leipzig (Alemanha). Integravam a redação do jornal, além de LENIN, PLEKHANOV (Gueorgui Valentinovitch), MARTOV (Iuli Ossípovitch), AXELROLD (Pavel Boríssovitch), POTRÉSSOV (Alexander Nikoláevitch), ZASSÚLITCH (Vera) e KRÚPSKAIA (Nadejda Konstantínovna), esta passou a exercer o cargo de secretária da Redação em 1901. Em 1903, em virtude do *Iskra*, por ocasião do II Congresso do POSDR, ter deixado de ser um órgão de divulgação e propaganda política dos marxistas revolucionários, Lenin abandona a Redação. O jornal, sob a direção dos mencheviques, foi publicado e circula até o terceiro quartel do ano de 1905.

Essa análise revelava que, naquela época, os interesses da burguesia russa refletiam não apenas os interesses de um grande número de comerciantes e industriais, notadamente os médios e os pequenos industriais mas também (o que tem singular importância) os de uma grande massa de camponeses acomodados e pequenos proprietários.

O que preocupava Lenin era a lacuna deixada naquela divisão vez que, de maneira historicamente necessária e não casual, a *intelligentsia* russa estava cindida em três correntes: a ligada “a *Osvobozhdenie*<sup>136</sup>, a socialista revolucionária<sup>137</sup> e a social democrata” (LENIN, 1982, t. 9, p. 189). Elas expressavam, com a precisão possível num Estado autocrático, as duas primeiras o ponto de vista dos ideólogos modernos da democracia burguesa e a terceira o ponto de vista do proletariado.

Havia então a necessidade de entender, e bem, essa encruzilhada. Urgia compreender que a hegemonia de uma ou de outra corrente estribava-se no “apoio do único democrata conseqüente até o fim, o proletariado” ou dos “democratas inseqüentes (ou seja, a burguesia)” (LENIN, 1982, t. 9, p. 190).

A hegemonia, na revolução russa de 1905, na qual corria rios de sangue e se erguiam as chamas da guerra civil pela liberdade, pertencia a quem lutava com maior energia que os demais, “a quem aproveitava todas as ocasiões para assestar golpes no inimigo, aqueles cujas palavras não diferiam de sua prática” e, por isto mesmo, “tornava-se o guia ideológico da democracia e crítica de toda a ambigüidade” (LENIN, 1982, t. 9, p. 190).

Não se tratava apenas da crítica, mas da condenação explícita da ambigüidade dos liberais russos, posto que suas palavras não correspondem à sua prática. A discrepância entre o discurso e a prática era comum à intelectualidade intitulada ‘nervo motor’ do socialismo. Sem nenhum

---

<sup>136</sup> *Osvobozhdenie* (Libertação): revista quinzenal editada no estrangeiro de 1902 a 1905 sob a direção de STRUVE (Piotr Bergárdovitch). Esse periódico tinha uma clara e franca orientação liberal burguesa, expressava em seus artigos e editoriais as idéias do liberalismo monárquico mitigado. Vale acrescentar, os adeptos de Struve e das idéias lançadas e defendidas nessa revista integraram o núcleo do principal partido burguês da Rússia, fundado em outubro de 1905, o Partido Democrático Constitucionalista (Lenin, 1982, nota nº 29).

<sup>137</sup> O Partido *Socialista Revolucionário* (eserista), fundado em 1901 a partir da unificação de grupúsculos populistas, advogava a ideologia e a concepção de mundo da pequena burguesia, rechaçava o papel dirigente da classe operária na revolução, considerava que o trânsito ao socialismo seria obra do campesinato e, por isto, exercitava uma franca oposição ao marxismo. As táticas utilizadas pelos militantes *socialistas revolucionários* na luta contra a autocracia czarista eram de orientação terrorista individual decorrendo delas alguns assassinatos de destacados membros do governo.

constrangimento essa intelectualidade traia seus próprios programas e ofuscava a consciência do proletariado infinitas vezes e, grosso modo, faziam da luta contra o socialismo sua causa comum.

Na perspectiva leninista, o proletariado não deveria aceitar o jogo das consignas, das declarações e dos acordos burgueses. Mesmo porque o proletariado jamais deveria esquecer que os ‘democratas’ burgueses não eram / não são democratas verdadeiros. O proletariado, em situações históricas especiais quando se tratava de derrubar um governo autocrata, podia até apoiar a burguesia “local” mas jamais deveria se comprometer com ela e nem semear o medo servil, o temor reverencial e nem devia abrigar a ‘fé’ em sua honestidade de princípios.

Reitero, o proletariado deveria apoiar a burguesia apenas quando ela lutava de verdade contra a autocracia, tirania ou o despotismo de um indivíduo e/ou de grupos fisiológicos. Na verdade, este apoio era necessário apenas para lograr objetivos revolucionários imprescindíveis ao proletariado à consecução dos seus objetivos estratégicos e políticos.

Contrariando a intelectualidade da democracia burguesa, Lenin reportava como significativamente necessário que em determinadas condições históricas a luta conjunta do proletariado e da burguesia, contra um governo autocrata e/ou despótico, não poderia ser usada como uma cortina de fumaça para ocultar a histórica oposição antagônica e hostil entre os interesses do proletariado e os da classe dominante.

Na explicação desta irrefutável e histórica oposição, era preciso revelar o caráter antagônico abissal das concepções de mundo das classes sociais fundamentais da sociedade russa. Não obstante, Lenin não aceitava a renúncia aos ‘acordos’ temporários dos bolcheviques com os adeptos de outras tendências, quanto estava em jogo, por exemplo, a soberania da Rússia como Nação a ser reconstruída após a derrubada do império czarista.

## **O intolerável**

Ao estudar a obra de Lenin uma questão me inquieta, incomoda. Se Lenin não é o líder sanguinário, nem o revolucionário dogmático e muito menos o intelectual inculto e vulgarizador do marxismo, então de onde provinha e provém a aversão acadêmica, política e ideológica a esse

líder proletário incontestável, comunista intransigente e irrepreensível, intelectual rigoroso e, como dissera Stalin, em política uma verdadeira “águia das montanhas”?

Certamente, não será do suposto caráter pré-crítico com o qual Lenin tratava a filosofia e nem do aspecto sumário de algumas das categorias por ele arroladas / discutidas. Nada disto é verdade. Não é por isto e a *intelligentsia* burguesa sabe muito bem! Mesmo porque, não consta em sua vasta obra que ele tenha afirmado ser filósofo, ao contrário, sempre reconheceu sua “ignorância relativa” nessa área do conhecimento humano, sem contudo deixar de afirmá-la como imprescindível a emancipação intelectual do proletariado.

Lendo o que não está explícito nas linhas do “*Materialismo e Empiriocriticismo*”, mas claro está nas suas entrelinhas, é possível observar Lenin a proclamar suas formulações filosóficas como não muito bem delineadas. Ele sabia que com elas corria o risco de ser qualificado de ‘mecanicista’ (como o fora anteriormente Engels) e de positivista (como o foi atribuído a Marx).

Diferentemente do que seus críticos faziam, ele negava-se a despender um tempo precioso de sua consciência com a divagação, a ruminação filosófica e a insanidade pseudofilosófica – esta, em linguagem hegeliana, era / é necessário cauterizar.

A meu julgamento Lenin era e é intolerável à *intelligentsia* burguesa e pequeno-burguesa, não por ser um amador ou um reles autodidata em filosofia mas por ser comunista, dirigente proletário e, principalmente, um militante revolucionário. Um advogado popular que a história dos movimentos sociais populares na Rússia se incumbiu de transformar no dirigente máximo da revolução bolchevique de Outubro, fato considerado intolerável pelos intelectuais burgueses que, cheios de afetação, apenas palram.

Lenin era e é intolerável porque sua crítica ácida destinava-se aos intelectuais de sua época, não a todos os intelectuais sem exceção, mas àqueles que atuavam no sistema oficial de **ensino**, inculcando os dogmas próprios à ideologia dominante indispensáveis à ratificação e continuidade da dominação da burguesia.

Em face dessa intolerância histórica, embora nem sempre exercida de forma explícita, levanto a seguinte consideração: não é verdade que Lenin não tem nenhuma contribuição à política, à filosofia e à **educação**. São os seus críticos, aqueles que insistem em negar suas

contribuições, que estão em atraso em relação a ele e, portanto, nada têm a contribuir com uma **educação** transformadora, **revolucionária**.

O atraso em relação a Lenin é claro e é uma decorrência lógica do equívoco sobre a relação entre Marx e Lenin mantida ainda hoje obscurecida. Esse atraso corporifica-se no vazio interpretativo quando se trata de afirmar que as teses filosóficas e a prática filosófica são partes orgânicas da filosofia que, em linguagem leninista, é filosofia de partido, ou simplesmente, a tomada de partido em filosofia.

Lenin continua intolerável, por exemplo, à Universidade... burguesa em sua essência, em virtude de ter revelado de forma cristalina e lançado porta à fora todas as sutilezas técnicas por meio das quais a *intelligentsia* tentava / tenta pensar o ‘objeto’ de estudo ou o ‘sujeito’ da história com sofisma, argúcia professoral, acomodações políticas e compromissos espúrios, mecanismos utilizados para mascarar o ponto real do debate no qual a filosofia se encontrava / se encontra enredada: a luta entre o idealismo e o materialismo, reflexo da luta de classes.

Como em política não há posições equidistantes, em filosofia não há ‘terceiro excluído, terceira possibilidade, apenas idealismo e materialismo. Todavia, os intelectuais, especialmente os filósofos, que não se declaravam abertamente como tal, ou eram materialistas mitigados ou idealistas envergonhados.

Lenin permanece intolerável, resgatá-lo é trazer à baila sua tese na qual os ideólogos, como empregados de um determinado sistema, público ou privado, com raras exceções, exercitam a função social de inculcação na consciência em formação da juventude de uma axiologia sem a qual o capitalismo seria / será baloiçado em suas fundações. A função social desses ideólogos é fazer com que essas fundações sejam preservadas intactas e intocadas.

Enfim, ele é intolerável porque suas críticas direcionadas aos intelectuais presos à ideologia burguesa apontam a necessidade do Partido Comunista livrar-se dos ‘detritos’ pequenos burgueses (professores e estudantes) que malbaratam a consciência do proletariado, desorganizam sua organização e postergam para as calendas a união dessa classe como imperativo categórico à transformação da sociedade.

## Considerandos sobre as tendências

Penso que as tendências críticas surgidas no seio do marxismo contemporâneo, notadamente no século XX, são variedades ‘novidadeiras’ do velho oportunismo do século XIX e dentre elas duas das mais populares correntes do *revisionismo* permanecem redivivas no seio do movimento proletário, no interior do marxismo: o ‘marxismo legal’ e o ‘socialismo de gabinete’ também conhecido como ‘socialismo de cátedra’.

A primeira, retira da teoria de Marx e Engels sua *anima revolucionária*, colocando em seu lugar a ultrapassagem pacífica da formação social capitalista para a socialista. O ‘marxismo legal’ contemporâneo, encampado por quadros dos partidos social-democratas e dos trabalhadores, é inimigo visceral do marxismo e do comunismo.

Por sua vez, os ‘socialistas de gabinete’, do alto das cátedras universitárias, defendem o reformismo *neoliberal* fazendo-o passar por ante-sala do socialismo; apresentam o Estado como órgão acima das classes, equidistante ponderado e moderador dos conflitos entre grupos litigantes. Conciliadores, esses ‘socialistas’ pensam introduzir o socialismo sem afetar os interesses econômicos da burguesia, levando em consideração apenas as demandas reprimidas do proletariado.

Historicamente, desde o século XIX, estas duas correntes acabam fundidas. Os ‘marxistas legais’ são os principais porta-vozes do ‘socialismo de gabinete’, do socialismo por decreto ou por obra e graça de um monarca comprometido com os interesses da burguesia e dos latifundiários e cheio de pena pelos sofrimentos da classe operária e camponeses pobres.

Contra o dogmatismo, o ‘fundamentalismo’ e a ossificação da teoria levada a efeito pelos marxista-leninistas são bandeiras contra as quais lutam os ‘marxófagos’ [‘marxistas legais’ e ‘socialistas de gabinete’], verdadeiros paladinos da crítica. Na verdade, o que fazem é disfarçar seu ‘desinteresse’ em desenvolver e fazer avançar o pensamento revolucionário. Ao marxismo revolucionário, a diversidade teórica e metodológica, a liberdade de predicar teorias incoerentes, irrefletidas, o *ecletismo* falta de princípios.

A meu critério, tal como ontem, as árvores continuam impedindo a visão do bosque, de maneira que, para a crítica leninista a análise política deve colocar em primeiro plano o problema

incontornável das classes sociais. Assim, é mister compreender que classe social (ou classes) implementa a revolução e que classe (ou classes) impulsiona a contra-revolução.

O espantinho da contra-revolução era e é impulsionado por ideólogos da burguesia com o intuito de assustar e cooptar tolos e filisteus com *fait divers* midiáticos, políticos e sociais, procurando impedir que os operários e camponeses pobres compreendam o papel reacionário desempenhado pelos agrupamentos partidários burgueses e pequenos burgueses nas sociedades capitalistas.

Para Lenin (1985, t. 34), no texto sobre a ‘*Chantagem política*’, a burguesia e a pequena burguesia promoviam uma campanha de difamação, mentiras e calúnias contra os marxistas, comunistas revolucionários e partidos operários indesejáveis a eles. Na Rússia de antanho, o czarismo perseguiu brutalmente o movimento revolucionário e comunista. Hoje, a burguesia republicana persegue de modo sujo e procura enlamear a reputação do revolucionário proletário com calúnias, mentiras, insinuações preconceituosas, difamação, rumores, etc..

A propósito, uma intelectual, Lucília Romão<sup>138</sup>, numa de suas palestras, disse que “as palavras têm memória”, ao que acrescento, as palavras representam a memória das classes sociais litigantes em determinado período. As palavras dominantes de uma época são as palavras que melhor expressam a memória da classe dominante que se atira sem nenhum pudor ou constrangimento contra os seus inimigos de classe.

Foi assim, na França de 1789, contra os *jacobinos*; na Rússia de 1917, contra os *bolcheviques*; no Brasil ao final do século XIX, contra o movimento do *Conselheiro* e do *Contestado*, nos anos 30 contra o *Caldeirão* do beato José Lourenço, nos anos 60 contra os *comunistas* e as *ligas camponesas*, nos anos 70 contra os *guerrilheiros* do Araguaia, no século XX, e curiosamente no início século XXI, contra o movimento dos trabalhadores rurais *sem-terra* que, como seus antecessores, são caluniados como quadrilheiros, horda de bandidos, saqueadores, detratores da ordem e do progresso, etc..

Ao meu critério, ainda pensando com esta intelectual, a superfície da linguagem é a superfície da ideologia dominante e representa os interesses materiais e intelectuais da classe dominante e seu discurso ideológico (a árvore) procura interditar sentidos, dizeres e fazeres

---

<sup>138</sup> Lucília Maria Sousa Romão é professora Doutora da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo – comunicação pessoal.

populares (o bosque) contrapostos aos seus dizeres e fazeres. O discurso dominante sataniza a tudo e a todos os que se erguem contra a desmesurada, perversa e desumana exploração do homem pelo homem.

Mais. Implementa a hedionda inversão dos fatos. Assim, ao frondoso e vivo bosque a árvore esquálida e moribunda. O explorado é o único responsável por sua exploração e a árvore responsabilizada pela secura e aridez do terreno. A fome, a exclusão social, a expulsão do trabalhador rural do campo, a seca, não são mais vistas como resultado presumível / previsível da exploração e extorsão da força de trabalho e da exaustão da terra levada a termo pelos capitalistas.

Diante disto, aqueles que assumem uma concepção de mundo antagônica à dominante, que aponta o raciocínio acima como foro de verdade devem assumir para si as palavras de Nekrásov, do poema *'Bem-aventurado o poeta sereno'*: “Não ouças aprovação, no doce murmúrio do elogio, senão os selvagens gritos de fúria” (In: LENIN, 1985, t. 34, p. 94).

Esses selvagens gritos de fúria, paradoxalmente, representam a aprovação da luta empreendida, o ódio exasperado à burguesia como prova maior de que eles servem fiel e honestamente à causa do proletariado. Como está apontado no *“Diário de um publicista”*, caluniado, o comunista deve levar a sério a tese segundo a qual não se trata de saber se é desejável ou não a revolução, não se trata de maneira nenhuma de saber se ela produzir-se-á pacífica e legalmente, mas limitar-se a predicar “a impossibilidade histórica de uma viragem radical sem uma nova revolução” (LENIN, 1985, t. 34, p. 133).

Os inimigos do comunismo, furibundos, atacam o marxismo e o socialismo soviético, enquanto contemplam tranqüilamente o sofrimento da imensa maioria da população sob a cáustica ação de inúmeras calamidades econômicas e sociais provocadas pelo capitalismo. Com plena e imperturbável tranqüilidade, os defensores do capitalismo observam o sofrimento da população trabalhadora nas prisões das fábricas, das minas ou de qualquer outro trabalho assalariado ou pela fome decorrente de uma vida sem ocupação, sem rumo certo, sem horizonte, sem esperança à vista.

Apesar dos discursos em contrário, só o socialismo pode salvar o povo da fome e da morte (por inanição, claro!), todavia ele não será implantado por decreto. Enquanto os operários e camponeses pobres não compreendam isto, continuarão sendo o que sempre foram, escravos da burguesia e dos latifundiários.



Era e é uma ilusão constitucionista aceitar a possibilidade da mudança via mecanismos constitucionais ou por intermédio da educação. Uma ‘revolução’ ordeira, sem derrotar a burguesia, sem que o povo denegue sua confiança aos partidos da conciliação com a classe dominante, reafirma o parlamento como simples parlatório estéril de politicastos que se agitam impotentes entre a esperança de governar para o proletariado e o medo de agir sem a burguesia. Prevalece o medo!

Segundo a tradição marxista, contrária à tradição jurídica formal burguesa, o *quid* da questão está em lutar contra o engano das massas pela burguesia. Não se trata, todavia, de um engodo retórico e pessoal, trata-se,

de uma idéia ilusória que dimana da situação econômica de uma determinada classe. O pequeno burguês se encontra numa situação econômica tal que suas condições de vida são tais que não pode deixar de enganar-se e se inclinar, involuntária e inevitavelmente, umas vezes até a burguesia e outras até o proletariado. Não pode *economicamente* ter uma linha independente (LENIN, 1985, t. 34, p. 43).

Sob a analítica leninista, posta em “*Carta aos Camaradas*”, as vacilações contra as quais era um dever de todo operário consciente e de todo comunista rebelar-se com toda energia são “inauditas e influem funestamente sobre o movimento do proletariado e sobre a revolução” (LENIN, 1985, t. 34, p. 410).

Tais vacilações são verdadeiros obstáculos a luta insurrecional anti-latifundiária e anticapitalista, mesmo porque, a história continua demonstrando e de forma magistral que as classes dominantes não cedem voluntariamente o poder. Não há na história um só registro de suicídio de classe.

Nas condições atuais das sociedade brasileira, o acirramento das formas da luta de classes não depende tanto do proletariado como da grande resistência que os círculos reacionários burgueses opõem à vontade da imensa maioria da população. O proletariado, para construir um novo poder, deve destruir pela raiz os velhos aparatos ideológicos e repressivos do Estado e edificar novos com os quais iniciará uma nova etapa na história.

A propósito, a polêmica sobre a ‘extinção’ do Estado, tão peculiar a Marx, Engels e Lenin, contrária a tese anarquista da ‘abolição’ do Estado, tal como está colocada na passagem de Engels

no “*Anti-Dühring. A submissão da ciência pelo senhor Eugen Dühring*”, representava para Lenin (1986, t. 33, p. 16-18)

truncar o marxismo e converte-lo em oportunismo, pois com tal ‘interpretação só fica de pé uma noção confusa do câmbio lento, paulatino, gradual, sem saltos nem tormentas, sem revoluções. Falar de ‘extinção’ do Estado no sentido habitual, generalizado, de massas, cabe dizer-lo, equívale indubitavelmente a dissipação, se não a negação, da revolução. (...) Semelhante interpretação é o mais tosco falseamento do marxismo, um falseamento que só favorece a burguesia e que se assenta teoricamente no esquecimento de importantíssimas circunstâncias e considerações assinaladas, por exemplo, no ‘resumo’ contido na passagem de Engels que reproduzimos integralmente. (...) Na realidade, Engels fala da ‘destruição’ do Estado *da burguesia* pela revolução proletária, enquanto que as palavras relativas à extinção do Estado se referem aos restos do Estado *proletário depois* da revolução socialista. O Estado burguês não ‘se extingue’, segundo Engels, senão que “*é destruído*” pelo proletariado na revolução. O que se extingue depois desta revolução, é o Estado proletário ou semi-Estado.

Sobre isto, há dois momentos a serem considerados. No primeiro momento, Lenin (1984, t. 39), em 11 de Julho de 1919 na Universidade de Sverdlov, indicava que aos operários, trabalhadores assalariados e camponeses sem terra cabia arrebatam a máquina estatal das mãos dos capitalistas e apropriarem-se dela. Com essa máquina, como um grande porrete, deviam destruir o processo de exploração e quando, e só quando, já não existisse no mundo a menor possibilidade de exploração, quando já não mais existissem capitalistas industriais, fundiários e financeiros, e quando não mais uns poucos se saciam enquanto os operários, trabalhadores assalariados e camponeses pobres sofrem de fome e de miséria, só quando não houver mais essa possibilidade, só assim a máquina diabólica do Estado será lançada ao ferro velho. Neste momento, já não mais haverá Estado, já não haverá exploração.

Feita esta reflexão sobre o discurso de Lenin proferido naquela Universidade, digo que a tese da ‘extinção’ do Estado teorizada, ainda hoje, e supostamente sendo apontada como de autoria de Engels e incorporada ‘*ipsis litteris*’ por Lenin, não se sustenta por ser um falseamento da concepção leninista do Estado.

No segundo momento, Lenin (1986, t. 35, p. 3) insistia, nos ‘*Informes sobre as tarefas do poder dos soviets*’, que na velha Rússia “a terceira revolução – proletária e socialista – levada a termo deve conduzir, ao final de contas, à vitória do socialismo”.

Respondendo à uma interpelação dos esquerdistas de esquerda, Lenin (1986, t. 35, p. 59) enfatizou:

a criação viva das massas: esse é o fator básico do um novo regime social. (...) O socialismo não se cria por meio de decretos a partir de cima. O automatismo oficinesco e burocrático é alheio ao seu espírito; o socialismo vivo, criador, será sempre obra das próprias massas populares.

O socialismo, portanto, a ditadura do proletariado, como exprimia Lenin (1986, t. 33, p. 183), em seu opúsculo “*O Marxismo e o Estado*”, deve ser entendido como o ‘período de transição’ ao comunismo, o reino da liberdade. Entretanto, deve ficar claro que “*o Estado desse período é uma transição do Estado ao não Estado, isto é, ‘já não é Estado na verdadeira acepção da palavra’*”.

Contrariando aqueles que nada dizem sobre a importância dada por Lenin à **educação**, entendo que a compreensão dialética da história e da relação do Estado, sua edificação, ‘extinção’ ou ‘abolição’ com as classe sociais, é indispensável à participação na revolução de maneira racional e sensata, logo é imprescindível **estudar**.

Para Lenin (1986, t. 35) o menoscabo com a **instrução pública** estava materializado na péssima organização das bibliotecas públicas e na ‘oxidação’ da educação estatal. O ato de **estudar** e de assimilar a concepção marxista da história conduz aquele que o pratica à compreensão de não ser possível viver eternamente no ‘vapor da fantasia’ sobejamente apresentado pela burguesia como saída às agruras do cotidiano.

Esclarecidos, os homens e as mulheres trabalhadores compreenderão que toda sociedade capitalista está cindida em dois grandes ‘blocos’, o dos deserdados e o dos que deserdam, o do proletariado, sem consciência (de classe) da sua exploração e a burguesia, com consciência (de classe) e conhecimento claro de sua histórica condição de classe exploradora.

Da análise de Lenin sobre a situação econômica dos operários russos e as tarefas imediatas e de longo prazo da classe operária, apresentadas na reunião da seção operária dos Sovietes de deputados operários e soldados de Petrogrado, retiro a tese segundo a qual na luta contra o capitalismo em sua etapa imperialista “não há lugar para meias medidas. O problema está colocado nos seguintes termos: vencer ou ser vencido” (LENIN, 1986, t. 35, p. 154).

A mensagem era por demais clara. O proletariado russo não deveria pensar apenas em melhorar sua situação econômica, mas pensar em converter-se em classe dominante e cada proletário, por sua vez, ao tomar consciência da grande perspectiva objetiva, posta pela revolução de Outubro, deve “sentir-se um dirigente e, enquanto classe, levar atrás de si as massas” (LENIN, 1986, t. 35, p. 155).

Estendo para a **educação política** uma questão simples embora complexa, ainda hoje negada pela educação oficial: é indispensável convencer o proletariado, como um todo, a lutar contra o diversionismo ideológico no bojo do qual está explícito que apenas a burguesia é capaz de administrar a máquina do Estado. É preciso convencer o proletariado que ele pode e deve assumir a administração dessa máquina, não para gerenciar os interesses da burguesia industrial, fundiária e financeira, mas os seus próprios interesses.

Contudo, cabe à burguesia e aos seus ideólogos de tudo fazer para represar a compreensão das relações sociais e a execução do processo revolucionário levado a cabo pelo proletariado, processo do qual resultará a inevitável administração de todos os aparelhos ideológicos / repressores estatais, por ele mesmo. É preciso romper de uma vez por todas com o prejuízo ideológico e o preconceito revisionista, nos quais os assuntos públicos, a administração dos bancos, das indústrias e das fábricas são tarefas impossíveis à pouca inteligência dos operários, entendidos pelos capitalistas como simples máquinas falantes.

Estava e está claro a necessidade da classe operária tomar em suas mãos a organização e o controle dos meios de produção em escala total e o poder de Estado. Por intermédio da **educação política** levada a termo pelo ‘**educador coletivo**’, o Partido Comunista, põe-se à discussão: a garantia do triunfo da revolução e da implantação da sociedade socialista não reside na organização e ação espontâneas de indivíduos isolados mas na organização disciplinada e centralizada de todos os trabalhadores. Apenas consecução dessa façanha “porá em ordem a vida econômica à medida que varrerá tudo o que opõe resistência” (LENIN, 1986, t. 35, p. 156).

No “*II Congresso dos Sovietes de deputados e camponeses de toda a Rússia*”, carregado da ‘crença’ indelével na possibilidade e necessidade real de construção de uma outra sociedade, Lenin (1986, t. 35, p. 158) declarou publicamente em voz alta e solene, com um forte conotação **pedagógica**:

Camaradas operários e camponeses: constituímos a grande maioria de nosso país. **Somos** a massa principal dos trabalhadores explorados. **Somos** a massa principal que combate pela satisfação das legítimas e justas reivindicações dos trabalhadores, *a terra, liberdade e socialismo*. **Somos** os que combatem contra o subjugamento e exploração dos latifundiários e capitalistas. **Somos** a massa principal dentro de um exército sobre o qual recaiu também o papel difícil, porém digno e honroso, o papel de lutador avançado pela emancipação e libertação dos trabalhadores de todo jugo, de toda exploração.

Lenin compreendia que se avizinhava uma luta mais dura e renhida, na qual o êxito implicava aos Sovietes reconhecer que os países capitalistas, inclusive a Rússia, estavam cindidos em dois campos antagônicos. No ‘*Projeto de chamamento do II Congresso dos Sovietes de Deputados Camponeses de toda Rússia, aos Camponeses*’, a Rússia é apresentada cindida em dois lados antinômicos: de um lado, os capitalistas, latifundiários, especuladores, altos dignatários *et caterva* que exercitavam a política da opressão e da extorsão sobre a maioria da população; no outro, os operários, camponeses pobres, trabalhadores explorados “e os partidários da luta revolucionária, abnegada, resoluta, audaz, implacável, sem quartel, contra os opressores do povo” (LENIN, 1986, t. 35, p. 159).

Em “*Nota a Dzerzhinski sobre um Projeto de Decreto a respeito da luta contra os sabotadores e os contra-revolucionários*”, estava posto que qualquer forma de complacência com a classe dominante era irremediavelmente perigosa ao movimento revolucionário. A revolução tinha diante de si uma barreira insofismável: a luta dos sabotadores e dos contra-revolucionários montada em dois momentos: (i) na sabotagem ideológica, via diversionismo ideológico, (ii) na recorrência ao crime, ao assassinato e ao suborno “da escória da sociedade e dos elementos envilecidos e embriagados. Estes dois momentos faziam parte dos esforços dos capitalistas e latifundiários para torpedear a revolução, que deveria garantir os interesses dos operários e das massas trabalhadoras e exploradas” (LENIN, 1986, t. 35, p. 165).

O que fazer? Esta parecia era a velha pergunta recorrente ao longo dos dezessete primeiros anos do século XX, até a Revolução de Outubro. Em suas teses sobre a Assembléia Constituinte, Lenin (1986, t. 35, p. 174) mostrava que “só a vitória completa dos operários e camponeses sobre a burguesia e os latifundiários, só uma implacável repressão (militar se necessária!) dos escravistas *pode* garantir de verdade o triunfo da revolução proletária e camponesa”.

Esta afirmação tem um sentido **pedagógico** que, por razões que me parecem óbvias, ainda não foi bem entendida pelos professores das mais diversas escolas oficiais. Ultrapassar o campo minado do ‘subjativismo’, adentrar o sombrio campo da ‘objetividade’ burguesa e não levar em consideração a luta de classes e a ditadura da classe dominante é um erro no qual incorrem os que não sabem fazer uma segura apreciação do significado da revolução bolchevique e nem das tarefas indispensáveis ao poder político / econômico tomado em suas mãos pela classe operária.

Na crítica aos quadros ‘míopes’ da revolução, Lenin (1986, t. 35, p. 185), especificamente no seu “*Discurso sobre a Nacionalização dos Bancos*”, chamava a atenção sobre a demagogia perniciosa dos intelectuais, socialistas no discurso, conservadores pequenos burgueses na prática, que usavam “os livros unicamente como freio e temor eterno a todo passo novo”. A cultura livresca era um freio a toda e qualquer perspectiva de transformação social.

Os professores que procuravam ensinar crianças e adolescentes a caminhar com suas próprias pernas, a andar na sociedade com seu próprio entendimento, livres da ditadura dos intelectos oficiais e/ou professores de pouco saber e muita vontade de exhibir-se, eram os mesmos que os desencorajam apontando os perigos e as seqüelas decorrentes do exercício do próprio entendimento e da procura idiossincrática de um novo caminho.

Esses professores não admitem a existência de outro meio para o socialismo que não passe pela destruição do poder burguês. A luta entre os ‘*assustados diante da quebra do velho sistema e os que lutam pelo triunfo do novo*’ é incontornável. Os assustados seguem amiúde sem dar-se conta eles mesmos da necessidade de implantação do socialismo.

Diante dessa velha noção, absurda, sentimental e trivial permanecem atuais e a merecer destaque nos conteúdos programáticos e currículos das escolas, especialmente no ensino médio e superior, o seguinte: a violência é sempre a parteira da história ou da velha sociedade do ventre da qual extrai um rebento; e a *transição* da sociedade capitalista à sociedade comunista, à qual corresponde um sistema especial de violência organizada de baixo para cima, sobre uma classe determinada, é a ditadura do proletariado.

Sem subterfúgio, para além do senso comum, a ditadura pressupõe estado de guerra *latente*, medidas ‘militares’ contra os inimigos do poder, como não poderia deixar de ser, o período de transição do velho ao novo se caracteriza pelo esmagamento da resistência dos capitalistas.

Ontem, como hoje, em qualquer sociedade capitalista a furiosa cobiça do vulgar ricoço, a covardia e o servilismo de seus apaniguados compõem a verdadeira e moderna base social dos aulidos lançados pelos áulicos da burguesia contra a violência do proletariado e do campesinato pobre. O real objetivo dos áulicos por trás de mesquinhas palavras, de clamores histriônicos é afirmar a ‘liberdade’ dos capitalistas e latifundiários de oprimir os trabalhadores urbanos e rurais. Não obstante, esses intelectuais reconhecem o socialismo apenas sob uma única condição:

Que a humanidade passe a ele de golpe, com um salto momentâneo, sem discórdias, sem luta, sem o ranger de dentes dos exploradores, sem múltiplas tentativas por sua parte de perpetuar os velhos tempos e novas ‘réplicas’ da violência proletária revolucionária a essas tentativas. Esses apaniguados intelectuais da burguesia estão ‘dispostos’ a lavar a pele, como diz um reconhecido refrão alemão, porém com a condição de que a pele fique sempre seca (LENIN, 1986, t. 35, p. 203-204).

Penso não ser preciso recorrer a Lenin para compreender que, no transcurso das lutas sociais historicamente datadas, quando a burguesia e sua *burocracia política* (seus funcionários públicos) recorrem à extrema repressão, os intelectuais se horrorizam. Receosos, ululam, gritam desesperados proclamando a necessidade do imediato retorno do ‘espírito’ da conciliação’.

Na contramão dessa prédica, considero que diante das medidas extremas executadas pelos exploradores, não será a escola das exortações e dos sermões, escola das prédicas demasiadamente doces e das declamações espirituosas, mas a **escola da luta** a que fará o proletariado amadurecer para a tomada e o exercício do poder.

Não será a **escola livresca** mas a **escola da luta** a que fará o proletariado tornar-se classe dominante para vencer definitivamente a burguesia. Neste sentido, ele aprenderá a necessidade de ser classe dominante. Não há outro lugar onde desenvolver esta capacidade a não ser na luta tenaz e encarniçada contra a opressão. A **escola da luta** revela a verdadeira contradição dialética: quanto mais extremada for a resistência da burguesia exploradora, tanto mais enérgica, decidida e implacável será sua repressão pelos explorados.

Mais do que com palavras, teorias e doutrinas é na prática que os operários e camponeses pobres aprendem, com rapidez, a necessidade de expulsar os inimigos de classe de seus esconderijos, a arrancar as raízes de sua dominação e a implodir o terreno no qual medra e cresce

a escravidão assalariada, a miséria das massas, o lucro ávido, a insolência dos ricos, a soberba e o pedantismo dos ideólogos da burguesia.

Assim, mais do que a educação oficial, a **educação política** ministrada na escola da vida propicia aos operários e camponeses pobres o amadurecimento e o crescimento intelectual capaz de libertá-los do ‘Adão bíblico’, da escravidão assalariada. A vitória final sobre o capitalismo está com aqueles que tenham

a seu lado a vida, a força do número, a força da massa, a força dos mananciais inesgotáveis de todo o abnegado, ideológico e honesto que pugna por avançar e desperta para edificar o novo; os mananciais de toda a reserva gigantesca de energia e talento do chamado ‘vulgo’<sup>139</sup>, dos operários e camponeses. A vitória será sua (LENIN, 1986, t. 35, p. 204-205).

Todavia, os ideólogos da burguesia apresentam

o socialismo como um quartel cinzento, uniforme, monótono e perpetrado de espírito oficinesco. Os lacaios dos exploradores – fizeram do socialismo um ‘espantalho’ para o povo que está, no capitalismo, condenado a uma vida de presídio, de trabalho monótono e esgotador, uma vida faminta e de profunda miséria (LENIN, 1986, t. 35, p. 207).

O que para muitos intelectuais ainda é visto como um estapafúrdio passadista, para este escriba é uma questão irrefutável e indispensável à **emancipação intelectual** do proletariado encerrado no presídio capitalista: a nacionalização das indústrias, empresas e bancos, sob o controle dos operários, a desapropriação dos latifúndios sob o controle dos camponeses pobres e a “publicização” do sistema nacional de ensino.

Para a crítica leninista, os operários e camponeses temperados em longos anos de trabalhos ‘forçados’ para os capitalistas e por infinitas humilhações e ultrajes patronais, temperados pela miséria, sabem que é necessário um certo tempo para romper a resistência dos capitalistas. Esses operários e camponeses

não se contagiaram com o mínimo das ilusões sentimentais dos intelectuais (...) que enrouquecerem ‘esbravejando’ contra os capitalistas e que ‘gesticulavam’ contra eles para em seguida deitar-se a chorar e a portar-se como cães(*sic!*) espancados quando chega a hora da ação, de passar das ameaças aos fatos, de realizar na prática a derrubada dos capitalistas (LENIN, 1986, t. 35, p. 208).

---

<sup>139</sup> Gentilha, patuléia, escumalha, chusma vil, escória social, ralé, arraia-miúda, plebe, populacho, etc..



Aos operários e camponeses, temperados pela sociedade capitalista na luta pela edificação da sociedade socialista, cabe transformar o conhecimento em ‘arma’ para defender os direitos e objetivos do proletariado e camponeses pobres e à erradicação do domínio do capital sobre o trabalho.

A tarefa da crítica, tal como está posta no texto “*Como deve organizar-se a emulação*”, é compreender como pensam e atuam os intelectuais da burguesia e apaniguados dos latifundiários: os padres, os chupatintas (*epíteto dado aos empregados de escritório, com pouca qualificação*) e os funcionários públicos que não conseguem se despedir do regime da servidão assalariada (LENIN, 1986, t. 35).

Vale acrescentar, o processo revolucionário encerra uma decepção ambígua para os intelectuais, se de um lado, eles se vêm limitados em seus insolentes cálculos, segundo os quais o proletariado não poderia deles prescindir, por outro lado, “os organizadores de talento, abundantes no interior da classe operária e dos camponeses, conscientes de seu valor, despertam e se sentem atraídos pelo grande trabalho vivo e criador, eles empreenderão por si mesmos a edificação da sociedade socialista” (LENIN, 1986, t. 35, p. 209).

Esses talentosos organizadores, saídos do ‘povo’, não estarão sozinhos, contarão com a solidariedade orgânica dos intelectuais historicamente postados ao lado dos trabalhadores, para ajudá-los a vencer a resistência do capital.

## **O real em preto e branco**

Neste tópico, transcrevo uma longa passagem de Lenin (1986, t. 35, p. 211-212) que, a meu julgamento, poucos dentre os intelectuais, *gens de lettres*, homens e mulheres instruídos, pensadores, pesquisadores acadêmicos, gostam de ouvir:

Nenhuma clemência para com os inimigos do povo (os ricos e seus apaniguados, e os laráprios, parasitas e vadios), para com os inimigos do socialismo, para com os inimigos dos trabalhadores! Guerra(*sic!*) aos ricos e seus apaniguados, aos intelectuais burgueses; guerra aos velhacos, aos meliantes! Uns e outros, os primeiros e os últimos, são irmãos carnais, são engendros do capitalismo, meninos mimados da sociedade senhorial e burguesa; dessa

sociedade em que um punhado de homens espolia o povo e se mofa dele; dessa sociedade em que a miséria e a necessidade empurram milhares e milhares de homens e mulheres ao caminho da ladroagem (*ociosidade e vadiagem*), da corrupção, da patifaria e do olvidar a dignidade humana; dessa sociedade que inculca inevitavelmente nos trabalhadores o desejo de evitar a exploração, ainda que seja com enganos; livrar-se, desfazer-se, ainda que seja só por um instante, de um trabalho odioso; procurar um pedaço de pão de qualquer modo, a qualquer preço, para não passar fome nem ver famintos seus familiares. Os ricos e os meliantes são as duas caras de uma mesma medalha; são as duas categorias principais de parasitas nutridos pelo capitalismo; são os inimigos principais do socialismo. (...) Toda debilidade, vacilação e sentimentalismo [para com eles] constituirão, neste aspecto, crime contra o socialismo.

A luta contra a burguesia e os ideólogos infiltrados no meio do movimento operário, especialmente os que controlam o sistema nacional de ensino [ e isto inclui o Ministério de Educação do governo burguês], é parte da luta maior para salvar o Brasil dos capitalistas e dos reformistas, salvar a causa do proletariado, o socialismo – etapa primeira da sociedade comunista.

Vale apontar que, se por um lado, se quer transformar a sociedade, por outro lado, é fato que a quase totalidade dos intelectuais de esquerda continuam com medo de si mesmos. Ainda não se decidiram a tirar a camisa suja à qual estão ‘habitados’ e à qual tomaram ‘apego’. Mas é chegada a hora de tirar a camisa suja, chegou a hora de vestir uma outra, nova e limpa, a camisa do socialismo, a camisa do comunismo.

Ao assumir o vestir essa outra camisa, o **educador político**

(i) não omite aos ‘seus’ educandos que a burguesia é geneticamente incapaz de deixar por si mesma de ser classe dominante, renunciar de mote próprio aos seus privilégios e lucros;

(ii) não deixa de enfatizar que acreditar no contrário é assumir a esperança ilusória, a fé sem ação, o sonho vão que, na prática, se converte em embriaguez do povo;

(iii) não oculta que os intelectuais pequenos burgueses vacilando entre a burguesia e o proletariado, apóiam semelhantes esperanças ilusórias;

(iv) recoloca na pauta do dia a necessidade da **educação geral, politécnica, gratuita, obrigatória** a familiarizar crianças e adolescentes de ambos os sexos, com os variegados e mais importantes ramos da produção do conhecimento e os diversos aspectos técnicos e práticos da produção material;

(v) restabelece a estreita relação entre a educação para o trabalho, a educação intelectual e a educação física.

## **O grande desafio**

A **educação política** é meio de *emancipação intelectual* do operário e fator indispensável à *liberdade* econômica da classe operária. Portanto, na última etapa desta aventura acadêmica e política concluo que as conseqüências inevitáveis da lei concorrencial do capitalismo, tal como está sobejamente apontada no texto “*Acerca da chamada questão dos mercados*”, são o enriquecimento da uma minoria de indivíduos e o empobrecimento da classe operária e dos trabalhadores assalariados urbanos e rurais (LENIN, 1981, t. 1).

A novela liberal ensandecida revela uma situação trágica para os camponeses pobres, os sem-terra, compelidos a assumir a condição de trabalhadores assalariados dos estabelecimentos ampliados dos seus afortunados concorrentes. Os pobres do campo ou sem-terra foram transformados, uma parte em ‘marginais’ e outra parte em operários assalariados. Esta segunda parte é obrigada a levar ao mercado sua *força de trabalho* e com o dinheiro recebido pela venda desta *nova mercadoria* comprar os produtos necessários ao seu sustento e ao de sua família.

O desenvolvimento do capitalismo, paradoxal e perverso, ao lado do inexorável *empobrecimento* do ‘povo’ e fantasiosos aumentos salariais, faz com que o consumo *per capita* decresça, a extorsão da força de trabalho recrudescça aos níveis da mais-valia absoluta, enquanto o mercado cresce sem cessar para a volúpia e licenciosidade de uma minoria orgíaca. O *empobrecimento* do povo, longe de representar um obstáculo ao desenvolvimento do modo de produção capitalista, pelo contrário, expressa seu desenvolvimento e o fortalece.

Este *empobrecimento* consiste em que os pequenos produtores e/ou proprietários (encimados no trabalho familiar) são convertidos em trabalhadores assalariados. Esta situação explica que capitalismo e *empobrecimento* das massas, não só não se excluem como se condicionam mutuamente. Miséria e abundância são como irmãs siamesas, uma não vive sem a outra e toda separação possível levará, naturalmente, a morte da segunda, a abundância. Ao par com a *redução constante* dos magnatas do capital que *usurpam* e *monopolizam* todas as vantagens

do processo de transformação em curso – destruição sistemática e constante da pequena propriedade privada baseada no princípio do trabalho – há o aumento massivo da miséria, da opressão, da escravidão, da degradação e da exploração.

Para disfarçar esse processo, a burguesia procura entusiasmar a parte explorada da humanidade com um quadro de sociedades no qual não houve e não há a necessidade de luta, nas quais as relações sociais não são estribadas na exploração e/ou extorsão da força de trabalho alheia, senão nos verdadeiros princípios do progresso, genéricos, vagos e imprecisos. Quadro no qual os princípios encampados estariam em consonância com as condições da ‘natureza humana’.

Sem embargo, apesar da plêiade daqueles que expõem e defendem essas idéias, suas teorias estão à margem da vida e seus programas à margem dos movimentos políticos populares. Por isto, é preciso dizer à classe operária que a luta não será vã; ela é a verdadeira luta. A luta na qual será gerada a consciência revolucionária.

Diante do irrefutável cotidiano onde princípios foram deixados à margem da estrada como se arroubos de neófitos fossem, retomo três teses implícitas na obra de Lenin:

Primeira, só é marxista o intelectual que compreende o ambiente social para o qual projeta seus programas (intitulados públicos) como um ambiente burguês e que, por isto mesmo, todas as melhorias realizadas no seu âmbito significam progresso para a burguesia, melhora da situação da minoria, ao passo com a proletarização e empobrecimento da maioria.

Segunda, só é marxista o intelectual que entende o Estado ao qual dirige seus projetos (de políticas públicas e/ou para todos!) como Estado *bourgeois*, gerente dos interesses da burguesia e guardião e policial usado para desmontar a movimentação sediciosa do proletariado.

Terceira, só é marxista o intelectual que entende o ‘regime popular e democrático’ não como antítese do capitalismo, mas sua continuação direta, mais próxima e imediata, um aspecto populista do seu desenvolvimento.

Quarto, retomando Lenin (1981, t. 7, p. 210), o marxismo “é a doutrina de luta contra toda a opressão, contra toda depredação, contra toda injustiça. Só é verdadeiro marxista quem, conhecendo as causas da opressão, *luta durante toda sua vida contra todos os casos em que se manifesta*” (os itálicos são do próprio autor).

Assim, o marxista luta para desfolhar as flores imaginárias que adornam este país, luta contra as idealizações, as fantasias e as ilusões, realiza o labor destrutivo que tanto *frisson* causa aos ‘amigos do povo’. E não faz isto para que os trabalhadores urbanos e rurais permaneçam no atual estado de opressão, agonia lenta, escravidão sem limites, senão para que compreendam quais são as cadeias que os sujeitam por todas as partes, para que compreendam como se forjam essas cadeias e saibam colocar-se contra elas a fim de desfazer-se delas e só então poder colher as flores vivas.

Expandindo este raciocínio, as teorias hegemônicas da educação, embora professadas por supostos representantes do ‘povo’, **são** conservadoras. Elas *velam* o antagonismo das modernas relações sócio-econômicas, ao expor as coisas como se fosse possível a solução dos problemas com medidas genéricas, válidas para todos e a tanger a ‘apoteose desenvolvimentista’; como se fosse possível conciliar e unificar os inconciliáveis, os antagonicos.

Nas sociedades capitalistas, as teorias modais da educação apresentam o Estado como situado acima das classes e por isto mesmo capaz de prestar uma ajuda séria e honesta à população explorada, extorquida, famélica, descamisada. Elas não compreendem a necessidade de uma luta decidida levada a cabo pelos próprios operários e camponeses pobres, sem-terra, para sua *emancipação intelectual e liberdade econômica*.

Seguindo o raciocínio leninista, urge romper, decidida e **definitivamente**, com todas as idéias e teorias pequeno-burguesas: esse é o *principal* ensinamento que se deve aprofundar na **educação política** dos operários e trabalhadores assalariados.

Mesmo porque, enquanto a burguesia ‘escuta e come’, aumenta em proporções inabarcáveis o oceano de miséria, de desemprego forçado, de extenuação pela fome e a ‘intelectualidade’ social-democrata apela com a *consciência tranqüila* às profecias mais caducas, assume ‘pirações’ teóricas e levianas, lamenta o caminho desacertado que tomou o governo no qual o capitalismo demonstra sua debilidade – por falta de mercados externos que liberem as exportações da ‘tara’ popular do consumo interno.

Enquanto essa ‘intelectualidade’ busca vias alternativas ao capitalismo, a burguesia ‘escuta Wagner, come caviar’ e empreende faraônicas obras, criando um mercado para si mesma e ‘pagando’ a burocracia para implementar reformas sociais que jogam a massa de trabalhadores nas filas dos sem trabalho, dos inimpreáveis e dos eternamente famélicos.

Diante deste quadro, o papel social da **educação política** à transformação revolucionária desta sociedade, consiste em apresentar objetivamente a luta popular como produto de um determinado sistema de relações de produção, é compreender a necessidade desta luta, seu conteúdo, o curso e as condições do seu desenvolvimento. É imprescindível não perder de vista o caráter geral do seu real objetivo: a destruição completa e definitiva de toda exploração e de toda opressão venha de onde vier, esteja onde estiver.

Lamentavelmente há ainda aqueles que se intitulam ideólogos da classe operária e contentes com a moeda desgastada na qual converteram a teoria de Marx, apagam dela tudo o que tem de vital, limitando-se a estudar e descrever as calamidades sociais e a predicar a existência de fundamentos morais a propósito destas calamidades.

O sistema da moderna escravidão assalariada ou o modo de produção capitalista não é apresentado como uma forma determinada de organização econômica que engendra continuamente (i) uma exploração determinada, (ii) classes sociais antagônicas, (iii) regimes jurídicos e políticos determinados, simplesmente apontados como extravios, tropeços, descaminhos da *Burocracia política* preposta dos capitalistas e latifundiários. A injustiça para com os operários e camponeses pobres, sem-terra, não é mais que uma decorrência da inexperiência e imaturidade dos administradores e dos governantes.

Uma pergunta é mister fazer: como o operário e o camponês pobre, sem-terra, vai entender para transformar esta relação – de dominação e extorsão – quando eles mesmos estão arraigados no que têm que transformar?

### **A educação é partidária!**

Penso ser este o papel histórico da **educação política**: coadjuvar a transformação da relação de dominação e extorsão na qual estão arraigados aqueles que necessitam construir uma outra realidade.

A abordagem leninista sobre “*O revolucionarismo sem Partido*”, o apartidarismo da educação é visto como uma idéia burguesa, enquanto o partidarismo aplicável à todas as instituições das sociedades burguesas, é uma idéia socialista. Olvidar esta tese, até mesmo no

momento em que a burguesia se “levanta” contra a servidão e a tirania – sempre imputadas às outras burguesias – significa renunciar de fato e por completo à crítica marxista do capitalismo.

Sobre o partidarismo da ciência e da filosofia, Lenin (1981, t. 1, p. 439) dissertava que “o materialismo pressupõe o partidarismo, por assim dizer, e impõe sempre o dever de defender franca e abertamente o ponto de vista de um grupo social concreto sempre que se ajuíze um acontecimento”. Para Lenin, a neutralidade tanto da filosofia como da ciência, especificamente o ‘*objetivismo científico*’, era a capa modernosa do positivismo em todas as suas manifestações, a encobrir os mórbidos interesses das classes exploradoras dominantes.

O conhecimento filosófico e científico, como a teoria da educação, apartidário tem sido sempre e em todas as partes instrumentos e consignas da burguesia. Em certas condições é possível dizer: caminhar ombreados com os operários ainda sem consciência de classe, porém de modo algum em nenhum momento debilitar a perspectiva partidária do conhecimento. Em nenhum momento é permitido esquecer e nem permitido deixar que outros esqueçam que a hostilidade para com o marxismo-leninismo no interior das fileiras do proletariado e no âmbito da intelectualidade é um ranço das concepções burguesas no seio do proletariado e da intelectualidade.

Um adendo. Lenin (1983, t. 15, p. 184), no folheto “*Os guerreiros intelectualóides contra o domínio da intelectualidade*”, chamava a atenção para o fato de que o apartidarismo, na política em geral, era “uma forma encoberta e particularmente danosa de *subordinação* dos operários à ideologia burguesa e à política burguesa”.

Contrariamente ao pensamento corriqueiro pequeno burguês e burguês de seu tempo, ele reafirmava o marxismo (filosofia e ciência), aberta e inseparavelmente, (i) como ligado aos interesses, objetivos e luta do proletariado internacional; (ii) como linha de ação à transformação revolucionária da sociedade capitalista, bem como se movendo na revelação detalhada das ‘leis objetivas’ do desenvolvimento social capitalista.

Destarte, não havia e não há contradição entre o partidário e o científico, com o que se desmantela a pretensão de isolar a filosofia e as ciências sociais da luta de classes e do Partido operário revolucionário.

O partidarismo na vida dos homens e mulheres tem sido a consigna explícita e exclusiva dos revolucionários. Por sua vez, os *neoliberais*, representantes por excelência das idéias, pontos de vista, ideais e concepção de mundo da burguesia, não transigem com o partidarismo e nem querem ouvir falar de luta de classes, no entanto, transigem *ad absurdum* com o radicalismo burguês.

A propósito Lenin (1981, t. 1, p. 142) afirmava que

a defesa e salvaguarda da independência ideológica e política do partido do proletariado é uma obrigação constante, invariável e incondicional dos comunistas. Quem não cumpre com esta obrigação deixa de *fato* de ser comunista, por muito sinceras que sejam suas convicções ‘socialistas (socialistas de palavra).

O apartidarismo das ciências sociais e da filosofia, portanto da educação, parece ser a consigna do grosso da produção intelectual neste país. No âmbito das Universidades Públicas, a quase totalidade da produção acadêmica é apontada como apartidária, “desinteressada” e/ou acima das classes sociais.

Ao abordar a questão da relação a educação e os interesses de classes sociais determinadas, imediatamente após a ‘revolução’ de outubro, Lenin (1982, t. 12) deixou lavrado que a literatura russa tinha um caráter claramente partidário. Apenas o rigoroso partidarismo comunista era uma das condições de transformação da luta de classes em luta do proletariado consciente contra o czarismo e a burguesia. Luta clara e fiel aos princípios adotados tanto na *organização* do partido quanto na feitura da *literatura do partido*.

O partidarismo comunista na literatura movia-se no sentido de gerar uma oposição aos hábitos burgueses, à imprensa mercantil e empresarial, ao arrivismo político, ao ‘individualismo animalesco’ dos intelectuais, ao anarquismo senhorial e ao afã do lucro. O proletariado deveria proclamar o princípio da *literatura partidária*, desenvolver este princípio e aplicá-lo de forma mais plena e íntegra possível.

O princípio da *literatura partidária* era parte da causa do proletariado, ‘*roda e eixo*’ do mecanismo revolucionário, socialista e comunista, posto em movimento pela vanguarda da classe operária. O *trabalho literário* deveria tornar-se parte efetiva integrante do *trabalho organizacional*, coordenado e unificado dos movimentos operários, dos camponeses pobres e dos comunistas.



Contrariando os ideólogos da burguesia, porta-vozes indisfarçáveis do individualismo ‘intelectualóide’, a partidarização da literatura apoiava e incentivava a *iniciativa pessoal*, as *inclinações individuais*, o *pensamento* e a *imaginação*, a *forma* e o *conteúdo* idiossincráticos desenvolvidos ou desenvolvendo-se no interior do coletivo e à eles destinados. Soava estranha e peregrina, pelos menos aos sensíveis ouvidos da burguesia e dos seus arautos, a afirmação segundo a qual livrarias, salas de leitura, bibliotecas e distribuidoras de publicações deveriam ser da classe social que assumisse o poder político e econômico, portanto, assumisse o mando dos meios de produção material e intelectual.

O proletariado deveria controlar e introduzir na literatura, sem exceção, o vivo caudal da viva atividade proletária, fazendo desaparecer a base do velho princípio russo semi-mercantilista: *Deixemos que o escritor escreva e que o leitor leia!*

Que o escritor escreva, o leitor leia, que o intelectual palre e o ouvinte ouça é a predica dos intelectuais burgueses do momento, com a qual ocultam a ‘pesquisa desinteressada’, ‘neutra’, ‘objetiva’, sem quaisquer interferências ideológicas, enquanto mecanismo de ratificação da concepção burguesa de mundo e de ciência. Por não ser um esquemático, sustento a tese da impossibilidade da transformação imediata da ‘livre’ literatura partidária burguesa, em literatura partidária proletária. Nada mais distante da realidade “que a idéia de preconizar um *sistema uniforme* ou uma solução do problema mediante algumas disposições regulamentárias” (LENIN, 1982, t. 12, p. 103).

O esquematismo está descartado! A questão é posta da seguinte maneira: se não se quer continuar sendo presas das relações literárias mercantis burguesas, é preciso incentivar a criação de uma imprensa livre, não só em relação à política burguesa, como também em relação ao capital, uma imprensa realmente isenta inclusive do individualismo anárquico pequeno burguês.

Segundo os críticos redivivos, este *desideratum* sujeita às decisões arbitrárias do Partido e aos interesses difusos de um falso coletivo, a delicada e individual criação literária. Sobre isto, seria um absurdo pretender que operários *ignorantes* possam resolver por maioria de votos as questões das ciências, por exemplo, da economia política e da filosofia, à medida que tal postulação nega a liberdade absoluta de criação ideológica absolutamente individual.

O próprio Lenin (1982, t. 12, p. 103) responderia:

Tranqüilizem-se senhores individualistas burgueses, devo dizer que vossa peroração sobre a liberdade absoluta é pura hipocrisia. Não pode haver ‘liberdade’ real e efetiva numa sociedade fundada sobre o poder do dinheiro, numa sociedade em que as massas de trabalhadores vivem na miséria enquanto um punhado de potentados vegeta no parasitismo. Por acaso vocês, senhores escritores, não dependem de um editor burguês e de um público burguês que lhes exigem pornografia em novelas e impressões, e prostituição como ‘suplemento’ da sagrada arte cênica?

A liberdade absoluta, individual e “desinteressada” à elaboração do trabalho científico [uma monografia, dissertação ou tese], proclamada pela intelectualidade burguesa, é uma frase oca, parolagem, pois não é possível viver numa sociedade e ser livre dessa sociedade. A liberdade do escritor, do pintor, da atriz e do cientista burgueses será sempre dependente dos mecenas<sup>140</sup>, da Bolsa, do suborno e da abundância acumulada pelo parasitismo extorsionário da burguesia e do Estado burguês.

Ao “fechar” esta pesquisa, tenho bem clara a existência de um imbróglio, já criticado por Lenin. A literatura burguesa ‘livre’, neutra e “desinteressada” opõe-se ferreamente à construção necessária de uma outra literatura vinculada aberta e claramente à classe operária e aos camponeses pobres sem-terra. Esta ‘nova’ literatura será,

livre à medida que não está presa ao afã goliardesco de lucro e ao arrivismo, mas vinculada à causa proletária e do socialismo (comunismo); é uma literatura livre à medida que não serve às ‘cortesãs’ e ‘cortesãos’ de todos, não serve aos de cima, carregados de tédio e adiposos, senão aos milhões e milhões, bilhões de homens e mulheres trabalhadores que representam o alfa e o ômega, a flor e a nata, a força e o futuro, da humanidade (LENIN, 1982, t. 12, p. 105).

Socialista e comunista, esta literatura refletirá em sua totalidade a coerência e a reunião fecunda do pensamento mais avançado produzido pela humanidade com a experiência e a atividade viva do proletariado insurgente. Uma literatura para além de seu tempo a trabalhar a interação constante entre as experiências e o pensamento do passado (o socialismo científico, coroamento do desenvolvimento do socialismo desde suas formas primitivas e utópicas) e as experiências do presente (erros e acertos dos movimentos operário e comunista na campanha pela erradicação do sistema de assalariamento, da pobreza e da miséria).

---

<sup>140</sup> O verbete é referente ao estadista romano Caio Cilino Mecenas, talvez o primeiro protetor declarado dos artistas, dos escritores, etc..

Apesar dos discursos ‘novidadeiros’ encimados no recrudescimento das idéias liberais, no ensimesmamento de parte da intelectualidade de esquerda, no oportunismo que avassalou os ‘partidos’ comunistas e na desorganização política e ideológica da classe operária brasileira, há pela frente, pelo menos para aqueles intelectuais que permanecem na defesa da causa operária e na luta pelo comunismo, uma sempre nova e árdua tarefa, grande e fecunda: **educar** e **organizar** um multifacetado labor literário vinculado de forma indissolúvel ao movimento proletário na edificação doutra formação social e econômica.

Penso ser possível a difusão ininterrupta das idéias e teses que desmascaram e submetem à crítica implacável o domínio da burguesia como fato da vida real, no qual o trabalho está subordinado diuturnamente ao capital na cidade e também no campo. O que há a temer, não é o domínio da burguesia mas a falta de consciência deste domínio por parte do trabalhador (o verdadeiro produtor) e sua falta de capacidade (temporária) para defender frente ao capital seus interesses estratégicos e de longo prazo, como aqueles espontâneos e imediatos.

Pela **educação política** é possível demonstrar, por exemplo, que a dívida externa é o dinheiro tomado emprestado pelo governo (desde a tal da ‘independência’ do império lusitano) aos países do moderno imperialismo para que o Estado, ulteriormente, o destine aos capitalistas falimentares e que o tal “superávit primário” é o nome desavergonhado usado para justificar o dinheiro extorquido aos cofres públicos para pagar juros e serviços desta dívida.

Sobre isto, é possível deixar claro que se o “Estado invertesse o dinheiro tomado emprestado aos imperialistas, não na avidez e cupidez dos capitalistas mas na produção popular, não haveria mais capitalismo mas produção popular?” (LENIN, 1981, t. 1, p. 519).

E mais. Pela **educação política** difundir-se-á (i) que a formação de um ‘exército de reserva de desocupados’ é o resultado inevitável do desenvolvimento do capitalismo pelo emprego e modernização da maquinaria, tanto no campo como nas cidades; (ii) que o excesso de uma população de trabalhadores significa, necessariamente, força de trabalho barata, redução de custos e aumento extorsivos e perversos das taxas de lucro.

Pela **educação política** é possível ainda assinalar que o ‘objetivismo’ burguês, limitado à ‘demonstração’ da inevitabilidade do processo de desenvolvimento do capitalismo, não faz nenhum esforço para descobrir em cada fase concreta deste processo o *antagonismo de classes* que lhe é inerente. Esse ‘objetivismo’ ao perquirir este processo de forma genérica e abstrata não

caracteriza as classes antagônicas de cuja luta nascem as bases da edificação da sociedade socialista.

Não obstante, os métodos prevalentes na **educação oficial** e na literatura burguesa teorizam, com ares acadêmicos, acerca dos caminhos e do destino da pátria em vez de falar de classes sociais concretas, seus interesses e objetivos concretos. Ao contrário, a literatura revolucionária demonstra de modo concreto a situação determinada das classes fundamentais da sociedade e a relação que as distintas formas assumidas pela economia política tem a ver com os interesses dos trabalhadores.

Assim, é possível evidenciar que sobre a ‘racionalidade’ e a sagacidade do programa político-econômico, adotado em determinado momento da história de um país determinado, está “oculta a política burguesa liberal em franco contraponto a qualquer alternativa popular e democrática” (LENIN, 1981, t. 1, p. 550).

Racionais, sagazes e responsáveis são sempre, aqui e algures, os programas político-econômicos voltados ao desenvolvimento do capitalismo e não os que o freiam; e não os que apontam na direção de uma outra formação social e econômica. É inegável que há gente de sobra entregue de corpo e alma à elaboração de teorias e programas que expressam os interesses da burguesia e o urgente interesse do *Kapital* nas políticas destinadas ao favorecimento da classe dominante em detrimento das necessidades mais comezinhas e mais prementes do proletariado e dos camponeses pobres, os sem-terra. Interessa aos capitalistas depurar as relações capitalistas de produção dos entraves econômicos e políticos, liberando a *mente* e desatando as mãos da burguesia.

Neste sentido, pela **educação política** pode-se ainda demonstrar que todas as teorias e programas oficiais, bem como os alternativos, via reformas reformistas, brotam como reação necessária à nova etapa do desenvolvimento do capitalismo brasileiro, mais dependente, mais submisso, mais espoliado.

Contudo, no Brasil a literatura que ‘critica’ e ‘combate’ as teorias burguesas, o faz como se estas fossem derivadas do raciocínio errôneo e não fiel expressão dos interesses de uma classe poderosa à qual é néscio e imprudente admoestar, classe que só pode ser ‘persuadida’ pela força imponente doutra classe, o proletariado, educado, coeso e organizado.

## Outros caminhos?

Se o marxismo demonstra que classe social determina, na realidade, as urgentes necessidades e as medidas econômicas e políticas imprescindíveis à ‘ordem e progresso’, então, quão ridículas resultam as ilações e exegeses dos intelectuais de esquerda acerca de qual seria o melhor caminho para retirar o país da crise e do atoleiro.

Filosofar acerca da possibilidade doutros ‘caminhos’ para a pátria capitalista é apenas um invólucro do reacionarismo mais arraigado, seu conteúdo representa os interesses e a concepção de mundo da burguesia. Por isto, no âmago da ambigüidade política e do comportamento dual, a intelectualidade de esquerda, a retirada para o campo da direita, se circunscreve no rol dos atores que agem como se fossem o *Janus*<sup>141</sup> romano: com um rosto olham sorridentes para o passado e com o outro, angustiado, miram o futuro ou porvenir que esperam ver acontecer mas que em nada contribuem à sua construção vez que não há futuro pronto e acabado, portanto, a ser revelado de acordo com os interesses dos atores. O futuro não é um **fetich**e desejado e a ser conquistado, adquirido, comprado, mas a edificação de uma sociedade concreta só possível pela compreensão do passado e na luta dura pela superação dos desatinos do presente.

Enquanto pasticho do *Janus* romano, essa intelectualidade, com raras exceções, reflete a conduta do pequeno burguês, do pequeno proprietário e/ou do camponês médio: um rosto olha o passado movido pelo desejo de fortalecer sua pequena fazenda, seu pequeno negócio, seu pequeno comércio (uma escola por exemplo), sem saber e nem querer, nada sabem do sistema econômico, nem da necessidade de levar em conta a classe social que governa, determina e oprime os operários e os camponeses pobres, enquanto o outro olha o ‘porvir’ adotando uma atitude hostil, mas não antagônica (revoltada mas não revolucionária) ao capitalismo que a arruina.

Então, a **educação política**, o livre e amplo acesso do ‘povo’ ao conhecimento filosófico e científico, possibilita elevar o seu nível intelectual e o nível de suas necessidades, acelera e facilita a evolução de sua *emancipação intelectual* e da ação política indispensáveis à erradicação da exploração (toda exploração), da fome e da miséria.

---

<sup>141</sup> *Janus* – Na mitologia romano é o deus do tempo e também do começo e do fim, da entrada e da saída; era representado à época com duas faces – caras ou rostos – dirigidas à lugares opostos: a jovem, para o futuro, o

Penso ser papel da **educação política** apontar os fatos, no Brasil, ocorrendo como se houvesse insuficientes ‘luzes’ e/ou como se este país fosse uma *tábula rasa* na qual uns poucos burocratas previamente iluminados, por quem não se sabe ao certo, mas ‘iluminados’, haveriam de traçar caminhos acertados e alumiados.

Ao formular a questão da **educação** anticapitalista e anti-imperialista, é preciso demonstrar as raízes dos fenômenos sociais ou, simplesmente, as relações sociais de produção, vinculando-as aos interesses concretos de classes determinadas. Formular esses *desiderata* como ‘desejos’ de classes sociais concretas e não de indivíduos abstratos tomados ao acaso para servir de pretexto à conclusão do ‘nada’, uma classe social que tropeça com a oposição de outra classe, é um desafio ao qual os educadores comprometidos com a construção do futuro não podem dele abdicar.

Quando Lenin (1981, t. 3) defende-se dos ataques sofridos por ocasião da publicação de “*O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia*” e escreve o texto-resposta “*Uma crítica não crítica*”, ele proclamava a necessidade do movimento socialista russo deslindar-se dos intelectuais que, encobertos com a máscara de esquerdistas, “adulteram o marxismo e, sorrateiros, assumem as mais comezinhas e improváveis teses do mais amplo e absurdo reformismo”.

A **educação política** possibilitaria a todos os operários e camponeses pobres compreender que o capitalismo, tal qual o modo de produção escravocrata, vive do ‘*plus* trabalho’. A burguesia vive da *extorsão* de parte do tempo da jornada diária de trabalho – tempo de trabalho excedente transformado em mais-valia.

Mas a partir da leitura do “*O Desenvolvimento do Capitalismo na Rússia*”, compreendi que reconhecer o caráter progressista do capitalismo é aceitar plenamente (i) os seus aspectos negativos; (ii) suas contradições profundas e múltiplas inevitáveis / imanescentes – contradições que põem de manifesto o seu caráter historicamente transitório e geram, necessariamente, o conjunto de homens e mulheres que poderão implementar o travamento da roda da história burguesa, fazendo-a girar no sentido correto: o da formação de homens e mulheres real e plenamente desenvolvidos e livres.

---

porvenir; a velha, para trás, para o passado. A expressão *Janus*, como ‘homem de duas caras’, tem sido usada para designar a posição ambígua e contraditória assumida por determinados indivíduos.

## A ortodoxia leninista

Para os adeptos da teoria abstrata do capital, unicamente existe o capitalismo desenvolvido ou formado por completo, desaparecendo, portanto, a questão de sua origem e de suas etapas. Em face disto, a meu critério, uma importante questão do marxismo trabalhada na e pela **educação política**, refere-se à *ortodoxia leninista*.

Esta *ortodoxia*, em primeiro lugar, não permite tomar o marxismo como profissão de fé; em segundo, não exclui a transformação crítica e o desenvolvimento ulterior da teoria; enfim, não encobre as questões históricas com esquemas abstratos, absolutos, imutáveis.

Se alguns ‘ortodoxos’ predicam o contrário aos pontos acima citados, incorrem em erros gravíssimos contra a teoria marxista e a culpa recai totalmente sobre eles, de modo algum sobre a *ortodoxia leninista* que se distingue por suas qualidades opostas à intitulada heterodoxia ‘neomarxista’, eufemismo do velho reformismo / revisionismo *à la* Bernstein e Kautski.

A *ortodoxia leninista* não aceita de modo alguma a teoria como artigo de ‘*foi*’, dogma, sectarismo. Por não excluir jamais a transformação crítica e o desenvolvimento ulterior da teoria, a *ortodoxia* desenvolve as teses fundamentais do marxismo e sempre de acordo com as condições históricas, objetivas que constantemente mudam e as peculiaridades locais dos distintos países.

Esta *ortodoxia* não rechaça a crítica em geral mas a crítica eclética, o diversionismo ideológico, isto é, a novel crítica desenhada na literatura acadêmica por ocasião da alvorada do século XX, agigantada nos últimos quartéis desse século e senescente no primeiro quartel do século XXI. Sobre os primeiros passos da ‘*crítica não crítica*’, Lenin (1981, t. 3) no texto já citado, “*Uma crítica não crítica*”, tratou de abrir os olhos do público sobre a confusão do marxismo com a ciência burguesa, levada a efeito por intelectuais vinculados à burguesia e desejosos de espalhar o diversionismo ideológico na consciência do proletariado e dos camponeses pobres.

Sobre esta confusão, chamo a atenção sobre o ato corriqueiro nesta sociedade do ‘*cerrar os olhos*’ da consciência à crítica burguesa do marxismo, repeti-la e parafraseá-la até o nível da desqualificação e da negação, ou da ensimesmação intelectual que os franceses chamam ‘*rempli de soi-même*’.

Cerrar os olhos não apenas à crítica burguesa do marxismo, como também às mais absurdas doutrinas antimarxistas construídas pelos *‘rempli de soi-même’* quer me parecer ser uma atitude não racional. Uma coisa é tomar contato com a filosofia e as ciências burguesas, estudá-la e aproveitá-la, porém mantendo uma atitude crítica para com elas; outra coisa é render-se à essa filosofia e essa ciência para, ulteriormente, repetir sem o menor constrangimento o ridículo doutrinário burguês.

Escólio. Quanto mais rapidamente se desenvolve a novel corrente ‘crítica’, neutra, “desinteressada”, precisa, sem limitar-se à alusões objetivas, tanto melhor pois tanto menor será a confusão e com tanta mais clareza compreender-se-á a diferença existente entre o marxismo e a “novel” crítica burguesa de Marx, Engels e Lenin.

Neste sentido, recupero o significado não apenas simbólico mas real do *‘drapeau rouge’* que permanece tremulando viva e brilhante na consciência dos comunistas, um detalhe oculto na e pela literatura burguesa magnificamente apontado por Lenin (1982, t. 12, p. 98):

A bandeira vermelha significa, em primeiro lugar, que os comunistas apóiam com todas as suas forças a luta camponesa pela liberdade e pela terra; em segundo, que os comunistas não se detêm aí e vão mias longe; além de lutarem por liberdade e por terra, lutam pelo socialismo *e pelo comunismo*. A luta pelo socialismo é a luta contra *a dominação do capital*. Esta luta a sustentam, ante tudo, os operários assalariados que dependem direta e inteiramente do capital. Todavia, não é apenas a luta pela terra e pela liberdade, *luta democrática que não mexe nos fundamentos e/ou na essência da sociedade capitalista – a propriedade privada ou o domínio do capital sobre o trabalho* – mas a luta pela destruição da dominação do capital, *uma luta socialista* e pela edificação ulterior da sociedade comunista. (os itálicos são meus)

Posto, nenhuma aliança ‘determinada’ pelo reordenamento temporário das forças sociais antagônicas deve afastar os comunistas e os operários conscientes do objetivo maior. Com outras palavras, nenhuma aliança, ainda que tecida com democratas honrados e resolutos, deve fazer com que os comunistas e operários conscientes esqueçam o objetivo maior e ainda mais importante que a luta pelo socialismo, a luta pela integral destruição da dominação do capital e por liberar de qualquer exploração a todos os operários.

Esta é também o objetivo perseguido pela **educação política** de crianças e adolescentes, filhos e filhas da classe operária, trabalhadores assalariados e camponeses pobres: terra, liberdade



e socialismo. E mais. Era possível discutir as formulações teóricas dos populistas e revisionistas para quem as seguintes teses de Marx e Engels eram inadequadas ao século XX: (i) a *luta de classes* como motor da história nas modernas sociedades capitalistas; (ii) a *revolução socialista*, um método arcaico de transformação da realidade; (iii) o *comunismo*, uma utopia inalcançável ou uma alucinação esquerdista; (iv) a *ditadura do proletariado*, um instrumento negado pela história recente do desenvolvimento das sociedades humanas, apenas predicado pelos herdeiros do ultrapassado *jacobinismo*: os bolcheviques.

Para esses senhores a **educação** se configurava como o conjunto de uma gama de técnicas didáticas de adormecimento, embriaguez e domesticação das massas. Contra esse reducionismo Lenin combateu ferreamente o oportunismo de esquerda; resgatou as teses marxistas negadas, por entendê-las como alicerces insubstituíveis à constituição da III Internacional.

Lenin não foi um teórico por excelência da educação, todavia, dedicou extraordinária e inestimável preocupação para com a **educação política** de crianças e adolescentes, filhos e filhas dos operários e camponeses pobres. Ele não media esforços para incorporar a todos, inclusive parte da intelectualidade, o mais possível ao movimento revolucionário e à luta para criar uma nova sociedade, socialista e comunista.

Pela **educação política**, é possível exortar a juventude a forjar-se na concepção de mundo materialista dialética histórica (marxista), para coadjuvar o trabalho político dos bolcheviques. Como à época de Lenin, penso haver ainda hoje a necessidade de dar à juventude brasileira uma **educação revolucionária**, posto que é imprescindível incorporar essa juventude na vida política desta sociedade e forjar os futuros construtores da sociedade sem classes.

Nesta perspectiva, é da maior importância a construção de mais escolas para a **educação** dos operários e camponeses pobres, nas quais é possível transmitir, dentre outros conteúdos, a teoria edificada pelos democratas revolucionários do século XVIII, as teorias socialistas e comunistas elaboradas pelos utópicos do século XVIII, a teoria construída por Marx e Engels no século XIX e os desdobramentos dessa teoria levados a cabo por Lenin, Stalin, Mariátegui, Marighella e Mao Tsé-Tung dentre outros pensadores e militantes revolucionários.

A rigor, a classe dominante historicamente teme que seus opositores infiltrando-se entre os professores oficiais prediquem a **revolução socialista** como método único para a razia do modo de produção capitalista. Neste sentido, qualquer governo despótico vê os operários e camponeses

pobres como ‘pólvora’ e as ciências sociais e a filosofia, em conjunto, como a centelha que ao cair sobre a ‘pólvora’ far-se-á uma explosão de proporções incomensuráveis direcionada contra o governo e seus mecanismos de repressão.

Não é a **educação** em geral que os governantes temiam mas os conteúdos que podem ser administrados e que são insensíveis aos interesses da classe dominante. Temerosos, dizem que a escola deve ser mantida “distanciada” do vulgo: os vulgares e ignorantes operários. E mais. Há o medo cerval quanto a junção do marxismo ao ‘povo’. Os ideólogos da burguesia sabem que a gnoseologia marxista é capaz de fazer com que os operários saiam do obscurantismo intelectual no qual foram colocados há séculos. Municidados com o marxismo e as teorias que lhes são tributárias, os proletários tornar-se-ão uma força imbatível.

O medo à **educação política** do proletariado e do campesinato pobre pela autocracia czarista e posteriormente pela burguesia era e é real e incontornável. Com certeza porque o marxismo era e deve ser utilizado diretamente na **educação política e organização** da vanguarda da sociedade capitalista moderna, o proletariado. Por isto, os governos despóticos de tudo fazem para impedir / dificultar o acesso público à instrução pública de qualidade, gratuita e laica, para obstar que o ‘povo’ aprenda. A bem da verdade, o grosso da sociedade brasileira, como a maioria da sociedade russa do final do século XIX, vive a escandalosa onda de *obscurantismo* e de *embrutecimento*. A educação oficial funciona como uma espécie de ‘opíáceo’ ideológico e social capaz de manter o operário e o camponês totalmente distanciados da realidade objetiva.

Lenin reportava que a **educação política** e a **arte militar**, em conjunto, eram indispensáveis a transformação da sociedade. A **arte militar** ou **arte da guerra** era uma espécie de ‘ciência’ social indispensável ao proletariado para lutar contra a burguesia e por fim na exploração, extorsão e miséria imanentes ao modo de produção capitalista.

A contradição dialética era a base sobre a qual Lenin referiu ser a **arte militar** coadjuvante da construção da consciência revolucionária. As **escolas militares** poderiam ser utilizadas para a revolução. Os quartéis, por sua vez, como apontava Lenin, temperavam os militares, alargavam seus horizontes e os obrigavam a pensar com acuidade em suas aspirações libertárias. Assim, o mesmo quartel que esmagava, oprimia e alienava, contraditoriamente, gerava o insatisfeito, o insurrecto, o rebelde – aquele que levaria a termo a luta contra o opressor. O operário rebelado

deveria municiar-se com o ‘juramento de Aníbal’: lutar até o fim para liberar o ‘povo’ russo do despotismo ‘romanoviano’ e da extorsão da burguesia.

Um fato. Unidos os operários e camponeses pobres podem construir uma força histórica e política imbatível, todavia, essa possibilidade fenomênica ainda não foi compreendida por eles. Trata-se então de despertá-los ou de fazê-los aflorar tal força e que eles a empreguem em seu próprio proveito, em seu próprio benefício. Neste sentido, a **educação política** impõe à hipocrisia, à falsidade e às meias verdades, a **verdade** concreta, franca, aberta.

Pela **educação política** das massas revela-se que quanto mais desenvolvida for a sociedade capitalista, tanto mais refinadas são as mentiras oficiais e dentre elas uma se destaca, ela predica a escola como instituição à margem da política e da luta das classes e a servir indiscriminadamente a todos os membros dessa sociedade.

Esta estapafúrdia patranha procura ocultar que a educação burguesa é um meio de inculcação de idéias exóticas, formação forçada de gostos e comportamentos bizarros, todos indispensáveis à produção e reprodução em massa de homens e mulheres úteis à burguesia. Aqui assalta-me uma dúvida que há muito tempo me acompanha: como transformar a **educação** em meio de esclarecimento do proletariado e “arma” indispensável à sua **emancipação intelectual** e à sua **liberdade econômica**?

A rigor, na luta de classe contra classe, o conhecimento em geral de cunho idealista (*epísteme, philosophia e doxa*) é uma “arma” manipulada à domesticação e “embrutecimento” do proletariado e camponeses pobres, enquanto que a teoria marxista é uma “arma” sem a qual será impossível a emancipação do proletariado e a supressão da divisão da sociedade em classes histórica e socialmente antagônicas. É mister transformar, também, a escola em veículo dos princípios, da ideologia e da educação do proletariado na perspectiva do dismantelamento do modo de produção capitalista e edificação da sociedade comunista.

O conhecimento filosófico e o conhecimento científico ensinados na escola oficial, ao estabelecerem a clivagem, diferenciação ou oposição entre teoria e prática, reafirmam e reforçam a reprodução dos traços mais repugnantes da sociedade capitalista. Na verdade, a luta de classes continua, apenas sob novas formas, e a moral disseminada por essas novéis formas serve para reforçar a continuidade da sociedade exploradora, usurária, deliquêsciente.

Nesta linha de ação, a **educação política** (via Partido Comunista, sindicatos operários e câmaras de trabalho) é meio de divulgação da teoria marxista contrária a todos e quaisquer formas de individualismo e competição, fontes inolvidáveis do mercantilismo e meio de enriquecimento de uns poucos e empobrecimento da maioria. Pela **educação política** a união do proletariado é afirmada como insubstituível à edificação e fortalecimento do comunismo.

A base dessa moral predicada pela **educação política** é a luta por afiançar e culminar a sociedade sem classes, por isto, o ensino não pode ficar encerrado nos estreitos limites escolares e separado da vida agitada. Assim, uma **escola comunista** deve (i) oferecer aos jovens fundamentos da filosofia, das ciências e das artes, tanto teóricos quanto práticos, quer dizer, deve conjugar a educação intelectual, a educação para o trabalho e a educação física; (ii) buscar forjar a **consciência socialista**; (iii) e fazer dos jovens, homens e mulheres cultos, emancipados intelectualmente.

### **A escola politécnica**

Uma certeza estava / está por demais clara, mesmo para Lenin. Não era e não é possível edificar o comunismo num país de analfabetos, de maneira que a erradicação do analfabetismo e o **ensino politécnico** compunham o fulcro sobre o qual a formação social e econômica sem classes e onde – a máxima de Platão, “‘tudo’ é comum entre amigos” – seria tornada real.

A **educação politécnica** no interior de uma dada sociedade com uma situação econômica extremamente grave exige a fusão da escola fundamental e média com o ensino profissionalizante e técnico. Na Rússia, pós 1917, as escolas do país soviético foram “transformadas” em escolas politécnicas (profissionais-técnicas). Contudo, uma cuidadosa preocupação era dispensada para que esse processo não transformasse as escolas em meras escolas artesanais. Na escola soviética onde a educação era pública, laica, gratuita e obrigatória, para jovens até os 17 anos, (i) cuidava-se para que ali não fosse posta em prática a *especialização precoce*; (ii) proporcionava-se o conhecimento a todos os estudantes, na teoria e na prática, sobre todos os ramos principais da indústria e da agricultura; (iii) reafirmava-se contra a educação monotécnica (ou especialização de um ramo determinado da produção) a **educação politécnica**.

Uma particularidade. Quando se tratava dos conteúdos a serem ministrados na escola soviética, por exemplo, filosofia, ciências sociais e pedagogia, eles deveriam ser formulados unicamente pelos comunistas, com outras palavras, um Conselho de comunistas e o Comissariado do Povo de Instrução Pública confeccionavam e aprovavam os programas dos ‘Centros de Formação de Professores’, seus currículos, os cursos, colóquios e aulas práticas. A direção geral das escolas politécnicas e das instituições de ensino superior prestavam redobrada atenção na utilização do acervo técnico para a organização das estações agrícolas experimentais, centrais elétricas, etc..

Havia a preocupação em reconstruir a escola russa sob a consideração do Comissariado do Povo de Instrução Pública, eis que estava posto como imperativos (i) formar no mais curto espaço de tempo possível e em virtude de uma necessidade prática determinada pela miséria e ruína do país, docentes qualificados e especialistas em todos os ramos da indústria e da agricultura, especialmente a partir do conjunto dos operários e camponeses; (ii) reforçar mais ainda os laços da educação escolar e a extra-escolar (Partido Comunista, sindicatos e câmaras de trabalho) com as tarefas econômicas da República, de cada região e de cada ‘*gubernia*’ (província).

A formação e emancipação intelectual do proletariado e do campesinato era indispensável à constituição de uma República do tipo soviética e/ou de uma nova sociedade sem classes. Para tanto, era recomendado de todo o coração aos comunistas e bolcheviques a leitura atenta das obras de autores comunistas russos escritas para os operários e camponeses alfabetizados.

Sobre a obrigatoriedade da leitura, tornava-se inadiável compreender que o incremento da literatura marxista, a única a manifestar-se sobre o conjunto das questões sociais sem exceção, era impostergável para que o proletariado ao tomar o poder político, nas escolas primárias e universidades estatais, a intelectualidade antimarxista e anticomunista não continuasse ensinando e corrompendo a juventude com as velhas cantilenas morais da burguesia e com o velho e ridículo sentimentalismo extremo judaico-cristão.

Nesta perspectiva, a **educação politécnica** é compreendida como meio dos operários e camponeses pobres melhorar sua própria condição de vida e não mais gerar lucros aos capitalistas e latifundiários.

Na contramão do capitalismo contemporâneo e diante da situação do sistema nacional de ensino e das condições de trabalho do magistério público, ainda hoje, o exemplo de Lenin serve

de “modelo” a ser imitado criticamente pelos governantes que apenas palram e constroem metáforas arreadas e extemporâneas ou que parolam sobre o papel da educação oficial na “socialização” do conhecimento e na formação da cidadania abstrata.

Lenin fez com que elevassem a participação do Ministério de Instrução Pública na renda nacional, em detrimento de outras áreas da economia russa; reportou e defendeu que os professores deveriam ser colocados numa condição social e política à altura da nova sociedade que começava a ser delineada, condição sem a qual não seria possível falar de cultura alguma, nem proletária e nem burguesa; afirmou ser preciso satisfazer as necessidades da **educação** elementar do povo russo, até então mergulhado por séculos e séculos de escravização no horrendo analfabetismo e no hediondo obscurantismo. Urgia impulsionar a **instrução pública** sem a qual seria impossível edificar a sociedade socialista. Enfim, o professor haveria de ser colocado numa condição na qual jamais pensara estar.

Essa condição para a qual deveriam ser guindados os docentes, inerente ao processo de **educação politécnica**, era uma verdade que não necessitava de demonstração ou de maiores esclarecimentos.

É fato! Um papel importante e estratégico está destinado ao magistério público, em todos os níveis, os professores devem se organizar de tal forma que, no lugar de cabeça de ponte e arautos<sup>142</sup> do modo de produção capitalista, como ainda são até hoje, se convertam em trincheira avançada de menestréis da sociedade comunista. Assim tornados, cabe-lhes desviar o proletariado das alianças espúrias com a burguesia industrial e fundiária, atraindo-o à constituição de um “bloco histórica” com o campesinato pobre, os sem-terra.

Neste processo, o Estado assaltado por esse “bloco histórico” deve envidar todos os esforços para montar um contraponto ao *embrutecimento* do ‘povo’ levado a termo pela chula e sofisticada literatura burguesa “desinteressada” e apartidária amalgamada na consciência da juventude pelos mecanismos midiáticos. Urge empregar o poder estatal para converter o operário em portador e porta-voz do ideal / ideário comunista no âmbito do proletariado rural, os camponeses pobres.

---

<sup>142</sup> *Arauto* – antigo oficial das monarquias medievais, encarregado de missões secretas, proclamações solenes, anúncio de guerra ou paz e informar os principais sucessos nas batalhas. E mais, aquele que, por meio de pregão, tornava pública uma notícia ou o que conduzia mensagens; o portador, o que proclama, o que anuncia; o pregoeiro. Por extensão, o que defende uma idéia, uma causa etc., o propugnador.

A **educação politécnica** é, sobretudo, **educação política** e **organização** do proletariado, repito, na luta por sua *emancipação intelectual, liberdade econômica e edificação da sociedade comunista* resultado das transformações sociais, econômicas e culturais decorrentes da luta dos povos pela construção de um mundo realmente justo, onde o homem é o amigo do homem.

**Alfim...**

Concluo de forma peremptória que a burguesia e seus governos jamais desagrarão a vida dos operários, trabalhadores assalariados e camponeses pobres. Na prática estatuem o filantropismo, o assistencialismo, a esmola cínica para aqueles que são diuturnamente lesados, extorquidos. A burguesia e seus governos não se propõem melhorar efetivamente as condições materiais e intelectuais da vida dos trabalhadores em geral mas apenas, por exemplo, via aparelho ideológico de Estado escolar, inculcar-lhes a idéia da inexorabilidade do modo de produção capitalista.

A filantropia ou a caridade burguesa é um perverso processo político de despolitização que corrompe tanto aquele que esmola como o que concede a esmola. Todavia, para não permanecer um observador passivo deste processo e de tudo o que ocorre em seu redor, o operário, o trabalhador assalariado, o camponês pobre devem **educar** em si a capacidade de compreender corretamente os fenômenos sociais. Por suposto, a obtenção dessa capacidade não dar-se-á apenas com a experiência, com a prática, mas requer a apropriação do conhecimento produzido e acumulado, bem como, e de forma imprescindível, o domínio do marxismo-leninismo, o materialismo dialético e histórico.

Resumindo, digo que o conhecimento do marxismo-leninismo é necessário para refutar as ‘novidadeiras’ formulações anti-científicas das teorias burguesas, inimigas de toda teoria que se contrapõe ao modo de produção capitalista, propaladas pelos mais diversos ideólogos da burguesia e aparelhos ideológicos de Estado.

O estudo, o desenvolvimento e a utilização da dialética marxista nas atuais condições do capitalismo, em sua etapa imperialista, é um poderoso instrumental necessário à **emancipação**

**intelectual** do proletariado e dos camponeses pobres e, sobretudo, da transformação revolucionária desta sociedade.

Nesta linha de raciocínio enfatizo que o objetivo maior desta pesquisa é recuperar e colocar Lenin, o homem, o revolucionário, o militante comunista, o camarada exemplar, o eterno apaixonado pela causa dos operários e camponeses pobres, o guerreiro infatigável, não num pedestal hagiográfico, mas afirmar a sua “presença” no interior da Universidade Pública.

Colaborar no sentido de tornar a obra leninista disponível aos diversos interesses e demandas de estudantes de graduação e pós-graduação, docentes e pesquisadores sérios e comprometidos de verdade, na teoria e na prática, com a construção de um caminho verdadeiramente popular, democrático e revolucionário, real e possível – a possibilidade como construção histórica da vontade coletiva e antagônica aos caminhos previamente abertos e demarcados pela *burocracia política* apologista da perenidade do capitalismo – é o desafio que se impõe a todos os revolucionários que resistem à demolição da *res publica*.

Na teoria marxista, **educação, agitação e propaganda** compõem o conjunto de partes da política indispensável à **revolução socialista**, geração doutra formação social e econômica e doutra escola em seu sentido originário, *scholé*, local onde as crianças aprendiam a convivência brincando e onde todos se reúnem à ratificação do sonho *jacobino, comunardo e bolchevique* de igualdade, fraternidade e liberdade.

Passada a revolução, destruído o poder do capital sobre o trabalho, reconstruído o Estado em outro molde, outra sociedade e outra escola surgem parcimoniosamente. Devo acrescentar para que não seja entendido como uma contradição ambulante que o não Estado operário, tal como está lavrado no livro “*O Marxismo e o Estado*”, não é um mecanismo “*para a liberdade mas para submeter os adversários do proletariado. Quando houver liberdade não haverá Estado*” (LENIN, 1986, t. 33, p. 173).

Enfim, principiado a constituição da sociedade comunista, a escola de **educação comunista**, como bem aventou o poeta e camarada Taiguara, irrompe como o local *onde as crianças cantam livres sobre os muros e ensinam o amor a quem não soube amar ninguém!*



## REFERÊNCIAS

- KRÚPSKAIA, N. *A cerca de la educación comunista / artículos y discursos*. Moscú : Ediciones en Lenguas Extranjeras, [19--].
- LENIN, V. I. *O Conteúdo Econômico do Populismo e sua Crítica no Livro do Senhor Struve – Reflexo do Marxismo na Literatura Burguesa*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1981, t. 1.
- *O Conteúdo Econômico do Populismo*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1981, t. 1.
- *Quem são os ‘Amigos do povo’ e como Lutam Contra os Social-democratas?* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1981, t. 1.
- *A que herança renunciamos*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1981, t. 2.
- *As tarefas dos social-democratas Russos*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1981, t. 2.
- *As fazendas-escolas e as escolas correcionais*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1981, t. 2.
- *Em que pensam nossos Ministros*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1981, t. 2.
- *Pérolas da Projetomania Populista*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1981, t. 2.
- *Projeto e Explicação do Programa do Partido Social-Democrata*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1981, t. 2.
- *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1981, t. 3.
- *A Propósito da ‘profession de foi’*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1981, t. 4.
- *Acerca das câmaras de trabalho*. . Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1981, t. 4.
- *Nossa tarefa imediata*. . Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1981, t. 4.
- *Nosso programa*. . Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1981, t. 4.
- *O alistamento forçado de 183 estudantes*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1981, t. 4.
- *O capitalismo na agricultura*. . Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1981, t. 4.
- *O projeto de programa de nosso partido*. . Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1981, t. 4.
- *Resenha do livro de A. Bogdánov*. . Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1981, t. 4.

- *Tarefas urgentes do nosso movimento.* . Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1981, t. 4.
- *Análise da situação interior.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1981, t. 5.
- *Agitação política e o ponto de vista de classe.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1981, t. 5.
- *Do populismo ao marxismo.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1981, t. 5.
- *O começo das manifestações.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1981, t. 5.
- *Os perseguidores dos zemstvos.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1981, t. 5.
- *Folheto sobre a agitação.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1981, t. 6.
- *O aventureirismo revolucionário.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1981, t. 6.
- *O programa agrário da social-democracia russa.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1981, t. 6.
- *Por que a social-democracia declara uma guerra resoluto e sem quartel aos socialista-revolucionários?* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1981, t. 6.
- *Que fazer?* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1981, t. 6.
- *Sintomas da bancarrota.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1981, t. 6.
- *Aos estudantes das escolas secundárias.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú, Progreso. 1981, t. 7.
- *Aos pobres do campo.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú, Progreso. 1981, t. 7.
- *As tarefas da juventude revolucionária.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú, Progreso. 1981, t. 7.
- *Carta a um camarada.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú, Progreso. 1981, t. 7.
- *Luta política e politicagem.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú, Progreso. 1981, t. 7.
- *O socialismo vulgar e o populismo / nadando entre duas águas.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú, Progreso. 1981, t. 7.
- *Projeto de resolução sobre a atitude ante da juventude estudantil.*
- *Um passo a frente, dois passos atrás.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 8.
- *A autocracia e o proletariado.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 9.

- *A queda de Port-Arthur*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 9.
- *Boas manifestações do Proletariado e más argumentações de alguns intelectuais*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 9.
- *Democracia operária e democracia burguesa*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 9.
- *O capital europeu e a autocracia*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 9.
- *O proletariado e a democracia burguesa*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 9.
- *Os primeiros ensinamentos*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 9.
- *Que tratamos de conseguir?* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 9.
- *A ditadura democrática revolucionária do proletariado e do campesinato*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 10.
- *A luta do proletariado e o servilismo da burguesia*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 10.
- *Algumas fontes da atual discrepância ideológica*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 10.
- *Confusão entre política e pedagogia*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 10.
- *Exército revolucionário e governo revolucionário*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 10.
- *Férias constitucionais*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 10.
- *O culpado acusa o inocente*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 10.
- *O primeiro de maio*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 10.
- *O programa agrário dos liberais*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 10.
- *A greve política e a luta de classes em Moscou*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 11.
- *A revolução ensina*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 11.
- *Dias sangrentos em Moscou*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 11.
- *Insinamentos dos acontecimentos de Moscou*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 11.
- *Por motivo da morte de Trubetskói*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 11.

- *A greve política de toda a Rússia*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 12.
- *A primeira vitória da revolução*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 12.
- *Devemos boicotar a дума de estado?* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 12.
- *Equilíbrio de forças*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 12.
- *O exército e a revolução*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 12.
- *O partido operário e suas tarefas na situação atual*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 12.
- *O primeiro balanço do agrupamento político*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 12.
- *Socialismo pequeno burguês e socialismo proletário*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 12.
- *Ultimato da riga revolucionária*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 12.
- *Organização do partido e a literatura do partido*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 12.
- *Pregação revolucionária e ação revolucionária*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 12.
- *A autocracia agonizante e os novos órgãos do poder popular*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1982, t. 12.
- *Resolução e revolução*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 13.
- *A luta pelo poder e a 'luta' por dádivas*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 13.
- *O problema da terra e a luta pela liberdade*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 13.
- *A guerra de guerrilhas*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 14.
- *A quem se deve eleger para a Duma de Estado?* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 14.
- *Prefácio à correspondência de F. A. Sorge*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 14.
- *Uma nova manifestação do senado*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 14.
- *A дума e as tarefas do proletariado*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 15.

- *A propósito da declaração de Stolipin*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 15.
- *A propósito da revolução de toda a nação*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 15.
- *A propósito das atas da conferência de novembro*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 15.
- *Inauguração da II дума de estado*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 15.
- *Irritado desconcerto*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 15.
- *Os bolcheviques e a pequena burguesia*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 15.
- *Prefácio à correspondência de F. A. Sorge*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 15.
- *Sobre as tarefas do proletariado no momento atual da revolução democrática burguesa*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 15.
- *Tática pequeno-burguesa*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 15.
- *Tem direitos os mencheviques a uma política de apoio?* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 15.
- *V congresso do POSDR: informe da comissão encarregada da resolução sobre a дума de estado*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 15.
- *Contra o boicote*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 16.
- *O programa agrário da social-democracia na primeira revolução russa de 1095-1907*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 16.
- *Acerca do artigo 'em torno dos problemas imediatos'*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 17.
- *Ao caminho reto*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 17.
- *Apreciação da revolução russa*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 17.
- *Atitude do partido operário ante a religião*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 17.
- *Marxismo e revisionismo*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 17.
- *Material inflamável na política mundial*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 17.

- *No caminho*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 17.
- *O objetivo da luta do proletariado em nossa revolução*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 17.
- *O movimento estudantil e a situação política atual*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 17.
- *Materialismo e Empiriocriticismo*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 18.
- *Algumas fontes da atual discrepância ideológica*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 19.
- *O sentido histórico da luta no seio do partido na Rússia*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 19.
- *A campanha eleitoral e a plataforma eleitoral*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 20.
- *A reforma camponesa*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 20.
- *Leon Tolstoi e sua época*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 20.
- *Leon Tolstoi*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 20.
- *O começo das manifestações*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 20.
- *Principia a viragem*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 20.
- *Tolstoi e a luta operária*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 20.
- *A fome e a дума reacionária*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 21.
- *Fome*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 21.
- *Projeto de resolução sobre o momento atual e as tarefas do partido*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1983, t. 21.
- *A depauperação na sociedade capitalista*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 22.
- *A questão do partidarismo entre os estudantes democráticos*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 22.
- *Crescente incongruência*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 22.
- *O que ocorre entre os populistas e que ocorre no campo?* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 22.
- *Os democratas constitucionalistas e o problema agrário*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 22.

- *Russos e negros*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 22.
- *Um descobrimento*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 22.
- *Uma carreira*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 22.
- *A quem beneficia*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 23.
- *O problema da política do Ministério de Instrução Pública*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 23.
- *Questões em litígio*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 23.
- *Três fontes e três partes integrantes do marxismo*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 23.
- *Um congresso interessante*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 23.
- *A Correspondência entre Marx e Engels*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 24.
- *A miséria dos mestres de escolas públicas*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 24.
- *A unidade operária*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 24.
- *Acerca de A. Bogdanov*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 24.
- *Acerca de nossas escolas*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 24.
- *Adição ao artigo de N. K. Krúpskaia 'em torno à política do Ministério de Instrução Pública*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 24.
- *As tarefas da agitação na atualidade*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 24.
- *Como defende o bispo Nikon os ucranianos?* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 24.
- *Dois métodos de discussão e luta*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 24.
- *Notas críticas sobre o problema nacional (a escola ou a questão nacional)*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 24.
- *Quatro mil rublos anuais e jornada de seis horas*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 24.
- *Um professor liberal opina sobre a igualdade*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 24.

- *Uma vez mais sobre a divisão das escolas por nacionalidades.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 24.
- *A luta ideológica no movimento operário.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 25.
- *A unidade dos operários e as 'tendências' dos intelectuais.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 25.
- *As formas do movimento operário.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 25.
- *Como se corrompem os operários como nacionalismo refinado.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 25.
- *Os métodos de luta da intelectualidade burguesa contra os operários.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 25.
- *Os métodos de luta da intelectualidade burguesa contra os operários.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 25.
- *Sobre a violação da unidade encoberta com gritos de unidade.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 25.
- *Sobre o direito das nações à autodeterminação.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 25.
- *Um aniquilamento mas do socialismo.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 25.
- *A Bancarrota da II Internacional.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 26.
- *A bancarrota do internacionalismo platônico.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 26.
- *A consigna dos Estados Unidos da Europa.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 26.
- *A guerra européia e o socialismo internacional.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 26.
- *A questão da paz.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 26.
- *A situação e as tarefas da internacional socialista.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 26.
- *Chauvinismo morto e socialismo vivo.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 26.
- *Como cobriam o servilismo ante a reação com o jogo da democracia.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 26.
- *Conferência das secções do POSDR no estrangeiro.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 26.
- *Conferência sobre o tema o proletariado e a guerra.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 26.
- *Karl Marx.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 26.



- *O oportunismo é uma política operária liberal.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 26.
- *O orgulho nacional dos russos.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 26.
- *O pacifismo inglês e o aborrecimento inglês à teoria.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 26.
- *O Proletariado e a guerra.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 26.
- *O socialismo e a guerra.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 26.
- *Os sofismas dos social-chauvinistas.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 26.
- *Os südekum russos.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 26.
- *Projeto de resolução da conferência internacional de mulheres socialistas.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 26.
- *Projeto de resolução dos social-democratas de esquerda para a primeira conferência socialista internacional.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 26.
- *Projeto de resolução dos social-democratas de esquerda / a situação na social-democracia da Rússia.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 26.
- *Que fazer agora?* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 26.
- *Sob bandeira alheia.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 26.
- *Tarefas da social-democracia revolucionária na guerra européia.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1984, t. 26.
- *À segunda conferência socialista.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 27.
- *A revolução socialista e o direito das nações à autodeterminação.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 27.
- *A voz honesta de um socialista francês.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 27.
- *O imperialismo, a etapa superior do capitalismo.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 27.
- *O oportunismo e a bancarrota da II internacional.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 27.
- *Política social-chovinista encoberta com frases internacionalistas.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 27.
- *Prefácio ao folheto de Nikolai Bukharin.* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 27.

- *Cadernos Filosóficos*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú, Progreso. 1986, t. 29.
- *A internacional e a juventude*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 30.
- *Balanço da discussão sobre a autodeterminação*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 30.
- Carta aberta a Charles Naine”.
- *Informe sobre a Revolução de 1905*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 30.
- *Minuta do projeto de teses para uma mensagem à comissão socialista internacional e à todos os partidos socialistas*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 30.
- *O imperialismo e a cisão do socialismo*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 30.
- *Pacifismo burguês e pacifismo socialista*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 30.
- *Pântano imaginário ou real*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 30.
- *Resposta a P. Kíevski (Y. Piatakov)*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 30.
- *Sobre a caricatura do marxismo*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 30.
- *Sobre o folheto de junius*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 30.
- *A dualidade de poderes*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 31.
- *As tarefas do proletariado na nossa revolução*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 31.
- *Cartas de longe*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 31.
- *Cartas sobre a tática*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 31.
- *Conferência da cidade de Petrogrado do POSD(b)R*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 31.
- *Minuta das teses de março de 1917*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 31.
- *Nossos pontos de vista*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 31.
- *O defensismo de boa fé faz ato de presença*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 31.

- *Os ensinamentos da crise*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 31.
- *Sétima conferência (de abril) de toda a Rússia do POSD(b)R*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 31.
- *A contra-revolução russa na ofensiva*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 32.
- *A nocividade das frases*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 32.
- *A palha no olho alheio*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 32.
- *Autobiografia inconclusa*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 32.
- *Como os capitalistas procuram assustar o povo*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 32.
- *De que frente classista surge e surgirá os Cavaignac?* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 32.
- *Desapareceu a dualidade de poderes?* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 32.
- *Esqueceram o principal*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 32.
- *Há que desmascarar os capitalistas*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 32.
- *I congresso de toda a Rússia dos soviets*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 32.
- *I congresso de deputados camponeses da toda a Rússia*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 32.
- *Materiais para a revisão do programa do partido*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 32.
- *Todo poder aos soviets!* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 32.
- *Uma posição pequena burguesa ante o problema da ruína*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 32.
- *Uma conciliação com os capitalistas ou derrocada dos capitalistas?* Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 32.
- *O estado e a revolução*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1986, t. 33.
- *O marxismo e o estado*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1986, t. 33.
- *Acerca dos compromissos*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 34.
- *A propósito das palavras de ordem*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 34.

- *A situação política*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 34.
- *As tarefas da revolução*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 34.
- *Chantagem política*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 34.
- *Do diário de um publicista*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 34.
- *Os ensinamentos da revolução russa*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 34.
- *Revolução russa e a guerra civil*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 34.
- *Sobre as ilusões constitucionalistas*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 34.
- *Um problema fundamental da revolução*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1985, t. 34.
- *Discurso sobre a nacionalização dos bancos*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1986, t. 35.
- *II congresso dos soviets e deputados camponeses de toda a Rússia*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1986, t. 35.
- *Informe sobre a situação econômica dos operários de Petrogrado e as tarefas da classe operária*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1986, t. 35.
- *Informe sobre as tarefas do poder dos soviets*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1986, t. 35.
- *Nota a F. E. Dzerzhinski com um projeto de decreto sobre a luta contra os sabotadores e os contra-revolucionários*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1986, t. 35.
- *Projeto de chamamento do II congresso dos soviets de deputados camponeses de toda Rússia, aos camponeses*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1986, t. 35.
- *Resposta à interpelação dos eseristas de esquerda*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1986, t. 35.
- *Tarefas da biblioteca pública de Petrogrado*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1986, t. 35.
- *Teses acerca da assembléia constituinte*. Obras Completas. 5ª Edição em Cinquenta e Cinco Tomos. Moscú : Progreso, 1986, t. 35.
- *Biografia*. Lisboa : Edições Avante! / Moscou : Edições Progreso, 1984.
- MARX, C. y ENGELS, F. *Manifesto do partido comunista*. In: Obras Fundamentais / Los Grandes Fundamentos II. México : Fondo de Cultura Económica, 1988, tomo 4.
- MARX, K. *O capital*. Volume 1. livro 1. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1982.
- STALIN, J. V. D. *Obras escogidas*. Tirana : Casa Editora 18 Nentori”, 1981.

ULIÁNOVA, M. I. *Lenin e a família Uliánov*. Moscou : Progresso, 1985.

## **BIBLIOGRAFIA**

- ALTHUSSER, L. *A favor de Marx*. Rio de Janeiro : Zahar, 1979.
- ALTHUSSER, L. *Aparelhos ideológicos do estado*. Rio de Janeiro : Graal, 1980.
- ALTHUSSER, L. *La filosofía como arma de la revolución*. México : Pasado y Presente, 1985.
- ALTHUSSER, L. *A transformação de filosofia*. São Paulo : Mandacaru, 1989.
- ALTHUSSER, L. *Lenin e a filosofia*. São Paulo : Edições Mandacaru, 1989.
- ALTHUSSER, L. *O futuro duro muito tempo*. São Paulo : Companhia das Letras, 1992.
- ALTHUSSER, L. *Sobre a reprodução*. Petrópolis : Editora Vozes. 1999.
- AMIN, S. *A lei do valor e o materialismo histórico*. Lisboa : Edições 70, 1977.
- CORBISIER, R. *Responsabilidade da elites*. São Paulo : Martins Editora, 1956.
- CORBISIER, R. *Reforma ou revolução*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1968.
- CORBISIER, R. *Filosofia e crítica radical*. São Paulo : Duas Cidades, 1976.
- CORBISIER, R. *Introdução*. In : LEFÉBVRE, H. *Metafilosofia*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1976.
- CORBISIER, R. *Filosofia política e liberdade*. Rio de Janeiro : Civilização, 1978.
- CORBISIER, R. *Os intelectuais e a revolução*. Rio de Janeiro : Avenir, 1980.
- CORBISIER, R. *Enciclopédia filosófica*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1987.
- DIMITROV, G. *Obras escolhidas*. Em seis volumes. Lisboa : Estampa, 1976.
- FEUERBACH, L. *A essência do cristianismo - prefácio da segunda edição*. Campinas : Papyrus, 1986.
- HAHN, E. e KOSING, A. *A filosofia marxista - leninista*. Lisboa : Avante, 1983.
- HARNECKER, M. *Os conceitos elementares do materialismo histórico*. Santiago, 1971.
- HEGEL, G. F. W. *Introdução à filosofia da história*. São Paulo : Hemus, 1976.
- HEGEL, G. F. W. *Ciência da lógica*. São Paulo : Loyola, 1995.
- KORSHUNOVA, L. e KIRILENKO, G. *Que é a filosofia?* Moscou : Progresso, 1986.
- KURSANOV, G. *Problemas fundamentais do materialismo dialético*. Moscou : Progresso, 1979.
- LAFARGUE, P. *O direito à preguiça e outros textos*. São Paulo : Mandacaru, 1977.
- LATÍSHINA, D. *La escuela primaria soviética: problemas de la enseñanza y de la educación*. Moscú : Progreso, 1984.
- MARX, K. e ENGELS, F. *Obras escolhidas*. Em três volumes. Lisboa : Avanti! / Moscú : Progreso, 1981.
- MARX, K. *Contribuição à crítica da economia política*. São Paulo : Martins Fontes, 1983.
- SALES, F. J. L. *O método em Marx*. Universidade Federal do Maranhão (Dissertação de Mestrado - mimeo)

- SIUSSUKALOV, B. I. e IÁKOVLEVA, L. A. *Fundamentos metodológicos e métodos do estudo da filosofia*. Moscou : Progresso, 1982.
- SODRÉ, N. W. *Fundamentos da estética marxista*. Rio de Janeiro : Civilização Brasileira, 1968.
- STALIN, J. V. D. *Fundamentos do leninismo*. São Paulo : Global, [198-].
- STALIN, J. *O método dialético*. Obras Completas. Em doze volumes. Rio de Janeiro : Vitória, 1952.
- STALIN, J. V. D. *Obras escogidas*. Tirana : 18 Nentori”, 1981.
- STERTINE, A. *A obra de Lenin “materialismo e empiriocriticismo”*. Moscou : Progresso, 1988.
- SUCHODOLSKI, B. *Teoria marxista da educação* (Em três volumes). Lisboa : Estampa, 1986.
- VRANICKI, P. *Historia del marxismo (I)*. Salamanca : Sígueme, 1977.
- ZAMÓSCHIKINE, Iú, SOLOVIOV, E. e MOTROSCHILOVA, N. *A filosofia e o processo revolucionário*. Moscou : Progresso, 1982.